

APRESENTAÇÃO ..... 5

**ARTIGOS**

Impacto de los centros en el currículo educativo ..... 9  
*Dulcina Tereza Bonati Borges*  
*Edmar Henrique D. Davi*  
*Jane de Fátima S. Rodrigues*

O gênero da dúvida. A noção de gênero de Marilyn  
 Strathern e o cinema ..... 55  
*Ana Lúcia Modesto*

Gênero, uma possibilidade de Interpretação ..... 81  
*Sônia Missagia de Mattos*

"Darlenes" e "Macabéias". Imagens e sons na  
 formação de professoras/es ..... 115  
*Marta Regina Alves Pereira*  
*Maria Tereza de Beaumont*  
*Regina Célia do Couto*

Experiências e representações sobre  
 Desenvolvimento, meio ambiente e ONGs do cerrado 133  
*Eliane S. Ferreira*

Mercado consumidor feminino. As oito verdades  
 para conquistar a consumidora do futuro ..... 155  
*Tatiana Colette Vegi*

Gênero e parentesco entre os Botocudo – Séc. XIX ..... 177  
*Izabel Missagia de Mattos*

Imagens da mulher na construção da  
 modernidade republicana ..... 219  
*Cristiane da Silveira*

**RESENHA**

Da relação entre Histeria, Corpo e Classe Social ..... 231  
*Magda Diniz Bezerra Dimenstein*

CADERNO ESPAÇO FEMININO	UBERLÂNDIA	VOLUME 10	N. 12/13	nº especial	Jan./dez./ 2003
-------------------------	------------	-----------	----------	-------------	-----------------

ISSN 1516-9286

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA  
(CDHIS)  
NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO E PESQUISA SOBRE A  
MULHER - NEGUEM

Periodicidade: Semestral  
Tiragem: 600 exemplares

**Pede-se permuta**  
**Pédese cange**  
**On demande échange**  
**We bitten um austausch**  
**Si richiede lo scambio**

CADERNO ESPAÇO FEMININO, V. 10, N.12/13, Jan/Dez. 2003  
Revista Especial

Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de  
História. Centro de Documentação e Pesquisa em  
História (CDHIS) NEGUEM.

Semestral (vol.10 n.12/13, publicado em Dez. de 2003)

Neste ano, de 2003, o NEGUEM teve o prazer de participar do VI Encuentro de Centros y Programas de Estudios de la Mujer y Género de Instituciones de Educación Superior en América Latina y el Caribe, no período de 20 a 22 de outubro, no México. Para esse Encontro realizamos uma pesquisa bem extensa sobre o Impacto do Gênero nos Currículos Universitários Brasileiros. O resultado da pesquisa foi transformado em artigo que está sendo publicado nesta edição especial. Obtivemos diferentes subsídios para discutir o status do gênero nas universidades brasileiras, como também, possibilidades de trocas com parceiros de outros países da América Latina. Percebemos que as discussões de gênero se encontram concentradas nas universidades públicas, estaduais ou federais, tendo pouca penetração nos centros particulares. As disciplinas ligadas às discussões de gênero permanecem ainda nos cursos de Ciências Humanas alcançando de forma limitada as Ciências Biomédicas e Exatas.

Em tempos de conflito e intolerância a busca pelo respeito à alteridade parece um caminho importante a ser seguido. Respeitar o outro e suas diferenças constitui a base da democracia e do viver a partir da diversidade. Michel de Montaigne, no século XVI, afirmava que a infinita multiplicidade dos costumes, seitas, juízos, opiniões e leis nos ensina, a apreciar sadicamente os nossos, a reconhecer suas imperfeições e fraquezas, o que já não é pouco.

A análise de Gênero, que tem sido eixo da revista *Caderno Espaço Feminino* desde a sua criação, em 1994, possibilita olhar de maneira diversa outras culturas e tempos históricos. Aquelas pessoas descritas como “anormais” ou “selvagens”, “possuídas” ou “enfermas” estão tendo sua importância recuperada dentro da História e dos processos civilizatórios. Novos olhares ‘iluminam’ personagens obscurecidos pelos preconceitos.

Neste número especial do *Caderno Espaço Feminino* os artigos caminham na perspectiva interdisciplinar, traçando um panorama diversificado não apenas em seu conteúdo empírico como

também nas abordagens teóricas. No texto de Ana Lúcia Modesto temos a análise da linguagem do cinema. A autora faz uma leitura do conceito de gênero em *Marilyn Strathern* indicando a íntima relação entre gênero/ação/relação social, discutindo a própria natureza da ação social.

No artigo "Gênero, uma possibilidade de interpretação", Sônia Missagia de Mattos analisa a construção natural de homens e mulheres, como também, a construção social dos mesmos e apresenta uma possibilidade de representação de gênero que não permaneça apenas uma metáfora para explicar as diferenças de base sexual entre pessoas.

No artigo "'Darlenes' e 'Macabéias': imagens e sons na formação de professoras/es", as autoras propõem pensar as identidades de gênero e a relação com a diferença na formação de professoras/es. Utilizam para isto fragmentos de duas obras artísticas nacionais: *Eu Tu Eles* dirigido por Andrucham Waddington e *A Hora da Estrela*, romance de Clarice Lispector, transformado em obra cinematográfica sob direção de Suzana Amaral.

No texto de Eliane Schmaltz tem-se uma recuperação das perspectivas da visão de gênero na Cooperação Internacional e no trabalho de Organizações Não-Governamentais/ONGs do cerrado. São analisados os olhares e as práticas de entidades que lidam com o desenvolvimento sócio-ambiental sustentável que com o objetivo latente ou manifesto, podem provocar mudanças nas relações de gênero.

Em "Gênero e parentesco entre os Botocudo-século XIX", Izabel Missagia discute o papel ocupado pelo gênero feminino na ordem sócio-política dos (as) índios (as) Botocudo que viveram no Vale do Mucuri no século XIX. Analisando o papel da mulher, no mercado de consumo, Tatiana C. Vegi e José Afonso Mazzon mostram que as mulheres realmente merecem uma atenção especial por parte das empresas e dos (as) prestadores (as) de serviços pois, elas cada vez mais influenciam e decidem no processo de compra.

Cristiane da Silveira analisa a marginalização da mulher, especialmente a mulata, no texto "Imagens da mulher na construção da Modernidade Republicana". A autora utiliza para isto, como objeto de investigação, o romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, publicado em 1922.

Finalizando, temos a resenha de Maryse R. Camacho do texto "Da relação entre histeria, corpo e classe social". A autora chama a atenção para as dimensões cultural e simbólica dos quadros nosológicos que o saber médico constituiu como forma de controle social dos corpos femininos.

*Edmar Henrique Dairell Davi*  
Membro do NEGUEM/UFU



## Impacto de los Centros y Programas en el Currículo Educativo

Dulcina Tereza Bonatti Borges\*

Edmar Henrique D. Davi\*

Jane de Fátima Silva Rodrigues\*

**Resumo:** A finalidade deste texto é apresentar uma perspectiva do impacto dos centros e programas no currículo educativo, no que diz respeito ao gênero enquanto uma disciplina universitária no Brasil. Em um primeiro momento, apresenta-se um histórico do movimento de mulheres e feminista no Brasil, abrangendo os períodos colonial, imperial e republicano, enfatizando as conquistas e as reivindicações dos mesmos. Em seguida, faz-se uma descrição da inclusão dos estudos de mulheres e gênero nas academias brasileiras, bem como seus desdobramentos no que concerne à pesquisa, extensão e produção científica. Traz ainda uma discussão da visibilidade e repercussão do movimento de mulheres no país através de dados e instituições que trabalham com a temática.

**Palavras-chave:** Gênero e Currículo, Impacto dos Estudos de Gênero, Universidades Brasileiras.

**Abstract:** The objective of this text is to present a perspective of the impacts of centers and programs on the educational curriculum, in relation to gender, while and undergraduate course in Brazil. At the first moment, a history of women and feminist movement in Brazil is presented, embracing the colonial, imperial and republican periods, emphasizing their achievements and claims. Subsequently, a description of the inclusion of women and gender studies in Brazilian academia is presented, as well as its branching in relation to research, extension and scientific production. It also brings a discussion about the visibility and repercussion of the women movement in the country from data and institutions that study the theme.

**Key-words:** Gender and Curriculum, Impact of Gender Studies, Brazilian Universities

\* Integrantes del Nucleo de Estudios de Género e Investigación de la Mujer – NEGUEM – Universidad Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

\*\* Presentado en el VI Encuentro de Centros y Programas de Estudios de Género y de la Mujer en Instituciones de Educación Superior

La finalidad de este texto\*\* es presentar una perspectiva del impacto de los centros y programas en el currículo educativo, en lo que dice respecto al género como una disciplina universitaria en Brasil. Su estructuración sigue los siguientes puntos:

- Un histórico del movimiento de mujeres y feminista en Brasil, abarcando los períodos colonial, imperial y republicano, enfatizando las conquistas y las reivindicaciones de los mismos;
- Una descripción de la inclusión de los estudios de mujeres y género en las academias

de América Latina y Caribe, 20 a 22 de octubre de 2003, Cuernavaca, México.

brasileñas, bien como sus desdoblamientos en lo que concierne a la investigación, extensión y producción científica;

- Una discusión de la visibilidad y repercusión del movimiento de mujeres en el país a través de datos e instituciones que trabajan con la temática;
- Por fin, las consideraciones generales seguidas de anexos y bibliografía.

<sup>1</sup> ALVES, Branca; P I T A N G U Y , Jacqueline. *O que é feminismo*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 77 p.

CARVALHO, André ; MARTINS, Kao. *Feminismo*. Belo Horizonte: Lê, 1992. 64 p.

GUITIERREZ, Rachel. *O feminismo é um humanismo*. São Paulo: Nobel, 1985. 135 p.

OLIVEIRA, Rosiska D. *Elogio da diferença*. O feminismo emergente. São Paulo: Brasiliense, 1991. 150 p.

PAIVA, Vera. *Evas, Marias, Liliths*. As voltas do feminismo. São Paulo: Brasiliense, 1990. 242 p.

PEREIRA, Priscilla. C. *Feminismo: uma história mal contada*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1994. 56 p.

TELES, Maria A. de. *A breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993. 179 p.

TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Miriam. *A revolução das mulheres*. Um balanço do feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1992. 117 p.

## 1. Movimiento Feminista en Brasil <sup>1</sup>

Es incuestionable que los movimientos feministas en varios países, a partir de fines del siglo XIX, trajeron a tona la fuerte discriminación sufrida por las mujeres en casi todo el mundo.

Son conocidas las marcas profundas dejadas en la sociedad brasileña por la colonización portuguesa en América, en lo que dice respecto al sexo femenino. La mujer indígena fue apropiada junto con la tierra por los colonizadores y le servía como concubina y mano de obra barata.

Las esclavas negras además de trabajar en las plantaciones, ejecutando las mismas tareas masculinas, eran usadas como objeto para el placer sexual de sus señores. Muchas de ellas vivían en el trabajo doméstico y servían como amas de leche y estaban muy próximas a los señores y señoras. Esta condición reforzó una doble opresión sobre la mujer negra: la sexual y la de raza.

La mujer blanca venía acompañando padres o maridos y estaba restringida a la organización del hogar y de la familia. Privada del ejercicio público fue pieza fundamental en la perpetuación del linaje de la nobleza y de la sangre colonizadora, a través de su función básica: la reproducción.

La sociedad colonial, por lo tanto, que se erguía en suelo brasileño era esencialmente patriarcal y guardaba los lazos culturales basados en la figura paterna de Europa milenar. La relación

- <sup>2</sup> ALGRANTI, Leila M. *Honradas e devotas: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Brasil 1750/1822*. Rio de Janeiro: José Olympio/EDNUB, 1993. 349 p.
- BELLINI, Lígia. *A coisa obscura. Mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1987. 101 p.
- CARDOSO, Ireda. *Os tempos dramáticos da mulher brasileira*. São Paulo: Global. 1981. 63 p.
- DEL PRIORI, Mary. *A mulher na História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988. 64 p.
- (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. 678 p.
- FELINTO, Marilene. *As mulheres de Tijucopapo*. 2. ed. Rio de Janeiro: 34, 1992. 137 p.
- GAMA, Léila V. G. da. *Elvira Komel. Uma estrela riscou o céu*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de MG, 1987. 114 p.
- FIGUEIREDO, Luciano. *O avesso da memória. Cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: José Olympio/EDNUB, 1993. 249 p.

asimétrica entre los sexos y la superioridad de uno sobre el otro marcó todos los niveles sociales independiente de clase, raza y religión. El estatuto de la mujer en Brasil colonial e imperial era similar al europeo: padrones rígidos de moral, inferioridad y sumisión a lo masculino.

Pero esto no significó una pasividad del sexo femenino. La actitud de inúmeras mujeres, independientemente de color o clase social, puntilló de luchas la historia femenina de este país<sup>2</sup>. Ana Pimentel, esposa del donatario Martín Afonso de Souza, a mediados del siglo XVI, administró por años la Capitanía de São Vicente y fue la responsable por la plantación de naranjos en la capitanía para combatir el escorbuto e introdujo las culturas de arroz, trigo, y la ganadería bovina en la capitanía. Perteneciente a la aristocracia portuguesa no midió esfuerzos en la tarea de gerenciar el quihón que le perteneciera a la familia en la repartición colonial.

Ejemplos de mujeres blancas administrando latifundios y establecimientos comerciales en las incipientes villas brasileñas desmistifican el hecho de que la "señora" tenía un simple papel de esposa y madre. Atestados de lucha y tenacidad femeninas llenan páginas de la historia de este país.

La negra Aqualtune fue una de las responsables por la fundación del quilombo de Palmares organizado en 1630. Zumbi, su nieto heredó el coraje. Dandara, también guerrera negra de Palmares, se suicidó tras ver el trágico fin del quilombo, en 1694. Tereza de Benguela<sup>3</sup>, lideró por veinte años el quilombo de Quariteré, en tierras matogrosenses.

No solo blancas y negras tuvieron una participación marcante en el episodios decisivos de la historia nacional. La india Clara Camarão, al lado del marido, lideró varios ataques contra los holandeses en el noreste brasileño.

Varias mujeres, unidas a sus compañeros participaron, en los siglos XVII y XVIII de las entradas y banderas, que rasgaron el interior brasileño con el objetivo de colonización. Entre ellas, la historia

MATOS, Maria Izilda. *Por uma história da mulher*. Bauru: USC, 2000. 58 p.

MOTT, Luiz. *O sexo proibido. Virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição*. Campinas: Papyrus, 1988. 190 p.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas. Uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994. 210 p.

PENA, Maria V. J. *Mulheres e trabalhadoras. Presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 227 p.

SAMARA, Eni M. *As mulheres, o poder e a família. São Paulo, século XIX*. São Paulo: Marco Zero/Sec. de Ed. e Cultura, 1989. 194 p.

SCHUMAER, Shuma; BRASIL, Érico V. (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil de 1500 até atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 567 p.

STUDART, Heloneida. *Mulher objeto de cama e mesa*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1990. 53 p.

<sup>3</sup> En el año de 1994, el carnaval de Joãozinho Trinta de la Escuela de Samba Unidos do Viradouro, reverencio la memoria de Tereza, consiguiendo el 3º lugar para la Escuela.

<sup>4</sup> BUITONI, Dulcilia S. *Imprensa feminina*.

registró los nombres de Maria Dias Ferraz do Amaral y Antonia Ribeiro. En las conjuraciones y manifestaciones pro separatistas de Portugal, mujeres blancas, pardas, negras e indias participaron del movimiento de Independencia. Maria Quiteria, se alistó a las tropas imperiales para combatir los portugueses en Brasil. Atingió el puesto de cadete y fue condecorada por Don Pedro I con la Insignia de los caballeros de la Imperial Orden del Crucero.

A mediados del siglo XIX floreció una intensa producción literaria femenina. Inúmeros periódicos fueron vehiculados por mujeres en varios puntos del país. El *Jornal das Senhoras* aparece en Rio de Janeiro en 1852, editado por Joana Paula Manso de Noronha. *O Bello Sexo*, surge en 1862, teniendo como directora Julia de Albuquerque Sandy Aguiar. En Minas Gerais, en la ciudad de Campanha da Princesa, Francisca Senhora da Motta Diniz, veía ser impreso el primer número del periódico *O sexo Feminino*, em 1873.

Durante la década de 1870, surgen, aun en Rio de Janeiro *O Domingo* de propiedad de Violante Atalipa Ximenes de Bivar e Vellasco; *O Echo das Damas* de Amélia Carolina da Silva Couto; *O Direito das Damas* de Idalina D'Alcantara Costa e inúmeros otros. En São Paulo, en esta misma época es también intensa la producción periodística hecha por mujeres: *La família* de Josefina Álvares de Azevedo; *A Mensageira* por Presciliana Duarte de Almeida, entre otros.

Toda esta prensa<sup>4</sup> dirigida por mujeres traía artículos sobre la familia, el amor y la condición femenina resaltando el papel de sumisión de la mujer. Reivindicaba la educación para las mujeres, el acceso a las carreras profesionales, hasta entonces en manos exclusivamente masculinas y lo más importante, el derecho al voto.

Si la actividad editorial femenina tardó en florecer en Brasil, se debió mucho a la política educacional, que solamente a partir de 1827 admitiría niñas en las escuelas elementales, quedando aun vetado su entrada en instituciones más adelantadas.

São Paulo: Ática, 1986.  
95 p.

\_\_\_\_\_. *Mulheres de papel.* A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981 150 p.

HOLLANDA, Heloisa B. de ARAÚJO, Lúcia N. *Ensaístas brasileiras.* Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 322 p.

<sup>5</sup> ALMEIDA, Jane S. de. *Mulheres e educação: a paixão pelo possível.* São Paulo: UNESP, 1988. 225 p.

REIS, Maria Cândida. *Tessitura de destinos.* Mulher e educação. São Paulo 1910/20/30. São Paulo: EDUC, 1993. 129 p.

ROSEMBERG, Flávia; PINTO, Regina. *A educação da mulher.* São Paulo: Nobel, 1985. 181 p.

<sup>6</sup> AUGUSTA, Nísia F. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens.* 4. ed. São Paulo Cortez, 1989. 134 p.

\_\_\_\_\_. *Opúsculo humanitário.* São Paulo: Cortez, 1989. 164 p.

Por su vez, las Escuelas Normales solo fueron creadas a partir del primer lustro de la década del 30 del siglo XIX, pero que permanecieron en pequeño número hasta la llegada de la República, en 1889. La educación<sup>5</sup> en las primeras décadas del régimen republicano continuaba siendo un privilegio masculino.

Con respecto a la apertura de las Instituciones de Enseñanza Superior en Brasil para mujeres, datar de 1879, estas hasta los años 50 del siglo XX, aun eran predominantemente ocupadas por hombres.

A fines de 1870 dos jóvenes brasileñas, Maria Augusta Generosa Estrella y Josefa Agueda Felisbella Mercedes de Oliveira consiguieron graduarse en Medicina en New York Medical College Hospital For Women, en Estados Unidos. En 1887, Rita Lobato Velho era la primera mujer diplomada en Medicina en Brasil.

En los años de 1880 se registraron las primeras graduadas en Derecho y Myrtes Campos fue la primera abogada admitida en los tribunales brasileños.

Pero no todo fue rosas en los caminos de las primeras feministas. Nisia Floresta Brasileira Augusta<sup>6</sup>, fue duramente criticada por sus ideas abolicionistas y de emancipación de la mujer. Natural de Rio Grande do Norte, nació en 1809 y dedicó su vida al magisterio. Escribió varios libros y tradujo las obras de la feminista inglesa Mary Wollestonecraft. Se dedicó a la educación de la mujer llegando a crear, en Rio de Janeiro, un colegio solo para mujeres. Al ser intensamente criticada por la prensa brasileña por "sus ideas fuera de lugar", en lo que decía respecto a la mujer, se exilió en Francia, donde frecuentó círculos intelectuales importantes. Convivió con grandes figuras de la "intelingensia" francesa como Auguste Comte, Saint-Hilaire y Victor Hugo. En Italia se relacionó con Garibaldi y Mazzini. Dejó ineditas algunas obras, bien como otras fueron escritas en francés e italiano. Su libro *Conselhos à Minha Filha*, escrito en 1842, fue utilizado en diversas escuelas italianas. Murió en Francia en 1885.

<sup>7</sup> BERNARDES, Maria T. C. *Mulheres de ontem?* Rio de Janeiro século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz 1989. 214 p.

ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 120 p. LEITE, Miriam M. (Org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX*. São Paulo: HUCITEC/ INL/ Fundação Nacional Pró- Memória, 1984. 191 p.

SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência*. Mulheres pobres e ordem urbana, 1890/1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989. 394 p.

<sup>8</sup> ALVES, Branca M. *Ideologia e feminismo*. A luta da mulher pelo voto feminino. Petrópolis: Vozes, 1980. 197 p.

TABAK, Fanny; e TOSCANO, Moema. *Mulher e política*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982. 133 p.

TABAK, Fanny. *Autoritarismo e participação política da mulher*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, 117 p.

<sup>9</sup> LEITE, Miriam M. *A outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984. 171 p.

<sup>10</sup> Organización que llevó adelante la lucha por el sufragio

El final del siglo XIX<sup>7</sup> se caracterizó por una relativa visibilidad de la mujer en el espacio público. Era editado *Úrsula*, la primera novela abolicionista brasileña escrita por una mujer negra, Maria Firmina dos Reis. En la música, Chiquinha Gonzaga desafiaba el orden social masculino. Militante del movimiento abolicionista no ahorraba duras críticas al régimen monarquista. Su canción *Aperte o Botão* satirizó el gobierno de marechal Floriano Peixoto y, en 1917 fundó la Sociedad Brasileña de Actores Teatrales.

Al lado de estas pequeñas grandes conquistas crecía el movimiento sufragista<sup>8</sup> brasileño, siendo creado en 1910 el Partido Republicano por Leolinda de Figueiredo Daltro.

La 1ª Guerra Mundial hizo avanzar la lucha por los derechos de la ciudadanía y las palabras democracia/igualdad estaban en ciernes de los movimientos y asociaciones femeninas establecidos a partir de 1920 que exigían el sufragio a la mujer. Julia Lopes de Almeida creaba, en 1919, en Rio de Janeiro, la *Legión de la Mujer Brasileña*, juntamente con Alice Rego Monteiro, con la finalidad de elevar el nivel social y los derechos civiles del sexo femenino.

Bertha Lutz y la renombrada escritora minera Maria Lacerda de Moura<sup>9</sup>, fundaron en 1920 la *Liga para la Emancipación Intelectual de la Mujer* y, en 1922 nacía la *Federación para el Progreso Femenino*<sup>10</sup> dirigida por Bertha Lutz.

Por lo tanto, a pesar de las incursiones femeninas y feministas en Brasil durante estos cuatro siglos, solo podemos hablar de un movimiento feminista organizado a principio del siglo XX.

En Brasil, dos movimientos se dibujaron en este momento: el de las feministas liberales<sup>11</sup> y el de las anarquistas, reivindicando el derecho a la educación, al trabajo y a la participación en el mundo público.

Las feministas liberales observaron que, mismo con el crecimiento urbano, la modernización de la vida social y la transformación de la vida sedentaria de la gran propiedad rural,

femenino. Las principales tácticas utilizadas por la Federación eran la del lobby (presión sobre los miembros del Congreso) y la divulgación de la opinión pública. En 1927, Juvenal Lamartine, presidente de Rio Grande do Norte, incluye en la Constitución de este Estado un artículo permitiendo el voto a las mujeres. A partir de ahí se intensifica la movilización de las mujeres en todo país por el sufragio, provocando acirrados debates.

<sup>11</sup> Mujeres de las camadas medias y de la aristocracia cafeera.

<sup>12</sup> Trabajo realizado especialmente por la revista *A Mensageira* y por los periódicos de la época, como *O Amigo do Povo*, *A Terra Livre*, *A Lanterna*, *A Plebe*, publicados en São Paulo y Rio de Janeiro.

las mujeres, de forma general, no pasaban a dar más valor a la educación. La gran mayoría desconocía sus potencialidades y era formada de modo a valorar apenas aspectos superfluos y exteriores de su personalidad, como la apariencia física, el gusto del lujo y de las "frivolidades" y la capacidad de seducción.

El reerguimiento moral e intelectual de las mujeres dependería, de un trabajo educativo modernizador<sup>12</sup>, capaz de hacerlas comprender su nuevo papel en la sociedad, el potencial emancipador que disponían y los instrumentos necesarios para su lucha. En ese sentido, tanto las feministas anarquistas como las liberales buscaban conscientizar las mujeres y apuntar los rumbos de superación de las desigualdades sexuales. Valorando el ideal de "madre civilizadora", dignificaban y politizaban la maternidad, considerando que lo que estaba en juego era la formación del ciudadano de la patria.

Sin embargo, apesar de luchar por un mismo ideal, no se creó un amplio movimiento de contestación. Rarisimas veces, la prensa feminista se refiere a las anarquistas y estas se negaban a apoyar cualquier alternativa de negociación con las instituciones burguesas. Formulaban una propuesta de moral sexual y de reorganización de la sociedad que se oponía al modelo que entonces se construía, fundado en la abolición de la propiedad privada y en la justicia social. Las luchas operarias se trataban sobre todo en la ciudad de São Paulo o en los barrios periféricos, como Brás y Bom Retiro, donde, especialmente las inmigrantes europeas, venían alterando radicalmente la composición social y las prácticas políticas y culturales del cotidiano de la ciudad. Denunciaban las pésimas condiciones de trabajo, la ausencia de asistencia pública, los bajos salarios e indicaban a las trabajadoras la importancia de unir y fundar sociedades de resistencia y sindicatos.

El tema de la educación y del derecho al voto será retomado en las décadas siguientes con mayor intensidad. Varias revistas, como *A Revista*

<sup>13</sup> A *Revista Feminina* fundada en São Paulo por Virgínia Duarte da Costa, que circuló con mucho suceso entre 1914 y 1936 por todos los Estados brasileños.

*Feminina*<sup>13</sup>, se ponían como necesaria para preparar, organizar y conscientizar la mujer brasileña moderna. Se luchaba veementemente por el derecho al voto, pero se creía que la mujer debería continuar siendo "la dueña efectiva de su hogar". Por lo tanto, lo que norteó a las feministas en este contexto, fue un discurso valorizador de la esfera privada y de la función de la madre, no abandonando la idea que deberían acceder al mundo público en condiciones de igualdad con los hombres. El derecho al voto fue siendo alcanzado paulatinamente en los Estados hasta 1932, cuando Getulio Vargas promulga por decreto-ley el derecho de sufragio a las mujeres. Una vez atingido su objetivo – el derecho al voto – esta práctica de lucha de masas estaba fadada a desaparecer. Hay así, una desmovilización de las mujeres.

Cuatro décadas después de la conquista del derecho al voto, de la victoria de los padrones normativos de sexualidad y de la cristalización de la ideología de la domesticidad, asistimos, en los años setenta y ochenta, a la emergencia de una crítica radical, teórica y práctica, al modelo de femineidad y de familia vigentes. Inúmeros grupos feministas abiertos para los nuevos horizontes teóricos y políticos inscriptos en un contexto de redemocratización y distinción política (1980/85), buscaban un lenguaje propio, capaz de orientar sus rumbos en la construcción de la identidad de la mujer como nuevo actor político.<sup>14</sup> Paralelamente a los movimientos sociales que se levantaban contra la dictadura militar (1964/1985), como el movimiento de las mujeres, que se organizaba en la periferia de algunas ciudades, denunciando la dominación sexista, existente incluso en el interior de los grupos políticos, sindicatos y partidos de izquierda.

En 1975, surgió el periódico feminista *Brasil Mulher*, seguido de *Nós-mulheres*, y *Maria Quitéria*, en 76. Visaban conscientizar las trabajadoras pobres, respaldándolas con un lenguaje marxista inicialmente destinada a pensar la lucha entre clases sociales. Con la instauración del Año

<sup>14</sup> De esta experiencia surgieron inúmeras asociaciones en el país, como el Centro Brasileño de la Mujer, en Río de Janeiro; la Asociación de Mujeres en São Paulo, después llamada Sexualidad y Política; el Coletivo Feminista de Río de Janeiro y Campinas; el SOS-Violencia de São Paulo, Campinas y Recife; el Maria Mujer en João Pessoa; el Brasília Mujer; el Centro de Información de la Mujer (Cim) en São Paulo, entre otros.

Internacional de la Mujer (1975) las feministas brasileñas actuaron en grupos de estudios, programando jornadas de lucha y campañas de movilización. Integradas con los movimientos democráticos, engruesan las filas por la amnistía, por libertades políticas y por una constituyente libre y soberana.

Los nuevos movimientos sociales, entre estos lo de la contracultura, de negros, homosexuales y ecológicos que penetran en el medio más joven de las grandes ciudades, los nuevos lenguajes de expresión de la subjetividad, los derechos de las minorías, generaron elementos que llevaron a la emergencia de la problemática del "otro". Esta visibilidad cada vez mayor a exigir reivindicaciones específicas llevó a que muchos (as) cientistas sociales pasaran a incorporar esas temáticas en sus discusiones.

La Historia de las Mujeres en la Academia dió sustancia social a la problemática vivida en la intimidad por millares de mujeres. Esas prácticas van a definir la reorientación cultural de los años 80. Emerge un "feminismo organizado", como movimiento de las mujeres de clases medias, en la mayoría intelectualizada, que buscan formas de expresión de su individualidad.

El discurso psicológico se destaca en este contexto por constituirse una red de saber y poder sobre la nueva femeneidad, exactamente en el discurso de la media, lugar por excelencia de producción y circulación de saberes acerca de las subjetividades. De acuerdo con esa realidad, la autonomía del sujeto esalzada a un plano privilegiado, pues solamente el, en ejercicio de su libertad, puede solucionar problemas que las situaciones de vivencia ponen en su día a día. La experiencia de lo cotidiano, asume una conotación política, pasa a tener el papel de "locus" de la crítica social. La politización de lo cotidiano tiene como base, una búsqueda de "autenticidad" en las relaciones personales y la ética del placer.

El movimiento feminista, se pone, por lo tanto, en este momento, en ruptura con la

tradicción igualitaria y emancipadora de los feminismos del pasado, levantando las cuestiones de identidad, diferencias y singularidades. La reivindicación colectiva y la valoración de esa identidad por parte de las mujeres crean la posibilidad de nuevos micro experimentos sociales, basados en la conquista de una autonomía.

<sup>15</sup> SCOTT, J. O gênero como categoria útil de análise. In: *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 15, n. 2, 1990.

Joan Scott<sup>15</sup>, en los Estados Unidos, utilizándose de la categoría género, como base de la formación de un campo teórico que consiga explicar y analizar las relaciones sociales, se propone pensar las relaciones de género como relaciones de poder, y en ese sentido, la dominación no se localiza en un punto fijo, en el "otro" masculino, pero se constituye en los juegos de relaciones y de lenguaje.

A partir de la década de 90, el feminismo incorpora otras frentes de lucha pues, además de las reivindicaciones volcadas para la desigualdad en el ejercicio de derechos políticos, laborales, civiles, cuestiona las raíces culturales de estas desigualdades. Denuncia, de esta forma, la creencia en la inferioridad "natural" de la mujer, calcada en factores biológicos. La política, el sistema jurídico, la religión, la vida intelectual y artística, son construcciones de una cultura predominantemente masculina. La cristalización de papeles convive con este régimen de producción discursiva y de distribución de poder que actúan simultáneamente en nuestra sociedad en la construcción de las subjetividades.

Según el pensamiento de Foucault, la producción del discurso es al mismo tiempo controlada, seleccionada, organizada y redistribuida por cierto número de procedimientos que tienen por función conjurar sus poderes y peligros, dominar su acontecimiento aleatorio, esquivar su pesada y temible materialidad<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_ *A história da sexualidade*. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984. v. 1.

Si por un lado, la utilización de la categoría mujer como término político y de representación pretende conferir legitimidad y extensión a la lucha contra la opresión femenina, por otro, se presenta como una función normatizadora, que se pone en lugar de revelar o de deturpar lo que se asume

como siendo "la verdad sobre las mujeres". En ese sentido, la mujer como un sujeto con características pre demarcadas históricamente representa una trampa al propio pensamiento femenino. Todo el ardid de esta inversión en la identidad genérica mujer está en que, al buscar la liberación de los mecanismos de exclusión, luchando por igualdad y visibilidad política, termina machacando los paradigmas y fundamentalismos de la propia opresión<sup>17</sup>. De esa forma, a partir de los años 90, ocurrió el aislamiento entre los "estudios académicos" y la "militancia", que estuvieron juntos desde el principio, creando barreras en el proceso de cambios entre estas dos instancias.

<sup>17</sup> VARIKAS, E. Refundar ou reacomodar a democracia? Reflexões críticas acerca da paridade entre os sexos. In: *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: IFCS/ UFRJ, n. 1, 1996.

La discusión de género en la Academia hoy no se restringe al análisis de como se opera la desigualdad en las relaciones entre hombres y mujeres y muy poco se refiere a la mujer como sujeto, objeto del pensamiento. Vários (as) estudiosos (as) insisten en redefinir nociones como sexualidad, deseo, sexo, género y especialmente, como se elabora en el plan discursivo la formación de la identidad.

Butler muestra en sus estudios como las identidades se dan a partir de exclusiones y que la normatización de la sexualidad y de la constitución de género está intrínsecamente ligada a los contornos de los cuerpos y la reglamentación del placer. Butler piensa la actuación de género como una acción de repetición, imitación, una performace, cuya teatralidad es inconsciente. La performace es también la propia condición de subversión, en la medida en que, al mimetizar las colocaciones normativas es posible desplazar, recontextualizar y prefigurar nuevos contornos de género. El lenguaje entra en esa comprensión de género como un espacio necesario, que tiene tanto la función estabilizadora (fijando posiciones de género) como desestabilizadora. Un dominio de significabilidad e intangibilidad, una frontera móvil donde las luchas y diferencias sexuales emergen y trazan sus contornos<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> BUTLER, L. *Gender trouble*. Feminism and the subversion of identity. Nova York: Routledge, 1990.

Entre las últimas conquistas del

<sup>19</sup> SAFFIOTI, Heleith. *A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969.

<sup>20</sup> S O U Z A - L O B O , Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

<sup>21</sup> HANER, June. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1950-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981; SILVA DIAS, Maria Odila Leite da. *Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984; RAGO, Margareth Luzia. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, 1890- 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>22</sup> CUNHA, Maria Clementina P. *O espelho do mundo. Junquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986; ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores. O saber médico e prostituição no Rio de Janeiro*. São Paulo: Brasiliense, 1988; ESTEVES, Marta Abreu. *Meninas perdidas. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro de Belle Epoque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; DEL PRIORI, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil*

movimiento feminista en Brasil, destacamos la creación de las Jefaturas de Mujeres (1985); Consejos Municipales de los Derechos de la Mujer (1985); Abrigos y Casas de Amparo a las mujeres víctimas de violencia; Consejo Nacional de los Derechos de la Mujer (1985) de actuación interministerial; aumento de la licencia maternidad de 3 para 4 meses (1988); garantía de 30% de representatividad junto a los partidos políticos para cargos electivos (1995), entre otras.

## 2. Estudios de Género en las Universidades Brasileñas

Los estudios sobre la mujer en Brasil tienen inicio en los años 1969 con el trabajo de Heleith Saffioti, *La Mujer en la sociedad de Clases*<sup>19</sup>, teniendo como referencia teórico-metodológica la Historia Social. A partir de la década de 1970, sociólogas, antropólogas y historiadoras revelan una preocupación en identificar y denunciar las marcas de la opresión capitalista sobre las mujeres, en especial, en el mercado de trabajo<sup>20</sup>. En 1980 fue creado un GT (Grupo de Trabajo) Mujer y Fuerza de Trabajo en la ANPOCS y en el mismo año un GT Mujer y Política.

En la década de 1980, sin embargo, emerge lo que se podría considerar como la segunda vertiente de las producciones académicas sobre las mujeres, preocupada en revelar su cotidiano y su actuación en la vida social, su capacidad de lucha y participación en la transformación de las condiciones sociales de vida. Se registra una fuerte preocupación en rescatar las experiencias de las mujeres pobres y marginalizadas. Esos estudios se volcaron para un universo femenino propio diferente del masculino, regido por otra lógica y racionalidad.<sup>21</sup>

Pero, fue solamente con la Historia Cultural<sup>22</sup> que el estudio del género como categoría de análisis se institucionaliza y gana espacio en las reflexiones en la Academia, juntamente con un creciente interés en que se

colonial. Op. cit.  
SAMARA, Eni de  
Mesquita, *As  
mulheres, o poder e a  
família*. São Paulo:  
Marco Zero, 1988;  
MEZAN, Leila.  
*Honradas e devotas;  
mulheres da colônia*.  
Estudos sobre a  
condição feminina  
através dos  
conventos e  
recolhimentos do  
Sudeste, Tese de  
Doutoramento. São  
Paulo: USP 1992;  
RAGO, Margareth. *Os  
prazeres da noite*.  
Prostituição e códigos  
da sexualidade  
feminina em São  
Paulo. Rio de Janeiro:  
Paz e Terra, 1991.

realicen estudios interdisciplinarios. Estos trabajos incentivaron la creación de los núcleos de estudios congregando investigadores (as) y profesores(as).

El primero a ser creado, en una Universidad Brasileña fue el NEM– Núcleo de Estudios de la Mujer, de la Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro. En 1981, surge el Núcleo de Estudios Documentación e Informatización sobre la Mujer- NEDIM, en la Universidad Federal de Ceará y, en 1983, el NEIM – Núcleo de Estudios Interdisciplinarios sobre la Mujer de la Universidad Federal de Bahia. En 1984, surgen más núcleos en las Universidades Federales de Rio Grande de Sur, Santa Catarina y en Minas Gerais.

La Fundación Carlos Chagas y la Fundación Ford fueron grandes incentivadoras de los trabajos de estos núcleos financiando sus proyectos y eventos. Estos proyectos iban al encuentro de los intereses de estas fomentadoras una vez que se preocupaban en unir trabajo académico especializado e intervención social a través de acciones de corrección de desigualdades sociales. Asociaciones Científicas de varias áreas como la ANPED (Educación); ABA (Antropología); ABEP (Estudios Poblacionales); ABRAPSO (Psicología Social); ANPOLL (Letras y Literatura); ANPUH (Historia); ABRALIC (Literatura Comparada); ABET (Trabajo), promovieron investigaciones en torno de esta temática, dando el incentivo necesario para una producción científica y competente.

Cuanto a la estructura de los núcleos en las Universidades Federales, se constata que no existe un modelo dominante, pero articulaciones que responden en su forma de organización y actuación a las realidades de las instituciones a las cuales están vinculados. Los núcleos de las Universidades Federales cuentan con una investigación y dedicación efectiva de sus profesores(as), lo que no ocurre en las particulares que no tienen estructura de carrera definida.

El reconocimiento formal de los núcleos ha quedado a cargo de sus miembros, muchas veces a la orilla de la estructura oficial. De modo general,

la trayectoria de la formación de los núcleos ha sido marcada por un proceso de lucha en dos frentes de batalla. Por un lado, está la necesidad de reafirmar constantemente la legitimidad científica de sus trabajos, por otro, se enfrentan las políticas actuales de contención de verbas para las universidades y el fomento a la investigación básica. Cientes de estos problemas, entidades como la ANPOCS y la ABA (Associação Brasileira de Antropologia) vienen apoyando la formación de grupos de estudios bien como la realización de encuentros regionales en Norte – Noreste, debido a la concentración de producción y de recursos en los estados de Centro-Sur<sup>23</sup>. En 1991, ocurre el 1º Encuentro Nacional de Núcleos de Estudios en las Universidades Brasileñas, promovido por el NEMGE/USP, en São Paulo y en sus discusiones se verificó la gran preocupación con el aislamiento de estos centros dentro de las Universidades y de su composición (la mayor parte de sus miembros son mujeres).

<sup>23</sup> En 1992, fue realizado el 1º Encuentro Norte/Noreste de estudios sobre la Mujer y Relaciones de Género por el NEIM en Salvador cuando se creó la Red Regional Norte/Noreste (REDOR).

Por otro lado, es importante evaluar la extensión y el grado de diseminación y de desarrollo, en el campo de los estudios sobre mujeres y relaciones de género, en lo que se refiere a su incorporación en los programas curriculares y oferta de cursos y asignaturas, tanto en la graduación como en el postgrado, cabiendo analizar también, cual ha sido la actuación de los núcleos universitarios dedicados a esa temática en ese sentido. A pesar del crecimiento y la ampliación de las asignaturas, tanto en la graduación, como en el postgrado, la incorporación de la perspectiva de género no vienen dándose en Brasil en la misma extensión y profundidad que se observa en el panorama internacional. Hay que reflexionar, sobre los factores que han subrayado esa aparente resistencia por parte de la comunidad científica brasileña y de que manera y en que medida los núcleos han contribuido o podrían contribuir en el sentido de vencer los obstáculos.

A partir de estas dificultades podemos reflexionar sobre el NEGUEM – Núcleo de Estudios

de Género e Investigación sobre la Mujer de la Universidad Federal de Uberlandia en la conyuntura actual. La dificultad de recursos y estructura para su funcionamiento, incluso la ampliación de asignaturas y publicaciones nos pone en una situación de incertidumbre cuanto a su futuro e importancia dentro de la Universidad Federal de Uberlandia. Desde su creación en 1993, su trabajo de extensión respaldado por una inmensa lectura e investigación bibliográfica, paulatinamente fue confiriendo al grupo credibilidad junto a la comunidad local y posibilitó su participación en Encuentros y Congresos Nacionales e Internacionales.

Junto a estas acciones el Núcleo pasó a recibir un flujo de correspondencias y materiales que viabilizó la creación de una biblioteca especializada, que cuenta hoy con un acervo de mas de 2000 titulos sobre la temática, que es consultado por toda la comunidad, además de videos, boletines y revistas. El crecimiento continuo del trabajo llevó al grupo a la producción del cuaderno Espacio Femenino que está en su 12º número y el Género en Investigación – del postgrado en Historia de la UFU, ya en el 19º número. Además de eso, el NEGUEM, conquistó asiento junto a cuatro importantes órganos de la ciudad: el Consejo de Defensa de la Ciudadania, el Comité Regional de Prevención a la Mortalidad Materna; el Consejo Municipal de los Derechos de la Mujer; el Banco de la Mujer; y la ONG, SOS Mujer-Familia.

Desde 1994 viene realizando un trabajo junto a las coordinaciones de algunos cursos de la UFU para la implantación de asignaturas ligadas a la discusión de género. En el Curso de Historia la asignatura Estudios Alternativos en Historia de Brasil fue implementada en 1994. En el Curso de Psicología prevaleció la nomenclatura original del proyecto: Historia de la Mujer y Relaciones de Género y hace parte del rol de las asignaturas optativas. Introducida en 1995, con una matrícula que varía de 40-45 alumnos(as) por semestre y con una carga horaria semanal de tres aulas teóricas

y dos prácticas, el índice de aceptación y asiduidad por parte de los(las) alumnos(as) es considerado excelente bien como el de aprobación.

Las discusiones que nortearon, tanto la propuesta como el eje central del contenido de estas asignaturas estaban fundamentalmente basadas en la percepción de que, a grueso modo, tanto la educación formal, como las Teorías del Conocimiento, en su totalidad, generaron la formulación de una "Teoría de la Inferioridad Femenina", presente en el edificio del conocimiento tradicional. Para nosotros, está extremadamente nítida la idea de que pretendemos con estas asignaturas buscar una base para la Teoría del Conocimiento, utilizando arsenales teóricos y metodológicos de otras ciencias que permitan analizar la dimensión de las relaciones entre los sexos dentro de un universo que contemple las prácticas simbólicas, las representaciones y las experiencias de hombres y mujeres en su hacer cotidiano.

A pesar de los problemas enfrentados las perspectivas vislumbradas por el NEGUEM son inúmeras. Ampliar sus acciones y fomentar cada vez más el diálogo interdisciplinar es la meta prioritaria. Contribuir para el debate académico a través de revisiones teóricas y metodológicas en una interlocución permanente con otras ciencias del conocimiento es esencial para el grupo. Llamar la atención para las discriminaciones de género se torna imprescindible para obtener un análisis plural y polisémico de las relaciones entre los sexos.

Entre sus desafíos está el de garantizar la unidad de sus propósitos y objetivos, la diversidad epistemológica de los varios saberes que reúne, bien como el de injerir toda esta reflexión en el centro de los cursos de la Universidad, problematizándolos como saberes en construcción. Tomando como motivación las perspectivas que se presentan y los desafíos como obstáculos a ser vencidos, el NEGUEM viene contribuyendo para el debate académico y, con seguridad, sembrando acciones que posibiliten pensar y vivenciar una sociedad más justa e

igualitaria, donde las diferencias y multiplicidades puedan ser respetadas por las Teorías del Conocimiento y en las prácticas cotidianas.

De acuerdo con nuestra investigación inúmeros núcleos de estudios de género están proliferando en las Universidades Brasileñas, especialmente en las Federales y Estaduales. Enviamos mas de cien correspondencias a Universidades Federales, Estaduales y Particulares<sup>24</sup> y obtuvimos un número razonable de respuestas para componer un panel sobre el impacto de género en sus currículos. Deparamos con un gran número de asignaturas en los cursos de graduación y postgrado, especialmente generadas por los núcleos de estudios. Optamos por centrar el análisis en las Universidades Federales, una vez que ellas concentran la mayor parte de los núcleos.

De las 54 Universidades Federales contactadas 38 respondieron. De estas apenas 23 tienen núcleos.

<sup>24</sup> En Brasil hay 54 Universidades Federales, 22 Estaduales y aproximadamente 1752 particulares (Revista Ana Maria, São Paulo: 15 set. 2003, p. 36), y de estas 14 Pontificiales Universidades Católicas.

<sup>25</sup> En la Región Norte, la Fundación Universidad Federal de Acre – UFAC; Fundación Universidad Federal de Amapá - FUFA; Fundación Universidad Federal de Roraima – UFRR no poseen núcleos o asignaturas sobre el tema.

### Región Norte<sup>25</sup>

→ *Universidad Federal del Amazonas – UFAM*

. NEIREGAM – Núcleo de Estudios e Investigación Interdisciplinarios de Relaciones de Género en Amazonas

. No hay asignaturas en la graduación o postgrado sobre el tema

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Universidad Federal de Pará – UFPA*

. GEPEM – Grupo de Estudios e Investigaciones “Eneida de Morais” sobre la Mujer y Relaciones de Género

. Cuenta con 2 Líneas de Investigación en Ciencia Política, Letras, Sociología, Antropología y Etnología: Estudios sobre la Mujer y Relaciones Sociales y Políticas de Género y Mujer, Trabajo y Medio Ambiente

. Las publicaciones sobre los estudios de género están injeridas en los Cuadernos UFPA, no contando, por lo tanto, con revistas específicas de las líneas de investigación

→ *Universidad Federal de Rondonia – UFRO*  
. NEPEM – Núcleo de Estudios e Investigación sobre la Mujer  
. No hay asignaturas en la graduación o postgrado sobre el tema  
. No hay publicaciones regulares sobre la temática

<sup>26</sup> En la Región Noreste solamente las Universidad Federal de Campina Grande – UFCG no tiene núcleos o asignaturas en la graduación y postgrado.

### **Región Noreste<sup>26</sup>**

→ *Universidad Federal de Alagoas – UFAL*  
. NTMC – Núcleo Temático Mujer y Ciudadanía  
. No hay asignaturas en la graduación o postgrado sobre el tema  
. No cuenta con revistas específicas sobre el tema. Ya publicaron libros en el área de Sociología y Psicología sobre género

→ *Universidad Federal de Bahia – UFBA*  
. Hay 3 núcleos: NEIM – Núcleo de Estudios Interdisciplinarios sobre la Mujer de FFICH; GEM – Grupo de Estudios de Salud de la Mujer y el MUSA – ligado al Programa de Salud de la Mujer. Tiene Líneas de Investigación en la Maestría en Enfermería  
. El NEIM fue creado en 1983 y congrega profesionales e investigadores de varias áreas del conocimiento (Antropología, Sociología, Ciencia Política, Enfermería, Letras y Historia). Actúa en la graduación y postgrado estimulando la enseñanza, investigación y extensión (órgano suplementar)  
. Tiene Líneas de Investigación en la Maestría y Doctorado en Ciencias Sociales, Letras, Educación y Historia. Actúa en el área de investigación y desarrollo comunitarios, asesoría y participación en varias redes (REDOR, REDESAUDE, REDEFEM) de articulación con el movimiento de mujeres en Brasil  
. Publicaciones regulares: el boletín institucional (semestral) y la colección Bahianas (Semestral/libro)  
Áreas: Educación, Familia, Feminismo, Género y Generación, Prostitución, Trabajo, Violencia de Género, Literatura e Historia  
. Líneas de Investigación: Género, Generación y Envejecimiento, Mujer y Literatura, Mujer y Política, Salud y Sexualidad, Relaciones de Género, Familia y Trabajo

→ *Universidade Federal de Ceará- UFC*

. NEGIF – Núcleo de Estudos e Investigação sobre el Género, Edad y Familia, vinculado al Departamento de Economía del Centro de Ciencias Agrarias

. Asignaturas en la graduación: Fundamentos de la Economía Doméstica, Estudios de la Familia, Estudios Especiales sobre las Relaciones de Género, Educación Sanitaria

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Fundação Universidade Federal de Maranhão – UFMA*

. GEMGE – Grupo de investigación de Maestría en Educación. Línea de Investigación: Educación, Mujeres y Relaciones de Género

. Maestría en Políticas Sociales – Línea de Investigación: Violencia, Familias, Niños y Género

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Universidade Federal de Paraíba – UFPB*

. Grupo de Trabajo Relaciones de Sexo y Género, en el Centro de Ciencias Humanas Letras y Artes

. NEMS – Núcleo de Estudios de la Mujer Sertaneja, en el Departamento de Educación

. Maestría en Educación – Línea de Investigación: Políticas Públicas y Prácticas Educativas

. Doctorado en Sociología: Familia, Género y Sexualidad

. No hay publicaciones sobre la temática

→ *Universidade Federal de Pernambuco – UFPE*

. FAGES – Familia, Género y Sexualidad creado en 1983 en el CFCH; vinculado a la REDOR. Tiene su origen en el grupo “La Familia en el Noreste” formado en 1982. Es ligado al Programa de Postgrado en Antropología, y también actúa en NUSP – Núcleo de Salud Pública de UFPE

. GT Mujer y Literatura en el Departamento de Letras – Líneas de Investigación: Literatura Brasileña, Literatura y Historia

. Grupo Planeamiento y Política de Género

. GT Género Educación y Violencia

. Curso de Antropología – Líneas de Investigación:

Estudios de Familias y Parentesco; Estudios de Género, Estudios de Sexualidad, Estudios sobre Equidad y Desarrollo, Estudios sobre Salud

. Maestría y Doctorado en Antropología – Líneas de Investigación: Familia, Cultura y Contemporaneidad, Género y Sexualidad, Etnicidad, Religiosidad, Salud, Institución y Cultura, Simbolismo e Imaginario

. Programa do PAPAI – fundado en 1997, institución civil, desarrolla investigaciones y acciones socio-educativas con hombres de diferentes edades a partir de una perspectiva feminista y de género promoviendo estudios e investigaciones sobre Masculinidades. Presta servicios a la comunidad (clínica psicosocial); atendimento a la salud; otros movimientos que promueven la ciudadanía y género

. Publicaciones esporádicas sobre el tema

→ *Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE*

. NEPEM – Núcleo de Estudos e Investigações de la Mujer, del Departamento de Ciências Domésticas. Líneas de Investigación: Género, Familia y Edad

. GT Haciendo Género del Centro de Estudos e Investigações Josué de Castro

→ *Universidade Federal de Piauí – UFPI*

. NEPEM – Núcleo de Estudos e Investigações sobre la Mujer y Relaciones de Género, vinculado al Centro de Ciências de la Salud (CCS) en el Departamento de Enfermería

. No hay asignaturas en la graduación o postgrado sobre el tema

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Universidade Federal de Rio Grande del Norte – UFRN*

. NEPEM – Núcleo “ Nísia Floresta” de Estudos e Investigações sobre la Mujer y Relaciones de Género, creado en 1991 y vinculado al Centro de Ciências Humanas Letras y Artes a la REDEFEM y REDOR

- . NEM – Núcleo de Estudios de la Mujer, del Departamento de Servicio Social
- . NEPAM desarrolla 13 Líneas de Investigación: Género como Categoría de Análisis: una invención teórica y metodológica; Historia y Género en Rio Grande del Norte y en Brasil; Mujer y Política; Participación de la Mujer en la Administración Pública; La Mujer en la vida Económica: empleo y renta; La Mujer en las Organizaciones no Gubernamentales – ONGs; Violencia y Género; Mujer y Salud; Género, Educación y Ciudadanía; Mujer, Medio Ambiente y Desarrollo; Mujer, Ciencia y Tecnología; Mujer, Identidad y Cultura; Literatura, Expresiones y Comunicaciones bajo la óptica de Género
- . No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Fundación Universidad Federal de Sergipe – UFS*

- . NEPING – Núcleo Interdisciplinar de Estudios e Investigaciones sobre la Mujer y Relaciones de Género integrado a la Red REDOR
- . Tiene asignaturas en la graduación en el Departamento de Servicio Social: Género y Servicio Social
- . En el Postgrado en Sociología con la Línea de Investigación: Género y Trabajo; y Educación con la Línea de Investigación: Género y Educación
- . No hay publicaciones regulares sobre la temática

<sup>27</sup> En la Región Centro-Oeste, la Universidad Federal de Goiás – UFG; la Fundación Universidad Federal de Mato Grosso–UFMT y la Fundación Universidad Federal de Mato Grosso do Sul–UFMS no poseen núcleos o asignaturas sobre el tema.

### **Región Centro – Oeste<sup>27</sup>**

- *Fundación Universidad de Brasilia – UNB*
- . GEPEM – Grupo de Estudios Feministas
- . NEPEM – Núcleo de Estudios e Investigaciones sobre la Mujer vinculado al curso de Historia
- . GT Violencia, Género, Alteridades y Ciudadanía: Nuevos desafíos para las Ciencias Sociales
- . Asignaturas en la Graduación: Estudios Feministas; Laboratorio de Estudios Feministas y Historia de la Mujeres
- . Postgrado en Historia: Línea de Investigación: Epistemología e Historia de las Mujeres.
- . Publicaciones: Labrys, Études Féministes y Estudios Feministas

- . Programa de radio comunitaria: GEPEM
- . Postgrado en Antropología Social. Líneas de Investigación: Construcción de Género (Identidades-Concepciones de Género hace a los Ordenamientos Simbólicos e Institucionales Sociales); Individuo y Sociedad (La Construcción del Individuo en el Pensamiento Social. La cuestión de la identidad, Individuo y Género)

<sup>28</sup> En la Región Sureste, la Universidad Federal de Espírito Santo – UFES; la Universidad Federal de Lavras – UFPA; la Fundación Universidad Federal de Ouro Preto – UFOP; Fundación Universidad de São Carlos – UFSCar; Universidad Federal de São Paulo – UNIFESP; la Fundación Universidad Federal de Viçosa – UFV; la Universidad Federal de Itajubá – UNIFEI y la Fundación Universidad Federal de São João del Rei – FUNRei no poseen núcleos o asignaturas sobre el género.

### **Región Sureste<sup>28</sup>**

→ *Universidad Federal Fluminense – UFF*

- . NUPEHC – Núcleo de Investigación en Historia Cultural con La Línea de Investigación: Cultura y Género en el postgrado y la asignatura: Poder, Género y Cultura en Historia
- . NUTEG – Núcleo Transdisciplinar de Estudios de Género vinculado a la Maestría de Servicio Social
- . NUTEM – Núcleo Transdisciplinar de Estudios de Mujer – Servicio Social, Historia y Educación con asignaturas en los cursos de Servicio Social y Educación
- . En el área de Antropología y Letras se realizan cursos y seminarios sobre el tema de manera esporádica
- . Curso de Especialización en Salud y Género en el Programa de Estudios de Postgrado de Servicio Social y Maestría en Política Social
- . Publicación: Revista Género

→ *Universidad Federal de Juiz de Fora – UFJF*

- . Núcleo de Género, Familia, Niños y Adolescente, vinculado al Centro Sujetos Coletivos y Ciudadanía de la Facultad de Servicio Social
- . Línea de Investigación del Departamento de Servicio Social y Enfermería: Historia de las Mujeres, Género o Sexualidad
- . En el Curso de Especialización de la Facultad de Comunicación hay asignaturas ligadas al tema
- . No hay publicaciones regulares sobre la temática

<sup>29</sup> No obtuvimos mayores detalles de esta institución.

→ *Universidad Federal de Minas Gerais – UFMG*

- . NEM – Núcleo de Estudios de la Mujer<sup>29</sup> con

investigadores (as) en las áreas de Historia, Antropología, Psicología y Educación

. No hay asignaturas en la graduación o postgrado sobre el tema

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro – UFRRJ*

. Grupo de Estudio de Consumo con una área volcada al Género

. Asignaturas en el Departamento de Economía Doméstica: Estudios de la Familia, Educación y Protección al Consumidor, Economía Familiar, Introducción al Estudio del Vestuario

. En la Maestría y Doctorado hay Líneas de Investigación sobre Género en Desarrollo, Agricultura y Sociedad

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Universidade de Rio de Janeiro – UNIRIO*

. Línea de Investigación sobre Género se vincula al Departamento de Lingüística

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Fundação Universidade Federal de Uberlândia – UFU*

. NEGUEM – Núcleo de Estudios de Género e Investigación sobre la Mujer, creado en 1992

. Posee una asignatura en la graduación en el curso de Psicología: Historia de la Mujer y Relaciones de Género y en la Maestría en Historia en la Línea de Investigación Historia Cultural con la asignatura: Relaciones de Género: Representaciones y Poder

. Publicaciones: Género en Investigación en su 19º número y Cuaderno Espacio Femenino en el 12º número

<sup>30</sup> En la Región Sur, la Universidad Federal de Rio Grande – UFRG; la Fundación Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; Universidad Federal de Santa Maria - UFSM no poseen núcleos o asignaturas sobre género.

### **Región Sur<sup>30</sup>**

→ *Universidade Federal de Paraná – UFPR*

. Núcleo de Estudio de Género fundado en 1995

. Publicaciones: Cuaderno de Investigación y Debate del Núcleo de Estudios de Género

- *Universidad Federal de Santa Catarina – UFSC*
- . NES – Núcleo de Estudios sobre Sexualidad, fundado en 1991, vinculado al Departamento de Educación con la asignatura Educación y Sexualidad Humana y Pedagogía con la asignatura Educación Sexual
- . Maestría en Educación – Líneas de Investigación: Género, Familia Sexualidad y Educación; Historia de la Sexualidad Humana – Educación y Sexualidad; Vivencia de Papeles Sociales
- . Asignaturas en la graduación en Antropología y Ciencias Sociales: Relaciones de Género y Masculinidades
- . En el Programa de Postgrado en Sociología Política: Infancia y Juventud: tendencias de la investigación social
- . GT en las siguientes áreas: Prácticas Sociales y Nuevas Narrativas: Sociabilidad Juvenil, Género y Educación (Sociología); Agricultura Familiar: Resistencia, Diferenciación y Reestructuración (Sociología); Cultura y Relaciones Sociales (Historia); Modos de Vida, Familia y Relaciones de Género (Psicología); Núcleos de Identidad Género & Subjetividad (Antropología); Educación Intercultural y Movimientos Sociales (Educación); Núcleo de Estudios Pedagógicos en Educación Física (Educación); Literatura y Memoria (Linguística, Letras y Artes); Aplicadas – Servicio Social); Núcleo de estudios e Investigaciones sobre la Violencia (Servicio Social)
- . Líneas de Investigación: Políticas Sociales, Educación y Salud; Medio Ambiente y Desarrollo Urbano y Rural; Migraciones e Identidades; Relaciones de Poder, Cultura y Sociedad; Modos de Vida, Familia y Relaciones de Género; Género e Infancia; Adolescencia y Juventud; Literatura y Mujer; Familia: Políticas e Intervención Profesional; Familia; Violencia Familiar y Regulación Pública; Género, Generaciones y Redes de Sociabilidad: procesos de construcción de identidad; Abordajes Familiares; Violencia, Género y Políticas Públicas
- . Publicaciones: Revista Estudios Feministas

→ *Universidade Federal de Rio Grande de Sul – UFRGS*

. GEERGE – Grupo de Estudos de Educação y Relaciones de Género del Programa de Postgrado en Educación desde 1989 con Estudios sobre la Mujer y Estudios sobre Género, Sexualidad Etnia, Clase, Religión, Nacionalidad. Teorizaciones pos críticas, particularmente aquellas producidas en los Campos de los Estudios Feministas, de los Estudios Culturales, de los Estudios Gays y Lésbicas y de la Teoría Queer son sus referencias centrales

. Líneas de Investigación Educación y Relaciones de Género desde 2000

. Publicaciones: Revista Educación y Realidad contempla la temática feminista (v. 16/2 dic. 90); Dosie Mujer y Educación v. 20/02–95; Género y Educación

. Amplias publicaciones de libros de sus investigadoras en esta área

### **Universidades Estaduales:**

#### **Región Noreste**

→ *Universidade Estadual de Paraíba – UEP*

. Núcleo Flor y Flor Estudio de Género, del Centro de Ciencias Sociales Aplicadas del Departamento de Servicio Social

. No hay asignaturas en la graduación o postgrado sobre el tema

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS*

. MULLIERIBUS – Núcleo de Estudios Interdisciplinarios de la Mujer y Relaciones de Género, del Departamento de Ciencias Humanas y Filosofía

. No hay asignaturas en la graduación o postgrado sobre el tema

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

→ *Universidade Estadual de Bahia – UNEB*

. NEO – Núcleo de Estudios Orales, Memoria e Iconografía vinculado al Curso de Especialización

en Estudios Literarios con una Línea de Investigación: Literatura de Escrita Femenina

. Hay un eje temático relacionado a estudios de género, con la Línea de Investigación ligada a Masculinidades, del Departamento de Ciencias Humanas

. NUGSEX – Núcleo de Estudios de Género y Sexualidad con la Líneas de Investigación: Estudios Culturales de Gays y Lésbicas; Estudios de las Relaciones de Género y Teorías Feministas y Estudios de las Relaciones de Género y Etnia.

. Publicaciones esporádicas volcadas para la Literatura y Homoerofismo de los profesores Paulo César García y Zilda Freitas

### **Región Sureste**

→ **Universidad de São Paulo – USP**

. NEMGE – Núcleo de Estudios de la Mujer y Relaciones de Género vinculado a la Pro-rectoría de Investigación. Creado en 1985 por un grupo de docentes e investigadoras visando profundizar, a través de investigaciones empíricas y estudios teóricos, las articulaciones entre género, etnia y clase social, especialmente en Brasil y en América Latina. El NEMGE es compuesto por una Coordinación Científica, un Consejo Deliberativo y un Consejo Consultivo además de un cuerpo de investigadores/as y becarios. Hacen parte del Consejo Deliberativo seis docentes de la USP, entre las cuales es electa la Coordinadora Científica y la Vice-Coordinadora. Dispone de biblioteca con un acervo especializado en libros, periódicos y tesis y manuscritos sobre la mujer

. Líneas de Investigación: Género, Economía y Trabajo; Género y Educación; Género y Geografía; Género y Medio Ambiente; Género y Políticas Públicas; Género y Etnia; Género y Relaciones Jurídicas; Género y Salud; Género, Mujer e Inmigración; Género, Mujer y Violencia; Género y Comunicación; Género y Holocausto

. El Programa de Postgrado en Educación de la Facultad de Educación mantiene grupos de estudios de género, tanto en el ámbito de su Línea

de Investigación Estado, Sociedad y Educación (manifestaciones de desigualdad social: género, raza, etc) como en el ámbito de la línea Histórica de la Educación e Historiografía (investigación sobre relaciones sociales de género). El programa oferta dos asignaturas para esa temática: Educación y Relaciones de Género; Identidad Coletiva, Género y Educación

. Núcleo de Estudios y Prevención del SIDA – NEPASIDA, vinculado al Laboratorio de Estudios de la Familia, Relaciones de Género y Sexualidad, del Departamento de Psicología Social y del Trabajo con una asignatura en el Instituto de Psicología, Sexualidad y Género. Ese curso es dirigido, en nivel de postgrado a alumnos(as) y profesionales de las áreas de Salud y Ciencias Sociales

. CEDHAL – Centro de Estudios Históricos sobre América Latina vinculado al Departamento de Historia con Líneas de Investigación sobre Familia y Género

. Núcleo de Estudios Interdisciplinarios del negro Brasileño – NEINB que desarrolla entre otras actividades, estudios sobre mujeres negras

. Núcleo de Estudios en Salud y Trabajo-NUESAT, que profundiza los estudios sobre la salud de mujer

. Además de esto, ofrece 24 asignaturas en varios cursos de graduación que perpasan por diferentes áreas del Conocimiento, como: Televisión, Mujer y Nuevas Medias; Mujeres y Enfermedades Cardio Vasculares; Valores e actitudes de Mujeres Innovadoras en el Trabajo y en el Ocio; La mujer; el Amor y el Dolor: una lectura con Freud y Lacan; Mujer, Cultura y Sociedad, etc.

. Publicaciones: Intensa actividad realizada por las investigadoras de las Líneas

→ *Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP*

. PAGU – Núcleo de Estudios de Género Patrícia Galvão, creado en 1993, es un espacio académico de discusión e investigaciones interdisciplinarias propiciando reflexiones sobre el género a través de conferencias, debates y seminarios restrictos a investigadores del área o abiertos a un público

mas amplio; colaboración en cursos de graduación y postgrado que contemplen la problemática de género; grupos de estudios, con programaciones semestrales, volcadas para temáticas teóricas y cuestiones de la práctica de investigación

. En el curso de Maestría en Antropología Social del IFCH tiene la Línea de Investigación Parentesco, Familia y Redes Sociales

. Doctorado en Historia en la Línea de Investigación, Género, Identidad y Cultura Material

. En el Curso de Doctorado en Ciencias Sociales del IFCH aún tiene la Línea de Investigación Familia y Relaciones de Género

. Publicaciones: Cuadernos Pagu que está en el 19º número

→ *Universidad Estadual de Montes Claros – UNIMONTES*

. GT Trabajo y Género y GT Historia en Escenas con una Línea de Investigación Cultura, Género y Religiosidad

. No hay asignaturas en la graduación o postgrado sobre el tema

. No hay publicaciones regulares sobre la temática

### **Región Sur**

→ *Universidad Regional de Noreste del Estado de Rio Grande do Sul – UNIJUI*

. Con un Núcleo de Estudios de Género en constitución

. No hay asignaturas en la graduación

. En la Maestría en Educación hay asignaturas que discuten género y sexualidad (Sujeto y Poder y Verdad y Subjetividad)

. Publicaciones esporádicas sobre el tema

→ *Universidad Regional Integrada del Alto Uruguai y de las Misiones – URI*

. Hay núcleos de estudios sobre mujeres en diversas unidades

- . Hay asignaturas en el Curso de Enfermería sobre la Salud de la Mujer
- . No hay publicaciones regulares sobre el tema

## **Pontificiales Universidades Católicas**

### **Región Centro-Oeste**

- *Pontificia Universidad Católica de Goiás – UCG*
- . PIM-EP – Programa Interdisciplinar de la Mujer – Estudios e Investigaciones. Creado en 1992, ha articulado acciones en tres dimensiones académicas, enseñanza, investigación y extensión a través de asesorías a diversos segmentos de la sociedad, de asignaturas y seminarios con su Grupo de Estudio y Banco de Datos contribuye en la producción del conocimiento en el área del género
- . Posee publicaciones sobre el tema

### **Región Sureste**

- *Pontificia Universidad Católica de Campinas – PUCAMP*
- . No posee núcleos, pero Grupos de Investigación: Laboratorio de Etnología, Estudios de Género y Sociedades Indígenas con una Línea de Investigación, Estudios de Género y Sociedades Indígenas; Grupo de Investigación Estudios de Género y Servicio Social, con la Línea de Investigación, Estudiando las Cuestiones de Género y Servicio Social; Periodismo y Género; Análisis del Discurso y Género: representaciones de lo femenino y de lo masculino; La Violencia contra la Mujer: estudio y atención en Servicio Social; Acción de Trabajo de Asistentes Sociales en la Perspectiva de Género
- . PUCAMP no presenta en su grade curricular asignaturas regulares sobre la Historia de la Mujeres, En nivel de Programas de Postgrado, Maestría y Doctorado no hay líneas sobre la temática en referencia
- . No posee publicaciones regulares sobre el tema

→ Pontíficia Universidad Católica de Minas Gerais  
- PUCMG

. No posee núcleos

. En el curso de graduación en Psicología hay una asignatura de Psicología I con tópicos sobre las teorías de Género. En la asignatura optativa de Psicociología de la Familia se trabaja con la Historia de las Mujeres y las Teorías del Género

. En el Postgrado en Educación se trabaja con los temas: Identidad, Etnia, Género y Generación

En las Universidades y Facultades particulares que mantuvimos contacto, recibimos apenas 12<sup>31</sup> respuestas y ninguna de ellas poseen núcleos, líneas de investigación, publicaciones o asignaturas en el área.

Los datos aquí expuestos fueron conseguidos a través de correspondencias enviadas y e-mails, así como investigaciones en sitios disponibles de estas Instituciones de Enseñanza Superior (IES). Después de analizar, los datos, concluimos que:

- ♦ Los estudios sobre mujeres y género aún no atingió 50% de las universidades federales brasileñas;
- ♦ Casi todas las universidades federales ubicadas en la región norte y noreste tienen núcleos y están ligadas en red a través de la REDOR;
- ♦ Entre los núcleos consolidados y con producción científica e académica permanente, se destacan: PAGU/UNICAMP; NEMGE/USP; GEERGE/UFRS y los GTs de la UFSC;
- ♦ Algunos núcleos con producción científica y académica y con actuación en el área de extensión carecen de infraestructura (funcionarios(as); equipos; dotación de verbas) y de espacio físico siendo ligados a cursos, departamentos o institutos;
- ♦ Las asignaturas ofertadas en la temática Historia de las Mujeres y Género, tanto en la graduación como en el postgrado, están ubicadas en los cursos de Ciencias Humanas (Antropología, Historia, Ciencia Política, Educación, Psicología,

<sup>31</sup> Región Noreste: Universidad de Salvador – UNIFACS; Universidad de Tiradentes – UNIT. Región Sureste: Universidad de Sorocaba – UNISO; Universidad Iguaçú/RJ – UNIG; Universidad Sagrado Coração/Bauru/SP – USC; Universidad de Uberaba – UNIUBE; Universidad Vale do Rio Doce – UNIVALE; Facultad de Ingeniería Química de Lorena – FAENQUIL. Región Centro-Oeste: Centro Universitario del Sur – CUJS; Universidad de Cuiabá – UNIC. Región Sur: Universidad Caixias del Sur – UCS; Universidad Vale do Lajá – UNIVALI.

- Letras, Sociología, Servicio Social) y de Enfermería y Salud Pública. Las líneas de investigación se direccionan para análisis sobre sexualidad, violencia, trabajo, política, salud, educación diferenciada, etnia, lenguajes, etc;
- ◆ Varios(as) profesores(as) han trabajado con la temática en sus respectivas asignaturas, sin embargo sin nombrarlas como estudios sobre mujeres o relación de género;
  - ◆ La coordinación de los núcleos y las investigaciones sobre la temática están mayoritariamente en las manos del sexo femenino, bien como la producción científica publicada;
  - ◆ Los pocos investigadores del sexo masculino han trabajado con masculinidades, homosexualidades y sexualidad;
  - ◆ No tenemos noticias de la incorporación de los estudios sobre mujeres y género en los cursos de las áreas de ciencias exatas o biomédicas, exepctuando los cursos de Enfermería y Salud Pública;
  - ◆ La producción científica (anexo I) es notoria sobre el asunto y ha impulsionado el mercado editorial, a través de la publicación de libros, artículos en colectaneas, en periódicos, boletines, sitios , etc.

En la Universidad Federal de Uberlândia podemos vislumbrar mas claramente algunos datos obtenidos a través de la investigación. A fin de conocer el impacto de los estudios de mujeres y género, emprendemos una búsqueda a las disertaciones y a las monografias definidas en los cursos de Ciencias Humanas. Esta investigación objetivó percibir si existiría de hecho una asociación entre estudios sobre la mujer y la producción científica de autoria femenina, como también conocer el “impacto” o la influencia del Núcleo de Estudios de Género e Investigación sobre la Mujer–NEGUEM/UFU sobre las temáticas de estudio.

Utilizamos como factores, los listajes de las disertaciones de Maestría de los cursos de Historia, Geografía, Lingüística, Educación y Economía,

<sup>32</sup> ANDRADE, M.C. *Os estudos sobre mulheres e gênero nas monografias do curso de História (1987/98)*. Uberlândia, 2000.

CASTRO, A. P. C. *Violência de Gênero: família e crimes contra os costumes em Uberabinha (1900-1940)*. Uberlândia, 2000.

FERNANDES, G. H.A.M. *Fragmentos de experiências: memória das mulheres idosas em Uberlândia (1990-1998)*. Uberlândia, 1998.

FRANÇA, E. *A importância da mulher negra na obra Casa Grande e senzala*. Uberlândia, 1996.

ROSA, K. M. *Mulheres e Aids: expressões da violência (1985-2000)*. Uberlândia, 2001.

<sup>33</sup> MONTANDOM, R. M. E. *Dona Beja: desfazendo as teias do mito*. Dissertação de Mestrado, Instituto de História, UFU, 2002.

PORTO, M. F. S. *Com licença eu vou a luta. As mulheres empresárias na cidade de Patos de Minas- MG*. Dissertação de Mestrado, Instituto de História, UFU, 2001.

<sup>34</sup> CASTRO, M.F.G. *A interação masculino e feminino em contexto universitário de aula de conversação em Língua Estrangeira (Inglês)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras e Linguística, UFU, 1998.

FREITAS, I. L. *A construção de identidade*

definidas, conteniendo título de trabajo, autor(a) y año de defensa. Fueron considerados los trabajos que ya demostraban en el título una preocupación central con la mujer, bien como aquellos que presentaban la realización de un abordaje sexuada de temáticas. Consideramos que si los títulos no son capaces de abarcar la totalidad de las obras que anuncian, con todo dicen mucho sobre ellas.

La existencia del NEGUEM junto al Instituto de Historia de la Universidad Federal de Uberlândia favorece una producción mas sistemática de trabajos monográficos por los(as) alumnos(as) en final de curso. Las monografías definidas por los (as) discentes abordan la temática de género y de Historia de Mujeres a partir de diversas perspectivas, como el candomblé, la homosexualidad, el mercado de trabajo, las representaciones sociales, la política, el Sida, entre otras<sup>32</sup>. El número de trabajos realizados sobre la temática de género, por los(as) graduandos(as) es significativamente mayor que en el postgrado, con todo un análisis completo de las listas de los trabajos monográficos definidos consistiría en una actividad exhaustiva debido a la no actualización de los datos.

En la maestría en Historia debido al corto tiempo de existencia (2000) de un total de 52 disertaciones hasta el año de 2002, apenas dos<sup>33</sup> estaban ligadas a las discusiones de género o la Historia de Mujeres.

En otros cursos de la UFU constatamos que el número de monografías y disertaciones envolviendo el tema género o mujeres también es reducido. En la Maestría en Linguística con cerca de 60 defensas, solamente dos disertaciones<sup>34</sup> versan sobre el tema en cuestión. Mientras que en Educación, de un total de 130 defensas, hay tres títulos<sup>35</sup>. En la Geografía, de 76 defensas hay apenas una disertación<sup>36</sup>. En la Maestría en Economía, creado en 1996, encontramos apenas un título sobre la mujer en el mercado de trabajo<sup>37</sup>.

De las disertaciones defendidas sobre la temática observamos que sus autores (as) son predominantemente del sexo femenino. Con

de garotas adolescentes em revistas femininas. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras e Linguística, UFU, 2000.

<sup>35</sup> MELO, G. F. *Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina* (Colégio Nossa Senhora das Dores - Uberaba, 1940-1960), Mestrado em Educação, UFU, 2002.

TEIXEIRA, F.B. *Meninas e meninos na educação infantil: uma aquarela de possibilidades*. Mestrado em Educação, UFU, 2001.  
RAMOS, L.C. *Uma História da Educação feminina em Uberlândia: o cotidiano e as representações sociais do Colégio Nossa Senhora das Lágrimas (1930 a 1940)*, Mestrado em Educação, UFU, 2003.

<sup>36</sup> CARNEIRO, E. B. *Da Bélgica a Montes Claros. A memória das irmãs do Sagrado Coração de Maria e a construção do espaço feminino na cidade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Geografia, UFU, 2003.

<sup>37</sup> DOMINGUES, J. P. S. *A inserção da mulher no mercado de trabalho no Estado de Minas Gerais na Década de 90*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Economia, UFU, 2002.

<sup>38</sup> ANDRADE, L. S. *Gênero e ONGs: um estudo de*

relación a las monografías, apesar de la preponderancia de autoras, hay algunos títulos producidos por hombres, siendo más acentuadas que en las disertaciones de maestría. Como por ejemplo, en el curso de Ciencias Sociales, que no posee postgrado *stricto sensu*, tiene en las 17 monografías defendidas hasta el momento un título sobre género que es de autoría masculina<sup>38</sup>.

Si evaluamos el impacto de las discusiones de género y de la influencia del NEGUEM a partir de estos números percibimos que el impacto y la influencia quedan a desear, una vez que la UFU posee 34 cursos de graduación y varias maestrías y doctorados. ¿A que debemos atribuir este número reducido de trabajos?

Conforme Marina Alves Amorim<sup>39</sup>, si por un lado, la existencia de una jerarquía social de objetos de investigación y de temas acabó por conferir un lugar marginal a las mujeres, lo que explicaría el número poco expresivo de estudios sobre la temática, por otro, no se debe menosprezar el papel de la subjetividad del (a) investigador(a), ya que las mujeres constituyen, en las universidades brasileñas, la mayoría de los(as) estudiantes de las áreas de Ciencias Humanas. Así, los estudios de género en la Universidad Federal de Uberlândia apesar de los esfuerzos de la equipe del NEGUEM aún constutuyen en algo a parte, no habiendo aún conseguido despertar investigadores(as) y alumnos(as) para la comprensión e importancia de la temática en lo que tange a la revisión de las Teorías del Conocimiento bajo la mirada del género.

### **3 – Visibilidad y Repercusión de los Movimientos de Mujeres: el papel de los Centros, Jefaturas y ONGs feministas**

Después del primer momento de afirmación del feminismo como un movimiento social y político, que luchaba por los derechos de la mujer, pero que también se ponía en la lucha por la redemocratización del país, es que las

caso da Rede Cerrado. Uberlândia, 2000.

<sup>39</sup> AMORIM, M. A. "Combates pela História": a "guerra dos sexos na historiografia". In: *Cadernos Pagu*, Campinas: Unicamp, n° 20, 2003.

feministas brasileñas pasaron a proponer una nueva concepción de política, ampliando los propios temas relativos a las cuestiones antes relacionadas a la esfera privada.

En las elecciones de 1982, cuando después de un largo período de dictadura militar, y los gobernadores volvieron a ser electos por el voto directo, los movimientos de mujeres propusieron que sus reivindicaciones fueran incorporadas a los programas de los candidatos democráticos, entre ellas la cuestión de la violencia contra la mujer.

Algunas feministas vinculadas al Partido de la Mobilización Democrática en Brasil – PMDB, partido que conquistó el gobierno del Estado de São Paulo, reivindicaron la formación del Consejo Estadual de la Condición Femenina, órgano volcado para definir políticas públicas presentando en su programa cuatro prioridades: jardinería, salud, violencia y trabajo.

En vista del estrangulamiento que las mujeres enfrentaban en las jefaturas comunes de la policía, fue creada la primera Jefatura Policial de Defensa de la Mujer en Brasil en el día 06 de agosto de 1985, por el gobernador de São Paulo Franco Montoro. Similares fueron creadas en el interior del Estado de São Paulo y en casi todos los demás estados brasileños.

Esta importante iniciativa contribuyó para traer la luz un fenómeno históricamente oculto y considerado "normal" por la sociedad: la violencia doméstica. Violencia hasta entonces no desvendada, principalmente por la resistencia de las propias mujeres vitimadas, que siempre tuvieron dificultad en exponer las agresiones y humillaciones sufridas a un policía del sexo masculino, por la falta de imparcialidad y respeto de esos policías.

Hoy, en Brasil, en un total de 5507 municipios hay 339 jefaturas de mujeres, que están concentradas en las ciudades de medio porte y en las capitales, contando con una infraestructura básica, funcionários(as) multidisciplinares incluso para trabajar la cuestión de género. En Uberlândia la Jefatura de Mujeres fue creada en febrero de 1987, partiendo de una iniciativa del edil Geraldo

Gomes Rezende, que presentó a la Cámara Municipal un requerimiento, solicitando el encaminamiento para el Secretario de Estado de la Seguridad Pública, Crispin Jacques Bías Fortes, oficio con tal reivindicación. Esa era una antigua lucha del movimiento de mujeres uberlandenses.

En 1985 también fue creado el Consejo Nacional de los Derechos de la Mujer (CNDM), órgano vinculado al Ministerio de la Justicia en el intuito de implementar los compromisos internacionales asumidos por Brasil. En 1997, después de amplia discusión con la sociedad civil, el Consejo lanzó el documento Estrategias de la Igualdad. Este texto, además de consolidar metas ya establecidas en el Programa Nacional de Derechos Humanos, lanzado por el Ministerio de la Justicia, en mayo de 1996, por intermedio de la Secretaria de Estado de Derechos Humanos, propone por primera vez, en el contexto brasileño, un conjunto integrado de políticas públicas e iniciativas de la sociedad civil, visando la consolidación de una plena ciudadanía de las mujeres.

Varias políticas públicas coordinadas en nivel federal con sus Consejos Estaduales y Municipales vienen produciendo efectos en diversos sectores en Brasil. En el combate a la pobreza, se salienta la priorización de la mujer en la selección de financiamentos habitacionales, cuando ella es jefe de familia; el apoyo a la agricultura familiar; la cualificación para el trabajo y el apoyo a la generación y renta.

En la educación, la gran beneficiaria ha sido la mujer, que ocupa 51% de las matrículas escolares en todos los niveles y estudia mas tiempo que el sexo masculino. La caída del analfabetismo es mas acentuada entre las mujeres que entre los hombres. Se salientan igualmente los servicios de salud volcados para las mujeres, como la mejoría de la cualidad de la asistencia, gestaciones de riesgo, y pre-natal; prevención, diagnóstico y pronto tratamiento del cáncer de colo de útero y mama, además del atendimento a la mujer víctima de violencia.

Las mujeres brasileñas vienen conquistando su espacio en el mercado de trabajo, pero aún reciben menores salarios y tienen acceso restringido a determinadas ocupaciones. Fue establecida por ley un percentual mínimo, ahora de 30% de candidaturas femeninas en las listas de los partidos políticos y coligaciones.

Las ONGs feministas nacionales (anexo 2) han tenido un papel central en la formación de variadas formas de articulaciones formal e informal, funcionando como puntos nodales a través de los cuales el disperso y fragmentado campo feminista permanece articulado discursivamente. También ha sido fundamentales para mantener las mallas o redes político/comunicativas del movimiento social – las conexiones capilares que entrelazan las feministas y sus aliados que hoy ocupan una amplia variedad de lugares sociales (anexo 3). Las ONGs actúan tanto en el campo de la política, en general, de las políticas públicas, en particular incidiendo su acción en el campo cultural y simbólico y en las relaciones de poder/género que se constituyen y se reconfiguran continuamente.

Al lado de las Jefaturas de Mujeres, de los Consejos Estaduales y Municipales, y de las ONGs la última década del siglo XX, vió surgir las Casas-Abrigo que se constituyeron en locales para mujeres y hijos(as) menores en situación de riesgo y bajo amenaza por vivenciaren la violencia intrafamiliar. Las primeras casas inauguradas fueron en Porto Alegre - RS, Viva Maria, y en el Distrito Federal. Actualmente, son 95 Casas-Abrigo en funcionamiento en Brasil.

En Uberlândia, la Casa-Abrigo Travesia fue inaugurada en octubre de 2002 por iniciativa de la ONG SOS-Mujer/Familia con apoyo del Consejo Municipal de la Mujer y del Núcleo de Estudios de Género e Investigación sobre la Mujer-NEGUEM/UFU. El recurso monetario fue conseguido de emenda parlamentaria del Diputado Federal Gilmar Machado. La Intendencia Municipal de Uberlândia entró con la donación del terreno y contrapartida financiera. El acompañamiento de la ejecución

del proyecto y los trámites legales quedaron al encargo de la División de los Derechos de la Mujer y Políticas de Género de la Secretaría Municipal de Desarrollo Social.

Durante las décadas de 80 y 90 del siglo XX las feministas pasaron a pensar en si mismas bajo una óptica propia, dando visibilidad al que antes fuera escondido y rechazado, lo que inevitablemente llevó a una radicalización de la pontencialidad transformadora de la cultura femenina/ista en contacto con el mundo masculino. En ese sentido, el feminismo, sea como modo de pensamiento o como un conjunto de prácticas políticas y sociales, contribuye y ha contribuído para la crítica cultural contemporanea. Para además de la desconstrucción ideológica, conceptuales, políticas, sociales y sexuales que nortean y organizan nuestro mundo, el feminismo dió visibilidad no apenas a las cuestiones femeninas, pero a las formas de exclusión que operan en nuestra sociedad reconstruyendo un nuevo concepto de ciudadanía, en un campo en constante mutación.

## **Consideraciones Generales**

De lo expuesto en el decurrir del texto se siguen las siguientes indagaciones:

- ♦ ¿Continúan, en Brasil, los estudios de mujeres y género un gueto en las universidades, en que pese la proliferación de GTs, de la producción científica y académica y el número cada vez mayor de encuentros, congresos y seminarios?;
- ♦ ¿Por qué estos estudios aún no avanzaron y migraron para las áreas de las Ciencias Exatas y Biomédicas y, mismo en las Ciencias Humanas en cursos como Economía, Administración, Derecho, Geografía, Artes Plásticas, Filosofía y otros?;
- ♦ ¿Cuál la significación de la Historia de las Mujeres y Relaciones de Género como campos de interés para las Ciencias del Conocimiento?;

- ♦ ¿Por proponer una revisión epistemológica, cuestionar las Teorías del Conocimiento y demostrar concepciones arriesgadas, los estudios sobre mujeres y género intimidan e “aislan” investigadores(as) y posibilidades de investigaciones?

Estas indagaciones hacen parte de las inquietudes y constituyen el objetivo de las discusiones del NEGUEM, en el presente momento, como también apuntan para la necesidad de la revisión de estrategias académicas para alargar el campo de actuación de los estudios sobre mujeres y género en Brasil.

## **ANEXO 1**

### **RELACIÓN DE LAS PUBLICACIONES FEMINISTAS EN BRASIL\***

\* Algunos datos fueran enviados pela Revista *Estudos Feministas*.

Publicação: Um Outro Olhar  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: Fazendo Gênero  
Cidade: Goiânia-GO

Publicação: Rede Mulher de Educação  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: Cunhã – Coletivo Feminista  
Cidade: João Pessoa-PB

Publicação: CEMINA – Comunicação, Educação e Informação  
Cidade: Rio de Janeiro-RJ

Publicação: Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: PAGU / UNICAMP  
Cidade: Campinas-SP

Publicação: THEMIS  
Cidade: Porto Alegre-RS

Publicação: Gênero Cadernos do NUTEG/UFF  
Cidade: Niterói-RJ

Publicação: CFÊMEA/Centro Feminista de Estudos e Assessoria  
Cidade: Brasília-DF

Publicação: SOS CORPO/Gênero e Cidadania  
Cidade: Recife-PE

Publicação: Católicas pelo Direito de Decidir/CDD  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: ANIS/Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero  
Cidade: Brasília-DF

Publicação: CEPIA/Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação  
Cidade: Rio de Janeiro-RJ

Publicação: REDE SAÚDE  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: SOF/SempreViva Organização Feminista  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: Caderno de Pesquisa e Debate do Núcleo de Estudos de Gênero/UFPR  
Cidade: Curitiba

Publicação: Mandrágora/Núcleo de Estudos Teológicos sobre a Mulher  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: AGENDE/Ações em Gênero, Cidadania e Desenvolvimento  
Cidade: Brasília-DF

Publicação: GELEDÉS/Instituto da Mulher Negra  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: Casa da Cultura da Mulher Negra de Santos  
Cidade: Santos-SP

Publicação: Maria Maria  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: União Brasileira de Mulheres  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: Criola  
Cidade: Rio de Janeiro-RJ

Publicação: Fala Preta  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: Maria Mulher/Organização de  
Mulheres Negras  
Cidade: Porto Alegre-RS

Publicação: Associação de Mulheres Unidas para  
Vencer  
Cidade: Macapá-AP

Publicação: Caderno Espaço Feminino/Núcleo de  
Estudos de Gênero e Pesquisa Sobre a Mulher/  
NEGUEM/UFU  
Cidade: Uberlândia-MG

Publicação: Gênero em Pesquisa/Núcleo de  
Estudos de Gênero e Pesquisa Sobre a Mulher/  
NEGUEM/UFU  
Cidade: Uberlândia-MG

Publicação: Coleções Bahianas/NEIM/UFBA  
Cidade: Salvador-BA

Publicação: Revista Estudos Feministas/UFSC  
Cidade: Florianópolis-SC

Publicação: Revista Estudos Feministas/  
Universidade Católica de Pelotas  
Cidade: Pelotas-RS

Publicação: Rede Nacional Feminista de Saúde e  
Direitos Reprodutivos  
Cidade: São Paulo-SP

Publicação: Editora Mulheres  
Cidade: Florianópolis-SC

## ANEXO 2

### RELACIÓ N DE CENTROS/REDES/ONGs FEMINISTAS BRASILENÃ S

A MULHERADA - Grêmio Comunitário e Carnavalesco – BA
ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids – RJ
ACRE – Rede Acreana de Mulheres e Homens
ADVOCACI – Advocacia Cidadã pelos Direitos Humanos – RJ
AGENDE – Ações em Gênero, Cidadania e Desenvolvimento – DF
ANIS – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero – DF
Articulação de Mulheres Brasileiras – SP
Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras – SP
Casa da Mulher Lilith - SP
Casa da Mulher Negra – Santos –SP
Católicas pelo Direito de Decidir – SP
CEMINA - Comunicação, educação e Informação em Gênero – RJ
Centro da Mulher 08 de Março – PR
Centro Dandara de Promotoras Legais Populares – SP
CEPIA – Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação – SP
CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria – DF
Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde – SP
Conselho Nacional dos direitos da Mulher – DF
CRIOLA – Rede Informação Aids – RJ
Cunha Coletivo Feminista – PR
ECOS – Comunicação em Sexualidade – SP
FALA PRETA – Organização de Mulheres Negras – SP
GAPA – Grupo de Apoio à Prevenção da Aids – RS
GELEDÉS – Instituição da Mulher Negra – SP
GEM/UFBA - Grupo de Estudos sobre Saúde da Mulher – BA
Gestos: Soropositividade, Comunicação e Gênero – PR
Grupo Curumim – PR
Grupo transas do Corpo – GO
IBAM – Núcleo de Estudos Mulher e Políticas Públicas – RJ
Instituição para Promoção da Equidade – SP
Instituição Patrícia Galvão - Comunicação e Mídia – SP
Instituição Terra Viva - Mulher, família e Sociedade – SP
Loucas de Pedra Lilás – PE
Movimento de Liderança de Mulheres da Zona Noroeste – SP
MUSA – Mulheres e Saúde - Centro de Referência de Educação em Saúde da Mulher- BH
Projeto Espaço Mulher – SP
PRÓ-MULHER – SP
Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas – RS
Rede Mulher de Educação – SP
Rede Mulher de Educação – SP
Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos -BH
REDEFEM – Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas – DF
REDEH – Rede de Desenvolvimento Humano – RJ
REDOR-Rede Feminista Norte Nordeste Estudos sobre a Mulher e Relações de Gênero-BA
SER MULHER – Centro de Estudos e ação da Mulher – RJ
SOF- Sempreviva Organização Feminista – SP
SOS Corpo Gênero e Cidadania – PE
SOS Mulher – São José dos Campos – SP
THEMIS – Assessoria e Estudos de Gênero – RS
Tver - União Brasileira de Mulheres – SP

### Anexo 3

## RELACIÓN DE SEMINÁRIOS/ENCUENTROS/FOROS/ CURSOS SOBRE LA TEMÁTICA GÉNERO

2002

Fórum da REDEFEM (Rede de Estudos Feministas) de 31/01 à 04/02/2002 - Porto Alegre/RS	Promoção: REDEFEM
Novas Tecnologias e Valores Humanos: a relação Étnica e de Gênero no milênio de 06 à 08/03/2002/São Paulo	Promoção: Conselho Estadual da Condição Feminina /SP
Conquistar Poder para Garantir Direitos de 22/03 à 05/04/2002/São Paulo	Promoção: Cons. Est. Da Condição Feminina CECF/SP
Governo Local e Desigualdades de Gênero de 10 a 11 de 06/2002 em SP	Promoção: FGV/EAESP/Fundação Hewlett/Fundação Ford/Agende
Seminário Gênero, Violência e Cotidiano de 10 a 12 de 06/2002/Viçosa/MG	Promoção: Universidade Federal de Viçosa/NIEG
2 Encontro Mineiro da Mulher Empreendedora de 28 a 29 de 06/2002/Belo Horizonte/MG	Promoção: Ass. Com. De Minas/ Cons. Da Mulher Empreendedora/Sebrae
Debate: As Mulheres e as eleições de 2002 no dia 06/08/2002/São Paulo	Promoção: OAB/SP; Art. de Mulheres Brasileiras/SP; Comitê de Org. Fem. SP
1 Feira de Livros Feministas de Recife de 22 a 23/08/2002/Recife/PE	Promoção: SOS Corpo de Recife/PE
1 Encontro Brasileiro de Publicações Feministas de 7a 9 09/2002/Florianópolis/SC	Org. Revista Estudos Feministas / UFSC
8 Curso de Promotoras Legais Populares de 28/09/2002 São Paulo	Promoção: Inst. Bras. Advocacia Pública de SP
A Participação da Mulher nos Estudos Comunicacionais Latino-Americanos em 09/2002/São Paulo	Promoção: UMESP - Universidade Metodista de SP
Encontro Internacional Fazendo Gênero de 8 a 11 de 10/2002/Florianópolis/SC	Promoção: UFSC

**2003**

I Seminário Internacional A Educação e o Gênero Feminino. Reflexões sobre a posição da mulher no cenário educacional de 06 à 08 de 03/2003/ Ribeirão Preto/SP	Promoção: GRUHBAS Projetos Educacionais e Culturais
Novas Tecnologias Reprodutivas Conceptionais: Questões e Desafios de 19 à 20/03/2003/RS	Promoção: Núcleo de Identidade de Gênero e Subjetividade/UFRS
Seminário "A Mulher e a Desigualdade Social" Encontro Nacional do Banco da Mulher no dia 28/03/2003/RJ	Promoção: Associação Comercial do RJ
II Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais de 08 à 11/04/2003 / SC	Promoção: UFSC
Seminário "As Mulheres na Reforma da Previdência: O desafio da inclusão social" de 03/06/2003/ Brasília/DF	Promoção: FEMEA/Bancada Feminina do Congresso Nacional e a Comissão Especial para a Reforma da Previdência Social
Seminário "Feminismo, Movimentos de Mulheres" no dia 11/06/2003/Campinas/SP	Promoção: PAGU/UNICAMP
II Seminário Internacional Homens, Sexualidade e Reprodução: Tempos, práticas e vozes de 17 à 20/06/2003/Recife/PE	Promoção: Instituto Papai /FAGES-UFPE/NEPO- Unicamp/Grupo Pegapacapá
Seminário Nacional "Violência contra a Mulher e Saúde: Um olhar da mulher negra" 19 a 22/06 de 2003/Santos/SP	Promoção: Casa de Cultura da Mulher Negra
Seminário: Sexualidades e Saberes: Convenções e Fronteiras" de 26 à 27/06/2003/Campinas/SP	Promoção: PAGU/ Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos
III Encontro de Mulheres do Vale do Paraíba em 28/06/2003/Pindamonhangaba/SP	Promoção: Cons. Latino-Americano de Igrejas e Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
Seminário "Arte, Corpo e Tecnologias Digitais" de 16/06 à 04/07/2003/RS	Promoção: UFRS/Psicologia Social
Sexualidade, Violência e Justiça de 09 à 10/07/2003/RJ	Promoção: Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos/INS/UERJ; Centro de Estudos de Segurança e Cidadania/UCAM
IV Encontro da Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas Feministas "Mercosul Feminismos em Comum" de 08 à 11/10/2003/Gramado/RS	Promoção: REDEFEM
II Simpósio Internacional "As mulheres e a Filosofia. A Linguagem ou algo do Gênero" 11/11/2003/São Leopoldo/RS	Promoção: UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

O II Encontro Nacional e I Internacional de Publicações Feministas de 26 à 28/11/2003/Florianópolis/SC	Promoção: Revista Estudos Feministas/UFSC
I Seminário Internacional: O Feminismo acadêmico em Debate. IX simpósio Baiano de Pesquisadoras(es) sobre mulher e relações de gênero de 25 'a 28/11/2003/Salvador/Ba	Promoção: NEIM/UFBA
12 Conferência Nacional de Saúde de 07 'a 11/12/2003/Brasília/DF	Promoção: Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos
Programa Internacional de Formação e Capacitação em Direitos Humanos das Mulheres 23/11 'a 06/12/2003/RJ	Promoção: Cons. Estadual da Condição Feminina RJ
Seminário Família e Sociedade "Relação entre Público e o Privado" Agosto – 04 e 18/Setembro- 01 e 22/ Outubro – 06 e 20/Novembro – 03 e 17/Dezembro – 01/São Paulo	Promoção: NEMGE/USP

## BIBLIOGRAFIA

AMORIM, M. A. "Combates pela História": a "guerra dos sexos na historiografia". *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, nº 20, 2003.

COSTA, Albertina. de O. O campo de estudos da mulher no Brasil – período de formação. In: *Mulher e relações de gênero*. São Paulo: Loyola, 1994.

\_\_\_\_\_. Os estudos da mulher no Brasil ou a estratégia da corda bamba. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/EFRJ, 1994.

COSTA, Ana; SARDENBERG, Cecília M. B. Teoria e práxis feministas na Academia. Os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, 1994.

GREGORI, Maria Filomena. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sergio (Org.). *O que ler na Ciência Social brasileira. (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré/ANPOCS, 1999, p.223-235. v. 2.

RODRIGUES, Jane de F. S. As ciências sociais e a construção dos estudos sobre mulheres: apontamentos para uma abordagem historiográfica. *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia: UFU/ Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher/NEGUEM, nº 1, 1994.

\_\_\_\_\_. Os estudos sobre mulheres e gênero: a emergência de um novo campo do saber. *Boletim NEGUEM*. Uberlândia: UFU, nº 7, 1996.

\_\_\_\_\_. O gênero na Universidade: desafios e perspectivas. *Boletim NEGUEM*. Uberlândia: UFU, nº 9, 1997.

\_\_\_\_\_; BORGES, Dulcina Tereza B. El Género en la Universidad y los currículos universitarios. *Serie Documentos*. Programa Interdisciplinario de

Estudios de Género. Santiago do Chile:  
Universidade de Chile, dec.1998.

SORJ, Bila; HEILBORN, Maria Luiza. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sergio (Org.). *O que ler na Ciência Social brasileira. (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré/ANPOCS, 1999, p. 183-221. v. 2.

# O gênero da dúvida. A noção de gênero de Marilyn Strathern e o cinema

Ana Lúcia Modesto\*

**Resumo:** A autora faz uma leitura do conceito de gênero em Marilyn Strathern indicando a íntima relação entre gênero/ação/relação social, discutindo a própria natureza da ação social. Segundo ela, o cinema ilustra o conflito que o ocidente enxerga entre duas forças distintas da vida social, e que são simbolicamente representadas no imaginário social pelas relações de gênero, a saber, a oposição entre a força material, e a espiritual, sublimada, simbólica.

**Palavras-chave:** Gênero, Relação Social, Cinema

**Abstract:** The author makes a reading of the concept of gender in Marilyn Strathern indicating the close relation between gender/action/social relation, arguing the proper nature of the social action. According to her, the cinema illustrates the conflict that the western saw between two distinct forces of the social life, and that symbolically they are represented in the social imaginary for the gender relations, to know, the opposition between the material force, and the spiritual, sublime, symbolic.

**Key Words:** Gender, Social Relation, Cinema

\* Profa. Depto Ciências Sociais da UFMG. Doutoranda no programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UNICAMP.

Uma sensação estranha acompanhou nossa leitura do livro *The gender of the gith*: a de que realidades antes concretas estavam sendo transformadas em ficções fora do controle. E isto não só porque conceitos básicos da sociologia, nossa área de formação, como sociedade e indivíduo, eram exibidos como objetos obsoletos pela senhora Marilyn Strathern. Mas, sobretudo, porque Strathern expõe em seu livro uma outra racionalidade que não conseguimos acompanhar – na verdade, uma racionalidade totalmente outra.

Sabemos que, já há algum tempo, estudiosos de outras culturas procuram demonstrar que existe mais de um tipo de razão, ou lógica, ou pensamento, e que todos são eficazes. Mas, apesar das diferenças destacadas, dá para acompanhar com tranquilidade a exposição das características do pensamento selvagem em Lévi-Strauss, ou a representação da pessoa e do tempo em Bali, feita por Geertz. E no final até achamos que eles, os adeptos de outra forma de

racionalidade, são diferentes de nós e iguais ao mesmo tempo. Possivelmente devido à boa tradução produzida pelos antropólogos. Mas Marilyn Strathern, decididamente, tem alguma coisa contra certos tipos de tradução (e tradutores). Diferenças bem marcadas, os melanésios by Strathern se transformam no Outro Absoluto da sociedade e razão ocidental. Espaço dos limites. Ou da loucura.

Mas, apesar de ter de sentir, a cada capítulo, em lugar de certezas facilmente adquiridas, a angústia da dúvida, vale a pena o esforço de continuar tentando compreender Marilyn Strathern, agora através de uma análise escrita de suas idéias. O resultado, sabemos, não será nada brilhante. Pode ser até que no desejo de entender Strathern e usar suas idéias para traçar uma trajetória para nosso objeto de estudo, acabemos por cometer pequenas violências, vulgarizando ou distorcendo alguma coisa. Não há como esconder a falta de jeito para acompanhar textos que nos parecem labirintos construídos com paredes de porcelana. Em algum momento, na busca ansiosa do caminho certo, acabamos sempre quebrando alguma coisa.

## I. Ações e Relações

Logo no prefácio de *The gender of the gith*, ao apresentar sua primeira definição de gênero, Marilyn Strathern deixa claro para o leitor a abrangência do conceito de gênero com o qual trabalha, explicando que o mesmo abarca "those categorizations of persons, artifacts, events, sequences, and so on which draw upon sexual imagery \_ upon the ways in which the distinctiveness of male and female characteristics make concrete people's ideas about the nature of social relationships" (Strathern, 1988, p. IX). Investigando uma sociedade onde o simbolismo de gênero ocupa uma posição axiomática na concepção da vida social, a antropóloga demonstra a íntima relação entre gênero/ação/

relação social, e encara o desafio que tal equação deixa subjacente: o de discutir a própria natureza da ação social. Sem este esforço, a real compreensão das relações de gênero ficaria comprometida, e acabaria substituída por uma série de chavões \_ prática que a senhora Strathern abomina. Essa compreensão é essencial, até porque não é o correto classificar objetos ou eventos, ou mesmo pessoas, como femininos ou masculinos como se isso fosse uma característica intrínseca das coisas. "The basis for classification does not inhere in the objects themselves but in how they are transacted and what ends", explica a antropóloga, para definir em seguida que "the action is the gendered activity" (Strathern, 1988, p. XI).

Para que essa relação entre ação social/ relações de gênero na Melanésia fique plenamente compreensível, é preciso entender, em primeiro lugar, a importância da troca de dádivas naquela sociedade, já que este tipo de troca ocupa ali a condição de princípio básico da organização social. Boa parte do trabalho de Strathern é dedicada a análise das diferenças entre as formas dádiva/mercadoria e é aqui também que o olhar perspicaz da antropóloga inglesa mostra toda a sua incomensurável capacidade de visão. Ela não apenas supera Mauss e Lévi-Strauss, ao demonstrar a importância e amplitude da troca de dádivas dentro de uma sociedade, como consegue enxergar relações entre a forma mercadoria e a visão de mundo ocidental que nunca foram percebidas em sua plenitude por Marx e seus discípulos. Aliás, Strathern se dá ao luxo de analisar o fetichismo da mercadoria sem fazer qualquer referência à Marx e ao famoso primeiro capítulo do *Capital*, que não são citados nem na bibliografia do *The gender of the gift*. Tudo bem, já que qualquer aprendiz de sociologia logo percebe que a leitura do clássico não fez falta.

Os efeitos do fetichismo, segundo Strathern, não se limitam à dissimulação denunciada por Marx, quando este declara que a forma mercadoria encobre "as características sociais do

próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho", ocultando assim "a relação social entre os trabalhos individuais dos produtores e o trabalho total, ao refleti-la como relação social existente, à margem deles, entre os produtos de seu próprio trabalho" (Marx, 1985, p. 81). Que as pessoas apareçam como coisas e a relação entre elas apareça não como uma relação social mas uma relação entre coisas, é o primeiro nível do fetichismo, mas existem outras dimensões, que influenciarão diretamente na própria noção de sociedade e indivíduo, tal como foram produzidos no Ocidente.

E essa influência é sentida não apenas no sentido que essas noções recebem no "senso comum", mas também no campo "científico". De certa maneira, é a mesma preocupação manifesta por Dumont (é preciso combater a visão individualista para entender a sociedade) mas num outro nível, pois enquanto Louis Dumont estuda a ideologia individualista, a "superestrutura", Strathern mergulha na "base" do problema \_ a produção e troca de mercadorias. Logicamente, forma de encarar a relação entre Dumont e Strathern é só um exercício para deixar claro a diferença entre ele, já que a antropóloga inglesa rejeita essa separação entre "superestrutura" e "base produtiva", separação esta que é, em si mesma, consequência do domínio da forma mercadoria.

É consequência do domínio da forma mercadoria não só a noção de indivíduo, como proprietário de si mesmo, do seu corpo, de sua mente e de seu próprio destino (como acontece numa era dominada pela ideologia liberal), e portanto senhor de suas ações, como outras versões disfarçadas desse axioma. Como, por exemplo, a noção de socialização. De Berger a Bourdieu, para citar apenas dois nomes célebres, a formação do indivíduo social é vista como algo análogo a produção da mercadoria. A criança, ao surgir nas fronteiras do mundo social, é matéria-prima em estado bruto, destituída de capital/

valor, e vai pouco a pouco sendo produzida, recebendo valores e versões de mundo, numa linha de montagem imaginária, que começa no corpo da mãe. Como descreve a antropóloga, "the Western imagination plays with the idea that mothers make babies in the same way as a worker make a product, and that work is their value" (Strathern, 1988, p. 315). E assim como, após muito trabalho e esforço, o produto é alienado das mãos do trabalhador, "the child produced by the mother must be separated from her, socialized, and remoded in order to enter the world as na entity with its own value" (Strathern, 1988, p. 315). Assim são construídas pessoas e sociedades. E as semelhanças entre a visão da sociedade e do indivíduo (e da cultura) com o processo de produção e troca de mercadorias não terminam aqui.

A transmissão da cultura como uma propriedade é uma visão tão natural das coisas, que será aplicada pelo Ocidente no estudo de todas as sociedades, fazendo como que tal coisa apareça como uma espécie de necessidade universal. Afinal, "parece tão óbvio que as crianças tenham de 'aprender' cultura, 'aprender' regras sociais, tal como aprendem uma língua, que se supõem que os outros povos percebem a mesma necessidade" (Strathern, 1997, p. 12). Assim, por exemplo, antropólogos de diferentes estilos explicarão "os ritos de iniciação como instrumentos deliberados de socialização" (Strathern, 1997, p. 12), sem maiores questionamentos. Ritos de iniciação implicam em dor, esforço e auto-controle, e é com estes ingredientes que, tal como no caso da fabricação das mercadorias pelos operários, se produz a humanidade e seu mundo, a cultura/sociedade.

A economia de mercado está na base de construção da noção ocidental de gênero (homens e mulheres são distinguidos a partir das suas características intrínsecas, "naturais" como o valor de troca nas mercadorias), como também se faz presente naquela que é uma das principais noções da sociedade moderna: a de dominação.

Trocando em miúdos, dominar é exercer uma ação de propriedade/controlar sobre a subjetividade do outro, que pode ter diferentes graus, variando desde a opressão simbólica, que inibe a expressão da vontade do outro, até a violência física, que praticada em seu extremo, anula totalmente a condição do outro como sujeito. Pois "o exercício da violência visa mudar o outro, trazê-lo até o domínio da vontade de quem o exercita, submetendo o outro ao movimento que lhe subtrai a liberdade e que substitui a singularidade de sua inscrição no mundo pela generalização da vontade de comando, a qual, realizando-se, aliena-a de quem é por ela conduzido" (Soares, 1996, p. 19).

Usando ou não de violência, a dominação sempre implica em alienação e coisificação do outro \_ pelo menos é assim que pensam os ocidentais. A dúvida que fica, após a leitura de Strathern, é saber se todos esses conceitos construídos ao longo de séculos, como sociedade, socialização, dominação, sem falar de outros mais triviais que orientam o comportamento das pessoas no cotidiano, como masculino, feminino, indivíduo, são, como acreditávamos até há pouco, expressões fiéis da realidade, ou simplesmente falácias e fetiches que a produção e troca de mercadorias criam, na busca da transformação do absurdo em natural, a violência arbitrária em necessidade, o meramente conjuntural em lei da história.

São essas ficções sob controle, que usamos para descrever e explicar realidades, conhecendo seus limites, e até brincando com elas, ou são ficções que nos controlam? Com certeza, a senhora Strathern riria desse tipo de dúvida, que para ela não passa de outra bobagem ocidental, segundo ela a busca compulsiva da regressão infinita, a busca da verdade que sobrevivi debaixo de camadas de ideologias, no local mágico onde se separam o fictício do "realmente real", ou seja, "o que não pode ser construído pela vida social ou pela cultura dominante!" (Strathern, 1997, p. 45). O que devemos, então, fazer, minha senhora?

Pegar um barco e ir para a Melanésia, em busca de um objeto de estudo sociologicamente mais saudável? E se isto esse tipo de estratégia for também algum tipo de "regressão infinita" dissimulada?

De qualquer jeito, vamos para a Melanésia. Aqui, em lugar da alienação/coisificação de pessoas e relações sociais geradas na produção de mercadorias, temos uma vida social cuja organização é articulada pela troca de dádivas, e a circulação de objetos serve para marcar relações sociais: "gith exchange (...) involves a process in which human value is made apparent. Social relations are alternately eclipsed and revealed, but the partial concealment that results makes a drama out of their potential visibility" (Strathern, 1988, p. 167). Neste contexto, o domínio pertence a quem determina as conexões e desconexões criadas por tal circulação (Strathern, 1988, p. 167) .

Mas, é preciso muito cuidado com essa palavra \_ "domínio" \_ pois Strathern adverte várias vezes a seus leitores sobre o risco de se aplicar a noção ocidental de dominação numa realidade onde a mesma não tem sentido, já que ela implica na idéia de um poder constituído, uma relação contínua de posse/propriedade sobre o outro, o que não existiria na Melanésia. E isto vale igualmente, ou melhor, principalmente para as relações de gênero: "there are indeed situations in which men qua men dominate women qua women, though there is great variation across Melanesia, and the grounds of domination apply to both sexes" (Strathern, 1988, p. 326). Em lugar de dominação, a autora prefere falar em "acts of dominance", que consistem em tirar algum tipo de vantagem das relações criadas pela circulação de dádivas. Assim, "people are subverted by the actions of other people. Or they are attacked by nonhuman forces forever beyond their reach" (Strathern, 1988, p. 102). Mas isso não significa a visão de uma esfera da vida dominando sobre a outra, como no Ocidente.

Ações e relações são noções básicas para

se compreender a vida social na Melanésia. Aquilo que chamamos de sociedade e indivíduo são ali percebidos sobretudo como relações: cada pessoa é um microcosmo de relações sociais que são historicamente ativadas pelos agentes individuais (Strathern, 1988, p. 281), ou seja, as relações precedem as pessoas. Assim, em lugar do "indiviso" ocidental, Strathern prefere falar no "dividual" melanésio, entidade composta, como a própria sociedade em que vive. "Cada corpo é composto de diferentes identidades;" assim, "os corpos não pertencem às pessoas, mas são compostos das relações das quais uma pessoa é composta" (Strathern, 1997, p.30).

Isto não significa nenhuma anomia social \_ combatendo a "compulsão" ocidental de ver as sociedades (e os indivíduos) como um "todo", a autora, numa rara generalização de suas idéias, afirma que "culturas e sociedades nem são completamente inteiras nem divididas. Assim como as pessoas" (Strathern, 1998, p. 117). Nessa formação social, as relações de reciprocidade expressas pela troca de dádivas engendra uma troca de perspectivas, em que "cada pessoa vê a si mesma a partir do ponto de vista do outro" (Strathern, 1998, p.119). Isto é natural numa sociedade onde a importância das pessoas é determinada pelas relações nas quais se apoiam.

Trabalhando os seres humanos como entidades compostas e fluidas, que possuem fronteiras permeáveis, a antropóloga inglesa construirá um tipo ideal de pessoa que não apenas descreve os habitantes da Melanésia, mas com certeza estimula a dúvida em relação a certos modelos e reformulação do que talvez seja mais uma ideologia do que uma realidade ocidental. Strathern fala de pessoas com mentes divididas e de intenções conflitantes, mas que emergem como agentes individuais através da singularidade da ação (Strathern, 1998, p.116). Na verdade, "each act appers in a unique form because it is from any other by its aesthetic effect" (Strathern, 1988, p. 281). Da mesma maneira que a pessoa, o clã também ganha unidade quando

participa de um empreendimento. O ato individualiza.

Voltando ao início de nossa argumentação, toda essa complexa concepção de pessoa favorecerá o desenvolvimento de uma noção de gênero. "Male" e "female" possuem, cada um, os dois lados, o feminino e o masculino, sendo descartado uma metade na constituição de uma relação com outro. Masculino e feminino não são dois pólos opostos, como é concebido pela lógica binária ocidental; são antes refigurações um do outro. "Assim, o masculino pode ser percebido contendo o feminino e vice-versa, sem haver nada borrado ou ambíguo sobre ambos os gêneros" (Strathern, 1997, p.29). As relações de sexo oposto ("cross-sex") exprimem-se em termos de conjugalidade ou parentesco. O parentesco em si mesmo apresenta um padrão de relações com o sexo oposto, já que temos aqui uma sociedade formada por clãs agnáticos paternos, mas que são nutridos e protegidos por parentes maternos. (Strathern, 1998, p. 110). Nesse tipo de formação, as mulheres estruturalmente se situam "entre" grupos de homens, e possivelmente devido a isso as relações de sexo oposto são o foco de interesse mais das mulheres do que dos homens (Strathern, 1998, p. 111).

Durante a leitura do trabalho de Strathern percebe-se que algumas de suas colocações não agradam muito a algumas feministas. Sem querer entrar na briga, afinal nem temos arsenal teórico para usarmos em defesa ou ataque de alguma coisa, em nossa insignificante opinião, a perspectiva de Marilyn Strathern, é, no mínimo, mais interessante e muito inteligente. Em primeiro lugar porque ela consolida a tendência que rejeita os sexos como categorias reificadas, o que, além de dar um primado à biologia em detrimento da própria Antropologia, pode fazer do homem um ser biologicamente cultural, e mesmo naturalmente superior (Côrrea, 1997, p. 86).

Por outro lado, Strathern também nos livra da preocupação de procurar traçar a linha divisória entre o natural/verdadeiro e o que

construído socialmente, demonstrando que as coisas são bem mais complexas do que imagina a perspectiva ocidental. Além de autonomia, gênero ganha amplitude, e gostaríamos de usar o restante desse trabalho para demonstrar que o que foi aprendido durante o semestre já nos permite uma visão menos maniqueísta das relações de gênero no campo da cultura contemporânea, escapando de alguns vícios que percebemos numa certa literatura feminista sobre o tema. Avisamos que o que temos a apresentar é muito precário. Nada além de um esboço, a simples expressão de uma vontade \_ a de acompanhar, mesmo que seja na rabeira, o "movimento do feminismo de abandonar as estratégias narrativas de vitimação, polarização e os essencialismos, em favor de enredos de posicionamento relacional" (Corrêa, 1997, p.96).

### **No cinema, com Marilyn**

Não, Strathern não é Marilyn errada quando falamos de relações de gênero no cinema. Não que pretendamos aqui aplicar, contra a própria vontade da autora, suas idéias a uma realidade que ela não estudou. Mas do que idéias e conceitos, a melhor estratégia é procurar aprender a olhar como ela faz. Olhar e ver linhas de continuidade onde outros enxergam pólos em oposição. Olhar e perceber as presenças ostensiva e excessivamente negadas em certos ritos, e achar suspeita tanta vontade de negar. Olhar e olhando desconfiar de teses como a que E. Ann Kaplan (1995) defende, quando adere á idéia de que o olhar é masculino, ou da psicanalista Maria Rita Kehl (1996), de que o cinema, ao contrário da literatura, é masculino. Olhar nem que seja para confundir um pouco as coisas, e concluir que a sociedade euro-americana e sua "cultura" pode não ser nenhuma Melanésia, mas também não é tão simples como alguns pretendem mostrar. A teoria de Strathern também abre caminho para descobrirmos que não existe um único tipo de olhar.

O cinema é a melhor prova disso. Com seus diferentes tipos de enquadramento, a imagem cinematográfica consegue refletir com igual exuberância visões panorâmicas, ou os pequenos detalhes da vida que fazem as grandes diferenças. O olhar "macrosociológico", o olhar "etnográfico". E já que o mestre Lévi-Strauss descobriu, através de sua própria inadequação para o mesmo, que o trabalho de campo é uma "tarefa de damas" (Lévi-Strauss, 1990, p. 61), por exigir dedicação e paciência, vamos eleger esse olhar etnográfico como feminino. E não apenas nesse nível feminino e masculino se misturam nas telas, mas também na própria relação complexa entre os dois elementos básicos da linguagem cinematográfica: a imagem e o movimento. Por um lado, cinema, especialmente o hollywoodiano, é ação, portanto, machão, já que "o macho se define pela sua capacidade de ação. Não pára de agir, nem mesmo para pensar \_ cinematograficamente, pensar é agir" (Kehl, 1996, p.145). Isto é verdade, mas, como Kehl mesma reconhece, o cinema, mesmo o americano, não se restringe ao cinema de ação, e a imagem é vital, e ela, dentro da perspectiva ocidental, é perigosamente feminina (Barthes, 1984, p.112). Tal como os melanésios, o cinema é compósito.

Indústria e Cultura, o cinema ilustra em sua natureza compósita o conflito que o Ocidente enxerga entre duas forças distintas da vida social, e que são simbolicamente representadas no imaginário social pelas relações de gênero, "a saber, a oposição entre a força material, bruta, física e a força espiritual, sublimada, simbólica \_ bastante congruentes com a taxionomia que organiza as divisões entre os sexos" (Bourdieu, 1983, p.181). É interessante que o mesmo Bourdieu que proclama a universalidade da dominação masculina abra um espaço em um de seus trabalhos para falar que o conflito entre classes na França apareça no imaginário social como uma relação entre a força bruta (e portanto masculina) das classes trabalhadoras/dominadas e a força sublimada (efeminada) das classes

dominantes, reconhecendo que pelo menos na França o cultural é feminino, até na própria forma do uso cultivado da língua. Isto ocorre de tal maneira que a ascensão social dos filhos da classe operária apareça como efeminização do corpo e da fala, além da negação dos valores e hábitos masculinos (Bourdieu, 1983, p. 180).

A afirmação da masculinidade entre os dominados serve, muitas vezes, de compensação simbólica tendo em vista a desvalorização sócio-econômica; por outro lado, essa afirmação dos indicadores de virilidade, como a linguagem grosseira e atitudes violentas, de parte dos membros das classes dominadas, serve de justificativa de sua condição socialmente inferior.

Além da representação das diferenças de classe através de sua identificação com as relações de gênero, dentro da própria esfera dominante, também se verifica a oposição entre "o poder propriamente político e o poder cultural, que participa, por mais de um traço, da oposição entre masculino e feminino" (Bourdieu, 1983, p. 180). Ou seja, dentro da própria classe dominante se divide e representa suas tensões internas através do simbolismo de gênero. Artistas, intelectuais, produtores e consumidores de cultura, no sentido burguês da palavra, se opõe ao capital político-econômico. Como veremos a seguir, além da divergência quanto aos valores, essas duas frações da classe dominante apresentam estilos de vida e racionalidades diferentes, o que pode implicar, em determinados momentos em posturas políticas divergentes.

Ainda segundo Pierre Bourdieu, "as qualidades dominantes colocam duplamente em questão a virilidade, pelo fato de que sua aquisição demanda docilidade, disposição imposta à mulher pela divisão sexual do trabalho (e a divisão do trabalho sexual) e de que essa docilidade visa disposições em si mesmas femininas" (Bourdieu, 1983, p. 181). Os bons modos, as maneiras elegantes, o uso disciplinado do corpo, a etiqueta, a importância dada à aparência e o conseqüente cultivo da vaidade

faz com que o mundo da classe dominante seja marcado por um estilo de vida feminino. Além disso, o domínio socialmente aparece na sociedade burguesa não como resultado da força de guerreiros, mas da astúcia dos líderes. Destituída de força física, a astúcia, a manipulação do outro pelo uso da aparência e a facilidade na prática da dissimulação seriam, por excelência, armas femininas (Bourdieu, 1983, p. 180).

Apesar de todo o processo de vulgarização de mundo, que se tornou ainda mais forte na segunda metade do século vinte, o mundo da classe dominante ainda conserva algumas características da sociedade da corte descrita por Elias (1986), sempre possui uma racionalidade própria. Diferente da racionalidade científica, voltada para o domínio das forças extra-humanas, ou da racionalidade econômica, voltadas para o cálculo da eficaz relação entre meios e fins econômicos, o que caracterizava a racionalidade da vida cortesã e ainda caracteriza o mundo da cultura e do refinamento, "é basicamente uma planificação calculada do comportamento individual com vista a assegurar, na competição e sob pressão permanente, ganhos de estatutos e de prestígio mediante um comportamento adequado" (Elias, 1986, p. 67).

De maneira semelhante, hoje, na esfera da cultura, a imagem pessoal e sua manipulação são importantes, mesmo fundamental para afirmação do valor. Por ser a mulher tradicionalmente educada para agradar ao outro, o comportamento feminino é socialmente identificado com esse tipo de estilo de vida. Muito mais que o homem, a mulher deve se preocupar com sua imagem diante do outro; seu sucesso social depende inclusive da capacidade de usar sua imagem para encantar o outro, e assim conquistá-lo. Na busca da conquista do outro, a arte da dissimulação é a grande estratégia. A própria inteligência é, para a mulher, algo a ser habilmente escondido. Luisa Passerini (1996) fala, por exemplo, das jovens americanas das *high schools*, onde as mais inteligentes escondiam sua

capacidade para não prejudicar sua popularidade junto aos rapazes. Assim se fabricam louras (e morenas) burras. Na busca da imagem agradável, não por acaso, a sedução aparece como arte e estratégia de poder femininos. Por isso Baudrillard (1991) opõe ao poder masculino \_poder de produzir, o poder sobre o real \_ o feminino como poder da sedução, o senhor do reino das aparências, o domínio do mundo do simbólico.

Dessa associação do feminino com a cultura e o estilo de vida refinado, a relação entre o masculino/feminino aparece na forma do conflito selvagem/civilização, onde os defensores do selvagem/masculino tentarão desqualificar o mundo do feminino/civilizado, acusando-o de hipocrisia, repressão e malícia. Esse conflito, que tem longa história, foi revigorado nas últimas décadas, quando, especialmente no espaço do que pode ser chamado de cultura popular internacional, a apologia do selvagem ganhou força. O neo-barbarismo, em suas diversas versões, tem procurado, em sua luta contra as tiranias da civilização, defender e valorizar comportamentos que pareciam destinados à extinção.

Nesse aspecto, o cinema de ação tem, sem dúvida, papel importante. Seu herói e mito, o homem de ação incansável, se caracteriza pela vontade violenta de destruição do mundo, enquanto espaço do Outro e da Lei, e reconstrução de uma nova ordem fundada sobre sua força e sua verdade (Kehl, 1996). Narcisista e paranóico, o homem de ação é perseguido por todos, e demonstra que ninguém é confiável \_ a justiça institucional é falha, a polícia é corrupta, os políticos são hipócritas, e as regras de etiqueta só servem para esconder o mal que reina em todos. Tendo como único aliado sua força física, herança da natureza e única esperança de redenção, o herói do filme de ação é sempre um exterminador.

O filme de ação traz para as telas as marcas do mundo masculino das classes dominadas. Diálogos curtos e grossos, palavras

e gestos obscenos, socos e chutes no saco, e, enfim, toda uma virilidade transformada em fetiche. Ações e relações são estabelecidas entre agentes de um mesmo sexo, formando redes de homosociabilidade, tal como Miguel Vale de Almeida (1995,1996) encontra em aldeias do sul de Portugal. Sejam parceiros ou antagonistas, o elenco dos filmes de ação é sempre encabeçado por duplas masculinas. Consolidando uma tendência que teve início ainda nos anos 60 com *Butch Cassidy and the Sundance Kid*, a relação entre dois homens (a versão ocidental do "same Sex" melanésio) se tornou mais importante no cinema das últimas décadas que a relação homem/mulher.

O destaque da homosociabilidade no espaço do cinema traz consigo sempre uma ameaça a ser dissimulada: que a apologia da virilidade não se transforme em referência à homossexualidade. Os dois extremos estão sempre perigosamente próximos, como numa história em quadrinhos. Por isso, "a violência é necessária para que o sujeito defenda sua posição narcísica, não resvalando para a angústia de castração, nem na homossexualidade" (Kehl, 1996, p.153). Mas não podemos deixar de observar que essa violência é, também ela, meia suspeita, por se tratar de algo extremamente estilizado (Fiorillo, 1994). Perseguições automobilísticas, lutas coreografadas, explosões\_ tudo tem no cinema um elemento estético, que traz consigo a ameaça do feminino. Nesse ambiente suspeito, o herói machão tem que se desdobrar para evitar certas dúvidas. Daí a importância do conflito. Lutando para demonstrar quem é mais duro, o herói e seu antagonista, no entanto, acabam sempre, em algum momento do filme, deixando claro sua admiração mútua, nem que seja através de uma rápida troca de olhar ou a confissão inevitável \_ "he's so bad!". Uma atração necessária: um depende do outro para demonstrar sua força e sua fúria.

Apesar da força do filme de ação e, com ele, da masculinidade, seria um erro supor que o

feminino está banido do cinema. Não é difícil achar filmes que enfocam o feminino, através de personagens, seqüências, objetos, eventos, que representam diferentes versões de feminilidade, e que travam entre si relações de conflito e complementariedade. Em alguns desses filmes, temos uma feminilidade tão próxima da masculinidade do filmes de ação, que se confunde com ele, principalmente pela presença ostensiva da violência física \_ por exemplo, *Aliens*, *O Resgate* (EUA, 1996, James Cameron), *Thelma & Louise* (EUA, 1991, Ridley Scott), *Até o Limite da Honra* (EUA, 1997, Ridley Scott), *Atração Fatal* (EUA, 1997, Adrian Lyne), *Instinto Selvagem* (EUA, 1992, Paul Verhoeven). Mas, de uma maneira geral, filmes que "discutem" a feminilidade são mais refinados, onde a perversidade aparece disfarçada em humor, e a violência física é substituída por formas (às vezes sutis) de manipulação psicológica, mistura essa que produz o humor. Pensamos aqui em filmes como *Ligações Perigosas* (EUA, *Dangerous Liaisons*, 1988), *O Casamento do Meu Melhor Amigo* (EUA, 1997, P.J.Hogan), *A Época da Inocência* (EUA, 1993, Martin Scorsese), *Assédio Sexual* (EUA, 1994, Barry Levinson), *Ela é o diabo* (EUA, 1989, Susan Seidelman), ou *Hannah e suas irmãs* (EUA, 1986, Woody Allen).

O que torna mais difícil a percepção da temática da feminilidade no cinema é também o fato de que, enquanto nos filmes masculinos há um predomínio de personagens homens, do estilo "same-sex", nos filmes femininos, tal como nas ilhas da Melanésia (e muitas outras partes do mundo), a mulher aparece sempre entre grupos de homens. Ou seja, também no cinema a sociedade das amazonas é um mito desacreditado. Mas também é preciso observar que existem referências (nem sempre evidentes) do feminino presente também nos personagens masculinos. Como exemplo disso, faremos uma pequena análise do filme *O Silêncio dos Inocentes* (*The Silence of The Lambs*, EUA, 1991, Jonathan Demme), usando-o como exemplo de um trabalho cinematográfico onde a temática/imagem feminina é dominante.

A trama começa focalizando a corrida solitária de uma jovem por uma trilha, cheia de obstáculos, aberta no meio de um bosque. O início perfeito para uma história produzida por e para uma sociedade individualista: luta, esforço do indivíduo para superar os obstáculos da natureza e criar e recriar a sociedade continuamente (Strathern, 1995). A única diferença é que temos aqui não um homem, mas uma mulher, que dificilmente aparece em histórias ou na realidade como exemplo perfeito do indivíduo; na verdade, o individualismo total na mulher é sempre repulsivo socialmente, e quando aparece no cinema é para ser condenado, como na personagem de Demi Moore, em *Assédio Sexual*. No fim da trilha, a jovem é avisada por um superior (que aparece de costas para o espectador) que está sendo chamada para comparecer ao escritório de um certo senhor Crawford. Quando esse primeiro personagem masculino se vira para o espectador, a sigla escrita em seu boné serve para indicar que ele (e a jovem, por extensão) "pertencem" ao FBI. A jovem, que agora sabemos se chamar Starling, muda de rumo e segue correndo para seu encontro com Crawford, passando em frente a uma árvore, onde está escrita a seguinte mensagem: "Ferida. Agonia. Dor. Amamos isto". Lema dos duros agentes do FBI, mas que também das mulheres, socialmente vocacionadas para uma vida de sacrifício. Mais tarde saberemos que Starling é alguém que coloca sua vida conscientemente em risco para evitar o sacrifício concreto de uma outra jovem.

Suada e em trajes esportivos, Starling entra no prédio da academia do FBI, da forma em que se encontra (uma academia de polícia não é lugar de vaidades), e o local aparece como espaço masculino típico. Em volta da jovem, sempre aparecem homens, altos e fortes, sérios é verdade, mas que, por serem homens, acabam trocando olhares com a moça, olhares que revelam desejos e descrédito. Em sua trajetória até o escritório de Crawford, apenas uma outra jovem aparece em cena: Ardelia Mapp, única amiga de Starling.

Quando se encontram, nada de beijinhos: o cumprimento é o mesmo dos homens, um tapa na palma da mão da outra. Starling entra no elevador cheio de homens, todos com o mesmo uniforme, o mesmo tipo físico e a mesma expressão. Como Starling parece fora do lugar! Quando a porta do elevador se abre, a jovem está sozinha, entrando num ambiente que não é tão masculino assim: uma placa indica que o andar se destina à divisão da Ciência do Comportamento, parte mais feminina da instituição, por se tratar de algo que requer mais "análise" do que "ação".

Chegando à sala de Crawford, que não está presente, Starling se põe a olhar o ambiente, e descobre, através de recortes de jornal pregados num mural, o objeto em investigação: o assassino em série chamado de Búfalo Bill pela imprensa, que rapta, mata e retira a pele de partes do corpo de moças. Quando Crawford chega, ficamos sabendo que a jovem se chama Clarice, que ela é uma boa aluna da academia, promissora agente. Crawford é um ex-professor da mesma, que oferece a moça uma missão e com ela a chance de realizar seu desejo de entrar para aquela divisão do FBI. Após perguntar se Clarice se assusta facilmente (pergunta estranha para se fazer a uma futura agente policial, mas sempre natural quando se trata de uma mulher \_ e é assim que ele vê sua ex-aluna), Crawford informa que sua divisão está trabalhando no levantamento do perfil psicológico de assassinos em série. O problema: o principal deles, um certo Dr. Hannibal Lecter, se recusa a responder os questionários. A pronúncia do nome do doutor deixa a moça apreensiva. Trata-se de um psiquiatra/psicopata canibal. Clarice aceita a missão, e, curiosa e perspicaz (ela viu os recortes) pergunta se há alguma ligação entre Hannibal e Búfalo Bill. É possível. Percebendo a curiosidade da moça, Jack Crawford recomenda que ela tenha muita cautela. Não deve interferir no tratamento do doente e, principalmente, não deve se aproximar dele, evitando a amizade, e a perigosa influência

de Hannibal. Um pouco estranho que Crawford tenha medo de que sua estagiária se aproxime muito do psicopata. Ela nunca deve esquecer quem Hannibal é. Clarice pergunta: "e quem ele é?".

A resposta vem na seqüência seguinte, onde, já no asilo psiquiátrico onde o psicopata se encontra internato, Clarice é avisada pelo diretor, Dr. Chilton, que Hannibal é um monstro \_ definição que será repetidas várias vezes durante o filme, pois o espectador corre o mesmo risco que Clarice, ou seja, o de esquecer disso, já que o criminoso é tão inteligente que nos fascina o tempo inteiro. Por outro lado, Chilton \_ um chato arrogante \_ demonstra que a aberração está sob controle \_ ele é agora objeto da instituição. Ou seja, aquele que está sob o domínio dos olhos, os onipresentes olhos da instituição. Logo, no entanto, Chilton se esquece do seu objeto doentio, e se põe a olhar a moça, revelando seus desejos através de um convite para um encontro noturno, se oferecendo para ser o guia de Clarice (quantos professores cercam a boa aluna no filme) dentro da noite em Baltimore. Ela recusa o convite \_ está a serviço, tem que retornar ao FBI. Chilton então revela à estagiária as reais intenções de Crawford \_ ela não foi enviada ali por ser uma promissora agente, mas por ser uma atraente mulher, um tipo de mulher perfeita para excitar um prisioneiro que há oito anos está preso, sem tocar numa fêmea (depois saberemos que isso não é bem verdade \_ há algum tempo atrás, Hannibal mordeu uma enfermeira, e comeu sua língua). Clarice não fica chocada com a revelação: aceita as regras. Está disposta a cumprir (e cumprir bem) sua função de objeto, se isto representa a chance de ser transformada no futuro em agente.

Com certeza, ela já aprendeu que o sucesso socialmente para a mulher passa sempre pela condição de saber ser um objeto. Mas ao caminhar pelo corredor que leva até a cela de Lecter, desfilando perante psicopatas que ficam excitados com sua presença, Clarice se mostra constrangida ao ser colocada sob olhares tão

agressivos. Diante Lecter, porém, a moça se recompõe, respondendo com naturalidade à uma constrangedora pergunta que lhe foi dirigida pelo psiquiatra.

Como classificar Lecter do ponto de vista das relações de gênero? Em primeiro um homem, mas um homem de estilo refinado, um “gentleman”, cuja sexualidade se encontra adormecida pela solidão. Por outro lado, logo percebemos que a parte mais importante da figura de Lecter é sua boca. É com ela que ele agride (verbal e fisicamente), ferindo, mordendo e comendo a carne e a alma das pessoas. O poder do doutor não tem a forma fálica. Não seria a boca de Lecter uma perigosa vagina dentada? Por outro lado, é importante perceber que a prisão pode também ser encarada como um útero. Mau indivíduo, Lecter foi condenado pela sociedade à voltar para o útero. Logo saberemos que, preso há oito anos, o Dr. Hannibal quer que, no nono ano lhe seja dada a chance que todo feto tem: a de ver a luz do dia, recebendo o direito de ter uma cela com janela, com visão para um bosque. Tal como um feto antes de nascer (e antes da invenção de aparelhos que invadem a privacidade do útero), Lecter não tem sexo. Ou melhor, tem os dois. O desenvolvimento de sua masculinidade depende de Clarice.

Mas as relações entre Clarice e o doutor são complexas. A moça se coloca numa posição submissa: é uma aluna, que veio aprender com seu professor (afinal, a jovem define quem será seu professor). Submissão é feminina, mas seu desejo é de algo que seria preferencialmente masculino: o conhecimento. E a vontade de saber faz com que Clarice dê um passo em falso, ao se apressar em passar o questionário para o doutor doente. Irritado, percebendo que a submissão e docilidade da moça são falsas, que ela usa sua condição de objeto para tentar seduzi-lo e transformá-lo em seu objeto, Lecter (leitor?) despe simbolicamente sua má aluna, revelando sua origem humilde pelos sapatos baratos e o sotaque mal disfarçado. Mostra como é ridícula sua

ambição de buscar uma posição de respeito social entrando para o FBI e a compara a uma meretriz, "uma meretriz com um pouco de bom gosto". Ou seja: mesmo procurando abrigo numa instituição masculina, ligada ao saber e controle social, Clarice não consegue se livrar de seus estigmas. Para a mulher, a ascensão social se dá sempre através de alguma forma de prostituição, ou seja, de queda moral. Clarice é como Eva: cobiça o fruto do conhecimento do bem e do mal, quer ser como Deus, mas seu destino é a queda moral.

Humilhada por seu objeto sagaz, Clarice contra-ataca: " Você vê tudo, doutor. Mas será que consegue ver a si mesmo?" Não. Homens geralmente não se olham no espelho. Nem ele nem os outros personagens masculinos conseguem olhar para si mesmos no filme. Só a estagiária será obrigada, para alcançar o seu objetivo, a olhar sempre para si mesma. Além do objeto do olhar alheio, Clarice é transformada pelas condições impostas pelo psiquiatra, num objeto para si. É esta a condição para superar os problemas. Desmascarada por seu leitor, Clarice se afasta da cela. Sofre nova humilhação: Miggs, outro psicopata internado, após fingir ser vítima de si mesmo, joga no rosto da estagiária uma secreção corporal (esperma?). Tal grosseria masculina feriu a sensibilidade de Lecter (afinal de contas, ele é um cavalheiro, mesmo quando come suas vítimas) e ele acaba chamando sua aluna de volta. Transmite a ela uma informação, na verdade, um anagrama, um teste. E a dispensa em seguida. Uma vez no estacionamento, olhando para seu velho carro, Clarice chora, e lembra-se de seu pai. O espectador fica sabendo que ele era um policial e conclui que Clarice quer ser do FBI para se identificar com o pai. Nesse momento, a personagem aparece diante do espectador como uma mulher buscando a identificação com o masculino, desejando o lugar do pai. É só mais tarde, graças à Lecter, que descobrimos por trás do aparente desejo de identificação com o masculino, uma aspiração tipicamente feminina:

o desejo de salvar e proteger as vítimas da violência do mundo.

Para encurtar nosso trabalho, não vamos descrever toda a história do filme. Gostaríamos apenas de citar outros símbolos de feminilidade na história. Às vezes, são símbolos falsos: Búfalo Bill, o assassino, é um falso transexual \_ o nome másculo lhe cai bem. Seu desejo de ser feminino é falso, como seria errado supor que Clarice deseja unicamente a identificação com o pai. Mesmo sem ser verdadeiramente feminino, o psicopata entra no campo feminino: costura (ato feminino) uma roupa de mulher para si. Ou seja: quer produzir um feminino produzido. Um narcisista doente, que não consegue amar a própria imagem, e se põe a destruir a imagem do Outro, que transforma em sua vítima. Leva as moças sequestradas para dentro de casa e as deposita num poço seco, um falso útero, que não lhes oferece proteção nem nutrição. É nesse poço que ele espera gerar sua feminilidade. Coloca na boca uma mariposa, símbolo de sua transformação desejada.

Mas há também o feminino autêntico. Personagens femininas conduzem a história: a última vítima é filha de uma senadora (nenhuma referência ao pai), que tenta, inutilmente, convencer o sequestrador de sua filha que é possível ser forte e piedoso ao mesmo tempo. Ou seja, conciliar o lado macho com o da feminilidade. É graças ao testemunho de uma amiga da primeira vítima que Clarice chega até a residência do assassino, que pertencia antes a uma senhora. E, sobretudo, há um olhar feminino que percorre o filme, na busca de detalhes, de singularidades que fogem do padrão e apontam para a verdade.

É a relação entre Clarice e Hannibal que vai definir as relações de gênero. Relação marcada por mentiras, acordos e informações falsas, é verdade. Ambos trapaceiam, dissimulam, buscam seduzir ao outro e transformando-o em objeto. Mas também se atraem. No último contato visual, se tocam carinhosamente,

roçando os dedos, enquanto o professor entrega a sua aluna o dossiê sobre o caso, afirmando está ali as respostas que Clarice procura. É Lecter que força Clarice a mergulhar dentro de si mesma, e ter consciência da razão de seu desejo. É um tipo exótico, com modos estranhos, mas com a virtude de ser um bom professor: ensinou Clarice a olhar. A ver não apenas o padrão que se repete, mas o que é invisível a certo tipo de perspectiva. Ensina também que o mal nasce nos olhos: foi cobiçando algo que estava sempre diante de seus olhos que Búfalo Bill se tornou doente.

Saber olhar é importante, mas no duelo final com o assassino, Clarice não tem a ajuda dos olhos para vencer seu inimigo: fechada no quarto escuro, ela se mostra extremamente vulnerável. Munido de um aparelho, Búfalo Bill enxerga sua vítima. Mas demora para atirar. Indecisão? Em determinado momento, sua mão se aproxima do rosto de Clarice. Desejo? Quando resolve atirar, ao mover o gatilho dá à Clarice a indicação de sua posição. Ela atira, mata o assassino, e quebra o vidro da janela. Surge a luz. Clarice alcançou o conhecimento que procurava.

No final da história, tudo esclarece. Ou quase. Búfalo Bill está morto: é, agora e para sempre, apenas um corpo. Clarice é agente: sabe matar e salvar vidas. É plenamente indivíduo. Hannibal Lecter mantém suas ambigüidades. Sabe usar estratégias femininas (Corêa, 1984): após matar os guardas para escapar de sua jaula, ficou no lugar de uma de suas vítimas. Em sua ambigüidade, Hannibal faz do feminino num masculino patológico. Com ele o canibalismo simbólico que o conhecimento significaria, se transforma em ação concreta.

Na verdade, dentro da dimensão subjetiva de cada um dos personagens principais da trama \_ Clarice, Hannibal e Búfalo Bill \_ são estabelecidas relações entre versões diferentes do feminino/masculino. Usando personagens masculinos reconhecidamente patológicos e uma mulher, o filme quebra, pelo menos parcialmente, a indivisibilidade da pessoa no Ocidente, e expõe a

subjetividade humana como um campo marcado por conflitos, inclusive no que diz respeito ao gênero. Sem chegar a alcançar a multiplicidade da pessoa na Melanésia, temos em filmes como *O silêncio dos inocentes* uma representação em que identidades se digladiam dentro do indivíduo. Na verdade, esses conflitos e contradições, proibidos de se manifestarem com clareza nos filmes de temática masculina, só encontrarão espaço nos filmes em que a imagem feminina é dominante.

Voltemos ao trabalho de Strathern. Embora negando que os homens exerçam uma relação de dominação, tal como entendemos essa palavra no Ocidente, Marilyn Strathern fala de uma característica que tornaria os homens socialmente superiores às mulheres: num mundo formado por pessoas compósitas, eles venceriam suas emoções e orientações conflitantes com maior facilidade, exibindo uma mente una. Situadas entre grupos de homens, e múltiplas lealdades, as mulheres estariam presas a "uma multiplicidade constitucional das mentes" (Strathern, 1998, p. 111). Essa relação entre unidimensionalidade/multiplicidade aparece com clareza no cinema. Os filmes centrados numa temática masculina buscam transmitir uma representação de um mundo homogêneo, onde não haveria lugar para ambigüidades. Em filmes "femininos", ironias, ambivalências, contradições, podem ser representadas com maior fidelidade. Em termos cinematográficos, seria correta a afirmação de Jean Baudrillard, quando este diz que "o masculino é certo, o feminino é insolúvel" (Baudrillard, 1991, 16). Nas telas, o feminino é o gênero da dúvida. Esteticamente superior, o feminino capta melhor a vida. Afinal, certezas são apenas ficções que nos controlam.

### **Referências Bibliográficas**

BARTHES, Roland. 1984. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BAUDRILLARD, Jean. 1991. *Da sedução*. Campinas: Papirus.

BOURDIEU, Pierre. 1983. A economia das trocas lingüísticas. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. 1996. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.

CÔRREA, Mariza. 1983. *Morte em família: representações jurídicas de papéis sociais*. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. 1997. O espartilho de minha avó: linhagens femininas na Antropologia: Horizontes Antropológicos/ UFRGS, IFCH. Ano 3, n. 7, pp. 70-96.

ELIAS, Norbert. 1987. *A sociedade de corte*. Lisboa: Editorial Estampa.

KAPLAN, E. Ann. 1995. *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera*. Rio De Janeiro: Rocco.

KELL, Maria Rita. 1996. *A mínima diferença. Masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1990. *De perto e de longe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PASSERINI, Luisa. 1996. "A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950",

LEVI E SCHMITT (Org.) *História dos Jovens II*. São Paulo: Companhia das Letras.

FIORILLO, Marília Pacheco. 1994. O salmão e a aura. *Imagens*, Unicamp, N. 2.

SOARES, Luiz Eduardo 1996. *Violência e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: ISER/Relume Dumará.

STRATHERN, Marilyn. 1988. *The gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley : University of California Press

\_\_\_\_\_. 1995. Necessidades de pais, necessidade de mães. Estudos Feministas. PPCIS/ UERJ, vol. 3, n. 2, p.303-329.

\_\_\_\_\_. 1997. Entre uma melanesianista e uma feminista. Cadernos Pagu, (8/9), p. 7-49. Núcleo de Estudos de Gênero, Unicamp.

\_\_\_\_\_. 1998. Novas formas econômicas: um relato das Terras Altas da Papua-Nova Guiné. Revista Mana, Estudos de Antropologia Social, vol. 4, n. 1, p. 109-139.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. 1995. *Senhores de si. Uma interpretação Antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.

\_\_\_\_\_. 1996. Gênero, Masculinidade e Poder: Revendo um caso do sul de Portugal. Anuário Antropológico 95. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro. p. 161-189.

### **FICHA TÉCNICA DO FILME O SILÊNCIO DOS INOCENTES**

Título original: *The Silence of the Lambs*

País produtor: EEUU

Ano: 1991.

Direção: Jonathan Demme.

Atores principais: Jodie Foster (Clarice), Anthony Hopkins (Lecter), Scott Glenn (Crawford), Ted Levine (Jame Gumb), Anthony Heald (Dr. Chilton).  
Roteiro: Ted Tally, baseado no romance homônimo de Thomas Harris.

Fotografia: Tak Fajimoto.

Música: Howard Shore.

Montagem: Craig McKay.

Produção: Kenneth Utt, Edward Saxon e Ron Bozman, para a Orion.

Distribuição: Columbia Tri-Star.

# Gênero, uma possibilidade de interpretação

Sônia Missagia de Mattos\*

**Resumo:** Analiso aqui a construção natural de homens e mulheres, (determinismo biológico), assim como a construção social dos mesmos (simbolismo de gênero), e tento apresentar uma possibilidade de representação de gênero que não seja apenas uma metáfora para explicar diferenças de base sexual entre pessoas. Gênero é tratado, aqui, como um instrumento analítico, cujos referentes estão ancorados em um imaginário sexual mas que transcende a sexo, e é utilizado para mapear e desnaturalizar representações fixas e binárias das chamadas identidades sexuais

**Palavras-chave:** Gênero, Simbolismo, Identidades

**Abstract:** I analyze here the natural construction of men and women, (biological determinism), as well as the social construction of the same ones (gender symbolism), and try to present a possibility of representation of sort that is not only one metaphor to explain differences of sexual base between people. Gender is treated, here, as an analytical instrument, whose refering they are anchored in sexual imaginary but that exceeds the sex, and is used to map and to disnaturalize fixed and binary representations of the calls sexual identities.

**Key words:** Gender, Symbolism, Identities

\*Esse artigo foi elaborado para o exame de qualificação, pré-requisito para a tese de doutoramento em Ciências Sociais, defendida em setembro de 1998 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do IFCH/UNICAMP.

<sup>1</sup> - RABI ABBA. In: PAULY, J. de Atanor. *Il Libro dello Zohar*. Apud SICUTERI, Roberto. *Lilith, a Lua Negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 14.

<sup>2</sup> - PLATÃO. *O Banquete*. Tradução, introdução e notas do Prof. J. Cavalcanti de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p. 36.

O primeiro homem era macho e fêmea ao mesmo tempo, pois a escritura diz: "E Elhoim disse: façamos o homem 'a nossa imagem e semelhança' (Gen. 1,26). É precisamente para que o homem se assemelhasse a Deus que foi criado macho e fêmea ao mesmo tempo.<sup>1</sup>

Éramos de início o dobro do que somos agora, e desse ser inteiriço havia três gêneros, um composto de duas partes masculinas, outro de duas partes femininas, e outro misto. Em represália 'a insolência desses nossos ancestrais, Zeus cortou-os ao meio. Depois da operação, começa para esses novos seres, assim multiplicados, uma procura ansiosa por sua antiga metade (...) sendo que a providência de cada metade explica o tipo particular de cada um, isto é, o homossexual masculino ou feminino e o hetrossexual.<sup>2</sup>

De modo geral, quando as pessoas ficam sabendo que venho me dedicando a estudos sobre gênero, é muito comum que eu ouça delas uma série de comentários sobre "atitudes naturais"

<sup>3</sup>-Crapanzano, falando sobre o *apartheit* diz que na perspectiva essencializada logo que um objeto ou coisa é classificado, será para sempre esse objeto ou coisa. Terá uma identidade. Adquirirá uma essência particular. Estará sujeito a certas regularidades que serão entendidas como regras, ou leis, da natureza. CRAPANZANO, Vicente. *Waiting: The Whites of South Africa*. New York:Random House. 1985. p.20.

<sup>4</sup> GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs: NJ, Prentice Hall. 1967. p.124.

<sup>5</sup> KOFES, Suely. *Categorias Analítica e Empírica: Gênero e Mulher: Disjunções, conjunções e mediações. Cadernos Pagu*. Campinas: IFCH/UNICAMP. 1993. vol. I. p. 22.

a respeito de gênero, que englobam categorizações tidas como inquestionáveis. Segundo essas categorizações, ser mulher, por exemplo, seria, fundamentalmente, duas coisas: não ser homem e ter um corpo que apresente órgãos genitais chamados femininos. Da mesma forma, ser homem seria, fundamentalmente, também, duas coisas: não ser mulher, e ter um corpo que apresente órgãos genitais chamados masculinos.

A construção de gênero baseada em características biológicas acaba por definir homens e mulheres como categorias naturais, essencializadas<sup>3</sup>, resistentes às forças arbitrárias da cultura, da história e da pessoa. De acordo com Garfinkel, as crenças que constituem essas categorias naturais são julgadas e mantidas com uma convicção tal que parece quase impossível mudar a validade delas. <sup>4</sup>

Mas, enquanto gênero permanece algo tão evidente para aqueles que se prendem a atitudes naturais, ele tem se tornado um conceito altamente focado e discutido porque esta questão, aparentemente simples, é muito complexa. É complexa devido mesmo às concepções que remetem para caracteres físicos do corpo o que se vincula às categorizações pessoais e sociais. Na vivência do dia-a-dia, gênero nunca se reduz a caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de categorizações morais, a um conjunto de comportamentos socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Ou seja, do ponto de vista empírico gênero é algo em constante processo de produção. Do ponto de vista analítico "gênero não tem em si mesmo qualidades definicionais, atuando como um operador de reconhecimento de um campo específico entre as categorias de diferenciação." <sup>5</sup>

No que se refere ao simbolismo de gênero, Strathern mostra que o simbolismo "masculino" e "feminino" pode sustentar a mesma oposição que as noções de "controle" e, opostamente, de "adaptação" que estabelecem um

relacionamento de sujeito-objeto entre cultura e natureza. Para ela, é dessa forma que usamos masculino e feminino em um sentido dicotômico. As categorias masculino e feminino, representam a espécie humana dividida em duas metades em contraposição – de modo que o que uma é, a outra não o é. Segundo Strathern, essa divisão tem um impacto mais claro em termos biológico-reprodutivo, de forma que há um constante empenho em se remeter as diferenças comportamentais para a biologia.

*E, como é mostrado por ela, apesar de não concebermos sempre a natureza e cultura como opostos, uma vez que trazemos esses termos dentro de várias outras relações –” como um continuum, um processo, uma hierarquia - essas relações são redirecionadas às categorias masculino e feminino para produzir uma série de afirmações não dicotômicas entre elas. Dessa forma, do equacionamento entre mulher e natureza, pode seguir que: as mulheres são mais “naturais” - em um ponto particular de um continuum; que o poder da natureza das mulheres pode ser controlado pelas estratégias culturais - da mesma forma que o mundo pode ser domesticado, uma questão de processo; as mulheres são avaliadas como inferiores - valor hierárquico; que elas têm um potencial generalizado de realizações, em relação ao potencial particular dos homens.”*<sup>6</sup>

Uma questão fundamental aqui é que, na sociedade, as noções de masculino e feminino não envolvem apenas um relacionamento de complementaridade mas de oposições hierárquicas. E, a despeito do modo que essas noções sejam empregadas tende a haver uma equiparação de mulher com a natureza.<sup>7</sup>

## **I - A construção natural de homens e mulheres – o determinismo biológico**

A construção natural de homens e mulheres está fundada em características biológicas e em idéias e atitudes a elas associadas.

<sup>6</sup> STRATHERN, Marilyn. No nature, no culture: the Hagen case. In: *Nature, Culture and gender*. Edited by Carol P. Mac CORMACK e Marilyn STRATHREN. Cambridge University Press. 1987. p. 182-183.

<sup>7</sup> STRATHERN, Marilyn. No nature, no culture: the Hagen case. In: *Nature, Culture and gender*. Edited by Carol P. Mac CORMACK e Marilyn STRATHREN. Cambridge University Press. 1987. p. 182-185.

Entre os conceitos da nossa tradição de pensamento, os de "natureza" e "cultura", postos de modo dicotômico, são de grande importância para nos ajudar a entender o imaginário que elabora essa construção, uma vez que esse par binário permite entender que tudo o que existe no mundo ou é natural – dado pela natureza – ou, é cultural – elaborado pelo homem. Esse par de opostos, aliado a vários outros fatores, tem uma função cognitiva e vem servindo como tentativa de explicação da realidade.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Conforme Peter Berger e Luckmann, a realidade é uma *qualidade pertencente aos fenômenos que reconhecemos terem uma existência independente de nossa própria vontade*. Ver: BERGER, Peter e LUCKMANN. *A construção social da realidade*. São Paulo: Vozes, 1987.

Fazendo uso da distinção entre cultura e natureza é possível classificar, descrever e explicar a realidade porque tal distinção não apenas estabelece diferenças entre acontecimentos e coisas situadas no campo da cultura – e que se refere a tudo que é "feito pelo homem" – e acontecimentos e coisas situadas no campo da natureza – e que se refere a tudo que é "dado ao homem" – mas, também, oferece uma detalhada explicação sobre as propriedades e as possibilidades das realidades naturais e culturais.

É importante destacar que os conceitos de natureza e cultura, colocados como um par de opostos, tem importantes funções de poder, porque algo vai pertencer a um ou, ao outro dos elementos que formam esse par de opostos, dependendo do que for classificado como suas características essenciais. E, dependendo do campo onde a parte for situada lhe será concedida a possibilidade de mudança, de transformação, de autonomia (campo da cultura), ou lhe será destinada a subordinação e a imutabilidade (campo da natureza).<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Descartes em *Discurso do Método*, diz que graças e através da técnica o homem será *mestre e senhor da natureza*. A intenção, da construção iluminista, é de submeter, de subordinar a natureza. DESCARTES. *Discurso do Método*. In: *Os Pensadores*. São Paulo. Abril Cultural. 1973.

Tanto no plano empírico quanto em vários campos de conhecimento, as relações entre homens e mulheres têm sido colocadas como uma metáfora da dicotomia natureza/cultura. Na psicanálise, é dito por Freud, em o "Mal Estar da Civilização", por exemplo: "*as mulheres representam os interesses da família, da vida sexual enquanto a obra cultural torna-se cada vez mais uma tarefa masculina, impondo aos homens dificuldades crescentes e obrigando-os a sublimar*

<sup>10</sup> FREUD, Sigmund. El Mal Estar en la Cultura. IN: *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. 1968. p. 31-32.

seus instintos; sublimação para o qual as mulheres estão escassamente dotadas.”<sup>10</sup>

Pierre Raikovic diz que o discurso de Freud sobre a mulher constitui uma demonstração daquilo que viria a ser o suporte de uma concepção biológica da racionalidade. “Da diferença anatômica entre os dois sexos,” diz este autor, “Freud deduz a existência na mulher de uma privação na esfera intelectual e moral. Reconnhecemos claramente neste enunciado conclusivo a consequência de uma determinação biológica da razão. Fora desta perspectiva, com efeito, um caráter corporal não poderia ser considerado como tendo influência sobre a faculdade de conhecer.”<sup>11</sup>

<sup>11</sup> RAIKOVIC, Pierre. O sono dogmático de Freud: Kant, Shopenhauer, Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 126.

Mas, a “natureza da mulher” e a “natureza do homem” nem sempre foram vistas e entendidas do modo colocado por Freud, nem de como se apresentam hoje em nossa sociedade. Jordanova, examina, de certa forma, persistente, a distinção das mulheres como naturais e dos homens como culturais, através da mediação da ciência e da medicina, chamando a nossa atenção para um conjunto de idéias de uma tradição bio-médica, bem estabelecida no século XVII, que observou e definiu os seres humanos estabelecendo uma divisão conceitual rígida entre atributos específicos femininos e masculinos. Através dessas idéias, um determinismo biológico explicou a natureza das mulheres, mas a dos homens foi definida, muito mais pelas ações sociais. Assim, no discurso bio-médico estão presentes falas como:

<sup>12</sup> CABANIS, P.J.G. *Oeuvres Philosophiques*, 2 vols. Paris: Presses Universitaires de France. 1956. Citado por JORDANOVA, L.J. *Natural Facts: a historical perspective on science and sexuality*. p. 48.

“A natureza não simplesmente distinguiu os sexos através de um conjunto de órgãos, os instrumentos diretos de reprodução: entre homens e mulheres existem outras diferenças de estrutura que dizem mais dos papéis que foram estabelecidos para eles<sup>12</sup>. Ou, de modo mais explícito: As partes delicadas que são as partes da constituição das fêmeas ... também manifestam as diferenças que permite com que se olhe de relance as funções para as quais a mulher é vocacionada e para o estado passivo ao qual a natureza a destinou”.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> ROUSSEL, P. *Système Physique et Moral de la Femme*, 2<sup>nd</sup> edition. Paris: Crapart, Caille et Ravier. Citado por JORDANOVA, L.J. *Natural Facts: a historical perspective on science and sexuality*. p. 48.

A dimensão ideológica de oposições como esta - mulher como natureza e homem como cultura, cria uma assimetria biológica, visível, por exemplo, na dicotomia construída por uma elite de médicos profissionais, do século XVIII, entre a força masculina e a vulnerabilidade feminina – assimetria esta que passou a justificar, dentre outras, a divisão sexual do trabalho.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Ver: HUBBARD, Ruth. *Algumas idéias sobre a masculinidade das Ciências Naturais*. IN: GERGEN, Mary MacCanney (org.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: Edunb. 1993. p.21-36.

A ciência e a medicina, foram fundamentais nesse empreendimento, de três formas diferentes, diz Jordanova. Primeiro - e tendo em vista uma perspectiva histórica muito geral e ocidental nela hegemônicas - tanto os filósofos naturalistas quanto os escritores médicos se remeteram ao mundo natural para explicar fenômenos tais como reprodução, comportamento sexual e doenças relacionadas com o sexo. Segundo, porque a ciência e a medicina ficaram em uma posição privilegiada, uma vez que os seus métodos pareciam ser os únicos que poderiam levar a uma ruptura com a ortodoxia religiosa, através de um conhecimento dos mundos natural e social baseado empiricamente. Terceiro, porque a ciência e a medicina, como atividades, estavam associadas a metáforas sexuais que eram claras em expressar a natureza como uma mulher a ser desvelada, despida e penetrada pela ciência masculina.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Segundo Jordanova, apesar de não ser fácil de definir o Iluminismo, há fortes razões para se buscar nele as mudanças conceituais e sociais - assim como as tensões, contradições e conflitos - que se estabeleceram entre a natureza dos homens e a das mulheres. Isso porque, nesse período, as mudanças no significado e uso de palavras tais como cultura, civil, civilizar, natureza e vida, forneciam os indicadores de mudanças profundas no modo como eram concebidas a sociedade humana e as suas relações com o mundo natural. JORDANOVA, L.J. *Natural Facts: a historical perspective on science and sexuality*.

Thomas Laqueur, situa no final do Iluminismo a criação do espaço para a redefinição da "natureza da mulher", e, por contraposição a do homem - quando a ciência médica deixa de ver o orgasmo feminino como relevante para a concepção.<sup>16</sup> Até então, diz ele, qualquer livro médico, ou manuais de parteiras, de saúde, ou de casamento que circulavam em todas as línguas pela Europa, se reportavam ao ponto comum: "*quando a semente é emitida no ato da geração há, ao mesmo tempo, a emergência de uma vibração e prazer em todos os membros do corpo*" - tanto para os homens quanto para as mulheres. "*Sem o orgasmo*", cita Laqueur outro texto de ampla circulação, o "*fair-*

<sup>16</sup> - LAQUEUR, Thomas. *Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud*. Harvard University Press. 1990. p. 8.

*sex nem desejaria os abraços, nem teria neles prazer e, tampouco conceberia”.*

Foi por perto do final do Iluminismo que, a ciência médica e todos aqueles que confiavam nela, reorientaram os princípios que deveriam ser aplicados ao funcionamento sexual - tanto para os homens quanto para as mulheres. Mas, muito embora, nada se tenha escrito, ou dito, sobre a idéia da não existência de paixões e prazeres com referência aos homens - e, tampouco, que o orgasmo não acompanhasse a ejaculação masculina - o mesmo não aconteceu com relação 'a mulher. Essa “descoberta” abriu a possibilidade para a idéia da “passividade natural da mulher”, enfatizando a idéia de sua, também “natural”, falta de paixão, de desejo.

A suposta independência entre concepção, e prazer, como é mostrado por Laqueur, criou o espaço no qual se pode redefinir, debater, negar, ou qualificar a natureza sexual da mulher. As mulheres, cujos desejos, no velho esquema, não conheciam limites e cuja razão pouca resistência oferecia à paixão, diz este autor, tornaram-se criaturas que poderiam gastar anestesiadas toda a vida reprodutiva. Quando, por volta do final do século dezoito se tornou possibilidade o pensar que “a maioria das mulheres não estava preocupada com qualquer tipo de prazer sexual”<sup>17</sup> a presença, ou a ausência de orgasmo tornou-se uma sinalização biológica da diferença sexual. Essa nova conceitualização do orgasmo feminino não foi nada mais que uma reinterpretação, ainda mais radical, do corpo feminino em relação ao masculino.

Assim, por volta do século dezenove, a natureza sexual humana mudou. A determinação em se fundamentar nas distinções biológicas descobertas, o que se insistia serem diferenças básicas entre os sexos masculino e feminino - e, dessa forma entre homens e mulheres, - passou a ser expressa em uma retórica, radicalmente, diferente. Os sexos não mais apenas eram diferentes. Eles foram considerados diferentes em

<sup>17</sup> - CARLILE, Richard. *Every Woman's Book, or, What is Love containing Most Important Instruction for the Prudent Regulation of the Principle of Love and the number of a Family*. Citado por LAQUEUR, Thomas. *Making Sex ...* op. cit. p. 190.

todos os aspectos que se podia conceber do corpo e da alma, em todo aspecto moral e físico.

Tanto nos discursos médicos quanto nos dos naturalistas a relação homem e mulher se tornou uma série de oposições e contrastes.

Usando-se a fisiologia celular, por exemplo, explicou-se que por serem as mulheres constituídas por células conservadoras de energia (células anabólicas), elas eram mais "passivas, mais conservadoras, mais preguiçosas e resistente a mudanças". Já os homens foram considerados como constituídos por células produtoras de energia (células catabólicas) sendo por isso "mais ativos, mais ávidos, mais apaixonados e inconstantes".

Foi assim, que microscópicas células determinaram as diferenças "irredutíveis" entre os sexos e, mais ainda, o lugar e a ação de homens e mulheres na sociedade - muito embora os biólogos afirmassem que não pudessem elaborar a conexão entre essas descobertas biológicas e o resultado das diferenciações sociais e psicológicas.<sup>18</sup>

Nos textos pré-iluministas e, mesmo, em textos posteriores, como está, também, em Thomas Laqueur, gênero era tomado como uma categoria social, era parte da ordem das coisas; o sexo era convencional. Laqueur relata, com base na literatura filosófica e médica, o modelo de sexo único, estruturado na antiguidade, no qual os limites entre macho e fêmea são construídos politicamente. Ou seja, os limites entre macho e fêmea eram muito mais baseados na retórica, que nas demandas sobre as diferenças e o desejo sexual. A pergunta que se fazia para esse corpo único, onde os órgãos reprodutivos eram apenas um entre os vários outros sinais do lugar do corpo em uma ordem cósmica e cultural e que transcendia a biologia, era: "porque homem?". O que chamamos de sexo e gênero era, neste 'one-sex model', explicitamente, limitado a um círculo de significado, do qual escapar para um suposto substrato biológico, que foi a estratégia do Iluminismo, era impossível. Ser homem ou mulher era ocupar uma posição social, um lugar

<sup>18</sup> - Isso é o que fala Patrick Geddes, um professor de biologia do final do século XIX. Ver: LAQUEUR, Thomas. *Making Sex: body and Gender from the Greeks to Freud*. op. cit. p. 7.

na sociedade, era admitir um papel cultural, e não ser um ou outro dos dois incomensuráveis sexos.

Tal como Laqueur, também, Londa Schiebinger diz que antes do século XVIII havia pouco interesse em mostrar o corpo da mulher como sendo diferente, em essência, do corpo do homem. Normalmente se pensava que fosse suficiente o esqueleto do homem para representar as formas gerais das bases do corpo. Até 1733, ninguém se importava em mostrar o esqueleto da mulher, explicitamente rotulado como tal. No século XVII, no entanto, como parte de um projeto cultural mais amplo de ilustrar as diferenças fundamentais entre os sexos, anatomista alemães e franceses, produziram o que foi tomado como versões canônicas da estrutura da mulher. Daí, no início do século XIX os ossos do corpo tomaram uma aura distinta de masculinidade e de feminilidade. Schiebinger demonstra que, a despeito da exigência da exatidão feita pelos contemporâneos, a representação desses anatomistas estava carregada de valores culturais. Tal ocorria, não devido à imprecisão, mas porque tais representações, como toda ilustração anatômica, representam o ideal do anatomista a respeito da figura que está sendo mostrada, seja ela um olho, um órgão interno, ou, um esqueleto. O esqueleto da mulher ideal foi então construído com a mais larga pélvis que foi possível encontrar, caixa torácica estreita e crânio relativamente pequeno. Assim, os ideais culturais mascaravam os fatos da natureza. Schiebinger enfatiza o modo opressivo dessas conclusões da biologia que, equiparando, de certa forma, o esqueleto da mulher com o da criança, procurava provar que as mulheres eram relativamente infantis.

Em geral, os cientistas remetiam para a natureza as bases das desigualdades sociais e políticas e, de acordo com Schiebinger, construíram, através de suas pesquisas uma visão inferior da mulher. Tais pesquisas procuravam considerar e enfatizar, por exemplo, que devido ao tamanho menor do cérebro e da adaptação da pélvis para a gravidez, as mulheres, seriam

<sup>19</sup> - SCHIEBINGER, Londa. *Skeletons in the Closet: The first Illustration of the Female Skeleton in Eighteen-Century Anatomy*. In GALLAGER, Catherine and LAQUEUR, Thomas (ed.). *The Making of Modern Body: Sexuality and Society in the Nineteenth Century*. California: University of California Press. 1987. P. 42. - Ruth Hubbard chama a atenção para o fato de que o fundamento científico dessas idéias foram elaborados por homens brancos, da classe mais alta e educados em Universidades. A maioria deles consistia em profissionais da obstetrícia e ginecologia, biologia, psicologia, sociologia e antropologia. Estes usando a teoria da fragilidade inata da mulher, desqualificava as mulheres de sua própria raça e classe impedindo-as que compe-tissem com eles por educação e status profissional. Mas, eles não usaram a mesma teoria para argumentar contra a exploração das mulheres pobres e das mulheres negras – forçadas a trabalhar como escravas. HUBBARD, Ruth. Algumas idéias sobre a masculinidade das Ciências Naturais. IN: GERGEN, Mary MacCanney (org.). *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: Edunb. 1993. p. 26-37.

<sup>20</sup> - Leonore Tiefer mostra a exclusão da análise feminista na sexologia, devido aos paradigmas de pesquisa desta disciplina. Ver: TIEFER, Leonore. *Uma perspectiva feminista sobre a sexologia e sexualidade*. In: GERGEN, Mary MacCanney (org.) *O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: Edunb. 1993.

<sup>21</sup> ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século. 1995. p. 90.

inadequadas para o trabalho intelectual, especialmente para os trabalhos científicos. Dessa forma, elas ficavam impossibilitadas de ter acesso ao discurso dominante de sua subjugação.<sup>19</sup>

Através da sexologia,<sup>20</sup> o poder de naturalizar o sexo agiu fortemente em três pontos: no das características do sexo em si; no privilegiamento teórico e social da heterossexualidade; e no descrever e categorizar as variações sexuais, enfatizando a homossexualidade.

Surgiram, dessa forma, duas grandes polaridades que passaram a dominar o pensamento social: uma, entre homens e mulheres e, outra, entre sexualidade normal e anormal. O comportamento de gênero foi definido de acordo com as práticas sexuais categorizadas como corretas, assim, ser homem ou mulher normal passou a significar ser heterossexual.<sup>21</sup>

O que importa não é o fato de corpos de homens e mulheres portarem diferenças, mas o fato de que foram certas circunstâncias políticas, sociais, econômicas e culturais que criaram o discurso de corpos hierarquicamente construídos, através de redefinirem um fato natural como social.

Através do " caso de Agnes", uma pessoa transexual, Garfinkel, demonstra que ser homem ou ser mulher depende de uma vigilância e controle constante sobre o corpo e gestos. Ou seja, ser homem, ou ser mulher é uma experiência de aprendizagem contínua.<sup>22</sup> Neste estudo, Garfinkel reporta-se a Foucault para quem os mecanismos de poder – o *poder disciplinador* – da modernidade, sujeita os corpos a uma disciplina interna do auto controle, produzindo os *corpos dóceis*.

Para Foucault, o momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa a formação de uma relação que, no mesmo mecanismo, o torna tanto mais obediente quanto mais útil, e tanto mais útil quanto mais obediente. Forma-se, então, uma política das coerções que é um trabalho

<sup>22</sup> GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ. Prentice Hall. 1967.

<sup>23</sup> FOULCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 127.

<sup>24</sup> ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século. 1995.

<sup>25</sup> HOBBSBAWN, Eric J., *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 351.

<sup>26</sup> LAQUEUR, Thomas. *Making Sex...* op. cit. p. 11.

sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra em uma maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe, definindo como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros para que operem como se quer.<sup>23</sup>

Mas, as mudanças político-sociais não são, elas mesmas, explicações para reinterpretações de corpos. É preciso que nos lembremos que a biologia que procurou fundamentar diferenças hierárquicas entre os corpos de homens e mulheres, emergiu, precisamente, quando os fundamentos da velha ordem social e política estavam em transformações. Por exemplo, e segundo análise de Almeida, o surgimento da Reforma Protestante, da teoria política Iluminista, do desenvolvimento de novos tipos de espaço público no século XVIII, das idéias de Locke sobre o casamento como um contrato, das possibilidades de mudança social pós-Revolução Francesa, do sistema industrial, com a reestruturação da divisão sexual do trabalho, e ainda, o surgimento da economia de mercado e o aparecimento das classes sociais, não foram, isoladamente, causas da invenção de um novo modo de sexualizar corpos de homens e mulheres.<sup>24</sup> Porém, essa "invenção", esse reordenar hierárquico dos corpos é, ele próprio, intrínseco a esse desenvolvimento. Desenvolvimento esse que apoiado na "*biologia vinculada ao conceito de evolução e ao nome de Charles Darwin, cada vez mais carregado de conotações políticas, era ideal para uma ideologia teoricamente igualitária*"<sup>25</sup>. Só que essa ideologia "igualitária", deslocou a culpa das evidentes desigualdades sociais, políticas e econômicas para a natureza.

Laqueur diz, que o sexo antes do século XVIII era uma categoria sociológica, e não ontológica. Ele mostra, baseando-se em evidências históricas que tudo o que se quer dizer sobre sexo, de qualquer modo que sexo seja entendido, já tem nele uma alegação a gênero. Assim, o sexo é situacional e explicável, apenas, dentro dos contextos das batalhas de gênero e poder.<sup>26</sup>

Foi dentro destas batalhas de gênero e poder que o sexo tornar-se-ia algo vergonhoso. A sexualidade, apropriada pela ciência como seu objeto e muito discutida nos círculos científicos, teve seu centro na família, onde passa a ser cercada de silêncio, dentro de um quadro de regras e normas administradas pela própria família, pelo padre e pelo médico – “especialista em identidade sexual”. A tolerância sexual passa a variar segundo os meios, os atos, a idade e gênero. As desigualdades “naturais” entre homens e mulheres foram rigidamente marcadas. No entanto, para um processo tão natural como se dizia, gênero não necessitaria de reforços tão intensos, como os que foram feitos, para que a distinção entre homens e mulheres pudesse ser política, cultural e socialmente marcada e legitimada. Nessa construção foi indispensável, também, a participação de pais e professores porque a ênfase da diferenciação de gênero era dada, principalmente, na infância.<sup>27</sup>

<sup>27</sup> \_\_\_\_\_, *Produção da Escola/Produção da Sociedade*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994.

<sup>28</sup> O que se dizia temer era a potencialidade criminosa do adolescente, mas atentar para o fato do grande medo por uma possível opção pela homossexualidade. Quanto às adolescentes, uma vez que se pensava na inexistência da sexualidade feminina, não havia motivo para se preocupar. A “herança” que o século XIX e o nosso século receberam do medo da homossexualidade está posta de um modo muito interessante em RIDDER, Jacques. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

<sup>29</sup> conforme PERROT, Michelle. *Dramas e conflitos familiares*, op. cit. p. 272.

Como resultado, a virilidade foi marcada com proezas fálicas, praticadas com bastante liberdade sobre as mulheres e, sobretudo, sobre as moças, podendo-se atentar contra o pudor delas, desde que não fosse em público.

Na família, duas sexualidades mereciam maior atenção. Uma era a sexualidade dos adolescentes, cuja puberdade era tida como uma crise de identidade, potencialmente, perigosa para eles e para a família.<sup>28</sup> A outra, era a sexualidade das mulheres, que era vista como trazendo a desgraça sendo, por isso, causa permanente de angústia e de controle pela Igreja, principalmente, através da confissão, da devoção religiosa, e da sociabilidade mariana, as “Filhas de Maria”. A infidelidade conjugal da mulher foi marcada como uma falta gravíssima, sendo que a tolerância, e até mesmo o incentivo, para com a infidelidade do homem era, praticamente, absoluta.<sup>29</sup>

Como está em Foucault, o fato de o próprio termo sexualidade ter surgido tardiamente, no início do século XIX, não deve ser subestimado.

<sup>30</sup> FOULCAULT, Michel. O uso dos prazeres. IN: *História da Sexualidade II*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p.9.

<sup>31</sup> GIDDENS, Anthony. *Modernity and Self-Identity*. Cambridge: Polity. 1993. p. 164.

<sup>32</sup> \_\_\_\_\_ . *A Transformação da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993. p.25.

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros valores. Dentre outros, o desenvolvimento de diversos campos de conhecimento, que cobriam tanto os mecanismos biológicos de reprodução como as variantes individuais, ou sociais do comportamento; a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais, em parte novas e que se apoiam em instituições religiosas judiciárias, pedagógicas, médicas, como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, seus prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.<sup>30</sup>

*“A sexualidade, no seu sentido moderno, foi inventada quando o comportamento sexual passou para os “bastidores”, tornando-se algo do indivíduo e, mais especificamente, do corpo, ao mesmo tempo que o erotismo aliado à culpa era, progressivamente, substituído por uma associação, entre auto identidade e propensão para a vergonha”.*<sup>31</sup>

No prazer sexual sempre se fez uma distinção entre prazer e procriação. Todavia quando se constituíram as novas conexões entre sexualidade e intimidade, a sexualidade separou-se de modo mais radical da procriação. A sexualidade passou a constituir-se, duplamente, como meio de auto-realização e como meio – a expressão – da intimidade. Hoje em dia, a sexualidade tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisa pré estabelecido. De algum modo, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto identidade e as normas sociais.<sup>32</sup>

No século XIX, pode-se dizer, no que diz respeito ao que Foucault chamaria de uma episteme, houve dois momentos decisivos para o pensamento sobre a sexualidade. O primeiro momento foi o impacto do darwinismo, com a aplicabilidade da teoria seleção natural aos

<sup>33</sup> Este livro, traduzido em todas as línguas, foi "sabiamente guardado nas estantes mais inacessíveis das casas burguesas". CALLIGARIS, Contardo. *A Geopo-lítica do prazer. Folha de São Paulo* 18-01-1998. Caderno 5. p.11.

<sup>34</sup> Conforme ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa. Fim de Século. 1995. p.88. É interessante pensar a respeito da grande repercussão na invenção da nova sexualidade e da sexologia que tiveram os trabalhos de Darwin, assim como os de vários cientistas naturais (Ernest Haeckel, Wilhelm Bolsche), ainda, os trabalhos e idéias de sexologistas (Richard von Krafft-Ebing, Havelock Ellis), assim como os de médicos, criminologistas e antropólogos (Cesare Lombroso, Paul J. Mobius). A leitura do darwinismo poderia ter sido feita também a favor da mulher, sendo que não o foi por uma questão de estratégia de dominação. GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. GAY, Peter. *A paixão Terna*. São Paulo: Cia. das Letras - 1988.

<sup>35</sup> ARIËS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

<sup>36</sup> Max Runge, professor de ginecologia e obstetria da Universidade de Göttingen, e em uma conferência diz: "*Consideremos portanto como ponto pacífico, que a vocação da mulher consiste em ser esposa e mãe, e que tudo mais está além de seu alcance.*" Também, o escritor Wilhelm Heinrich Riehl anunciou terem sido os alemães os primeiros a reconhecer as profundas diferenças entre homens e mulheres, para reconhecer-lhes o verdadeiro valor - o dom de governar um lar. Seus escritos, dizia ele,

humanos e ainda com a idéia de que a seleção sexual (a luta pelos parceiros), agia independentemente da seleção natural (a luta pela existência) – de modo que a sobrevivência dependia da seleção sexual. Dessa forma, em última instância o sucesso biológico estaria assentado na reprodução. Isso autorizava a biologia a desvendar os mistérios da natureza. O segundo, foi o discurso do pervertido - indivíduo marcado para sempre pelos seus impulsos sexuais - através da publicação de *Psychopathia Sexualis* do sexólogo Richard von Krafft-Ebing, um esforço para definir patologias sexuais.<sup>33</sup> Do mesmo modo que a homossexualidade se definiu como uma condição peculiar a algumas pessoas, também o conceito de heterossexualidade descreveria a normalidade.<sup>34</sup>

Esses mecanismos de controle dos corpos e da sexualidade se constituíram como valor nas camadas mais abastadas da sociedade, mas disseminaram-se por entre as camadas mais pobres: primeiro com a questão da reprodução; depois com a organização da família – instrumento de controle político e econômico, fundamental para a "moralização" das classes pobres (proletariado urbano, principalmente); enfim, sob o controle jurídico e médico das perversões, em nome da proteção da sociedade e da raça. Assim, a sexualidade que se produziu foi de origem burguesa e introduziu efeitos de classe específicos.<sup>35</sup>

Foi justamente ao redor da idéia de "natureza", no momento da consolidação do pensamento científico, que foi sendo construído todo um sistema de naturalização do sexo e de discriminações e exclusões entre os sexos. A divisão hierárquica dos papéis que foram distribuídos entre homens e mulheres embrenharam-se no natural.<sup>36</sup>

A oposição entre mulher e homem fundada dessa forma, passa a servir para estabelecer verdades que são totalmente desconectadas com gênero e com o corpo. O poder destas verdades advém do modo de como

tinham o propósito de restaurar essa "feliz condição doméstica (...) em uma época empastada por homens fracos e mulheres feministas" Max RUNGE e RIEHL, Wilhelm Heinrich - citados por GAY, Peter. In: *A educação dos sentidos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. p. 147.

<sup>37</sup>SCOTT, Joan. Deconstructing Equality-Versus Difference: or The Uses of Poststructuralist Theory for Feminism. IN: *Feminists Studies*, Vol III, M1, 1988.

<sup>38</sup>É muito interessante ver o que circula na literatura de época. Elaine Showalter mostra, por exemplo, como o estranho caso de Jack, o Estripador (possível-mente um médico), foi em 1888 um mito de advertência para as mulheres dos perigos da vida fora de casa - "um mito moderno da violência masculina contra as mulheres mas, cuja mensagem moral é clara: a cidade é um lugar perigoso para as mulheres quando elas ultrapassam os estreitos limites do lar e ousam penetrar no espaço público". SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual: gênero e cultura no fim de século*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p 171.

<sup>39</sup>JORDANOVA, L.J. *Natural Facts: a historical perspective on science and sexuality*. p.67.

<sup>40</sup>O movimento das mulheres era visto dessa forma, apesar de o movimento dos trabalhadores ser exclusiva-mente constituído, não apenas por homens, mas por homens que tinham para com as mulheres uma atitude tradicional, e cujos interesses, como os dos sindicalistas, mandavam excluir do trabalho masculino os trabalhadores mal pagos. Ver: COCKBURN, Cynthia. *Technical Competence, Gender Identity and Women Autonomy*. Paper prepared

elas funcionam como dadas, ou premissas primeiras de ambos os lados de um argumento, de forma que os conflitos dentro dos campos discursivos são estruturados mais para segui-las que para questioná-las.<sup>37</sup> Elas possibilitam não só manipular conceitos e definições mas, também, implementar o poder institucional e político.<sup>38</sup>

As ciências e a medicina foram os mediadores de nossas idéias sobre natureza, cultura e gênero. Um dos mais poderosos aspectos das construções médicas e científicas da sexualidade está na forma, segundo a qual categorias aparentemente universais tornaram homogêneas todas as mulheres e, de certa forma, todos os homens. Talvez um dos problemas do corrente uso promíscuo da dicotomia natureza/cultura em relação a gênero seja que ele tenha tomado como verdadeiros, os argumentos da ciência ocidental e dessa forma acabado por cair em um biologismo que cabe às ciências sociais, incluindo a História e a Antropologia, combater.<sup>39</sup>

## II - Teoria Feminista: uma reação a atitude natural

Foi justamente questionando os arranjos convencionais dos relacionamentos que reduzem a caracteres biológicos (naturais) a determinação hierárquica de lugares e postos para homens e mulheres na sociedade que emergiram os movimentos feministas - principalmente nos países anglo-saxões. Esses movimentos foram equiparado ao movimento dos jovens e ao movimento dos trabalhadores<sup>40</sup> e eram ditos, pelo Kaiser Wilhelm, Alemanha: 1910, como uma das mais perigosas ameaças para a civilização e ordem social dos tempos. Para Simmel, esse movimento influenciaria "o futuro de nossa espécie de maneira mais profunda do que a própria questão operária".<sup>41</sup>

De fato, poucos discordariam hoje da grande importância que representam o movimento e as teorias feministas para repensar

for the world Congress of Sociology, 9 to 13 - Jul, 1990 - Madrid - p. 4-12.

<sup>41</sup> SIMMEL, Georg. A cultura feminina. In: *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.70.

<sup>42</sup>Podemos considerar o feminismo, enquanto movimento social, aquele que eclode no final dos anos 60, principalmente, nos países chamados de capitalismo avançado – E.U.A., França, Alemanha, Itália e Inglaterra. Embora se possa falar em diversos feminismos e grupos de mulheres que atuam politicamente sob esse nome, há entre eles um ponto comum: o questionamento da divisão tradicional entre homens e mulheres. Negando o social como naturalmente dado, as mulheres recusam-se a se constituir num "segundo sexo", no "sexo frágil". Ver: FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Ma. Laura, HEILBORN, Ma. Luiza. *Antropologia e feminismo*. In: *Prespectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. v. I. p. 15-16.

<sup>43</sup> - Hoje, quando as mulheres põem em discussão o pretenso universalismo dos direitos, falam expressamente para ambos os sexos e mencionam os dois lados, masculino e feminino. Ver: BONACCHI, Gabriella e GROPPi, Angela (org.). *O dilema da cidadania: direitos e deveres das mulheres*. São Paulo: UNESP, 1995.

<sup>44</sup> citado por PERROT, Michelle. *Dramas e conflitos familiares*, op. cit. p. 285.

<sup>45</sup> YOUNG, Iris Marion. A imparcialidade e o público cívico: algumas implicações das críticas feministas da teoria moral e política. IN: BENHABIB S. e CORNELL. *feminismo como crítica da modernidade* op. cit p. 67.

e transformar o modo de imaginar e representar as relações entre homens e mulheres, na perspectiva de uma diferença sexual outorgada e dada como natural - questões não apenas que envolvem sexo, mas toda a vida social.<sup>42</sup>

Em um primeiro momento, os movimentos feministas fizeram do ideário igualitarista sua linguagem política. Advogaram a universalidade da dignidade humana contra as desigualdades de poder estruturadas, primeiro, ao redor das diferenças sexuais, tanto que a expansão dos direitos civis, a entrada das mulheres no mundo público – institucional e ocupacional – podem ser atribuídas, em grande parte, ao movimento das feministas, que, desde o século passado procuram argumentar que a exclusão das mulheres de vários setores da vida, contradizia o ideário liberal de igualdade e emancipação universal. Esse movimento identificou a liberação das mulheres, principalmente, com a expansão dos direitos civis e políticos. <sup>43</sup> *"O direito político é, para a mulher, a chave que lhe dará todos os outros"*, escrevia em 1890 a sufragista francesa Hubertine Auclert (1848-1914). Sobre ela, foi escrito em um relatório policial: *"Considera-se Hubertine Auclert acometida de loucura e histeria, doença que faz ver os homens como seus iguais e procurar o contato com eles"*.<sup>44</sup>

Ou seja, no início, o feminismo moldou seu apelo e sua justificativa em termos da retórica da igualdade. Neste processo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres – indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e vidas.

Recentes estudos feministas a respeito da prática política moderna, argumentam que *"os ideais do liberalismo e da teoria do contrato, tais como igualdade formal e racionalidade universal, acham-se profundamente prejudicados pelos preconceitos masculinos sobre o que significa ser humano e a natureza da sociedade"*.<sup>45</sup>

<sup>46</sup> Discuto esta questão em minha dissertação de mestrado Mattos, Sônia Missagia. *Paixão e política: Lou Andréas Salomé. A construção do sujeito político feminino*. Dissertação apresentada no Departamento de Ciência Política da UFMG, Outubro de 1993. Mimeo.

<sup>47</sup> Nancy FRASER. O que é crítico na teoria crítica ? O argumento de Habermas e gênero. IN: *Feminismo como Crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

<sup>48</sup> Conforme Jane FLAX. Pós-modernismo e relação de gênero na teoria feminista. IN: *Pós-modernismo e política* (Org.). Heloísa Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 228.

<sup>49</sup> idem, p. 77.

O ideal de público cívico, de cidadania, está calcado entre uma oposição entre as dimensões pública e privada da vida humana, que corresponde a uma oposição entre, por um lado, a razão, e por outro, o corpo, afetividade e desejo.<sup>46</sup> Os feministas têm mostrado que a exclusão das mulheres do público cívico e universalista, não é mero acaso.

*“Uma vez que o ideal de público cívico exige uma vontade de unificar e exige a exclusão de aspectos da existência humana que ameacem dispersar a unidade fraternal de formas retas e verticais, especialmente a exclusão das mulheres”.*<sup>47</sup>

Nessa perspectiva, homem e mulher são apresentados como categorias “naturalmente” excludentes, embora o conteúdo real de ser homem ou mulher (ou ambos) seja altamente variável de acordo com épocas e culturas. E, as relações, que são criadas, experienciadas e mantidas aqui, são relações de subordinação, uma vez que são definidas e controladas, por um de seus aspectos inter-relacionais - o homem.<sup>48</sup>

O ideal da razão normativa se opõe a desejo e afetividade e exclui do público, aqueles que não se ajustam ao modelo do cidadão racional que pensa poder transcender o corpo e os sentimentos. Assim, a razão que se quer imparcial e civilizada e que caracteriza a virtude do cidadão - O Homem Universal - se eleva acima da paixão e do desejo. Ela se expressa na política na idéia de público cívico, que tem unidade e coerência por expulsar e confinar tudo o que ameace a invadir a prática política com diferenciações, como: *“a especificidade dos corpos e desejo da mulher, a diferença de raça e cultura, a variabilidade e a heterogeneidade das necessidades, as metas e desejos de cada indivíduo, a ambigüidade e mutabilidade dos sentimentos”.*<sup>49</sup>

A análise e crítica da dicotomia entre uma razão pública imparcial e objetiva e uma esfera privada ostensivamente “pré, ou anti-racional”,

<sup>50</sup>Ver, dentre outros: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla. Introdução. Além da política de gênero. IN: *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos e NEVES, Magda B. de Almeida. Relações de gênero e sindicalismo. IN: *Anais do VIII Encontro de Estudos Populacionais*. Brasília, 1992.

<sup>51</sup> Na Teoria Crítica, o modelo de Habermas, por exemplo, possibilita ver, de modo convencional, a estrutura e a inter-relação de público e privado. De modo que, na versão de Habermas, a divisão de público e privado, permanece contraposta: por um lado, os sistemas político, jurídico e econômico da sociedade - onde todos podem participar com igualdade de condições, na figura de agentes econômicos, cidadãos políticos e pessoas jurídicas. E por outro, a esfera fechada e exclusiva da intimidade, sexualidade e afeição, que caracteriza a família nuclear moderna. HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

<sup>52</sup> Nancy FRASER. O que é crítico na teoria crítica? O argumento de Habermas e gênero. IN: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. op. cit.- p.45.

<sup>53</sup> Ver SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. IN BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História*. São Paulo: EDUSP, 1992. p. 63-95.

<sup>54</sup> Várias feministas, como Biddy MARTIN e Chandra T. MONHANTY, preocuparam-se com certas tendências dentro do próprio movimento das mulheres que identificavam o feminismo com outra categoria totalizadora - a Mulher Branca Ocidental.

como apontam os estudos feministas, tem ignorado a hierarquia de gênero aí existente e modelado, assimetricamente, a vida dos homens e mulheres em nossa sociedade. E assim se estabeleceu “a esfera privada, como lugar privilegiado das mulheres - uma vez que elas representam os desejos e as afetividades - e o público, como lugar privilegiado dos homens - uma vez que representam o racional, o político e o cidadão”.<sup>50</sup>

Na elaboração dessas categorias, dessas esferas de ação,<sup>51</sup> há um subtexto que é decisivo, pois conceptualiza as identidades sociais de indivíduos modernos como trabalhadores, consumidores e clientes, de uma forma universalizante.<sup>52</sup> O sujeito universal incorporado aqui é o homem branco, heterossexual, classe média. Mas o Universal, implica em uma comparação com o específico ou o particular – homens brancos com outros que não são brancos, ou não são homens, homens com mulheres.<sup>53</sup> A crítica da ausência, ou invisibilidade, das mulheres no mundo público e a este sujeito Universal, objeto pragmático de nossas teorias sociais trazem o “dilema da diferença” e desvela uma miríade de homens e mulheres vivendo em complexos de classe, raça, gênero históricos e elaborados.<sup>54</sup>

Atualmente, os debates e as pesquisas sobre gênero proliferam em vários campos, chegando mesmo a expressar - por perpassar vários domínios: corpos sexuados, etnias, classes sociais, sexualidades, identidades, relações, normas e práticas sociais, divisão de trabalho, distribuição de poder e prestígio - algumas complexidades e divergências conceituais. Mas, por esta mesma razão, gênero é altamente promissor, uma vez que nos incita, incessantemente, a tematizar, a questionar, a desconstruir, a minar não apenas as consideradas “atitudes naturais” que dizem respeito a homem e mulher, ao masculino e ao feminino, mas também, certas categorias epistemológicas e ontológicas fundamentais do Ocidente, tais

Preocupadas em manter na visibilidade as diferenças dentro das diferenças, ela advertiram sobre a necessidade de se “transformar a suposição de que os termos de um discurso feminista totalizador são adequados à função de articular a situação de todas as mulheres. Ver: BIDDY, Martin and MOHANTY, Chandra Talpade. *Feminist Politics: What’s Home Got to Do With It?* IN: *Feminist Studies*. Teresa de LAURETIS (ed.). Bloomington : Indiana V.P, 1986.

<sup>55</sup> Desde os tempos de Platão, o ideal de um domínio ordenado de pensamento - no qual o intelecto pudesse se refugiar da confusão da paixão e do sensual - tem dominado as aspirações intelectuais Ocidentais. Assim, desde a sua remota origem no pensamento grego, nossos ideais de Razão têm sido associados com um distanciamento do particular e também, com a idéia de uma esfera pública separada da esfera doméstica. A Razão é um pré-requisito para, e um ponto de acesso a, não apenas a uma espaço de vida público ou político mas também a uma esfera pública do pensamento - um domínio de princípios universais e ordenadores necessários de idéias. Em um quadro altamente influente de moralidade que encontrou a sua mais alta expressão na ética de Kant, esse domínio de princípios universais era visto como o próprio locus da consciência moral. De vários modos, esse quadro ainda está presente entre nós. Conforme: LLOYD, Genevieve. *Reason, Gender and Morality in the history of philosophy*. Social Research. 1983. p. 409-491. Apud STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift*. op.cit.

<sup>56</sup> - Ver: COSTA, Cláudia de Lima. O leito do procrusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. In: *Cadernos Pagu*.

como: o Sujeito, a Verdade, a Razão, o Homem Universal.<sup>55</sup>

Os estudos feministas têm criticado as polaridades dicotômicas existentes no nosso modo de pensar e - questionando o subtexto de gênero presente nas entrelinhas tanto da nossas teorizações quanto de nossas instituições sociais - mostra que as fronteiras entre estas polaridades sempre foram fluídas. Tanto o movimento quanto os estudos feministas colocaram-se como desafio a esse artifício que é a rigidez dessas separações. Eles procuram mostrar que a discriminação entre os sexos não se encontra pré-determinada na constituição do corpo, e que tanto as diferenças sociais entre homens e mulheres que parecem tão naturais quanto as diferenças biológicas entre órgãos sexuais e as funções reprodutivas - mudam.

Criticando e desconstruindo polaridades de categorias do conhecimento (objetividade & subjetividade, por exemplo); de categorias sociais (esfera pública, política ou domínio da produção x esfera privada, íntima, domínio da reprodução); de identidades sociais (quer seja como trabalhadores, clientes, consumidores, cidadãos), a crítica feminista revela que as categorias sociais são categorias de gênero - relacionadas, também, com etnia, classe, orientação sexual, e, outras.<sup>56</sup>

Judith Butler em *Gender Trouble*, por exemplo - como estratégia para desnaturalizar e ressemantizar as categorias corporais, descreve e propõe “um conjunto de exercícios de paródia, baseados em uma teoria performativa de desempenho de gênero, que estilham as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade e ocasionam a sua resignificação para além da estrutura binária”.<sup>57</sup>

Recusando as divisões binárias, Bulter mostra que não há uma oposição necessária entre o simbólico e o material, o abstrato e o concreto, o individual e o social, a psique e o institucional, o subjetivo e o político. Nessa obra, a autora, pretende precisamente confundir todas essas distinções aparentemente claras - que na verdade

Núcleo de Estudos de Gênero/  
UNICAMP. Campinas (2) 1994.  
p. 142-143.

<sup>57</sup> - BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York. Routledge. 1990.p. x. Prefácio. Segundo Butler essas paródias servem para re-comprometer e reconsolidar a própria distinção entre uma configuração de gênero naturalizada e privilegiada e aquela que aparece como derivada, fantasmática e minética – como se fosse uma cópia fracassada. (p.146)

não são claras, mas cuja falsa claridade é necessária para ancorar a “atitude natural”. Infelizmente, segundo ela, a atitude natural não pode ser refutada pela força da lógica ou da repudição. Ela tem que ser desnaturalizada e isso requer um entendimento de como ela opera - não apenas como um abstrato sistema lógico, mas como uma ideologia que constitui as experiências subjetivas de gênero, que produz “mulheres e reforça subjetividades normativas”.

Vale lembrar que o esforço para fazer avançar os estudos sobre gênero, não é o mesmo que um esforço para impor a esses estudos uma claridade conceitual, ou para remover dele toda a ambigüidade. O objetivo dos debates instaurados por esses estudos não é apenas o de uma descrição da diversidade social que se apresenta sob indagação, mas o desvelamento de interesses que estão por trás da descrição como tal. Por isso mesmo o feminismo se apresenta cheio de perspectivas.

A base múltipla de seus debates é criada através de sua deliberada abertura interdisciplinar e da competição entre suas abordagens internas. As diferentes posições dos feministas falam em relação umas às outras. Ou seja, uma posição evoca outras. Dessa forma, o modo pelo qual essas posições são constantemente recolocadas tem um efeito mais amplo - elas não aparecem juntas como parte de um todo, mas sim como presenças coevas, simultâneas, dentro da discussão. Cada uma delas está ancorada na sua própria proximidade à experiência vivida .

A teoria feminista começou tentando estender e reinterpretar as categorias de vários discursos teóricos, de forma que as experiências, atividades e relações sociais das mulheres se tornassem analiticamente visíveis dentro da tradição do discurso intelectual. Se a natureza e as experiências das mulheres são tão sociais quanto a dos homens, então os discursos teóricos disponíveis deveriam revelar a vida das mulheres com tanta clareza e detalhes quanto era

<sup>58</sup> STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift*. op.cit

\_\_\_\_\_. *Dislodging a World View: Challenge and Counter-Challenge in the Relationship Between Feminism and Anthropology*. Draft of a lecture given in the series, *Changing paradigms: the impact of feminist theory upon the world of scholarship*. At the Research Center for Women's Studies, Adelaide. July 4, 1984.

<sup>59</sup> SCOTT, Joan Wallach. *Comment on Hawkesworth's "Confounding Gender"*. In: *Signs: Journal of Woman in Culture e Society*. Chicago: The University of Chicago Press. Vol. 22. Number 3. Spring 1997. p. 697- 702.

<sup>60</sup> A modernidade, nascida com a Ilustração, acreditando no progresso linear da civilização, na continuidade temporal da história, em verdades absolutas, padronizantes e homogeneizadoras, recusou a fragmentação, a indeterminação, a descontinuidade, a diferença. A construção dessa racionalidade iluminista, de estilo cartesiano, colocou a afetividade, a sensualidade, o desejo e a paixão como contrapostos ao pensamento.

<sup>61</sup> Como temos visto, "uma das preocupações das Luzes é pensar a diferença feminina, diferença sempre mais ou menos marcada pela inferioridade, tentando, ao mesmo tempo, torná-la compatível com o princípio de uma igualdade baseada no direito natural. Trata-se assim de conferir às mulheres papéis sociais: esposa, mãe ... Todos os pensadores iluministas sublinham que existe nisso, para o sexo, uma necessidade. É por esta função, querida pela natureza, que a mulher, de algum modo, pode ser cidadã. Frontalmente, nunca é

presumido que as abordagens tradicionais o faziam com a vida dos homens. Essas categorias e conceitos, pareciam poder tornar-se objetivas, no lugar onde elas não eram, ou seja, nas experiências, atividades e relações sociais das mulheres. Porém, apesar de ter produzido um corpo teórico altamente significativo e imprescindível - os feministas ao revisitarem, por exemplo, as teorias psicanalítica, marxista, funcionalista, além de subverter-lhes conceitos fundamentais, fizeram usos criativos delas - essas tentativas, levaram à conclusão que os problemas que essas teorias tentavam resolver não foram gerados pelas experiências das mulheres e, tampouco, as experiências das mulheres serviam como teste de adequação para elas.<sup>58</sup>

Segundo Scott, o que por alguns é chamado de "contradição incurável" do feminismo é o efeito das contradições da teoria democrática liberal que oferece garantias universais de inclusão, mas que estabelece para tal um único padrão.<sup>59</sup> As diferenças e as multiplicidades dificilmente se enquadram nesse esquema<sup>60</sup>, sendo, portanto excluídas. Essa é uma das raízes das contradições, dos dilemas com os quais, repetidamente, as mulheres têm se confrontado desde as revoluções democráticas do século XVIII<sup>61</sup>.

As mulheres tiveram que provar uma mesmice de modo a se qualificar para a igualdade - se atingissem o padrão único (o mesmo padrão da individualidade masculina), encontravam, mesmo que com dificuldades, a inclusão. Porém, elas tiveram que argumentar a sua igualdade enquanto mulheres, e dessa forma, levantaram a questão de sua diferença.

O dilema da igualdade versus diferença, como observa Scott, não admite resolução, uma vez que ele é construído dentro do feminismo, o qual de uma só vez incorpora e protesta contra as contradições da teoria política liberal. Assim a origem do problema constitutivo do feminismo não é ele próprio. E, tampouco, é o feminismo

reconhecido à mulher um estatuto político (salvo, talvez, por Condorcet) Podemos dizer que a ideologia mais representada no século XVIII, consiste em considerar que o homem é a causa final da mulher". In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das mulheres – do Renascimento à Idade Moderna*. São Paulo: Ebradil, 1991.

uma resposta inevitável à discriminação contra a mulher. O feminismo se tornou possível devido às contradições das teorias de igualdade e justiça do liberalismo que são também a origem da desigualdade e injustiça. O feminismo existe devido a essas contradições e como uma contradição nas sociedades que se auto representam como democráticas.

Como não é possível retirar o feminismo de dentro do liberalismo não há, portanto, como livrá-lo – assim como as teorizações feministas - destas contradições. Mas são, justamente, essas contradições – assim como as ambigüidades, a não conformidade, a quebra de limites, a falta de regras, as ameaças - que têm tornado possível as contribuições mais originais do feminismo para repensar o caráter plural e conflituoso do mundo real, da vida social, assim como feito emergir e impulsionado as mais importantes quebras de pensamento.

O campo dos debates feministas centrou-se, em um primeiro momento, nos estudos sobre a especificidade das experiências vividas pelas mulheres, partindo da constatação de que as teorias sociais e de ação social existentes eram profundamente androcêntricas. Mas foram esses mesmos debates que possibilitaram fazer ver que o androcentrismo, além de impedir que as mulheres fossem vistas e ouvidas impedia, também, que fossem vistas e ouvidas a diversidade dos homens – as suas visões, por vezes dissidentes da homologia masculino/público/político. Essas teorias ao homogeneizar o masculino, ao torná-lo em equivalente implícito do social, retirava dele toda possibilidade de reconstrução crítica.<sup>62</sup>

<sup>62</sup> ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de Si*. op. cit. p.

### **III - A construção social de homens e mulheres – o simbolismo de gênero**

O movimento feminista, sem dúvida, tem produzido um impacto social e político muito grande. Na produção teórica feminista este

impacto levou a uma maior amplitude no reexame dos chamados estudos de, ou, sobre mulheres, possibilitando, com os estudos sobre gênero, um avanço teórico significativo. No que diz respeito aos antropólogos feministas - mesmo lembrando que feministas e antropólogos formam comunidades acadêmicas diferentes - cabe ressaltar que dois aspectos dos atuais estudos sobre gênero são importantes para ambos - a desnaturalização e a dimensão relacional entre homens e mulheres.

Entre os clássicos da antropologia, alguns estudos, principalmente, os de Malinowski, Bateson e Mead, de certa forma, dedicaram-se a temáticas que os estudos feministas atuais privilegiam - a sexualidade e a construção do masculino e o feminino -. Estes últimos viam a cultura como uma variável determinante, no comportamento diferenciado de homens e mulheres. Como está em Mead, enquanto não for possível entender como uma cultura pode moldar todos os homens e mulheres nela nascidos, de forma que se aproximem de um comportamento ideal inerente apenas a alguns poucos, ou restringir a um sexo o ideal de comportamento que outra cultura logrou limitar ao sexo oposto, não se poderá falar de forma muito compreensiva sobre diferenças sexuais, ou como acrescentaríamos hoje, sobre diferenças sexuais e também de gênero.<sup>63</sup>

<sup>63</sup> Ver MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.9.

<sup>64</sup> MALINOWSKI, B. *A vida sexual do selvagem*. MALINOWSKI, B. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Petrópolis: Vozes, 1973.

Em *Sexo e Repressão*, Malinowski discutindo com a psicanálise, desafia a teoria edípica - ao concluir que o complexo de Édipo não é um fenômeno universal.<sup>64</sup> Em *A Vida Sexual do Selvagem* - quando examina a sexualidade como uma força sociológica e cultural, incorpora em seus exames as relações de gênero - muito embora não as denomine assim - sem no entanto separá-lo de sexo. Porém, se por um lado a sua concepção de gênero dá margem a que se inclua nela a dicotomia homem/mulher, deixa de lado as relações que se estabelecem entre homens e entre mulheres.

Bateson, faz uma etnografia da cerimônia Naven - ritual de inversão, dos latmul, sociedade patrilinear da Nova Guiné - durante a qual os homens se vestem de mulher e, as mulheres, de homem, privilegiando o modo através do qual esta cultura promoveu um *ethos* convencional que afetou a interação entre os sexos. Como ele mostra, cada sexo tinha seu próprio *ethos* vividos como uma variedade de respostas emocionais. Assim, quando vestidos com adereços femininos, os homens encarnam a figura de uma mulher velha, decrépita e suja. O comportamento deles exprime abnegação, modéstia e humilhação, perante seu *laua* - acentuando a dramaticidade da representação, ao comportar-se como esposa do homenageado. As mulheres, quando travestidas, assumem o papel de um homem elegante exibindo toda a riqueza dos adereços masculinos - as insígnias dos homicidas. Elas atuam, orgulhosamente, de modo a ostentar a plenitude da virilidade latmul.<sup>65</sup>

<sup>65</sup> Ver: BATESON, Gregory. *Naven*. Stanford: Stanford University Press, 1965. A relação social posta em destaque neste ritual é a de Wau-Laua, ou seja, o irmão/irmã da mãe enaltece, durante uma cerimônia pública, o orgulho pela ação realizada por seu parente que, contrariamente à conduta que se espera do jovem, trata seu wau de maneira provocativa e pouco respeitosa. O tratamento que o wau recebe, sem protestar, é jocoso e intensifica sua atitude de reverenciamento diante do *laua*. BATESON, Gregory. *Naven*. op. cit.

Este ritual é utilizado para marcar etapas importantes de aquisição de status social e Bateson, na etnografia que faz dessa cerimônia, analisa a construção simbólica da feminilidade e da masculinidade entre esse povo - tentando mostrar que as bases de toda estrutura social e do *ethos* da cultura latmul estão erigidas sobre as diferenças entre homens e mulheres. Os homens são merecedores do Naven quando consomem um homicídio, fato muito relevante para uma sociedade de caçadores de cabeças, quando se destacam, contribuindo para que tal ato seja levado a efeito, ou quando, pela primeira vez, realizam uma atividade considerada específica de seu gênero, como por exemplo: fazer canoas, remos, tocar instrumentos rituais, praticar a caça, etc. No que se refere às meninas e às mulheres, o Naven é realizado quando elas conseguem concretizar tarefas que são consideradas, também, próprias de seu gênero, como por exemplo: cozinhar sagu, praticar certos tipos de pesca, tecer mosquiteiros, assim como na ocasião do nascimento do primeiro filho. Segundo Bateson:

“De qualquer modo que se veja, a partir de qualquer instituição que estudemos, encontramos o mesmo tipo de contraste entre a vida dos homens e a das mulheres. Generalizando podemos dizer que os homens ocupam-se em atividade espetaculares, dramáticas e violentas que tem seu centro na casa cerimonial, enquanto as mulheres se ocupam das rotinas necessárias e úteis da coleta de alimento, cozinha e criação de filhos – atividades centradas em torno das moradias e das hortas. O contraste entre a casa central e a casa de moradia é fundamental para a cultura”.<sup>66</sup>

<sup>66</sup> BATESON, G. *Naven*. p. 124.

Em *Sexo e Temperamento*, Margaret Mead contesta a determinação biológica dos papéis sexuais. Trabalhando a variação cultural dos papéis masculinos e femininos, assim como os traços de personalidade-tipo - considerados como normais, ou desviantes, para cada sexo, em cada uma das três culturas que enfocou – Mead traz a sexualidade para o campo da cultura e mostra que gênero, no Ocidente, não é natural.<sup>67</sup>

<sup>67</sup> MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

No prefácio à edição de 1950, deste seu estudo, ela diz ser difícil falar ao mesmo tempo de duas coisas: de sexo, no sentido das diferenças sexuais biologicamente dadas, e de temperamento, no sentido de dom individual inato. Porém, ela diz que gostaria de falar de como cada um de nós pertence a um sexo e tem um temperamento, temperamento compartilhado com outros do nosso sexo e com outros do sexo oposto. Mead chama a atenção para os limites que o pensar através de exclusões e alternações coloca à nossa cultura, no sentido de as pessoas não conseguirem entender que outras culturas possam moldar homens e mulheres de modos diferentes da nossa.

*Sexo e Temperamento*, como ela própria diz, é um relato de como três sociedades primitivas agruparam suas atitudes sociais em relação ao temperamento em torno dos fatos das diferenças sociais.

Cada uma dessas tribos dispunha, como toda sociedade humana, do ponto de diferença de sexo para empregar como tema na trama da

<sup>68</sup> MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento* op.cit. p.22.

<sup>69</sup> MEAD, Margaret. *Macho e fêmea. Um estudo dos sexos em um mundo em transformação*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 23. Este trabalho de Mead foi, primeiramente, publicado em 1949 no contexto, portanto, do final da Segunda Grande Guerra.

<sup>70</sup> MEAD, Margaret. *Macho e fêmea. Um estudo dos sexos em um mundo em transformação*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 312-317.

<sup>71</sup> MEAD, Margaret. *Macho e fêmea. Um estudo dos sexos em um mundo em transformação*. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 7.

<sup>72</sup> ORTENER, Sherry B. and WHITEHEAD, Harriet. *Sexual Meanings. The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Introduction Cambridge University Press. 1992. p. 1.

vida social, que cada um desses três povos desenvolveu de forma diferente. Comparando o modo como dramatizam a diferença de sexo, é possível perceber melhor que elementos são construções sociais, originalmente irrelevantes ao fato biológico do gênero de sexo.<sup>68</sup>

Em *Macho e Fêmea*, Mead preocupada com o estudo dos sexos em um mundo em transformação coloca a pergunta: “*Como devem pensar homem e mulher sobre sua masculinidade e feminilidade neste século XX, onde tantas idéias velhas devem ser renovadas?*”<sup>69</sup> Neste seu trabalho, a distinção entre sexo e gênero se torna mais visível. Apesar de não usar a palavra gênero, ela o trata como um *condicionamento social*:

“*É-nos permitido, a partir de agora, afirmar que os traços de caráter que qualificamos como masculinos e femininos são (...) determinados pelo sexo, de forma tão superficial como a roupa (...) resultado de um condicionamento social (...) Não é possível, à luz dos fatos considerar que traços como a agressividade e a passividade sejam determinados pelo sexo do indivíduo (...) o mesmo se passa com os temperamentos masculino e feminino no plano social. Certos traços comuns a homens e mulheres são consignados a um sexo e recusados a outros*”.<sup>70</sup>

Para ela, os homens e mulheres deveriam “*voltar a pensar em si próprios como pessoas, primeiramente, e como membros de um sexo, secundariamente*”<sup>71</sup>. A sua busca -na tentativa de decodificar a variação cultural dos papéis masculinos e femininos e dos traços de personalidade preferencial para cada sexo, em cada cultura - já aponta para o universo simbólico e, de certa forma está em harmonia com afirmações bem posteriores como: “*O que gênero é, o que os homens e mulheres são, e os tipos de relações que acontecem entre eles não são simples elaborações de dados biológicos mas, em grande medida, produtos de processos culturais e sociais*”.<sup>72</sup>

No sentido que lhe é atribuído hoje, “*gênero*” veio a abarcar um universo muito mais

<sup>73</sup> O conceito de metáfora usado por Strathern está de acordo com o conceito de metáfora usado por Roy Wagner, ou seja, intercambiado com o conceito de signo e não em contraste com o signo. Ver: WAGER, Roy. *Lethal Speech*. Citado por STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift*. op.cit. p. 71.

<sup>74</sup> MEGGITT, Mervyn J. *Male, Female relationship in the highlands of Australia New Guine*. STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift*. op.cit. p. 51-52, 71.

<sup>75</sup> STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift* op.cit. p. 71.

amplo. E, apesar de o antagonismo de sexo ser interpretado ainda em termos comportamentais – como uma questão de relações entre situações divergentes entre homens e mulheres – as análises deslocaram-se para o universo simbólico. Assim, como mostra Strathern, “o simbolismo sexual pode ser entendido não apenas como estereótipos ou personalidade escolhida, mas como uma metáfora,<sup>73</sup> que assimila o que foi simbolizado dentro de sua própria construção. Ou seja, ao tomar gênero como metáfora para as oposições convencionais que elas impõem ao mundo, as pessoas estabelecem para sempre aquelas oposições dentro do próprio corpo delas. É assim, através de imagens de diferenças de base sexual que se ordena todo um conjunto de valores que passam a ser orientadores de comportamentos e ações sociais.

Segundo leitura de Strathern, o artigo de Meggitt, que explora o relacionamento entre crenças sobre poluição e alinhamentos militares, em uma sociedade da Nova Guiné, foi um exercício de análise simbólica sobre as relações masculino-feminino.<sup>74</sup> Como ela mostra, nesse artigo, Meggitt, ordenou o relacionamento entre uma série de termos, por analogia à lógica subjacente de oposição entre homem e mulher. Assim, as relações homem e mulher baseadas na biologia - e que refletem uma série de atributos culturais que não tem qualquer ligação com o biológico - passaram a servir de fundamentos metafóricos para um universo simbólico de equações polarizadas, uma classificação social e quando gênero ganhou corréncia, as construções eram tocadas como metafóricas. As relações entre os sexos eram imagens para a organização de idéias sobre outras coisas, sobre as forças sociais, políticas e culturais, sobre valores gerais. As categorias constituídas como uma organização social e o modelar (em termo dos tempos) das relações entre homens e mulheres estavam abertas à decodificação, mas a preocupação era com o processo de significação e com a relação entre os termos.<sup>75</sup>

Uma das críticas feitas por Strathern à teoria feminista dos anos 70, é a de que assim que ela entrou na Antropologia, não considerou as categorizações feitas por Meggitt e, além disso, considerou o léxico como um instrumento de poder para localizar os sexos um em relação ao outro – tomando mesmo como inquestionável a referência do simbolismo masculino feminino para com a questão biológica. Mas foi a própria crítica dos feministas que desvelaram gênero como uma construção ideológica, assim como levantou a questão do androcentrismo dos modelos teóricos de análise da sociedade por eles utilizados.

A preocupação com a falta de modelos analíticos adequados para descrição da estrutura social e para o estudo das relações entre os sexos se tornou, particularmente importante quando foram iniciados os debates sobre a natureza universal da subordinação da mulher, assim como da dicotomia entre os domínios público e privado. Estas esferas foram apresentadas como demarcando domínios de ação e como correspondendo às avaliações das pessoas sobre o significado das atividades de homens e mulheres.<sup>76</sup>

Gênero visto como a elaboração de uma diferença biológica está ligado às dicotomias público/privado, natureza/cultura, produção/reprodução. Ou seja, gênero como metáfora para categorizações de homens e mulheres ancoradas no determinismo biológico está ligado a um modelo dual que é próprio de uma determinada cultura e que por privilegiar um dos pares em detrimento do outro tem um efeito assimétrico, hierarquizante.

Um aspecto importante do debate feminista sobre o público x o privado foi a compreensão de que o limite entre as áreas de ação estabelecidos para homens e mulheres — é, ele próprio uma imagem. Essa imagem cria uma diferença de valor entre tipos de ação. Onde os valores são mapeados, como parecem ser, dentro da distinção entre “coisas de homem” e “coisas de mulher”, uma representação simbólica dos

<sup>76</sup> Na teoria de Habermas, por exemplo, há duas separações diferentes de público e privado. Uma no nível do “sistema”, ou seja, no nível da separação entre o Estado (ou sistema público) e a economia (oficial) capitalista (ou sistema privado). Outra, no nível do “mundo da vida”, ou esfera privada. Ou seja, a esfera privada se duplica em dois outros níveis, e essa duplicação caracteriza, dentro desse espaço, uma esfera pública - ou espaço da opinião e da participação política; e uma outra, que é a esfera íntima do privado - que é o lugar da afetividade, da intimidade, da sexualidade - da pequena família patriarcal. Esses espaços são, respectivamente, o que Habermas chama de esfera da participação política pública e esfera da intimidade privada. Essas quatro esferas estão ligadas e interagem através de trocas, mas é ignorado, como critica Fraser, que essas categorias sejam dotadas de gênero. HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. FRASER, Nancy. O que é crítico na teoria crítica? O argumento de Habermas e gênero. IN: *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

<sup>77</sup> YANAGISAKO, S. *Sex and Gender: You Can't Have One Without the Other*. Citado por ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de Si*. op. cit. p. 139-140.

<sup>78</sup> ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de Si*. op. cit. p. 139-140.

<sup>79</sup> Aqui há uma discussão interessante que é, precisamente, uma das críticas que Donna Haraway faz a respeito da distinção sexo/gênero na história recente da teoria feminista. Segundo ela, *assim como a natureza é tão somente a matéria-prima da cultura, apropriada, preservada, escravizada, exaltada, ou de outros modos, tornada flexível para ser utilizada pela cultura na lógica capitalista, de modo similar, o sexo é apenas a matéria do ato de gênero (...) o sexo é "recuperado" e re-presentado como reapresentado como gênero que "nós" podemos controlar*. HARAWAY, Donna. *Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective*. In: *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. Free Associatin Books. 1991, p. 198.

<sup>80</sup> KOFES, Suely. *Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações*. IN: *Cadernos Pagu*. Campinas. IFCH/UNICAMP, 1993. vol. I. p. 28.

sexos se torna o meio através do qual a própria possibilidade de ação é apresentada.

Almeida, comenta o trabalho de Yanagisako,<sup>77</sup> para quem a separação dos fatos biológicos do sexo dos fatos culturais do gênero abriu caminho para a interpretação de gênero como um sistema de símbolos e de significados influenciadores de, e influenciados por, práticas e experiências culturais. Yanagisako diz que agora que questionamos o nosso modelo da base natural do sexo e começamos a explorar as práticas culturais através das quais as pessoas são sexualmente constituídas como sujeitos sexuais, temos que manter em mente o caráter *gendered* dessas práticas<sup>78</sup>.

Os estudos do simbolismo de gênero tem sido dominado pelo conceito de gênero como uma construção social, cultural, ou seja simbólica. O que tem sido construído tem sido entendido como os próprios "papéis de gênero", e o modo segundo o qual o mundo da vida diária os normatiza, assim como o faz com as imagens estereotípicas, ou ideais das relações entre os sexos.

Nem sempre deixando de lado o sexo,<sup>79</sup> uma perspectiva como esta quando explicita o campo de - *gênero afirmam sua transcendência sobre as divisões e tradições disciplinares*. Assim, gênero - não seria apenas uma metáfora para explicar diferenças de base sexual, mas "*um instrumento que mapeia um campo específico de distinções, aquele cujos referentes falam da distinção sexual. Quer onde estão sujeitos concretos, substantivos, homens e mulheres, quer onde nem mesmo encontramos esses sujeitos*".<sup>80</sup>

#### IV - Gênero, uma possibilidade de interpretação

Foi buscando esses sujeitos concretos mas, também, ações, artefatos, categorizações - ou seja, mantendo gênero em relação com a referência sexual, mas desnaturalizando sexo - que Strathern buscou entender o modo segundo o qual o simbolismo de gênero estrutura conceitos e relações - busca esta que tem sido um dos

<sup>81</sup> Strathern diz que o método comparativo - investigando variáveis por entre sociedades, de modo geral, descontextualiza as elaborações locais de forma a trabalhar com certos limites conceituais. Já, o estudo do sistema simbólico apresenta uma problemática diferente. Se os interesses se voltam diretamente para o modo no qual as idéias, as imagens, os valores são localmente contextualizados, uma descontextualização não funciona. As generalidades analíticas têm de ser adquiridas através de outros meios. A tarefa não é a de imaginar que se possa recolocar conceitos vindos de fora, a elaborações que são internas à sociedade, mas a de que as próprias elaborações analíticas possam ser localizadas na sociedade que os produz.

<sup>82</sup> - Perpassando todo este livro de Strathern, dentre as várias questões que estão postas, está sempre embutida a pergunta: como o pensamento feminista compreende as relações de gênero em culturas onde a divisão de sexos não é tida como inerente à natureza?

<sup>83</sup> - O nosso pensamento está marcado pela ausência da ambigüidade, da contradição - por isso a classificação é tão importante - uma coisa é, ou não. Já no pensamento deles tanto a ambigüidade quanto a contradição são aceitos. Assim, as coisas não são, definitivamente, classificadas.

projetos do feminismo. Foi pensando gênero - e fazendo uma análise crítica do feminismo que esta autora volta ao contexto Melanésio - porque o seu interesse é compreender o sistema simbólico de gênero contextualizado na sociedade que o produz.<sup>81</sup> Mas, apesar de o exemplo que ela nos oferece ser melanésio - o que tem que ser analisado não é um contexto específico de ações e comportamentos, mas um contexto geral onde os específicos ocorrem - seu exemplo nos ajuda a pensar muitas das questões que nos temos colocado sobre gênero.

Para trilhar este caminho é preciso ter em mente, como aponta Strathern, a necessidade de adentrar por um exercício de desconstrução e questionamento de vários pressupostos e construções analíticas da ciência ocidental.<sup>82</sup> Para ela, por exemplo, a nossa concepção de uma sociedade que mantém uma relação hierárquica com o indivíduo, não é um conceito explicativo para gênero, uma vez que a sua própria construção depende de gênero. As relações de gênero não são nem mais nem menos independentes que as demais relações sociais.

Os Melanésios têm um modo específico, à maneira de um conhecimento, de apresentar para si mesmos suas relações e interações. Essas relações e interações não têm a forma ocidental de "sociedade" e nunca assumirão tal forma, uma vez que o conhecimento deles não está organizado de acordo com a lógica e as metáforas ocidentais. O pensamento deles está organizado por um modo de pensar por justaposição e não por classificação.<sup>83</sup> Nele as diferenciações não sugerem hierarquias mas, expansões e contrações. Devido a isso, a autora, mesmo trabalhando com metáforas derivadas da ciência social ocidental, utiliza os conceitos, por nós conhecidos, de modo que eles possam adquirir outro alcance analítico e, dessa forma, possibilidades de evocar a fluidez da vida social melanésia. É dessa forma que se tornam básicas, em suas análises, as idéias de socialidade (sociality) - a criação e manutenção de

organizações sociais que orientam diversas formas de relações individuais e coletivas; ação - o efeito, uma performance de apresentação; agente - alguém que age tendo outra pessoa em mente; pessoa - microcosmo das relações sociais; e, gênero, um "através" que demarca vários tipos de ação e, que é um operador de diferenças que tem por referência as diferenças baseadas no imaginário sexual.

Segundo esta autora, a Antropologia sobre as relações homem e mulher tem sempre separado dois aspectos: o primeiro, os estereótipos, isto é, as representações simbólicas dos sexos; o segundo, como as mulheres se adaptam à sua posição, como manobram, como adquirem poder informal. Ela nos adverte para o perigo de se colocar as mulheres como atores centrais do sistema e para termos cuidado para com a distinção que deve ser feita entre os conceitos de pessoa e de indivíduo.<sup>84</sup> Isto porque estamos acostumados a lidar com a noção de pessoa como um agente, um sujeito, como um autor de um pensamento e de uma ação. Essa nossa noção modelou o nosso entendimento de que os sujeitos são atores que criam um relacionamento, ou que agem como precipitadores de relacionamentos.

Esse modo de pensar, como demonstra, Strathern torna difícil que possamos imaginar que as relações possam ser a sustentação das pessoas, ou as bases para a ação social. Isso se torna mais claro se pensarmos, ajudados pelo modo de pensar melanésio que a pessoa é um microcosmos das relações sociais, o *locus* plural e singular (aqui a referência a pessoas inclui a referência a indivíduo – essa ambiguidade é importante nesse momento) das relações que a produzem. Cada pessoa é um indivíduo, um múltiplo, um *transformer*. Por isso tem a possibilidade de se transformar, temporariamente, em um singular, em um indivíduo. Isso porque cada um possui dentro dele possibilidades que podem ser acionadas ao interagir com o outro. O agente da ação é esse transformador, esse pivô. Ele revela a unidade que tem que ser alcançada porque é o ato, a ação

<sup>84</sup> - Aqui é importante pensarmos em uma passagem de Louis Dumont em "L'absence de l'individu dans les institutions de l'Inde: Nossa escolha do indivíduo representa a opção por um nível privilegiado de considerar as coisas, enquanto que no universo estrutural não há nível privilegiado; as unidades de diversas ordens aparecem e desaparecem ao sabor das situações ... Nosso indivíduo, ao contrário é etimológica e historicamente o indivisível; no sentido moderno é o elemento, o indivisível do valor universal ... Digamos que, ontologicamente, a unidade, entre nós, é a indivisibilidade, na Índia é uma totalidade, e totalidade significa dizer uma multiplicidade ordenada por oposições internas e hierárquicas. DUMONT, Louis. The individual as an impediment to sociological comparison and Indian history. Citado por HEILBORN, Ma. Luiza. Gênero e hierarquia. A costela de Adão revisitada. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ. Vol. 1. 1993.

<sup>85</sup> - Embora formalmente iguais, ou seja, sob o aspecto físico, o *Andrógino* não é o mesmo *Hermafrodito*, outra figura da Mitologia Grega. Costuma haver uma certa confusão, diz Junio Brandão - tanto por parte de mitólogos, quanto de lexicógrafos, quanto de médicos - de um com o outro. Aparentemente, eles podem se confundir, pois ambos são figuras entrelaçadas de um homem com uma mulher e, nesse estado simbiótico são estéreis. Do *Andrógino*, fala Platão em *O Banquete*, como está na epígrafe acima. O *Andrógino* era um gênero distinto que pela forma e pelo nome, participava, simultaneamente, do masculino e do feminino. Esse ser especial, con-jugado - pela etimologia, um homem - (*Andrós*: homem viril), em fusão com uma mulher (*gyné, gynaiakós*) - é aparente uno e essencialmente duplo. Ao serem separados por Zeus puseram-se numa busca da outra metade contrária, numa ânsia de se re-unir. O *Andrógino* é potencialmente fértil. Nele a sexualidade está latente. Também o *Hermafrodito* é a fusão de um homem (*Hermafrodito* - de beleza similar à de *Narciso* - filho de *Hermes* e *Afrodité*), com uma mulher (*Sálmacis*). Como relata uma das versões do mito, a ninfa *Sálmacis* apaixonou-se por *Hermafrodito* e quando este banhava-se nas águas da fonte enlaçou-o tão fortemente que lhe tirou qualquer possibilidade de resistência, pedindo aos deuses que jamais os separassem - no que eles a ouviram. Percebendo que, ao descer nas águas da Fonte de *Sálmacis*, perdera o vigor, tornando-se impotente, *Hermafrodito* pediu aos seus pais que a todos aqueles que ali se banhassem acontecesse o mesmo - no que, também, foi ouvido. Mas, e aqui está sua diferença com o

que unifica. E essa unidade só é alcançada, eliminando-se, soltando-se a parte sexual oposta. É esse quebrar de limites, esse soltar-se que marca os tipos de ação e orientam as possibilidades de que o efeito das sequências das ações sejam impressas em corpos particulares.

Assim, gênero é evidenciado, desvelado através da possibilidade dos corpos e mentes das pessoas, através do que está contido dentro delas próprias e do efeito de tudo isso sobre os outros. Por outro lado, essas possibilidades são mediadas através de uma diferenciação interna entre machos e fêmeas. É essa possibilidade, que aparece como interesse das pessoas, a base convencional, através da qual os atributos de masculino e feminino são estabelecidas - e não apreendidas como um artifício, ou como uma prática simbólica.

A forma que tomam os corpos e as mentes das pessoas - tanto se eles são vistos como masculinos ou femininos - torna-se o ponto de operação um sobre o outro. Isso não é o mesmo que dizer que essas pessoas estão sempre em um estado sexualmente ativado. Pelo contrário, a sexualidade é uma ativação específica de um estado particular de gênero. Para uma pessoa encontrar outra do "sexo oposto" significa que o próprio gênero dele ou dela toma uma forma singular. Nessa condição uma pessoa elicit na outra uma forma sexual correspondente. Assim ele é totalmente masculino (*all male*), ou ela é totalmente feminina (*all female*) em relação a aquele outro. Quando a identidade de gênero se torna homogeneizada em uma forma unitária de um único sexo as partes internas da pessoa estão em relação *same-sex* com a outra. No entanto, o produto de tal ativação, concebido como um produto do relacionamento entre parceiros toma uma outra forma: incorpora dentro dele mesmo uma relação *cross-sex*. A pessoa de gênero pode então ser imaginada como composta dual, ou múltipla, uma espécie de *andrógino* e, nesse estado *andrógino* homens e mulheres são inativos sexualmente - ou seja, não operam nem como homem, nem como mulher.<sup>85</sup>

Andrógino, o Hermafrodito jamais poderá ser dividido, desagregado, separado. Ao contrário do andrógino, o Hermafrodito é parentemente duplo e essencialmente uno. Ver: BRANDÃO, Junito. *Dicionário Mítico Etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991. Verbetes *Hermafrodito*.

O andrógino é o sinal da ação do outro, mas não é, ele próprio, o agente.

Nas suas relações com as outras, as pessoas alternam entre serem concebidas em um estado *same-sex*, ou em estado *cross-sex*. Por revelar-se tanto em uma forma quanto em outra, elas então incorporam relações sociais. Conseqüentemente elas, apenas, podem mostrar um comportamento na sua forma diferenciada.

Sexualmente ativa uma pessoa elicitava uma relação com um parceiro com o qual ela já estabeleceu uma relação sem mediação. O efeito é registrado naquela determinada pessoa. A relação delas pode ser percebida como a forma de seu interesse – os resultados de uma divisão de trabalho, de procriação no qual cada um tem algum interesse. O produto da ação torna-se um substituto para aquela relação: uma relação dual, conseqüentemente aparece em uma forma singular e composta.

No entanto, as relações podem também ser elicitadas à presença de um parceiro do mesmo sexo. Aqui, a elicitação - a criação de um efeito, trazendo juntas entidades separadas – só pode ser alcançada se os pares se tornarem sujeitos, dessa forma seus interesses são separados através da própria relação.

A ação é que contém gênero, por isso, gênero está ligado à forma concreta que a ação toma, é o que fica impresso nestes corpos. O agente é múltiplo, é como se ele fosse uma junta, uma dobradiça, combinando dentro dele mesmo múltiplas perspectivas. Assim, gênero não é só sobre homens e mulheres. É por isso que as mulheres podem se dissociar de seu *handicap* de serem fêmeas, tal como os homens tem que provar o potencial de serem machos. Uma pessoa de qualquer sexo pode comportar-se de forma masculina ou feminina. O que tem que ser relevado é o modo através do qual as relações são construídas. Esse através é momentâneo, mas liga singularidades que são afins.



# DARLENES” E “MACABÉAS”: imagens e sons na formação de professoras/es

Marta Regina Alves Pereira \*

Maria Teresa de Beaumont \*\*

Regina Célia do Couto \*\*\*

**Resumo:** As discussões em torno de questões identitárias têm ocupado lugar de destaque no contexto das sociedades contemporâneas. No presente trabalho, propomos pensar as identidades de gênero e a relação com a diferença na formação de professoras/es. Nossa intenção é problematizar as expectativas hegemônicas em relação aos comportamentos de gênero, tendo como fundamentação as teorias pós-estruturalistas e a perspectiva intercultural. Para isso, utilizamos fragmentos de duas obras artísticas nacionais: *Eu Tu Eles* dirigido por Andrucha Waddington e *A Hora da Estrela*, romance de Clarice Lispector, transformado em obra cinematográfica sob a direção de Suzana Amaral, e que apresentam em suas tramas narrativas, personagens centrais femininas, nordestinas e muito peculiares. A escolha de imagens-som filmicos vem reafirmar nossa compreensão de que vivemos em uma sociedade midiática, o que torna interessante recorrer aos recursos e poder das imagens, para que possamos assumir uma atitude crítica frente ao que nos é apresentado.

**Palavras-chave:** Identidade, Gênero, Subjetividade, Formação docente

**Abstract:** The discussions around questions of identity have been in place of prominence in the context of the societies contemporaries. In the present work, we consider to think the identities of gender and the relation with the difference about the formation of teachers. Our intention is to make questions about the hegemonic expectations in relation to the gender behaviors, being had as recital the theories "pós-estruturalistas" and the intercultural perspective. For this, we use fragments of two national artistic workmanship: "Eu, Tu, Eles", directed for Andrucham Waddington and "A hora da Estrela", romance of Clarice Lispector, transformed into cinematographic workmanship under the direction of Suzana Amaral, and that they present in its trams feminine, northeosterns and very peculiar narratives, personages central offices. The choice of image – sound of the film comes to reaffirm our understanding of that are live in a society, what it becomes interesting to appeal to the resources and power of images, so that let us can assume a critical attitude the front of that in it is presented them.

**Key words:** Identity, Gender, Subjectivity, Teacher training

\* Graduada em Psicologia e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

\*\* Graduada em Pedagogia e Música e

## Considerações Iniciais

Os fatos humanos são raros, não estão instalados na plenitude da razão; pois o que é poderia ser diferente.

Paul Veyne

mestranda em  
Educação pela  
Universidade Federal  
de Uberlândia.

Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um  
sussurro. É o sussurro que me impressiona.  
Clarice Lispector

\*\*\* Graduada em História  
e mestranda em  
Educação pela  
Universidade Federal  
de Uberlândia.

O presente trabalho carrega em seu feito uma insatisfação e uma necessidade. A insatisfação refere-se às formas "tradicionais" de se pensar as relações de gênero que analisam o papel do homem e da mulher a partir de uma concepção binária na qual o homem é dominante – leia-se: ativo, empreendedor, agressivo, assertivo, impetuoso e a mulher é dominada: receptiva, passiva, complacente, hesitante, ponderada; ignorando a pluralidade de significados que "masculino" e "feminino" podem ter. Na prática diária em sala de aula, temos presenciado inúmeras "distintividades" nas quais as grandes explicações (metanarrativas) não se encaixam e requerem complexificações.

A necessidade relaciona-se a um desejo de abrir novos caminhos para se pensar as relações de gênero, especialmente diante de alunos e alunas que manifestam um comportamento diferenciado daquele que socialmente se espera deles/as. Aqui, nosso foco de atenção recai sobre o pressuposto de que na escola (e em outros contextos institucionais) a relação entre discurso e identidades sociais<sup>1</sup> se faz presente gerando conflitos e necessita ser problematizada.

Enquanto professoras formadoras, percebemos a necessidade de fazer avançar os espaços de conflitos, contribuindo para que nossas/os alunas/os re-signifiquem seus olhares sobre a questão de gênero. Observamos que os discursos circunscritos nos programas de formação docente privilegiam uma identidade hegemônica e partem da perspectiva de um ser humano centrado, unitário, coerente, o que merece nossas suspeitas especialmente porque entendemos que tais discursos subjazem a discriminações, exclusões e violências (explícitas e veladas) no espaço educativo. Nesse sentido, concordamos com Hall quando afirma que:

<sup>1</sup> Entendemos como identidades sociais os aspectos de nossas identidades relacionados à classe social, sexualidade, gênero, nacionalidade, raça, idade etc, que coexistem simultaneamente em cada um de nós.

<sup>2</sup> HALL, Stuart. A identidade em questão. In: HALL, Stuart (org.). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13.

<sup>3</sup> Gênero, da forma como aqui é entendido, refere-se "ao aspecto relacional entre mulheres e homens, rejeitando o sentido de determinismo biológico e passando a envolver valores construídos socialmente que não dizem respeito unicamente às mulheres, mas a femininos e masculinos" (SABAT, Ruth. *Pedagogia cultural, gênero e sexualidade*. In: *Estudos Feministas*. Ano 12, 1º semestre 2001.

<sup>4</sup> EU TU ELES. Direção: Andrucha Waddington. Brasil: Conspiração Filmes e Columbia Tristar Filmes do Brasil, 2000. 1 filme (102min), son., color.

<sup>5</sup> A HORA DA ESTRELA. Direção: Suzana Amaral. Brasil: Transvídio, 1985. 1 filme (96 min), son., color.

*"O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'. ... A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente".<sup>2</sup>*

Na citação acima, Hall preocupa-se em tentar ampliar nosso entendimento sobre quem somos. Questões como essa tem ocupado lugar de destaque no contexto das sociedades contemporâneas e no mundo acadêmico, essa preocupação intensifica-se. Este trabalho pretende instalar-se entre as discussões sobre a constituição identitária do gênero<sup>3</sup> feminino na formação de professoras/es, pautada pelos fundamentos da perspectiva intercultural, bem como, pensar a questão do gênero através das protagonistas "Darlene" (Regina Casé) e "Macabéa" (Marcela Cartacho), personagens centrais dos filmes *Eu Tu Eles*<sup>4</sup>, dirigido por Andrucha Waddington e *A Hora da Estrela*<sup>5</sup>, romance de Clarice Lispector, transformado em obra cinematográfica sob a direção de Suzana Amaral.

A escolha de imagens-som fílmicos vem reafirmar nossa compreensão de que vivemos em uma sociedade midiática, o que torna interessante recorrer aos recursos e poder das imagens no espaço educativo, para que possamos assumir uma atitude crítica frente ao que nos é apresentado. A revolução tecnológica a que assistimos participa ativamente do processo de

sentirmo-nos multiplicados "em identidades cambiantes". Num mundo que se diz globalizado, ao mesmo tempo em que corremos sérios riscos de homogeneização, "nos damos conta das diferenças de que somos constituídos imersos em desigualdades e contradições sociais".<sup>6</sup>

<sup>6</sup> LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 15.

Tudo isso tem colaborado para que nos percebamos como heterogêneos, fragmentados, contingenciados. Nesse contexto, os teóricos pós-estruturalistas ganham importância ao problematizarem o padrão identitário eurocêntrico e postularem que somos constituídos em práticas discursivas situadas num determinado tempo e espaço. Vejam por exemplo, o que Louro diz:

*"No contexto da nossa sociedade, a norma é, então, constituída a partir do homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão. Todos os outros sujeitos são apresentados (ou são representados) tomando-o como referência e como centro. Na expressão popular, a mulher é o 'segundo sexo': o gênero feminino é descrito pela sua diferença em relação ao masculino. ... a norma, o referente, a regra face à qual se estabelece uma relação para 'mais' ou para 'menos' é o gênero masculino".<sup>7</sup>*

<sup>7</sup> LOURO, Guacira Lopes. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000. p. 41.

Assim, o padrão masculino é o centro com o qual os outros são comparados e inferiorizados. Nesta mesma obra, a autora expressa a contraposição a essa idéia com as seguintes argumentações:

*"É preciso admitir que a própria Natureza é, também, uma construção histórica e social. A nossa forma de 'chegar' à Natureza, de nos referirmos ao que é, ou não é, natural também se dá pela linguagem, também se faz por meio de símbolos e de representações e também se modifica historicamente (...) Ninguém é essencialmente diferente, ninguém é essencialmente o outro; a diferença é sempre constituída a partir de um dado lugar que se toma como o centro"<sup>8</sup>.*

<sup>8</sup> LOURO, G. L. , op. cit., p. 39 e 42.

Uma dimensão das críticas ao eurocentrismo, refere-se à questão da identidade padrão – pessoal e social – do branco, como determinante de concepções e de comportamentos. Podemos dizer que ao se pensar nas questões de gênero, não podemos nos esquecer que nossa sociedade foi concebida em moldes patriarcais e o modelo no qual nos formamos preserva a distinção entre homens e mulheres como absolutamente normal.

Ancoradas em pressupostos teóricos que reafirmam a construção discursiva de nossas identidades, lançamos a questão central que nos acompanha neste texto: em que os cursos de licenciatura e formação continuada de professoras/es tem contribuído para fixar um ideal normativo de gênero?

### **O cinema como potencial reflexivo: Darlenes e Macabéas em ação**

É só por ilusão que se pensa poder dar a “palavra final”. O dizer também não tem um começo verificável: o sentido está (sempre) em curso.

Orlandi

Não partiremos em defesa do cinema como recurso à prática educativa, o que muitos parecem concordar. Antes, queremos chamar a atenção para a idéia de que sons e imagens fílmicos constituem-se como discursos e carregam possibilidades de gerar reflexões problematizadoras da realidade social.

Entender a prática da leitura de imagens-som como discurso é considerá-los enquanto produtores de sentidos e incompletudes capazes de gerar inúmeras interpretações.<sup>9</sup> São muitas as leituras possíveis de *Eu Tu Eles* e *A Hora da Estrela*. A nossa se limitará às personagens centrais de cada filme, observando os espaços ocupados por elas nas tramas narrativas e a forma como enfrentam os “fatos da vida”.

<sup>9</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

Apesar de não entrarmos em detalhes em relação às condições de produção das imagens fílmicas tomadas para análise neste texto, compreendemos que elas estão presentes na relação que o espectador estabelece com as imagens. O espaço aqui limita tal discussão, no entanto, queremos destacar que os dispositivos<sup>10</sup> utilizados na produção do filme interferem no processo de produção de sentidos.

<sup>10</sup> Aumont (1995) utiliza o termo dispositivo para designar as técnicas de produção das imagens, a forma de circulação e reprodução, os locais de exibição e os suportes que são utilizados para veiculá-las.

Nossa preocupação pontual é propor alguns elementos para uma reflexão que nos remeta ao caráter artificial e fabricado das diferenças de gênero. Ao escolhermos os dois filmes, procuramos contrastar duas imagens distintas do feminino e trabalhar a partir da idéia de que não existem "discursos verdadeiros" que nos constituem. O contato com as imagens, linguagens que constroem o gênero feminino em *Eu Tu Eles* e *a Hora da Estrela*, permite-nos a descoberta de diferentes possibilidades de ser.

### **Subjetividade Darlene, subjetividade Macabéa: onde irrompe a diferença?**

Que cansaço é este que se abate sobre mim na constatação da tortura e da dor que os modelos impõem ao humano, criando-o "a imagem de alguma coisa" que, certamente, não é divina?

Swain

Convidamos Darlene e Macabéa a este texto para que juntas possamos nos instalar entre idéias e conceitos que regem uma determinada forma de nos percebermos e nos relacionarmos com "os outros". Elas serão tomadas como depoimentos que oferecem a possibilidade de uma compreensão "polifônica e heterogenética da subjetividade"<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> GUATTRI, Felix. *Coosmose. Um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2000.

Inicialmente parece-nos interessante apresentar o conceito de subjetividade ao qual recorreremos para dizer sobre nossas duas personagens:

*"Subjetividade é o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva"<sup>12</sup>.*

<sup>12</sup> Idem, p. 19.

Subjetividade vista dessa forma não nos remete a universalismos e fixidez. É constituída por processos de subjuetivação onde se conectam múltiplos componentes de diferentes ordens. Para Guattari há heterogeneidades nos componentes que concorrem para sua produção e são eles:

*"1-Componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2-elementos fabricados pela indústria dos mídia, do cinema, etc; 3-dimensões semiológicas assignificantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então às axiomáticas propriamente lingüísticas"<sup>13</sup>.*

<sup>13</sup> Idem, p. 14.

Subjetividade dessa forma, não é um processo que principia e finaliza, é fluxo, é devir, uma vez que os componentes que a constituem podem se conectar de infinitas formas, passível de "virtualizações e particularizações"<sup>14</sup>. E como se dão as particularizações em Darlene e Macabéa? Para que possamos pensar sobre isso, necessário se faz introduzir nossas ilustres visitantes.

<sup>14</sup> FONSECA, Tânia Mara Galli. Subjetivação na perspectiva da diferença: heterogeneidade e devir. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 24 n.1, jan/jun 1999.

Darlene, personagem do filme *Eu Tu Eles*, inspirado em história real, apresenta-se como uma mulher roliça, decidida, forjada na dureza da vida sertaneja. Vive, como tantas outras mulheres do sertão do nordeste, histórias de perdas, frustrações, privações. Mas Darlene não se submete à escassez de sua vida. Em meio a seca e a tudo em sua volta que teima numa existência mirrada e ressequida, Darlene inventa alegrias e busca a

beleza: - *"Um pouco de beleza é bom pra disfarçar a tristeza"*, responde a Zezinho quando elogiada.

Darlene perspicazmente supera as expectativas de qualquer mundo pautado pela cultura masculina: trabalha duro na lavoura enquanto seu marido Ozias, deitado na rede ouve rádio; controla o dinheiro que ele recebe da aposentadoria, busca-o na cidade e faz as compras da casa. Porém, aqui é interessante observar que o filme também nos mostra Darlene em atitude submissa quando entrega o pagamento pelo trabalho na lavoura a Ozias, que o recebe e guarda no bolso como alusão ao seu papel masculino: Ozias, dono da casa onde moram, dono do mundo, dono de Darlene.

Darlene, subjetividade processual que ora se submete, ora subverte a ordem vigente. E sua maior subversão: manter os três homens como os quais se relaciona, seus três "maridos" debaixo do mesmo teto. Os maridos cedem, permitem, calam, consentem, superando também as expectativas falocêntricas de nossa cultura. Darlene revoluciona costumes sem levantar bandeiras, sem discursos em defesa da fruição de seus desejos. Sua resistência é velada e ativa, constituída de pequenos gestos cotidianos.

Para pensar Darlene enquanto processo de subjetivação, Guattari mais uma vez vem ao nosso encontro e afirma ser possível escapar à "grande máquina capitalística" que insiste em nos produzir.

*"A essa máquina de produção de subjetividade eu oporia a idéia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de 'processos de singularização': uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização*

*existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos".<sup>15</sup>*

<sup>15</sup> GUATTARI, Félix,  
ROLNIK, Suely.  
*Micropolítica. Cartografias do desejo.*  
Petrópolis: Vozes, 1986.

E Darlene se recusa a viver desconsiderando seu desejo/necessidade, por isso recria, reinventa a própria vida como se produzisse uma obra de arte cujo suporte é a sua própria existência. Ao acompanhar a trajetória de Darlene no cinema, assistimos a um processo de singularização em ato. A subjetividade Darlene da forma como foi apresentada neste texto, contrapõe-se à de Macabéa, também mulher, nordestina e oriunda de uma "vida magra".

No escritório onde trabalha, ouve-se o ruído da máquina de escrever prenunciando a aparição de Macabéa. Atrás da mesa, sentada, ela datilografa e seca o nariz com a palma da mão ou na manga da blusa. Sua figura é franzina, cabisbaixa, sem atrativos aos olhos de quem a vê. Forasteira, retirante de si e do mundo, Macabéa, órfã e sem parentes vivos, tenta a sorte na capital.

Entre as possibilidades de fruição que a cidade lhe oferece, Macabéa gosta de passear no metrô aos domingos, de coca-cola e de ouvir a Rádio Relógio. O rádio é seu bem de consumo mais precioso, o único veículo de comunicação acessível a ela na cidade grande. É pelo rádio que o mundo externo entra para dentro de seu quarto. Na voz do locutor, Macabéa vê desfilar palavras das quais não reconhece o significado mas que lhe soam grandiosas, provocando sua curiosidade.

Macabéa fala pouco, os diálogos onde aparece como interlocutora são curtos, faltam-lhe palavras para expressar-se, não há o que dizer, a não ser fazer perguntas inócuas ou tentar responder ao que lhe perguntam. Na companhia de seu namorado, o silêncio prevalece e para evitá-lo ela repete o que ouve no rádio ou pergunta sobre o significado das palavras que

desconhece. Sobre si mesma ela diz em diferentes momentos do filme:

- "*Sou datilógrafa, sou virgem e gosto de coca-cola*".
- "*Eu não acho que sou muita gente... É que eu não sei explicar, será que eu sou eu ?*"
- "*Eu acho que eu sou alguma coisa, mas eu não sei o que tem dentro do meu nome.*"

Assim, Macabéa, aos 19 anos constituiu apenas um vago sentimento de si, não possui um "território de existência auto-referencial" que lhe possibilite uma vida subjetiva, o que dificulta ainda mais sua tentativa de sobrevivência<sup>16</sup>. Ela copia, repete, reproduz, mimetiza "modos de existência" alheios. De próprio Macabéa guarda o corpo mirrado, a timidez excessiva, a perplexidade ante os fatos da vida e o sentimento de desamparo do tamanho do mundo. Toma aspirina para aliviar sua dor de existir, não sabe que para esse tipo de dor não há remédio que cure.

Quanto ao futuro, ela não tem planos. É Glória, colega de escritório que a encaminha a uma cartomante para saber o que lhe aguarda e talvez intervir para que lhe advenha o melhor. Ao sair da cartomante, animada com o futuro promissor por ela anunciado, entra numa loja de roupas femininas e troca seus trajes por um vestido de seda esvoaçante, solta os cabelos e sai eufórica ao encontro do que mal consegue esperar a hora para ver acontecer. Dos trajes antigos, conserva os sapatos de plástico e as meias escuras, destoantes. Ao atravessar a rua é atropelada por um carro de luxo, criação maquínica de um mundo para o qual não conseguiu desenvolver habilidades, pois viva, não correspondeu a nenhuma espécie de padrão: familiar, de feminilidade, profissional ou social. Morta, é socorrida por seu algoz (ou será aquele que maior bem lhe fez?), um moço rico, loiro, de olhos azuis.

Se comparamos Darlene e Macabéa enquanto mulheres sertanejas, semelhanças aparecem, mas são as diferenças que saltam aos

<sup>16</sup> ROLNIK, Suely. Despachos no museu. Sabe-se lá o que vai acontecer... In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda, VEIGANETO, Alfredo (org.). *Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

olhos. Darlene, no anonimato do sertão, recria formas de vida entre a seca e seus amores. Macabéa, na grande metrópole, solitária e desamparada, morre entre a dor e a nostalgia de uma vida rala.

De Macabéa não podemos abstrair muita coisa a respeito de sua subjetividade. Uma presa fácil aos agenciamentos capitalísticos, mas até para isso seria necessário sentir-se existindo com um pouco mais de intensidade, pois para a subjetividade constituir-se é preciso a presença de um existir dentro e fora:

*"Fora e dentro participam, pois, da mesma substância, o dentro constituindo-se como uma envergadura do fora; o fora como uma multiplicidade de perfis projetados de dentro. Ao fora aprendemos a chamar de mundo; ao dentro, de subjetividade. Essa mútua constituição é o que atesta, de uma vez por todas, a minha existência como devir mundano, a existência do mundo como devir subjetivo: eu-n'outro/outr'em mim, sacos da mesma farinha, pães do mesmo trigo"<sup>17</sup>.*

<sup>17</sup> NAFFAH NETO, Alfredo. *Outr'em mim*. Ensaios, crônicas, entrevistas. São Paulo: Plexus, 1998. p. 70.

E talvez aí esteja a diferença: Darlene sabe-se, tem nome e sobrenome. Macabéa ignora-se, desterritorializada de si e sem mecanismos de reterritorialização, subjetividade minguada, atordoada pelo "apoucamento" de sua existência.

Entre Darlenes e Macabéas estamos todas nós, mulheres outras que a vida recria consoantes e dissonantes aos modelos que nos quer sempre iguais.

## Imagens e sons em movimento

A arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica.

Barbosa

Os estudos sobre a relação entre cultura e música, apontam para o questionamento da abordagem eurocêntrica de arte que considera, no caso da música, o repertório da tradição erudita européia como o de "maior valor". Em contraposição, tais estudos revelam a importância de se considerar não mais a *música*, mas as *músicas* das diferentes culturas como componentes da vida das diversas comunidades sociais.

Refletindo sobre a implicação dessa abordagem para o campo do ensino de música e, mais extensivamente, para o da formação docente temos, por um lado, a necessidade de valorização e utilização da experiência musical cotidiana das/os alunas/os, ao contrário de ignorá-la – prática comum ainda hoje. Por outro lado, a necessidade de se trabalhar com as músicas de outras culturas, enquanto possibilidades diferenciadas de organização sonora e meios de ampliação do discurso musical.

Nesse sentido, abordamos a utilização de músicas dos filmes que ora analisamos como discursos capazes de contribuir para a compreensão da constituição da identidade feminina de Darlene e Macabéa.

A música tema de Darlene, "O amor daqui de casa"<sup>18</sup>, foi composta por Gilberto Gil e, juntamente às demais canções da trilha sonora deste filme, é cantada por ele. No entanto, apenas esta e a música tema de Ozias, primeiro marido de Darlene, foram compostas para o filme; as demais são canções anteriormente gravadas e utilizadas na estruturação da trilha sonora.

O texto desta canção contribui, em seu conjunto, para a caracterização da personagem como uma mulher do sertão do nordeste, conforme as características sócio culturais que conhecemos daquela região: aridez, fome, miséria. Destacamos alguns trechos que exemplificam esta afirmação: "*Vai secar de novo o açude, Vida aqui tem sala e quarto, Quem não couber que se mude*".

<sup>18</sup> GIL, Gilberto. O amor daqui de casa. In: GIL, Gilberto, *Gilberto Gil e as canções de Eu Tu Eles*. Manaus: Warner Music Brasil, 2000. 1 CD. Faixa 11 (2min:27s).

A maternidade também é um elemento bastante presente nesta letra: “*A menstruação não desce*”, “*Vai doer de novo o parto*”, o que pode ser associado aos quatro filhos de Darlene, cada um de um pai. Mas até mesmo no amor, sentimento/prática/atitude em que Darlene subverte as expectativas de uma vida apenas de sofrimento, encontramos: “*O amor daqui de casa. Tem um sentimento nu. Com gosto de umbú travoso. Com cheiro de couro crú*”.

Quanto aos aspectos especificamente musicais, gostaríamos de advertir o leitor de que não tratamos de fazer aqui uma análise musical, no sentido restrito do termo, mas apenas de destacar a presença marcante de ostinatos<sup>19</sup> rítmicos e melódicos, que supomos contribuir para a constituição de Darlene como uma mulher cuja rotina de vida no sertão do nordeste não permite comportamentos e atitudes muito diversificados. É interessante notar, ainda, a presença de trechos do filme em que mesmo os maridos mantêm-se em atitudes que se repetem, por exemplo, os vários momentos da cena em que Ozias aparece deitado em sua rede, ouvindo rádio, *Zezinho* cuidando dos afazeres domésticos e *Ciro* na lida do canavial.

Já em *A Hora da Estrela*, gostaríamos de destacar, inicialmente, a importância do rádio e a força sonora do pingo d'água da torneira da pia, no quarto que Macabéa divide com outras três moças, acompanhando, como uma espécie de ponteiro sonoro, a hora certa e informações da Rádio Relógio. Além desta escuta, Macabéa também ouve músicas pelo rádio, e dentre elas, duas apresentam-se em momentos muito marcantes.

Trata-se de duas músicas da tradição erudita europeia que, paradoxalmente?, acreditamos contribuir na constituição da identidade de gênero desta personagem. Uma delas é a conhecida valsa *Danúbio Azul* do austríaco Johann Strauss (1825-1899), que Macabéa ouve no dia em que decide faltar ao trabalho e ficar consigo mesma. Dançando e sorrindo – pela

<sup>19</sup> Numa definição bastante simplificada, poderíamos afirmar que ostinato, em música, refere-se a padrões melódicos e/ou rítmicos que são frequentemente repetidos.

primeira vez – no quarto, Macabéa coloca o lençol sobre a cabeça, visivelmente imitando um véu de noiva e afirma: "*sou datilógrafa, sou virgem e gosto de coca-cola*". Seria esse um dos únicos, senão o único, momento em que Macabéa expressa uma auto-afirmação? Poderíamos inferir que o emprego, a virgindade, um aspecto do paladar e talvez o desejo de casar, seriam o bastante para definir o feminino em Macabéa? Talvez um feminino insuficiente para a vida, uma vez que ela parece incorporar uma dada incapacidade de sobreviver consigo mesma e com os outros.

<sup>20</sup> DONIZETTI, Gaetano. *Una furtiva lagrima*. In: Opera Collection, *L'Elisir d'Amore*. London: Record, 1994. 1 CD. Faixa 9 (6min:02s).

A outra música, presente tanto no livro quanto no filme, intitula-se *Una furtiva lagrima*<sup>20</sup>, da ópera *L'Elisir d'Amore*, do compositor italiano Gaetano Donizetti (1797-1848). Ouçamos a força da impressão/emoção causada por essa música na voz da própria Macabéa: "*sabe, ontem eu escutei uma música tão linda, que eu até chorei*" – trata-se da primeira das duas vezes em que chora, durante todo o filme. Olímpico pergunta se era um samba e responde Macabéa: "*num sei, acho que se chamava Una furtiva lacrima, lacrima. Era cantada por um homem que já morreu, era assim ó, eu acho que até sei cantá essa música*".

Chorando ao ouvir essa música, Macabéa nos faz refletir sobre quão significativa pode ser uma música cuja linguagem verbal é incompreensível, mas cuja linguagem especificamente musical é capaz de conferir uma expressão de força, beleza, doçura e encanto a uma personagem que nem sabia dizer se era.

Nos parece surpreendente que uma nordestina de vida tão "simplória" num Rio de Janeiro de 1985 se emocione ao ouvir pelo rádio uma canção composta há 153 anos atrás, na Itália de 1832. Não estamos, com isso, reforçando a afirmação inúmeras vezes proclamada de que "a música é uma linguagem universal", dado que

*"A música de um povo deverá ser entendida de modo a poder dar conta de sua realidade ... mais do que a herança genética, é*

<sup>21</sup> SEKEFF, Maria de Lourdes. Sistema tonal, discurso de uma cultura. In: \_\_\_\_\_. *Curso e dis-Curso do Sistema Musical (tonal)*. São Paulo: Anablume, 1996. p. 145.

*exatamente a cultura que determina a música dos povos e justifica as suas realizações ao mesmo tempo em que sua música vai constituir também sua cultura*<sup>21</sup>.

Pretendemos, em virtude do caráter introdutório deste estudo, postergar para um segundo momento o aprofundamento destas questões que nos permitem inferir, por ora, a multiplicidade e complexidade do feminino desta instigante personagem.

### **Gênero e formação de professoras/es**

Temos o direito a ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizam; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza.

Santos

Discutir gênero e formação de professoras/es é sem dúvida tarefa complexa e durante anos foi negligenciada nos meios acadêmicos, o que reclama por mudança. Neste trabalho, as personagens Darlene e Macabéa vieram contribuir para ampliar nossa compreensão sobre as identidades de gênero e nosso papel enquanto sujeitos da história, formadoras/es de professoras/es.

Darlene, se move com sutileza entre os afazeres domésticos, cuidar dos filhos, ser amante, esposa, mãe e sustentar a casa, superando a crença de que o trabalho e a atuação da mulher são secundários, contrapondo-se às concepções tidas como verdadeiras. Macabéa, no entanto, é a comprovação do modelo que menospreza e desqualifica não apenas o trabalho feminino, mas também o gênero feminino pela sua timidez, fragilidade, atitude submissa, medo de despertar para a sexualidade. Darlene e Macabéa podem ser vistas como figuras de um jogo social, no qual procuram forjar sua sobrevivência no universo masculino, ora conformando-se, ora não, ao modelo social culturalmente construído.

Voltando nosso olhar para a escola, instituição mantenedora do *status quo*, observamos que as concepções curriculares nos quais se configuraram a presença de um modelo masculino, heterossexual, branco, contribuíram para a construção de estereótipos nas sociedades contemporâneas. O currículo disciplinar é monocultural na medida em que nas disciplinas é veiculado o saber considerado universal, verdadeiro, válido, para qualquer pessoa ou grupo, em qualquer tempo ou lugar. Em relação às identidades de gênero, a escola parece estar "*absolutamente empenhada em garantir que os seus meninos e as suas meninas se tornem homens e mulheres 'verdadeiros', o que significa dizer homens e mulheres que correspondam às formas hegemônicas de masculinidade e feminilidade*"<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> LOURO, G. L. Op. cit., p. 49.

À universidade, enquanto instituição formadora, cabe o papel de colocar em questão o modelo em vigor. "*Esta temática tem estado ausente na formação de professoras/es e, para que estes sejam agentes de uma educação intercultural, terão de ser introduzidas e trabalhadas, tanto na formação inicial quanto na formação continuada.*"<sup>23</sup>.

<sup>23</sup> CANDAU, Vera M.; SACAVINO, Susana. Educação em direitos humanos e formação de professores. In: CANDAU, V. M. (org.). *M a g i s t é r i o : construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 289.

Ainda que hajam posições diversificadas sobre a conceituação de termos como *multi*, *pluri* e *interculturalismo*, o debate e as propostas de transformações que atingem a prática dos profissionais da educação escolar, especialmente, a formação de professoras/es, estão na ordem do dia.

*"Assim na prática pedagógica, aparece como principal desafio a necessidade de elaborar a multiplicidade e a contrariedade de modelos culturais que balizam na formação de visão de mundo dos educandos. Trata-se também de compreender as relações que tal visão estabelece com os modelos (de conhecimento, de avaliação, de comportamento) transmitidos através de situações educativas, particularmente na escola. O foco central da prática deixa de ser a transmissão de uma cultura homogênea e coesa"*<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> FLEURI, Reinado Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil: culturas diferentes podem conversar entre si? 2002. p. 3-4, (mimeo).

Pensamos então, que nos cursos de licenciatura, mudanças curriculares, poderão contribuir para formar profissionais engajados nas discussões identitárias. Defendemos ainda, a necessidade de uma abordagem intercultural na formação de alunas e alunos e por hora, aceitamos o desafio de repensar e recriar as possibilidades de mudar o que é dado como verdadeiro e irrefutável, afirmando nossa esperança de que é possível desejar com o poeta: *"Tomara que tudo que nos separa não frutifique, não valha. (...) Tomara uma nação solidária, sem preconceitos, tomara"*<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> VALENÇA, Alceu;  
VALENÇA FILHO,  
Rubem. In: Zé  
Ramalho, Fagner,  
Alceu Valença. Zona  
Franca de Manaus:  
Studio Z, 2000. 1 CD .  
Faixa 11 (3 min 15 s),  
vol. 2.



# Experiências e representações sobre desenvolvimento, meio ambiente e gênero nas ONGs do cerrado<sup>1</sup>

Eliane Schmaltz Ferreira(\*)

**Resumo:** Este estudo faz uma recuperação das perspectivas da visão de gênero na Cooperação Internacional, ressaltando que, nas conclusões da Conferência da Terra (RIO/92), identificou-se a necessidade e a urgência de contar com as mulheres, reconhecendo-se suas dificuldades e problemas específicos, para avançar em termos de um desenvolvimento sustentável. O tema da mulher no cenário da Cooperação Internacional não é resultado de um desenvolvimento linear livre de divergências e contradições. Apresentam-se também, os elementos centrais que caracterizam esses enfoques pois eles aventavam as análises das práticas construídas e desenvolvidas pelas ONGs do Cerrado, referentes às mulheres e às relações de gênero. São considerados, os olhares e as práticas de um conjunto de ONGs com o objetivo de mapear o desenvolvimento sócioambiental, um inventário de experiências "locais" que tem as mulheres, em geral de comunidades pobres, como gestoras e beneficiárias e que tentam alinhar-se a princípios de desenvolvimento sustentável com o objetivo latente ou manifesto de mudança das relações de gênero.

**Palavras-chave:** Gênero, Ongs, Desenvolvimento Sustentável

**Abstract:** This article makes a recovery of the perspectives of the vision of gender in the International Cooperation, standing out that, in the conclusions of the "Conferência da Terra (Rio/92), necessity was identified to it and the urgency to count on the women, recognizing itself difficulties and problems, to advance in terms of a sustainable development. The subject of the woman in the scene of the International Cooperation isn't resulted of one right development free of divergences and contradictions. It is also presented, the elements central offices that characterizes these approaches therefore they presented analyze them of the practical ones constructed and developed for Ongs of the "Cerrado" referring to the women and to the relations of gender. They are considered, the looks and the practical ones of a set of Ongs with the objective of showing the social and ambient development, an inventory of local experiences that has the women, in general of poor communities, as managers and beneficiaries and that principles of sustainable development with the manifest objective of the relations of gender try to tack it.

**Key words:** Gender, ONGs, Sustainable Development

<sup>1</sup> Artigo tirado da tese de Doutorado: Rede Cerrado de ONGs: Novos Códigos de Sociabilidade e a Perspectiva do Gênero defendida sob a orientação da

O conceito de gênero de Joan Scott explica que gênero, ao contrário de sexo, é socialmente construído, permitindo refletir sobre todos os aspectos da vida, incluindo sexualidade, identidade, política e divisão do trabalho. O aprendizado que o conceito de gênero viabiliza

Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda, na USP, 2003.

(<sup>1</sup>) Dra. em Sociologia pela Universidade de São Paulo, professora adjunta do Departamento de Ciências sociais da UFU e atual Coordenadora de Pesquisa do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher, da UFU – NEGUEM.

<sup>2</sup> SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Cristine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991.

<sup>3</sup> ALVAREZ, S. E. *Advocating feminism. The Latina American feminist NGO "Boom"*. *International Feminist Journal of Politics*, v.1, p.191. 1999.

<sup>4</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997. p.286.

é mostrar as relações de poder entre homens e mulheres, e como essas relações ocorrem.

Na acepção de Scott<sup>2</sup>, a sociedade legitima uma estrutura gênero/poder. Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero – distinções fundadas sobre o sexo, uma maneira de se referir à organização social das relações entre os sexos – estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. À medida que essas referências estabelecem distribuições de poder – um controle ou um acesso diferencial às fontes materiais e simbólicas –, o gênero torna-se envolvido na concepção de poder. É um primeiro modo de dar significação às relações de poder, uma dimensão decisiva da organização da igualdade e da desigualdade.

A relação entre as agências de desenvolvimento, o feminismo e as ONGs, tem por base algo mais do que um interesse institucional. Alvarez<sup>3</sup> sustenta que as ONGs latino-americanas têm uma identidade "híbrida", que envolve tanto seu papel crescente como defensoras profissionais de políticas de gênero, quanto suas raízes em um movimento em favor de atribuição de poder às mulheres e da mudança cultural transformadora. Mesmo havendo cada vez mais pressão na direção "do lado técnico profissional" das ONGs, Alvarez vê o feminismo crítico ainda muito vivo entre as ativistas institucionalizadas. Para Thayer, essa identidade dual caracterizou as feministas em agências internacionais que deram apoio a projetos de mulheres.

## 2.2. Enfoques e Estratégias sobre o Tema da Mulher e de Gênero

A prática social, no modelo analítico desenvolvido por Santos<sup>4</sup>, está estruturada em quatro espaços-tempo: o espaço-tempo mundial, o espaço-tempo doméstico, o espaço-tempo da produção e o espaço-tempo da cidadania. Cada um desses espaços-tempo tem problemas

fundamentais com que se debatem no presente, e Santos centra-se no modo como tais problemas articulam-se com os problemas dilemáticos do espaço-tempo mundial analisados por meio de três vetores: a globalização da economia, o crescimento populacional e a degradação ambiental.

O espaço-tempo doméstico é o espaço-tempo das relações familiares, nomeadamente, entre cônjuges e entre pais e filhos. Essas relações familiares estão dominadas por uma forma de poder, o patriarcado, que está na origem da discriminação sexual de que são vítimas as mulheres.

O patriarcado é visto por Santos como a matriz das discriminações que as mulheres sofrem fora da família, ainda que atue em articulação com outros fatores.

*[Este] carácter matricial manifesta-se, no fato de que, a divisão social do trabalho tende a ser homogênea e relativamente estável em formações sociais com diferentes divisões sexuais do trabalho noutros espaços-tempo. Um pouco por toda parte a mulher tem a seu cargo, para além da reprodução biológica, a preparação dos alimentos, as compras para o consumo doméstico e o trabalho de organização e execução que permita a reprodução funcional da unidade familiar.<sup>5</sup>*

<sup>5</sup> \_\_\_\_\_. *A crítica da razão indolente, contra o desperdício de experiências*. São Paulo: Cortez, 2000. p.278. O autor amplia a discussão apresentado mais dois espaços-tempo: o do mercado e o da comunidade.

Há uma tendência da forma de poder (o patriarcado) do espaço-tempo doméstico influenciar a subordinação da mulher no mercado de trabalho, sendo apropriada tanto pelo capital no espaço-tempo da produção, como pelo Estado no espaço-tempo da cidadania, que a institucionaliza, no domínio do direito penal, direito da família e da segurança social.

É complexa a articulação do espaço-tempo doméstico com o espaço-tempo mundial. Dada a primazia do papel das mulheres na reprodução biológica da humanidade, a posição delas na família e na sociedade, a sua maior ou menor autonomia para tomar decisões, a sua

educação e os seus valores, as suas atitudes perante o controle da natalidade e a educação dos filhos são fatores importantes em qualquer política de controle populacional.

No princípio dos anos 1970, o tema da população ocupou um lugar destacado na agenda dos organismos internacionais. Não demorou a aparecer a preocupação pela mulher, como a protagonista e responsável pelo controle da fecundidade, variável-chave na determinação do nível e ritmo do crescimento da população. Os primeiros programas de desenvolvimento consideravam que se poderia reduzir a pobreza simplesmente reduzindo a fecundidade. Mais tarde, foi demonstrado que as variáveis associadas às condições da mulher, como a educação e a participação econômica, tinham um impacto direto nos níveis e na estrutura de fecundidade. A maior ou menor realização das condições sociais de apoio à maternidade, que permita às mulheres compatibilizar a maternidade com outros aspectos da sua vida ativa, explicam também as diferenças entre o comportamento reprodutivo das mulheres tanto nos diferentes países centrais como nos países do Sul<sup>6</sup>.

No Brasil, particularmente em estudos realizados na Bahia<sup>7</sup>, observou-se a ocorrência de mudanças nos padrões de procriação na Bahia nas décadas de 1970/1980. Os dados censitários analisados mostraram que mulheres mais escolarizadas vinham se mantendo no mercado de trabalho, mesmo em idades mais avançadas e tinham menos filhos. Detectou-se um movimento sistemático de restrição da procriação nas classes médias e altas principalmente no começo do século XX. Em outros segmentos sociais, nos quais as mulheres foram obtendo maior nível de instrução e melhor assistência médica, também houve uma redução sistemática das médias de filhos nascidos vivos. Para o estado da Bahia, o declínio das taxas globais de fecundidade refletiu que todo um processo de difusão de novas práticas de procriação para a constituição de proles pequenas já ia avançado<sup>8</sup>. É um longo processo,

<sup>6</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 1999.

<sup>7</sup> ANDRADE, E. S. F.; SOUZA, G. A. A. *Mulheres assalariadas: percepção e avaliação de suas condições de inserção social no trabalho e no grupo doméstico*. Salvador: UFBA, 1987. Relatório de Pesquisa.

<sup>8</sup> SOUZA, G. A. A. *Constituição e socialização de proles numerosas cada vez menores*. ANPOCS, out. 1991.

que envolve distintas classes ou segmentos sociais, em momentos históricos diferentes. Na realidade, as mudanças sócio-demográficas estruturais amplas não ocorrem repentinamente em apenas duas ou três décadas. Elas costumam requerer a alteração de relações sociais básicas, além de substituição de práticas sociais referidas a dimensões muito centrais da vida individual, familiar e social exercida por várias gerações sucessivas.

A globalização da economia tem um impacto significativo e multifacetado no espaço-tempo doméstico, assim como a degradação ambiental, que se faz sentir com mais intensidade nos países do Sul, onde as tarefas domésticas são feitas em íntima relação com a natureza. Para além da expulsão dos camponeses das terras mais férteis, selecionadas para culturas comerciais e de exportação, os projetos de desenvolvimento agrícola (grandes barragens, projetos de irrigação) produzem múltiplos desequilíbrios ecológicos, tais como, a desertificação, o desmatamento e a salinização, tornando mais difícil a sobrevivência diária e a vida doméstica dos camponeses.

Obras, como a de Esther Boserup, sobre o papel da mulher no desenvolvimento, publicada em 1970, mostraram as tendências para distinguir entre as posições das mulheres – tanto no espaço-tempo doméstico, como no espaço-tempo da produção – nos países do Norte e nos países do Sul, demonstrando que a aplicação das fendas de produtividade trabalhistas entre homens e mulheres ampliaram-se durante a década de 1960.

São três os argumentos apresentados por Boserup. Em primeiro lugar, a transição da chamada sociedade tradicional para a chamada sociedade moderna, tem envolvido sempre a queda de status social das mulheres. Em segundo lugar, o aumento do nível tecnológico da produção agrícola e da produção industrial afeta negativamente a taxa de emprego das mulheres, relativamente à dos homens. Em terceiro lugar, em toda a parte, há certas tarefas, aquelas

relacionadas com a subsistência, que são quase exclusivamente desempenhadas por mulheres.

Apesar da validade geral desses argumentos, eles correm o risco de criar uma imagem abstrata da mulher do Terceiro Mundo, não levando em conta as diferenças da situação em diferentes países do Terceiro Mundo e as diferenças de classe das mulheres no interior de cada país.

Além disso, esses argumentos podem estar parcialmente desatualizados pelos processos de globalização da economia. O trabalho de Benaria e Sen<sup>9</sup> faz uma apreciação do livro de Boserup em face das transformações ocorridas nesses dez anos seguintes à sua publicação.

<sup>9</sup> BENARIA, Lourdes; SEN, G. Accumulation, reproduction and women's role in economic development. *Signs*, Boston, v.7, n.2, 1981.

Com isso, difundiu-se internacionalmente a destruição do mito da neutralidade do desenvolvimento em termos do seu impacto sobre os sexos, aspecto que concentrou os olhares na mulher e permitiu advogar por melhorias em suas possibilidades de acesso aos setores modernos ou mais dinâmicos das economias.

Um outro aspecto, não menos importante na década de 1970, foi a crescente força social do movimento de mulheres, no nível internacional e, particularmente, nos países do Norte. As correntes de pensamentos do feminismo e seu ativismo político pela igualdade de direitos e oportunidades uniram-se para fazer viável a proposta de um ano internacional da mulher.

Em 1979, foi aprovada formalmente a "Convenção para Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra a Mulher". Este Tratado, ratificado em 1995, constituiu-se em um dos seis Tratados Mundiais das Nações Unidas e é aquele para cuja aplicação tem-se despertado maior resistência para sua aplicação. A Conferência da Terra, em junho de 1992, no Rio de Janeiro, reconhecia as dificuldades e problemas para se avançar em termos do desenvolvimento sustentável.

Mesmo sendo estabelecido consenso mundial sobre os critérios de "Igualdade, Desenvolvimento e Paz", ficou evidente que o

<sup>10</sup> AJAMIL, Menchu. A visão de gênero na cooperação internacional. Trajetórias histórica e perspectivas. In: NEVES, Maria das Graças Ribeiro das; COSTA, Delaine Martins (Orgs.). *Gênero e desenvolvimento institucional em ONGs*. Rio de Janeiro: IBAM/ENSUR/NEMPP; Madrid: Instituto de la Mujer, 1995.

<sup>11</sup> BUVINIC, M. Project for women in the third world: explaining their misbehavior. *World Development*, London, v.7, n.11, 1989.

<sup>12</sup> MOSER, Caroline. Gender planning in the third world: meeting practical and strategic gender needs. *World Development*, London, v.7, n.11, 1989.

significado do desenvolvimento tinha diferente enfoques<sup>10</sup>.

Inicialmente, Buvinic<sup>11</sup> e depois Moser<sup>12</sup> estabeleceram um tipo de classificação ou tipos de enfoques para examinar a relação entre as políticas e as estratégias dirigidas para a mulher e as necessidades de gênero. Essas necessidades foram formuladas com base na posição genérica da mulher dentro da divisão sexual do trabalho.

**O enfoque do bem-estar** é um dos enfoques mais antigos e encontra-se em vigência em alguns países do Terceiro Mundo. Concretiza-se mediante estratégias de ação para "grupos vulneráveis", débeis e subfinanciados. A ajuda tem sido proporcionada a mulheres de baixa renda, privilegiando suas funções reprodutivas na qualidade de esposa e mães. Segundo Moser, o enfoque do bem-estar apóia-se em três suposições: que as mulheres são receptoras passivas do desenvolvimento, que a maternidade é o papel mais importante das mulheres e que a educação e socialização das crianças é sua tarefa mais efetiva em todos os aspectos do desenvolvimento econômico.

**O enfoque da equidade** parte de outro ponto, e sobrepondo-se às estratégias de bem-estar, mostram-se evidências da importância do papel das mulheres, de seu atraso, em termos de produtividade, na inserção nos setores "de ponta". As mulheres participavam fundamentalmente nos setores de subsistência e informal das economias, assinalando os obstáculos que encontravam para conseguir um trabalho remunerado. Essa abordagem pode ser considerada como primeiro enfoque sobre a mulher no Desenvolvimento (MED) que impulsionou muitas agências de cooperação internacional.

Esse enfoque incorporou também aspectos que buscaram a igualdade de oportunidade nas relações entre homens e mulheres no mercado. Deu uma ênfase muito importante à independência econômica das mulheres como sinônimo de igualdade.

Não obstante, a lógica subjacente nesse

enfoque é que as mulheres, tendo perdido terreno para os homens e a fim de melhorar a sua posição, devem competir e ocupar as posições ocupadas por estes, por meio de políticas positivas de discriminação, em caso de ser necessário.

**O enfoque da antipobreza** mostra que a desigualdade econômica entre homens e mulheres não está ligada à subordinação, mas à pobreza, mudando a ênfase da redução da desigualdade entre homens e mulheres à redução da desigualdade de renda. É identificado como o segundo enfoque da concepção sobre mulher no Desenvolvimento (MED).

Segundo Moser, o enfoque da antipobreza centra-se, basicamente, no papel produtivo das mulheres, assumindo que o alívio da pobreza e a promoção de um crescimento econômico equilibrado requerem uma maior produtividade das mulheres nos lares de baixa renda. Como consequência, as intervenções com essa concepção procuram incrementar as opções de emprego e geração de ingresso das mulheres, por meio de um melhor acesso dos recursos produtivos.

Dada a ênfase ao papel produtivo da mulher, muitas vezes, as intervenções ignoram o seu papel reprodutivo e, na suposição de que a mulher tem muito tempo livre, estende-se exageradamente a sua jornada de trabalho. Mais do que gerar renda para a autonomia da mulher, essa abordagem gerou fracassos e tensões que a desqualificavam como produtora. Dentro desse esquema, proliferaram os projetos de geração de renda para as mulheres, que foram, na maioria, concebidos de maneira doméstica. O fato de haver diferenças em projetos de "microempresas" para os homens e "projetos de geração de renda" para as mulheres foi indicativo do caráter secundário outorgado ao trabalho produtivo das mulheres, considerado menos importante, sendo assumido como "receita pessoal".

**O enfoque da eficiência** é o que desfruta de maior popularidade e apoio por parte dos organismos de cooperação e financiamento

internacional. Esse enfoque propõe a tese de que uma maior participação econômica das mulheres nas iniciativas de desenvolvimento favoreceu a união da eficiência com a equidade. Com esta abordagem, observa-se uma passagem do enfoque da equidade para o enfoque da eficiência, dentro do marco da concepção global do MED. Tal passagem coincide com uma notável deterioração da economia mundial e com medidas de ajuste estrutural enfrentadas pelos países do Terceiro Mundo.

Produz-se, assim, um deslocamento do objetivo central: a ênfase transfere-se das mulheres para o desenvolvimento, enfoque que tem a virtude de reconhecer que as mulheres são essenciais para o esforço do desenvolvimento em sua totalidade. Porém, esse enfoque, segundo Ajamil<sup>13</sup>, não significou que o desenvolvimento devia melhorar as condições de vida e de trabalho para as mulheres. Na prática, tem significado um deslocamento de custos de economia remunerada para a não remunerada, particularmente, mediante o uso do tempo, sem salário, das mulheres. Privilegia-se seu papel reprodutivo e de gestora comunitária. Por essa razão, tem ganhado muita popularidade nas políticas de ajuste dos países. Com o trabalho gratuito das mulheres para atividades tais como autoconstrução, processamento de alimentos, etc, podem-se redistribuir recursos para outras áreas e cortar despesas em serviços. Assume-se, então, que muitos dos cortes podem ser amortecidos pela elasticidade do trabalho das mulheres.

**O enfoque da aquisição e geração de poder**, mais do que um enfoque, é uma estratégia de intervenção que se baseia em uma determinada concepção sobre o poder e suas origens não são recentes.

No início, foi confundido com a estratégia da equidade, mas difere desta, não só em suas origens, mas também na identificação das causas da subordinação da mulher.

Essa estratégia, segundo Ajamil<sup>14</sup>, questiona um dos pressupostos fundamentais

<sup>13</sup> AJAMIL, op. cit., p.33.

<sup>14</sup> Idem, p.34.

sobre o poder, implícito nos outros enfoques. Reconhecendo a importância das mulheres, aumentarem o seu poder, o que identifica menos em termos de dominação sobre os outros e mais em termos da capacidade das mulheres poderem incrementar a sua própria autoconfiança na vida e influir na direção da mudança, mediante habilidade para ganhar e ter controle sobre recursos materiais e não materiais<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> MOSER, op. cit., p.30.

Na verdade, esse enfoque reconhece o triplo papel da mulher, em termos das suas funções reprodutivas, das suas funções produtivas e das suas funções comunitárias e a necessidade de produzir mudanças nos fatores que explicam as condições de subordinação da mulher. Para os que aderem a esse enfoque, são essenciais as mudanças nas leis, mudanças nos sistemas de propriedade, no acesso e na utilização de recursos por parte da mulher. Porém, é na forma de como alcançar essas mudanças que se identificam as diferenças fundamentais. Procura-se uma ação de cima para baixo por meio da força e pressão das mulheres organizadas. Por isso, procura-se mobilizar e gerar poder para a mudança pela conscientização das mulheres para desafiar sua subordinação.

Para Ajamil, esses diversos enfoques levam a formas de abordagem e de intervenção que podem ou não incidir sobre as relações de subordinação determinadas pela divisão sexual do trabalho. Dentro das correntes da concepção global de Mulher no Desenvolvimento, ficou claro que o enfoque da equidade, na sua posição inicial, tratou de abordar esses aspectos. Mas, preocupados com a condição da mulher, procuram-se elevar seu "status" em relação ao homem, sem questionar as causas que deram lugar a tais desvantagens. Por outro lado, os enfoques da antipobreza e da eficiência, mesmo com ênfases muito diferentes, podem dar resposta ao que Moser denominou de necessidades práticas, sem que necessariamente se cubram as necessidades estratégicas nem se toquem as raízes da subordinação.

**O enfoque de gênero** refere-se ao esforço sistemático de documentar e compreender os papéis de homens e mulheres dentro de contextos específicos, bem como as relações recíprocas entre tais papéis e a dinâmica social de tais contextos. As dimensões centrais do enfoque de gênero seriam: a divisão do trabalho por sexo, entre papéis produtivos e reprodutivos, no interior de ambas as categorias; as assimetrias por sexo no acesso e no controle de recursos e serviços; e os fatores econômicos, sociais, culturais e ambientais, que incidem sobre os diferenciais anteriores.

Conseqüentemente, sob o conceito de gênero entende-se uma construção social do masculino e do feminino e os papéis que se atribuem socialmente aos sexos. Com essa perspectiva, as estratégias de intervenção dirigem-se às formas de relações de gênero, sem se limitar a incidir sobre as mulheres ou sobre as causas da subordinação olhadas tão somente do ponto de vista das mulheres. Assim, a cooperação internacional é chamada a renovar os seus esquemas de trabalho e a incorporar dimensões antes não contempladas nos projetos de desenvolvimento.

No final da década de 1990, o crescente interesse das agências de desenvolvimento em ver a nova terminologia integrada às propostas de financiamento foi um incentivo para novas inserções no gênero.

Nas experiências observadas, a heterogeneidade dos grupos financiados aponta para uma "abertura" no que se refere ao apoio de iniciativas que beneficiem as mulheres. As ONGs pesquisadas não se consideravam feministas, mas preocupavam-se com as mulheres, que, em alguns projetos, como o das mulheres doceiras de Monte Carmelo (APR),<sup>16</sup> eram maioria nas suas atividades e desenvolviam um programa destinado a elas. É o caso também das mulheres que lidam com plantas medicinais (comunidade do Cedro/Fundação Ecológica de Mineiros).

As preocupações com a mulher, o

<sup>16</sup> APR – Animação Pastoral Rural – ONG de Uberlândia/MG.

desenvolvimento e o meio ambiente, aparecem na fala de Donald Sawyer do ISPN, coordenador do PPP, órgão que financiou todos esses projetos. Para Sawyer, existem pessoas que julgam que a mulher, por natureza, teria mais ligações com certas questões ambientais, mas prefere pensar em termos mais universais, o que dá a medida da orientação dos programas coordenados pelo ISPN. A idéia de universalidade pode encobrir a diferença entre as vozes e práticas das mulheres.

Porém, existe um esforço do ISPN de entender, a partir das Conferências, as dificuldades das relações entre feministas e ambientalistas. Segundo Donald Sawyer (ISPN), as dificuldades na relação gênero e sustentabilidade têm muito a ver com o medo do malthusianismo. Os movimentos de mulheres estavam resistindo ao controle da natalidade e consideravam que o ambientalismo seria a nova roupagem para o argumento malthusiano, que limita o crescimento da população, supondo que poderia ser uma ingerência no corpo da mulher, uma imposição. Existe uma longa tradição nesse sentido, desde a década de 1960, com os controlistas de um lado e os anticontrolistas do outro, incluindo a esquerda, intelectuais, Igreja, que, por motivos diferentes, resistiam ao controle.

Espero que o conceito de saúde reprodutiva, que foi consagrado na Conferência do Cairo, venha a superar impasses. Basicamente resolveu o impasse porque todos estão de acordo que os indivíduos devem decidir livremente sobre o número de filhos que vão ter ou não ter. Talvez isso seja possível uma maior aproximação entre os movimentos feministas e ambientalistas [...] existe possibilidade de apoio mútuo, de diálogo, e no fundo estão buscando a equidade, o equilíbrio. É uma visão de mundo diferente<sup>17</sup>.

Donald Sawyer referiu-se a dificuldade do trabalho com as mulheres, afirmando que as mudanças para elas, são muito difíceis, visto que aceitam o que os companheiros impõem. Se em alguns lugares se encontram mulheres combativas e organizadas, em outros, elas estão ausentes dos

<sup>17</sup> Donald SAWYER, coordenador do Programa de Pequenos Projetos PPP – ISPN. O trecho selecionado é de uma entrevista concedida à duas autoras, na obra: CASTRO, Mary Garcia e ABRAMOVAY, Miriam. *Gênero e meio ambiente*. São Paulo: Cortez, 1999.

sindicatos e das associações e nos lugares de melhor prestígio e poder.

Nesse item, procura-se discutir como as geometrias ligadas ao poder econômico da globalização, às orientações do feminismo transnacional, das agências de financiamento (pela materialização dos recursos) e à questão da preservação do cerrado apareceriam no encontro das ONGs com as mulheres do Cerrado, envolvidas nos projetos.

A globalização é seletiva, ela intensifica conexões entre lugares geograficamente diversos, ao mesmo tempo em que exacerba desigualdades pré-existentes entre elas. A ocupação da região centro-oeste iniciou-se de forma descontínua nos anos 1940, com a criação da Fundação Brasil Central, e teve um caráter colonizador e desbravador. Oferecia serviços assistenciais às populações locais. Constata-se que o governo federal não priorizava investimentos em grande escala nessa região, tendo em vista os poucos recursos destinados à Fundação. Nos anos 1960, essa orientação mudou substancialmente a partir de formulação de uma política de integração e desenvolvimento regional. Nos anos 1970, criou-se para a região do Cerrado um programa especial de desenvolvimento, o Polocentro, que priorizava o aumento da produção agropecuária com a perspectiva de incorporação ao setor produtivo de 3,7 milhões de hectares de terras do Cerrado em 5 anos. Os resultados do Polocentro tiveram efeitos não desejados. O programa não propiciou os incrementos de emprego, renda e bem-estar esperados. As ações na área social a partir de então, concentraram-se no pequeno produtor rural e em um sistema de controle e preservação ambiental. Mas, por falta de recursos e vontade política, o programa foi desativado no início da Nova República. Os investimentos estatais, que antes foram submetidos a uma política de descentralização mais moderada, seguiram a lógica do mercado, favorecendo setores de exportação potencialmente lucrativos e que já

contavam com uma infra-estrutura necessária, em vez de procurar levar o capital privado a áreas de produção menos desenvolvidas e voltadas para o mercado interno.

Nos anos 1990, quando a política econômica do país abandonou o projeto de integração nacional e optou pela inserção competitiva do país no mercado mundial, as desigualdades regionais e intra-regionais aumentaram. O estabelecimento do Mercosul em 1991 e a conseqüente liberalização do comércio representaram uma crescente concorrência aos agricultores de subsistência da região central do Cerrado. Seus produtos, frutos e doces não eram páreo para o produto bom e barato importado da Argentina e do Chile.

Com os preços caindo e o crédito migrando, a população rural do Cerrado, que corresponde a 20% da brasileira, apresentava significativos índices de deslocamento no sentido rural-urbano. Num mundo em que reina o mercado internacional a agricultura familiar não pode competir.

Mas, enquanto as incursões estrangeiras, possibilitadas pela abertura econômica, levaram os pequenos agricultores e suas famílias a uma marginalização crescente, as fronteiras nacionais tornaram-se porosas para outro tipo de influências. No final dos anos 1960, os movimentos feministas de segunda onda surgiram no discurso público dos países desenvolvidos. Ao final da década, sua influência já se fazia sentir na ONU, que respondeu com uma série de conferências sobre a questão relativa às mulheres. Esses eventos reuniram ativistas de todo o mundo, incluindo muitas brasileiras, e geraram uma multiplicidade de redes, alianças e coalizões feministas transnacionais.

No Brasil, nos anos 1990, as ONGs feministas, principalmente das cidades nordestinas, como Recife, mantinham uma extensa rede de relações políticas, via correio, telefone, fax e e-mail, visitantes estrangeiros e viagens para encontros, seminários e conferências. O acesso ao espaço social do feminismo transnacional foi financiado,

<sup>18</sup> THAYER, op. cit., p.109. A aceleração da circulação dos discursos e recursos feministas internacionais atingiram as mulheres nordestinas, em um setor social e geográfico frequentemente concebido como reduto de tradição e isolamento.

a partir do início dos anos 1980, por fundações com sede nos Estados Unidos, ou na Europa, pressionadas pela sociedade civil em seus países a dar apoio a organização de mulheres em outros países<sup>18</sup>.

No Cerrado, especialmente nas áreas de ação das ONGs estudadas, que atuam nos Estados de Minas Gerais (mulheres doceiras – APR), Goiás (Mineiros, Comunidade do Cedro e Associação de Mulheres de Trindade) e do Tocantins (Associação dos Trabalhadores Rurais do Vale do Corda – Wanderlândia), as mulheres eram divididas entre a casa e a roça. Em casa, elas eram responsáveis pelas múltiplas tarefas envolvidas na reprodução social – cuidar das crianças, da casa, fazer faxina, lavar roupa, cozinhar. Além disso, ocupavam-se do cultivo de subsistência da família. O trabalho doméstico era percebido como ordem natural das coisas, e o trabalho na roça era visto como domínio masculino por causa do valor de troca produzido, portanto, sem reconhecimento social. Na região de Monte Carmelo (MG), e Mineiros (GO), observou-se o trabalho comunitário, e particularmente a atuação de mulheres como agentes de saúde. Em Monte Carmelo (MG) foi expressiva a participação da Igreja na organização das comunidades, movimento iniciado nos anos 1970/1976, com um expressivo avanço nos anos 1980/1988. No final de 1998, quando foram conhecidos os projetos da APR, que nessa região se colocava também a serviço dos movimentos populares, a grande queixa de D. Odete, líder comunitária, guardiã da história dos movimentos populares na região e, naquele momento, participante da Associação dos Colaboradores Familiares, era a dificuldade das mulheres se fazerem reconhecer e da pouca participação das mulheres no sindicato e partido. Dado o papel do gênero na divisão do trabalho, as mulheres não eram definidas como trabalhadoras, apesar da natureza indispensável da sua atividade na sobrevivência.

Esse apagamento discursivo tem na visão de Millie Thayer, numa pesquisa realizada com

mulheres trabalhadoras rurais pertencentes ao Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), no sertão pernambucano, conseqüências importantes para os direitos das mulheres. Até os anos 1980, era negada às mulheres a condição plena de membro dos sindicatos. Essa política mudaria em 1985, depois que o MMTR encabeçou uma campanha nacional e levantou a questão no Congresso da CONTAG, a Confederação Nacional de Trabalhadores Agrícolas. Muitas mulheres acabaram internalizando nelas mesmas essa condição de inexistência como produtoras de valor de troca - um elo comum entre as mulheres do sertão nordestino e mulheres do Cerrado no Brasil Central.

Numa visão mais geral e explicitada pelo relatório do Projeto de "Sistematização de experiência de ONGs relacionadas com práticas de desenvolvimento sustentável no Cerrado" (1999), realizado pela *Rede Cerrado* de ONGs, o gênero aparece como uma realidade "não expressiva". Vê-se nessa afirmação dois problemas: o primeiro, a maneira como o gênero, ou as relações de gênero são entendidos e como foram apresentados no questionário elaborado pela equipe da *Rede Cerrado* e distribuído a todas as *ONGs da Rede*; e, o segundo, como as ONGs entenderam o que era gênero. Este trabalho quer chamar atenção é para os critérios de avaliação da equipe da *Rede* e das próprias ONGs, pelo que se entende por gênero, e que podem obscurecer a compreensão de como operam as práticas locais e quais são seus efeitos.

A leitura que foi feita desses dados e pelo trabalho de campo, realizado ao longo desses quatro anos de pesquisa, alguns aspectos merecem ser discutidos.

Em primeiro lugar, observou-se uma preocupação das ONGs pesquisadas, voltada para um trabalho de assessoria, especialmente, para os trabalhadores rurais, buscando a valorização do papel da mulher na família, estudando e debatendo aspectos relativos à sexualidade, afetividade, dimensões políticas e

religiosas incentivando a sua própria organização e a participação nas propostas diferenciadas de trabalho oferecido por aquelas ONGs.

No universo dessas mulheres, a domesticidade e a maternidade têm um peso em suas vidas, e as ONGs colaboravam para organizá-las em torno das atividades por elas escolhidas. Essas atividades resultavam-lhes atraentes, uma vez que ofereciam benefícios concretos – possibilidades de geração de renda, novos conhecimentos e apreciada oportunidade de interação social – e, ao mesmo tempo, eram “seguras”, já que nessas atividades aparentemente desempenhavam “papéis tradicionais”. Mas as atividades desenvolvidas estimulavam redefinições dos espaços masculinos e femininos e modificações concretas nas interações domésticas e extra-domésticas.

No projeto desenvolvido pela APR (MG) com doceiras, o fato dessas mulheres reunirem-se em um só local para confeccionar o doce, mantendo um padrão de qualidade, altera hábitos, pois cada uma delas tinha o costume de produzir o seu doce na própria casa e trazê-lo para a venda, porquanto a APR encarregava-se de colocar os produtos na feira e nos supermercados. Mas, com a exigência de um padrão de qualidade posto pelo mercado, de sabor, cor, embalagem, a organização precisou reuni-las para discutir as formas de melhor realizar essas exigências. Com isso, passaram a ter uma atividade “fora de casa”, vivenciando tensões principalmente com os maridos.

A APR incentivava a que uma dessas mulheres participasse como conselheira do Conselho Gestor da Associação dos Pequenos Produtores da Unidade Familiar, da região de Monte Carmelo. Em entrevista com Jocelene, participante do Conselho, ela me perguntou: “O que é esta história de gênero?”. Ao esforçar-se para entender a importância dessa nova linguagem para seu trabalho, para sua atuação, ela percebia que a ênfase nas relações entre homens e mulheres ampliava seu campo de visão

e atuação. De fato, ela começou a perceber que a novidade do discurso ocultava uma abordagem que, em parte, lhe era familiar, a noção de que aquilo que é considerado masculino ou feminino na sociedade é socialmente construído. Gênero referia-se a uma relação de poder entre homens e mulheres, e Jocelene começou a perceber como essas relações ocorriam na sua própria casa e na associação comunitária onde atuava.

O trabalho com plantas medicinais do Cerrado apontou uma outra linha de atuação das ONGs pesquisadas, no equacionamento gênero e meio ambiente. As ONGs de Goiás, Malunga e Fundação Ecológica de Mineiros, pelo projeto de implantação do Centro Comunitário de Plantas Medicinais da Comunidade do Cedro, buscam a valorização do saber comunitário, embora a atuação das ONGs se dê também em perseguir soluções técnicas externas. Nesses projetos, as mulheres têm uma grande participação, pois trazem consigo toda uma sabedoria acumulada e escondida em suas mãos. Elas manipulam o angico, barbatimão, jatobá e raízes diversas para a produção de pomada, xarope, chás, lombrigueiros e multimistura.

Os projetos de multimistura, desenvolvido pelas mulheres Negras/Agente Pastoral (Malunga), que forçosamente trabalham com biodiversidade, constituem um complemento alimentar que contém nutrientes e sais minerais, feito de folhas que geralmente são jogadas fora. A multimistura é uma solução nutritiva e barata para combater a fome no país. Os complementos são produzidos com tecnologia simples e universal: selecionar, moer, tostar e peneirar os ingredientes compostos por farelo de trigo tostado, folha de mandioca, batata-doce, abóbora, sementes, podendo tirar as crianças da subnutrição. Essa alimentação vem sendo adotada pelos grupos ligados à Igreja e começa a estender-se por alguns municípios, atingindo quase 2 milhões de famílias no país. A preparação desse alimento tem significado uma alternativa de geração de renda para os pequenos produtores.

Outra experiência bem sucedida de projetos que de alguma maneira incorporam gênero com a questão ambiental, no trabalho com as unidades de conservação, refere-se à capacitação para produzir uma alimentação alternativa e de medicamentos com plantas medicinais do Cerrado, desenvolvida junto à Comunidade do Cedro pela Fundação Ecológica de Mineiros/GO.

Com cursos realizados para um grupo de mulheres, num primeiro momento, passaram a produzir apenas três componentes: lombrigueiro, xarope expectorante e multimistura. Para a produção destes, cada uma das mulheres levava um tipo de ingrediente, e os remédios eram distribuídos conforme a necessidade de cada família. Com novos cursos, esse grupo foi ampliando seus conhecimentos e a produção de medicamentos e, atualmente, produz em torno de dezesseis remédios. A forma de organização da produção é baseada no trabalho voluntário e a distribuição conforme a necessidade de cada família. No entanto, o excedente pode ser vendido para pessoas de fora da comunidade, com o aumento da procura, o preço é calculado apenas para reposição dos ingredientes.

Uma das pessoas que mais se destacou nesse trabalho com plantas medicinais foi a agente de saúde Lucely Moraes Pio, tataraneta de um dos fundadores do povoado do Cedro. Apresentou-se a oportunidade de entrevistar Lucely, dada a sua intensa participação nos *Encontros da Rede Cerrado*, e uma das articuladoras, junto com Edviges Ioris, antropóloga, de um workshop de Plantas medicinais do Cerrado, realizando um encontro multidisciplinar e interinstitucional com representantes de projetos comunitários que trabalham com fitoterápicos, técnicos e pesquisadores de áreas afins.

Lucely teve o aprendizado no uso e manipulação de plantas medicinais do Cerrado com a avó materna e ampliou seus conhecimentos tanto pelos cursos promovidos pelo Movimento Popular de Saúde, quanto em

outros Centros que fornecessem essa capacitação, tornando-se a principal referência frente a esse trabalho de produção de medicamentos na comunidade e também de forma relevante no município. Foi pela sua capacidade de manipulação das plantas medicinais, tanto nativas, quanto exóticas, de liderança na comunidade, que todos esses trabalhos com fitoterápicos puderam ser desenvolvidos. Desde o início, os medicamentos eram produzidos na casa de Lucely, onde os ingredientes eram manipulados na cozinha e no quintal embaixo das mangueiras. Embora o local fosse extremamente agradável e uma referência para a comunidade, o espaço para a produção tinha limitações quanto a certas técnicas de manipulação e armazenamento.

Com esse entendimento, concluiu-se que, se fossem criadas melhores condições de trabalho, os resultados teriam maior abrangência. Assim, Edviges, Lucely e a Fundação Ecológica de Mineiros, como proponente legal, elaboraram um projeto que foi aprovado pelo PPP, em que se previram recursos para implantação de um horto de plantas medicinais e uma mini farmácia. Esse trabalho, além de apresentar uma alternativa de geração de renda, tanto dos medicamentos quanto das plantas in natura, foi uma forma de promover meios sustentáveis de vida, inserindo homens e mulheres na produção e na conservação de um ambiente ecologicamente equilibrado.

Apesar de experiências bem sucedidas em termos de uma igualdade de gênero, tanto Lucely quanto Edviges não tinham uma avaliação nesses termos. Para elas, mesmo promovendo na prática a igualdade entre os sexos nos projetos, não eram conduzidas pela premissa de que a desigualdade de gênero é de fato um fator de não sustentabilidade social. Reconheciam estar trabalhando prioritariamente ou de forma mais sistemática com o meio ambiente. Em uma perspectiva de convergência ambiental e social, há um campo para desenvolver as implicações das desigualdades de gênero. É preciso que haja

mais estudos de caso e teorização para firmar essa premissa.

O desafio, hoje, parece ser criar um campo de trabalho nas ONGs que efetivamente passe de uma mobilização ou uma conscientização sobre um tema para uma ação concreta, prática. Esse desafio mostrou-se importante para as ONGs pesquisadas, que necessitam investir mais em como colaborar na gestão para que a mulher esteja inserida nos diversos cotidianos.



# Mercado consumidor feminino as oito verdades para conquistar a consumidora do futuro

Tatiana Colette Vegi (\*)

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo estudar o Mercado Consumidor Feminino. Mostrar a sua existência; a sua potencialidade; o fato de ter sido pouco explorado até agora; a sua crescente importância no processo de compra e consumo; como conquistá-lo e, além de, levantar possíveis segmentos desse mercado. A fundamentação teórica foi estruturada em quatro partes. Primeiramente é abordado o fato de que a diferença entre homens e mulheres gera uma grande oportunidade de negócios para as empresas. Em seguida trata-se do tema segmentação. Então são apresentadas algumas peculiaridades do mercado consumidor feminino. E por fim fala-se sobre algumas maneiras para conquistar as consumidoras. Com base na fundamentação teórica e nos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de campo, com uma amostra de 437 mulheres respondentes. Os resultados obtidos mostram que as mulheres realmente merecem uma atenção especial, visto que cada vez mais são elas que influenciam, decidem e consomem no processo de compra.

**Palavras-chave:** Marketing, Comportamento do Consumidor, Comportamento de Compra da Mulher, Segmentação de Mercado

**Abstract:** This study is about Feminine Consuming Market. The objective is show its existence, its potentiality, the fact that it is under explored so far, its increasing importance in the purchase and consumption process and how to achieve it. Besides that, it raises possible potential segments of this market. The revision of the bibliography is divided in four parts.. The first part deals with the fact that men and women are different which is a great and under explored opportunity for companies. The second part deals with the segmentation subject. The third part presents some peculiarities of the feminine consuming market. Finally the fourth part speaks on some ways to conquer the feminine consumers. Based on the revision of the bibliography and objectives were carried a survey with 437 women. The results show that women deserve a special attention, because they really are who influence and decide the purchase process.

**Key Words:** Marketing, Consumer's Behavior, Women's Buying Behavior, Market Segment

\* Graduação em Administração de Empresas pela FEA/USP. Consultora de Negócios, área: comercial cobradora. Participação no Programa de Franíneas do Cartão Unibanco.

## Introdução

A idéia principal desse trabalho é chamar a atenção das empresas, e das pessoas que a compõem, para o Mercado Consumidor Feminino, pois este representa uma grande oportunidade de mercado.

Academicamente pretende-se contribuir através do maior conhecimento e da melhor compreensão do comportamento de compra da mulher brasileira.

Gerencialmente espera-se criar subsídios suficientes para a formulação de estratégias e planos de marketing a fim de conquistar os diferentes tipos de consumidoras brasileiras e identificar possíveis segmentos potenciais no segmento feminino e, além disso, espera-se estimular a pesquisa e o estudo desse tema.

## **1. Fundamentação Teórica**

### **1.1. Homens e Mulheres**

Apesar de ser óbvio que homens e mulheres são diferentes, ambos são vistos, por muitas empresas, como se fossem iguais, simplesmente são tratados da mesma maneira, não há nenhuma diferenciação quer seja nos produtos e serviços oferecidos, no preço, nas promoções, nas campanhas de marketing, enfim em todo o plano de marketing e também no plano estratégico da empresa.

Segundo Gray (1997, p.15) *“não somente homens e mulheres se comunicam diferentemente, mas pensam, sentem, percebem, reagem, respondem, amam e apreciam diferentemente. Eles quase parecem ser de planetas diferentes, falando línguas diferentes e necessitando de diferentes nutrientes”*.

Através do conhecimento de algumas características inerentes a cada sexo é possível potencializar os produtos oferecidos, gerando assim retornos maiores aos acionistas, além de consumidores(as) mais satisfeitos(as) e fiéis.

### **1.2. Segmentação de Mercado**

Unindo-se as propostas e os métodos tradicionais de segmentação de mercado, chegou-se a conclusão de que para discriminar um segmento de mercado é preciso que ele apresente, basicamente, duas características:

1. homogeneidade interna
2. heterogeneidade externa

E para que se consiga discriminar um segmento de maneira correta é preciso usar variáveis realmente capazes de discriminá-lo. Além disso, faz-se necessário usar não uma, mas sim várias variáveis.

É importante salientar que dentro de um segmento encontram-se vários perfis com maior e menor intensidade e que um mesmo perfil faz parte de vários segmentos, pois a mesma consumidora pode assumir comportamentos de compra diferentes dependendo da situação.

A segmentação de mercado não é um processo linear e único. Ao contrário, é um processo cíclico, que deve ser sempre feito e refeito a fim de combater as ameaças, minimizar os pontos fracos, otimizar as oportunidades e maximizar os pontos fortes do mercado, pois este está em constante mutação. Portanto, re-segmentar torna-se um processo vital para a empresa.

### **1.3. Características do Mercado Consumidor Feminino**

Para um breve conhecimento da revolução que vem acontecendo com as mulheres, são apresentados alguns números que comprovam essa força emergente das consumidoras. Em 1970, apenas 1% dos passageiros de vôos executivos eram mulheres. Em 1998, metade dos assentos eram ocupados por elas. Em 1998, três a cada quatro compras de planos de saúde eram feitas ou influenciadas por elas. Em 1998, elas esvaziavam 50% das garrafas da cerveja Bavária em bares e restaurantes. Em 1986, 8% dos leitores de Exame eram 3 mulheres, em 1997 esse número era de 40%. Em 2001, segundo a agência Eva de Comunicação, elas influenciavam 80% das compras de automóveis, 99% das compras de produtos de higiene e limpeza e 90% das compras de alimentos. Já no ano de 2002, segundo a Folha de São Paulo, 40% dos compradores de carros novos são mulheres; 35% das compras de carros novos que são feitas por homens sofrem a influência delas e 90% dos homens casados só

decidem a compra do carro depois de consultar a mulher.

#### **1.4. Evolução através da Mulher**

Popcorn e Marigold (2000) apresentam oito verdades para conquistar as consumidoras do futuro. Abaixo segue a lista das verdades com as respectivas idéias que as sustentam:

*1ª verdade: "Pondo suas consumidoras em contato umas com as outras, você as coloca em contato com a sua marca.*

A primeira verdade se fundamenta na idéia do comportamento feminino de conexão. A empresa deve diferenciar sua marca no modo de reunir as mulheres. Nessa nova era, as marcas irão servir como conectores para as mulheres que buscam um elo umas com as outras.

*2ª verdade: "Se você estiver fazendo marketing para uma de suas vidas, estará perdendo todas as outras".*

A segunda verdade se fundamenta na multiplicidade de papéis que a mulher assume. A mulher tem a habilidade de ser multifacetada e fazer tudo, extremamente bem, ao mesmo tempo, pois leva vidas múltiplas. Um profissional de marketing precisa ajudar as mulheres a integrarem suas vidas.

*3ª verdade: "Se ela tiver de pedir, será tarde demais".*

As mulheres nunca dizem o que querem. Quaisquer que sejam as razões, as mulheres aprenderam a não falar tudo. Portanto, para conquistar esse mercado é preciso aplicar o marketing antecipativo ao invés do marketing reativo.

*4ª verdade: "Dirija o marketing para a visão periférica da mulher e ela verá você sob uma luz inteiramente nova".*

As mulheres captam as marcas periféricas em uma olhada, por isso é preciso abranger a cena toda a fim de emergir a imagem de uma marca inteira.

5ª verdade: *“Ande, corra, vá até ela, garanta a fidelidade dela para sempre”.*

É preciso oferecer conveniência. Estar aonde ela possa estar e precisar para torná-la uma consumidora fiel. É preciso estudar a interação da consumidora com a marca: não apenas o que a marca oferece, mas como, onde e quando é oferecida.

6ª verdade: *“Esta geração de consumidoras vai levar você até a geração seguinte”.*

Explorar o conceito de “herança de família” e criar marcas “me passem para frente” utilizando o apelo emocional.

7ª verdade: *“A co-geração é o melhor modo de criar uma marca”.*

As mulheres gostariam de aderir a uma marca que elas mesmas ajudassem a trazer ao mundo. É preciso aproveitar esse instinto maternal, encorajando essas consumidoras a ficarem por perto e a ajudarem na criação da marca até que ela atinja uma maturidade sadia.

8ª verdade: *“Tudo tem importância – você não pode esconder-se atrás da sua logomarca”.*

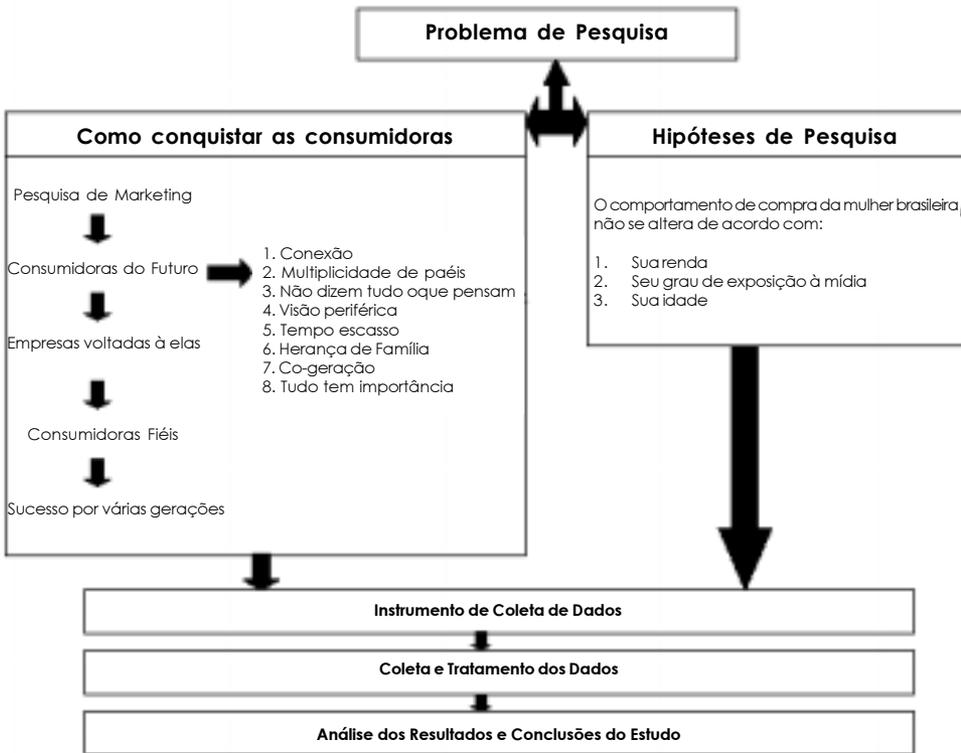
As mulheres são consumidoras exigentes e estão ficando ainda mais exigentes. Desde aspectos sublimes, como valores e moral, aos prosaicos, como limpeza e cortesia, tudo tem importância para a mulher.

## **2. Pesquisa**

### **2.1. Objetivo**

O objetivo da pesquisa é o de verificar até que ponto as mulheres brasileiras pesquisadas valorizam as características apresentadas por Popcorn e Marigold (2000) como fundamentais para conquistar as consumidoras do futuro.

Segue abaixo o modelo analítico da pesquisa realizada:



## 2.2. Metodologia

Para atender os objetivos do trabalho e também para enriquecê-lo, foi realizada uma pesquisa de marketing. Optou-se por fazer uma pesquisa conclusiva descritiva e o método adotado foi o método de survey. Dentre os métodos de survey foram escolhidos a entrevista eletrônica e a entrevista pessoal.

No total foram conseguidos 437 questionários respondidos por mulheres.

À medida que os dados foram coletados, a tabulação foi realizada utilizando-se o software Excel. Após a tabulação, os dados foram tratados para a análise que foi realizada no software SPSS (Statistical Package for the Social Scienses).

## **2.3. Análise, Interpretação e Resultados**

### **2.3.1. Exposição à Mídia**

A amostra em questão apresenta as seguintes características referentes à exposição à mídia: 78,7% lê jornal; 88,5% lê revista; 61,7% vai ao cinema; 80% ouve rádio todos os dias e 615 assiste TV todos os dias. Além disso, a grande maioria, 97,9%, ouve rádio FM e 64,7% tem TV a cabo em sua casa.

### **2.3.2. Comportamento de Compra**

As características mais importantes do comportamento de compra apresentadas pela amostra são que a amostra valoriza a facilidade que o produto proporciona à sua vida; valoriza a funcionalidade do produto; valoriza a satisfação proporcionada pelo produto; valoriza o atendimento recebido na hora da compra; valoriza o respeito ao acordo estabelecido; valoriza a praticidade do produto; valoriza a possibilidade de analisar o produto antes de decidir se irá ou não comprá-lo; recomenda/indica os produtos que gosta; valoriza o investimento das empresas no Mercado Consumidor Feminino; valoriza o interesse das empresas em descobrir os desejos e necessidades dos consumidores; acredita que os produtos personalizados têm custo elevado; valoriza as liquidações; gosta de saber informações sobre o produto antes de comprá-lo; influencia as decisões de compra da sua casa; valoriza os supermercados que funcionam 24h por dia; costuma de compras as mesmas marcas; valoriza os produtos em promoção; demora para se decidir; pede comida pelo telefone quando não tem tempo; odeia propagandas superagressivas; adora Shopping Centers; valoriza muito as empresas que lançam produtos que ela nem sabia que precisava; decide, na maioria das vezes, o que será comprado para a sua casa; acredita que

comprar é um bom meio de relaxar; controla a maior parte dos gastos da sua casa; só compra alguma coisa quando realmente acha que precisa; se pudesse compraria tudo de papel reciclado; usa muitos produtos iguais aos que sua mãe usava na casa dela. Já as características menos importantes do comportamento de compra apresentadas pela amostra são que a amostra faz a maior parte das compras pela Internet; sempre compra por catálogo; sempre compra produtos personalizados (feitos sob encomenda); se pudesse compraria tudo pela Internet; compra a maioria das coisas por impulso. Portanto, a amostra apresenta um perfil de mulher moderna, consciente, engajada com o mundo atual, que possui voz ativa em sua vida, com poder decisório e com multiplicidade de papéis.

À medida que as variáveis idade, renda e exposição à mídia se alteraram, o comportamento de compra das consumidoras também se altera, conforme apresentado na tabela abaixo.

Comportamento de Compra													
Variável	Frases	Idade			Renda			Exposição à Mídia			S/NS		
		I1	I2	I3	F1	F2	F3	E1	E2	E3	I	R	Exp Mid
C14	Em sua casa quem controla a maior parte dos gastos é ela	3,6	4,9	5,1	4,6	4,1	3,6	4,2	3,9	4,0	S***	S***	NS
C21	Na maioria das vezes, é ela quem decide o que será comprado para a sua casa	3,7	4,5	5,4	4,6	4,1	3,8	4,3	3,9	4,1	S***	S***	NS
C17	Só compra alguma coisa quando realmente acha que precisa	3,8	4,3	4,9	4,3	4,1	3,9	4,4	3,9	3,7	S***	S**	S***
C23	Costuma pedir comida pelo telefone quando não tem tempo	4,6	4,7	3,6	4,1	4,5	4,5	4,0	4,5	4,8	S***	S**	S***
C18	Os produtos personalizados (feitos sob encomenda) são muito caros	4,8	4,7	5,3	5,0	4,9	4,6	5,0	4,7	4,8	S***	S**	S*
C40	Sempre influencia muito as decisões de compra na sua casa	4,6	5,2	5,1	5,1	4,8	4,6	4,9	4,8	4,6	S***	S**	NS
C1	Sempre recomenda os produtos que gosta	5,2	5,1	4,8	5,2	5,2	5,0	4,9	5,2	5,3	S***	NS	S***
C2	Faz a maior parte das suas compras pela Internet	2,2	2,1	1,4	1,8	2,1	2,1	1,7	2,1	2,4	S***	NS	S***
C26	Acha que todos os supermercados deveriam funcionar 24h por dia	4,9	4,5	4,2	4,5	4,8	4,8	4,3	4,9	5,1	S***	NS	S***
C39	Quando vai fazer compras, compra a maioria das coisas por impulso	3,2	2,5	2,5	2,8	2,9	3,1	2,7	3,0	3,3	S***	NS	S***
C42	Gosta de comprar roupas de marcas consagradas	3,5	2,7	2,8	3,0	3,2	3,4	2,9	3,3	3,7	S***	NS	S***
C16	Odeia marcas que fazem propagandas superagressivas	4,0	4,8	5,3	4,5	4,5	4,2	4,6	4,2	4,2	S***	NS	S**
C19	Gosta de empresas que são discretas em suas propagandas	3,5	3,7	4,5	3,8	3,7	3,7	3,9	3,6	3,5	S***	NS	S**
C24	Sempre consome comida congelada	3,3	2,9	2,7	3,0	3,2	3,2	2,9	3,2	3,3	S***	NS	S*
C11	Hoje as empresas estão investindo muito no mercado consumidor feminino	5,2	5,0	4,8	5,2	5,1	5,1	5,0	5,2	5,2	S***	NS	NS
C12	São poucas as empresas que perceberam o novo poder das mulheres: o poder aquisitivo	3,2	3,7	3,8	3,6	3,3	3,3	3,4	3,3	3,4	S***	NS	NS
C30	Usa em sua casa muitos produtos iguais aos que sua mãe usava na casa dela	4,2	3,9	3,4	4,2	4,1	3,9	4,1	3,9	4,1	S***	NS	NS
C35	Antes de comprar um produto gosta de saber muitas informações sobre ele	4,7	4,6	5,1	4,9	4,8	4,7	4,7	4,9	4,8	S***	NS	NS
C27	Se pudesse compraria tudo pela Internet	2,8	2,5	2,2	2,4	2,5	3,0	2,3	2,7	3,0	S**	S***	S***
C31	Acha que a maioria das empresas escutam o que os consumidores falam	3,6	3,7	4,1	3,8	3,8	3,6	3,7	3,8	3,7	S**	NS	NS
C10	Sempre procura liquidações	4,9	4,8	4,5	4,9	5,0	4,6	4,8	4,7	4,9	S*	S**	NS
C6	Valoriza muito as empresas que lançam produtos que ela nem sabia que precisava	4,3	4,1	4,6	4,5	4,3	4,1	4,1	4,3	4,6	S*	NS	S**
C13	Quando vou às compras valorizo muito a praticidade dos produtos	5,2	5,0	5,3	5,2	5,2	5,2	5,1	5,3	5,3	S*	NS	S*
C36	Costuma comprar as mesmas marcas	4,7	4,6	4,7	4,4	4,7	4,9	4,5	4,7	4,9	NS	S***	S***
C34	Sempre compra produtos em promoção	4,6	4,5	4,6	4,6	4,7	3	4,6	4,6	4,6	NS	S***	NS
C15	Adorar ir a Shopping Centers	4,4	4,2	4,2	4,4	4,5	4,1	4,1	4,4	4,7	NS	S**	S***
C3	Quando faz compras gosta de receber um atendimento especial	5,4	5,4	5,4	5,4	5,3	5,4	5,2	5,5	5,5	NS	NS	S***
C22	As empresas estão cada vez mais responsáveis socialmente	4,0	4,0	4,0	3,9	4,1	4,0	3,8	4,0	4,3	NS	NS	S***
C33	Sempre compra produtos personalizados (feitos sob encomenda)	2,5	2,4	2,4	2,4	2,4	2,6	2,2	2,5	2,8	NS	NS	S***
C41	Para ela, comprar é um bom meio de relaxar	4,2	3,9	4,1	4,3	4,1	4,1	3,9	4,3	4,4	NS	NS	S***
C5	Adora os produtos que facilitam a sua vida	5,7	5,6	5,7	5,7	5,6	5,7	5,6	5,6	5,8	NS	NS	S**
C8	Adora as empresas interessadas em descobrir os desejos e necessidades mais íntimos dos consumidores	5,1	5,1	5,2	5,1	5,1	5,0	5,0	5,1	5,3	NS	NS	S**
C38	Não compra produtos de marcas de Supermercados - "marcas próprias"	3,2	3,3	3,4	3,1	3,3	3,3	3,0	3,4	3,5	NS	NS	S**
C28	Gosta de comprar um produto e recebê-lo aonde pediu para ser entregue	5,4	5,3	5,4	5,4	5,4	5,4	5,3	5,4	5,5	NS	NS	S*
C43	Quando se arrepende de uma compra, sempre troca o produto	3,9	4,0	4,1	3,9	4,0	4,0	3,8	4,0	4,1	NS	NS	S*
C4	Quando vai às compras valoriza muito a funcionalidade dos produtos	5,4	5,4	5,5	5,4	5,4	5,4	5,4	5,4	5,4	NS	NS	NS
C7	Quando fica desapontada com um produto, nunca compra outra vez	5,5	5,2	5,3	5,4	5,4	5,3	5,4	5,6	5,3	NS	NS	NS
C9	Demora muito para tomar uma decisão importante de compra, por que pensa muito nos prós e contras de cada decisão	4,5	4,3	4,8	4,6	4,6	4,5	4,6	4,6	4,5	NS	NS	NS
C20	Se pudesse compraria tudo de papel reciclado	4,0	3,8	4,2	3,9	4,1	4,1	3,9	4,3	4,0	NS	NS	NS
C25	Quando vai comprar alguma coisa, gosta de pegá-la na mão, analisá-la e então decidir se vai ou não comprar	5,3	5,1	5,1	5,3	5,3	5,1	5,2	5,3	5,3	NS	NS	NS
C29	Sempre faz compras por catálogo	2,3	2,3	2,3	2,4	2,3	2,2	2,2	2,3	2,4	NS	NS	NS
C32	Sempre que tem um problema com um produto liga para o Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) da empresa	3,9	4,2	4,0	4,0	4,0	3,8	3,8	3,9	4,1	NS	NS	NS
C37	Quando vai fazer compras o que importa é o preço	4,0	3,9	3,8	3,9	4,0	3,8	3,9	3,9	3,9	NS	NS	NS

### **2.3.3. Perfil Psico-Social**

As mulheres da amostra se consideram super ativas; racionais; muito vaidosas; independentes financeiramente; decididas; bonitas; bem sucedidas; organizadas; perfeccionistas; ansiosas; detalhistas; gostam de falar; independentes; brincalhonas; preocupadas; observadoras; alegres; curiosas e felizes.

### **2.3.4. Perfil Sócio-Econômico Cultural**

A amostra em questão apresenta as seguintes características referentes ao perfil sócio-cultural: 65,4% tem até 29 anos; 93,7% mora na região Sudeste; 87% reside na região metropolitana; 66,4% é solteira; 79% não tem filhos; 88,6% tem nível superior; 87,5% trabalha fora de casa; 74,7% trabalha meio período fora de casa; 93,9% tem conta corrente; 81% tem conta individual; 73,8% tem cartão de crédito; 77% é titular de cartão de crédito; 89,6% tem carteira de motorista; 78,7% dirige freqüentemente; 85% tem celular.

### **2.3.5. Identificação dos Perfis**

Após a realização da análise fatorial foi possível encontrar 14 comportamentos, os quais são apresentados na tabela ao lado:

### **2.3.6. Caracterização dos Segmentos**

Foram encontrados 3 segmentos de mercado diferentes dentro da amostra, então foi realizada a caracterização dos seguintes para posteriormente nomeá-los.

Chegou-se às seguintes conclusões referentes a cada um dos segmentos:

<b>Análise Fatorial</b>	
Fator	Carga Fatorial
<b>1 - Comportamento "Impulsivo"</b>	
Quando vai fazer compras, compra a maioria das coisas por impulso	0,71
Para ela, comprar é um bom meio de relaxar	0,70
Gosta de comprar roupas de marcas consagradas	0,65
Adora ir a Shopping Centers	0,53
Só compra alguma coisa quando realmente acha que precisa	-0,56
<b>2 - Comportamento "Presidente"</b>	
Na maioria das vezes, é ela quem decide o que será comprado para a sua casa	0,85
Em sua casa quem controla a maior parte dos gastos é ela	0,82
Sempre influencia muito as decisões de compra sua casa	0,79
<b>3 - Comportamento "Prático"</b>	
Adora os produtos que facilitam a sua vida	0,70
Quando vai às compras valoriza muito a funcionalidade dos produtos	0,64
Gosta de comprar um produto e recebê-lo aonde pediu para ser entregue	0,63
Quando vai às compras valoriza muito a praticidade dos produtos	0,57
<b>4 - Comportamento "Econômica"</b>	
Sempre compra produtos em promoção	0,78
Sempre procura liquidações	0,76
Quando vai fazer compras o que importa é o preço	0,57
<b>5 - Comportamento "Moderno"</b>	
Se pudesse compraria tudo pela Internet	0,72
Faz a maior parte das suas compras pela Internet	0,65
Sempre consome comida congelada	0,63
Costuma pedir comida pelo telefone quando não tem tempo	0,45
<b>6 - Comportamento "Agradecido"</b>	
Valoriza muito as empresas que lançam produtos que ela nem sabia que precisava	0,78
Adora as empresas interessadas em descobrir os desejos e necessidades mais íntimos dos consumidores	0,64
São poucas as empresas que perceberam o novo poder das mulheres: o poder aquisitivo	0,56
<b>7 - Comportamento "Reservado"</b>	
Gosta de empresas que são discretas em suas propagandas	0,74
Odeia marcas que fazem propagandas superagressivas	0,73
São poucas as empresas que perceberam o novo poder das mulheres: o poder aquisitivo	0,42
<b>8 - Comportamento "Atenção Especial"</b>	
Sempre que tem um problema com um produto liga para o Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) da empresa	0,66
Sempre faz compras por catálogo	0,54
Sempre compra produtos personalizados (feitos sob encomenda)	0,48
<b>9 - Comportamento "Consciente"</b>	
Demora muito para tomar uma decisão importante de compra, por que pensa muito nos prós e contras de cada decisão	0,66
Antes de comprar um produto gosta de saber muitas informações sobre ele	0,59
<b>10 - Comportamento "Herança de Família"</b>	
Usa em sua casa muitos produtos iguais aos que sua mãe usava na casa dela	0,78
<b>11 - Comportamento "Progresso"</b>	
Acha que a maioria das empresas escutam o que os consumidores falam	0,70
As empresas estão cada vez mais responsáveis socialmente	0,62
<b>12 - Comportamento "Não Fiel"</b>	
Quando fica desapontada com um produto, nunca compra outra vez	0,72
Os produtos personalizados (feitos sob encomenda) são muito caros	0,47
Quando vai às compras valoriza muito a praticidade dos produtos	0,44
<b>13 - Comportamento "Detalhista"</b>	
Quando se arrepende de uma compra, sempre troca o produto	0,76
Quando vai comprar alguma coisa, gosta de pegá-la na mão, analisá-la e então decidir se vai ou não comprar	0,58
<b>14 - Comportamento "Ecologicamente Correto"</b>	
Se pudesse compraria tudo de papel reciclado	0,76
Adora ir a Shopping Centers	-0,47

Segmento 1: sem filhos; solteira; é a que mais vai ao cinema; é a mais jovem; é a mais vaidosa; é a mais autoritária; é a mais nervosa; é a mais estressada; é a que mais gosta de lugares agitados; é a que possui a maior renda familiar mensal; é a que tem a vida mais agitada; é a mais extrovertida; é a que mais adora ir a shopping centers; é a que mais freqüentemente navega pela Internet; é a que mais faz compras pela Internet; é a que, se pudesse, estaria mais disposta a comprar tudo pela Internet; é a que, quando vai às compras, mais compra a maioria das coisas por impulso; é a que mais consome comida congelada; é a que mais gosta de comprar roupas de marcas consagradas; é a que menos compra produtos de marcas de Supermercados – “marcas próprias”; é a que compra alguma coisa mesmo que não precise; é a que mais considera comprar um bom meio de relaxar; é a que mais valoriza as empresas que lançam produtos que ela nem sabia que precisava; é a que mais costuma pedir comida pelo telefone quando não tem tempo; é a que mais costuma comprar as mesmas marcas; é a que mais acha que todos os supermercados deveriam funcionar 24h por dia; é a que mais recomenda os produtos que gosta.

Segmento 2: sem filhos; solteira; é a mais dependente; é a mais dependente financeiramente; é a menos vaidosa; é a menos autoritária; é a menos religiosa; é a mais calma; é a menos estressada; é a que menos adora assistir os comerciais de TV; é a que menos adora ir a shopping centers; é a que menos faz compras pela Internet; é a que faz menos compras por catálogo; é a que menos compra produtos personalizados (feitos sob encomenda); é a que, se pudesse, estaria menos disposta a comprar tudo pela Internet; é a que menos consome comida congelada; é a que mais compra produtos de marcas de Supermercados – “marcas próprias”; é a que mais acredita que as empresas perceberam o novo poder das mulheres: o poder aquisitivo; é a que, quando se arrepende de uma compra, menos troca o produto; é a que menos acredita

que as empresas estejam mais responsáveis socialmente; é a que menos considera comprar um bom meio de relaxar; é a que menos controla os gastos em sua casa; é a que menos decide o que será comprado para a sua casa é a que menos valoriza as empresas que lançam produtos que ela nem sabia que precisava é a que menos costuma pedir comida pelo telefone quando não tem tempo; é a que menos acha que todos os supermercados deveriam funcionar 24h por dia; é a que menos adora as empresas interessadas em descobrir os desejos e necessidades mais íntimos dos consumidores.

Segmento 3: tem filho(s); casada; é a que mais assiste TV por dia; é a que menos vai ao cinema; é a mais independente; é a mais experiente; é a mais independente financeiramente é a mais religiosa; é a que mais gosta de lugares calmos; é a que possui a menor renda familiar mensal; é a que menos tem uma vida agitada; é a que menos navega freqüentemente pela Internet; é a que menos acredita que as empresas perceberam o novo poder das mulheres: o poder aquisitivo; é a que mais acha que a maioria das empresas escutam o que os consumidores falam; é a que mais gosta de empresas que são discretas em suas propagandas; é a que mais liga para o SAC da empresa quando tem um problema com o produto; é aquela que só compra alguma coisa quando realmente acha que precisa; é a que mais controla os gastos em sua casa; é a que mais decide o que será comprado para a sua casa; é a que mais odeia marcas que fazem propagandas superagressivas; é a que, antes de comprar um produto, mais gosta de saber muitas informações sobre ele; é a que mais influencia as decisões de compra em sua casa; é a que mais procura liquidações; é a que mais concorda que os produtos personalizados são muito caros; é a que, quando vai comprar alguma coisa, mais gosta de pegá-la na mão, analisá-la então decidir se vai ou não comprar.

Para melhor caracterização dos segmentos foi realizado o cruzamento entre os 3

segmentos e os 14 comportamentos encontrados. Em seguida foi feito um mapa perceptual apresentado.

Fator	Comportamento de Compra	S1	S2	S3	F	Sig.	S/NS
		Mean	Mean	Mean			
1	Impulsivo	4,43	3,01	3,10	155,80	0,00	S***
2	Presidente	4,28	3,53	5,39	107,96	0,00	S***
3	Prático	5,46	5,20	5,62	22,69	0,00	S***
4	Econômico	4,30	4,26	4,78	14,51	0,00	S***
5	Moderno	3,69	2,56	2,94	61,35	0,00	S***
6	Agradecido	4,54	3,64	4,71	59,29	0,00	S***
7	Reservado	3,66	3,49	4,47	38,56	0,00	S***
8	Atenção Especial	3,10	2,40	3,25	39,14	0,00	S***
9	Consciente	4,44	4,59	4,98	11,88	0,00	S***
10	Herança de Família	4,08	3,85	4,17	1,92	0,15	NS
11	Progresso	3,83	3,65	4,15	9,27	0,00	S***
12	Não Fiel	5,19	5,00	5,32	7,64	0,00	S***
13	Detalhista	4,72	4,27	4,81	14,01	0,00	S***
14	Ecologicamente Correto	2,96	3,78	3,21	21,83	0,00	S***



### **3. Conclusões**

#### **3.1. Sobre as oito verdades**

Para cada uma das verdades pesquisadas chegou-se a um resultado sobre as consumidoras pesquisadas. Foi possível verificar que em nenhum dos casos a verdade está completamente correta ou completamente incorreta. Isto confirma o fato de que realmente as mulheres estão em um processo de transformação e que esse processo não acontece simultaneamente em todos os lugares. Essa transformação certamente acontecerá com todas as mulheres, porém respeitando a evolução de cada sociedade.

Segue abaixo a tabela com os resultados encontrados:

Verdade	Resultado
1	apesar de fazerem contato ainda não usam muito a Internet e também não se sentem muito à vontade para fazer reclamações para as empresas.
2	apesar de realmente assumirem uma multiplicidade de papéis e lidarem com o cabo de guerra emocional entre vida pessoal e vida profissional, ainda não aderiram completamente às práticas ditas modernas como, por exemplo, pedir comida pelo telefone, consumir muita comida congelada e fazer compras a qualquer hora do dia ou da noite.
3	apesar de realmente mudarem sua compra se não estiverem satisfeitas; influenciarem muito no processo de compra; e adorarem as empresas interessadas em descobrir os desejos e as necessidades mais íntimos dos consumidores, não são elas quem decidem o que será comprado e nem são elas quem controlam a maior parte dos gastos de suas casas; além disso, compram por impulso, o que significa que compram mesmo que não haja um relacionamento entre elas e a marca. Uma possível explicação para esses resultados está no perfil da amostra.
4	apesar se apresentarem mais conscientes no processo de compra, ainda não estão totalmente conscientes, pois ainda são levadas pelo impulso algumas vezes.
5	apesar de estarem realmente cada vez mais ocupadas e influenciarem cada vez mais o processo de compra, não são elas que controlam e decidem o que será comprado e para elas ir ao shopping center e fazer compras é algo prazeroso.
6	apesar de comprarem as mesmas marcas, não necessariamente compram as mesmas marcas que suas mães compravam.
7	apesar de valorizarem a co-geração, elas não acreditam que isso efetivamente ocorra atualmente
8	apesar de prestarem atenção em tudo, ainda não são consumidoras que realmente relacionam tudo e que levam tudo em consideração.

### 3.2. Sobre a amostra

A maior parte da amostra apresenta o seguinte perfil: lê jornal; lê revista; vai ao cinema; não vai ao teatro; ouve rádio todos os dias; escuta só rádio FM; assiste TV todos os dias; tem TV a cabo ou por assinatura em casa; os filmes e os documentários são seus programas de TV preferidos; não adora assistir comerciais de TV; navega freqüentemente pela Internet; não participa freqüentemente de "chats" (salas de bate-papo) na Internet; não navega freqüentemente por site femininos; se considera super ativa; racional; muito vaidosa; independente financeiramente; decidida; bonita; bem sucedida; organizada; perfeccionista; ansiosa; detalhista; gosta de falar; independente; brincalhona; preocupada; observadora; alegre; curiosa e feliz; tem até 29 anos; mora na área metropolitana da região Sudeste do Brasil; é solteira; não tem filhos; tem nível superior; tem conta corrente individual; tem cartão de crédito e é titular do cartão; tem carteira de motorista e dirige freqüentemente; tem celular.

A amostra valoriza a facilidade, praticidade e a funcionalidade do produto; a satisfação que ele lhe proporciona, o atendimento recebido na hora da compra; o cumprimento do acordo estabelecido; a possibilidade de analisar o produto antes de decidir se irá ou não comprá-lo; o investimento das empresas no Mercado Consumidor Feminino; o interesse das empresas em descobrir os desejos e necessidades dos consumidores.

Além disso, a amostra recomenda os produtos que gosta; não faz a maior parte das compras pela Internet; não compra produtos por catálogo com freqüência; não compra produtos personalizados com freqüência; mesmo se pudesse, não compraria tudo pela Internet; não compra a maioria das coisas por impulso.

Comprovando que de acordo com a variação da renda, exposição à mídia e idade há variação do comportamento de compra são apresentados os resultados encontrados.

Quanto maior a renda, mais a mulher se pudesse compraria tudo pela Internet; e mais costuma comprar as mesmas marcas; por outro lado menos a mulher controla os gastos da casa; menos decide o que será comprado para a sua casa; menos compra alguma coisa só quando realmente acha que precisa e menos influencia as decisões de compra na sua casa.

Quanto maior a exposição à mídia, mais a mulher pede comida pelo telefone quando não tem tempo; mais recomenda os produtos que gosta; mais faz a maior parte das suas compras pela Internet; mais acha que os supermercados deveriam funcionar 24 h; mais compra a maioria das coisas por impulso; mais gosta de comprar roupas de marcas consagradas; mais consome comida congelada; mais valoriza as empresas que lançam produtos que ela nem sabia que precisava; mais costuma comprar as mesmas marcas; mais adora ir a shopping centers; mais acredita que as empresas estão cada vez mais responsáveis socialmente; mais sempre compra produtos personalizados; acredita que, para ela, comprar é um bom meio de relaxar; adora as empresas interessadas em descobrir os desejos e necessidades mais íntimos dos consumidores; menos a mulher compra alguma coisa só quando realmente acha que precisa e menos gosta de empresas que são discretas em duas propagandas.

Quanto maior a idade, mais a mulher controla os gastos da casa; mais decide o que será comprado para a sua casa; mais compra alguma coisa só quando realmente acha que precisa; mais odeia as marcas que fazem propagandas superagressivas; mais gosta de empresas que são discretas em duas propagandas; mais acredita que são poucas as empresas que perceberam o novo poder das mulheres: o poder aquisitivo; mais acha que a maioria das empresas escutam o que os consumidores falam; mais recomenda os produtos que gosta e menos faz a maior parte das suas compras pela Internet; menos acha que os

supermercados deveriam funcionar 24 h por dia; menos consome comida congelada; menos acredita que as empresas estão investindo no mercado consumidor feminino; menos usa em sua casa muitos produtos iguais aos que sua mãe usava na casa dela; menos se pudesse compraria tudo pela Internet.

### **3.3. Sobre os 3 segmentos encontrados**

No estudo em questão foram encontrados 3 segmentos. De acordo com as características apresentadas por cada um dos segmentos foi possível nomeá-los.

- 1) Segmento 1: Jovem Moderna
- 2) Segmento 2: Jovem Consciente
- 3) Segmento 3: Mulher Madura

## **4. Recomendações**

Recomenda-se que este trabalho seja utilizado sempre se levando em consideração as limitações presentes nesse estudo.

## **5. Limitações**

A maior de todas as limitações encontradas foi a amostragem, pois como as mulheres pesquisadas apresentaram um perfil parecido, não foi possível assumir como verdadeiro o fato de que a pesquisa representa todas as mulheres brasileiras. Isso ocorreu devido ao método de pesquisa utilizado. Devido à falta de recursos financeiros a maior parte da pesquisa foi realizada via e-mail, o que acarretou em um perfil de mulheres parecidos, ou seja, mulheres que possuem e-mail. O que hoje não é o caso da grande maioria das mulheres brasileiras.

## Bibliografia

### 1. Livros

BESANKO, D, DRANOVE, D, SHANLEY, M. *Economic of Strategy*. second edition, JohnWiley & Sons, Inc, New York, 2000.

GRAY, Jonh. *Homens são de Marte, Mulheres são de Vênus – Um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos*. 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

KOTLER, Philip. *Administração de Marketing – Análise, Planejamento, Implementação e Controle*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MARTINS, Gilberto de Andrade e LINTZ, Alexandre. *Guia: Elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso*. São Paulo: 1999.

MALHOTRA, Naresh K. *Pesquisa de Marketing*. Uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

POPCORN, Faith e MARIGOLD, Lys. *Público-Alvo: mulher – 8 verdades do marketing para conquistar a consumidora do futuro – eveolution*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

WEINSTEIN, Art. *Segmentação de mercado*. São Paulo: Atlas, 1995.

### 2. Revistas

PETERS, Tom. O poder das mulheres. O "sexo frágil" representa o mercado mais forte da atualidade. *HSM Managem ent* . São Paulo, ano 2 , n. 7, p.14-18, março/abril 1998.

BARTOS, Rena. Segmentos do mercado feminino. As empresas que querem vender para as mulheres precisam acabar com os antigos estereótipos e

saber analisa-las. *HSM Management*. São Paulo, ano 2, n. 9, p.12-16, julho/agosto 1998.

STROUT, Erin. Mulheres – Mercado em fatias. *HSM Management*. São Paulo, ano 4, n. 23, p. 130-134, novembro/dezembro 2000.

VEJA Edição Especial Mulher – A grande mudança no Brasil. *Revista Veja*. Agosto/setembro 1994, p.69.

VEJA Edição Especial Mulher. *Revista Veja*. 2001, p.91.

BLECHER, Nelson. Mulher Procura. *Revista EXAME*. São Paulo, ano 31, n. 8, p. 44-50, abril 1998.

### **3. Jornal**

Veículos Especial – A preferência é delas. *Jornal Folha de São Paulo*, 8 de março de 2002.

### **4. Site s**

[www.fcc.org.br](http://www.fcc.org.br)  
[www.faithpopcorn.com](http://www.faithpopcorn.com)  
[www.abnt.org.br](http://www.abnt.org.br)  
[www.fea.usp.br](http://www.fea.usp.br)  
[http://www.ead.fea.usp.br/tcc/](http://http://www.ead.fea.usp.br/tcc/)  
[www.dieese.org.br](http://www.dieese.org.br)  
[www.paralela.com.br](http://www.paralela.com.br)  
[www.usp.br](http://www.usp.br)  
[www.gnt.com.br](http://www.gnt.com.br)  
[www.umi.com/proquest](http://www.umi.com/proquest)  
[www.usp.br/sibi](http://www.usp.br/sibi)  
[www.ibge.com.br](http://www.ibge.com.br)

### **5. Artigo**

BRUSCHINI, Cristina. *Fazendo as perguntas certas: como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade?* FCC/ Fundação Carlos Chagas. São Paulo. Águas de Lindóia. 1996. II Congresso Latino-americano de Sociologia do Trabalho.



# Gênero e parentesco entre os Botocudo- séc. XIX

Izabel Missagia de Mattos<sup>1</sup>

**Resumo:** Nesse artigo é discutido como os estudos de gênero vêm provocando uma fecunda revisão teórica e metodológica nos estudos de parentesco, que apontam para a inexistência de limites entre gênero e parentesco, uma vez que as representações do primeiro (enquanto relações simbólicas e de poder) se encontram engendradas às estruturas do segundo, umas atuando para a reprodução das outras e vice-versa.

**Palavras-Chave:** Gênero, Parentesco, Representações, Metodologias

**Abstract:** In this article is argued how gender studies come provoking fruitful revision theoretical and methodological in studies of kinship, time that the representations of first (while symbolic relations and of being able) if find fit to the structures of second, the ones acting for the reproducing of the others and the opposite.

**Key Words:** Gender Kinship, Representations, Methodological

<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp.

Abreviaturas adotadas nas referências das fontes fotográficas: Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), fundo Nelson Coelho de Sena (NCS).

## Kupan na Kantchu: *Deus na Terra*

Frei Ângelo de Sassoferato, vice-diretor do aldeamento central Nossa Senhora dos Anjos do Itambacuri (1873-1911), que dedicou a maior parte de sua vida ao convívio com os povos da floresta do Mucuri, utilizando-se da categoria de “índios nômades” para caracterizar os Botocudo e diferenciá-los dos “civilizados” e “convertidos” da missão, refletiu sobre a “natureza” dos selvagens ao relatar, no ano de 1915, a longa trajetória de sua catequese.

Segundo seu manuscrito, os tais Botocudo, quando na selva, se empenhariam “em horrorosa guerra por futilíssimos motivos”. Sigamos quais seriam as futilidades que os levariam a guerrear: “quando entre eles morre alguém” – continuava frei Ângelo – “há sempre pavoroso alvoroço, vinganças estúpidas, brigas e roubos, tudo acrescido do pranto das mulheres, a modo das carpideiras judaicas”. Esses motivos “fúteis” apurados em sua observação não seriam articulados pelo missionário à “religião” dos índios, a qual, no entanto, logo descreveria:

A religião, propriamente dita, é quase nula nesses selvagens. *Possuem uma idéia muito material do Ente Supremo*, vivendo quanto ao mais numa lastimável ignorância. Quando desencadeia um temporal, acompanhado de fortes trovoadas, dizem que é Deus que está valente... Morrendo um rapaz, já adestrado no manejo das flechas, colocam junto ao mesmo algumas flechas e o respectivo arco, persuadidos de que, na grande viagem que tem que fazer, poderá encontrar alguns inimigos. *É isso uma idéia material, que indica, todavia, uma noção da imortalidade da alma*. Entre eles a mortalidade não pode existir, senão de um modo natural<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Frei Ângelo de Sassoferato, 1915, p. 26-27.

A noção nativa da imortalidade da "alma", aliada à "materialidade" suposta de Deus, pode parecer, à primeira vista, paradoxal. Há, no entanto, um vínculo lógico entre ambas as concepções, se aliarmos a inexistência da "mortalidade" para os índios; de fato, estes lhe atribuiriam sempre - de acordo com a lógica do xamanismo - uma causalidade externa, social. O poder sobrenatural do xamã de provocar a morte - ou a cura - parece, de fato, fazer com que determinados "corpos", ou mesmo "objetos", fossem especialmente identificado enquanto possíveis suportes para a idéia da existência de uma alma imortal.

O professor indígena da missão do Itambacuri, Domingos Pacó, esclareceu como, nos primeiros anos de existência da catequese, a "moralidade e a civilização religiosa" era exposta sempre em "idioma selvagem", por serem poucos os índios que conheciam a "língua brasileira". Diria Pacó, então, que

...os índios selvagens não têm religião alguma, unicamente conhecem que há um ente soberano, o qual chamam-no Cuppán-Pauínin Giccaram. E quando dá trovões e relâmpagos, chuvas com ventos fortes, imediatamente armam-se todos e atiram pelos ares porções de flechas e exclamam dizendo: Cuppán Pauínim, Jác-jam, nhic jacjam catthé, quer

dizer: O Padre Eterno do alto está bravo, nós também ficamos bravos (Pacó, 1996 [1918]: 202-203).

Esta "materialidade" suposta na idéia de "Cupán" – certamente vinculada às concepções cosmogônicas e antropogônicas centradas nos heróis míticos *Maret-Kamakhiam*, seres "materiais" que constituiriam uma "família" no céu (Manizer, 1919) - torna-se expressível na própria tradução nativa adotada para a figura do missionário, tendo em vista seu valor simbólico de "mediador" entre os mundos indígena e "civilizado". Figurando como suporte simbólico para as ressignificações realizadas pelos indígenas, o missionário receberia, em ocasiões diversificadas do contato, a designação de Cupán/Tupán, como puderam observar diferentes cronistas.

Uma comitiva enviada em 1836 pelo presidente da Província da Bahia para a "civilização" dos índios, liderada por Hermenegildo Alves, expediciou o Mucuri e o Peruípe (no Espírito Santo), descrevendo as preciosidades que encontrava. A impressão que os Botocudo do baixo Mucuri provocaram naquela imensa comitiva - que contava, além de intérpretes e de crianças que os indígenas haviam "emprestado" às autoridades para serem educadas no povoado, com missionário e juiz - não parece ter sido tão desagradável, como de costume naquela época.

No dia 16 de agosto de 1845 à uma e meia da tarde no sítio Jacarandazinho ouviu-se falar o gentio no mato no lado do norte. Encostaram a esse lado duas canoas, e foi o língua, como os filhos do gentio que trazíamos (foram educados na vila e voltaram com a comitiva), até o rancho dele, e voltou fazendo-se acompanhar a custo pelo capitão Mac-Mec, outro índio e uma índia velha, a mesma que do mato havia gritado "Chretonhe", *nome que na língua dele significa "cristão", e que eles dão a todos os que não vivem errantes pelas brenhas.*

O juiz de direito logo salgou em terra com o missionário, fizeram-se-lhes alguns presentes de ferramenta, carapuças, farinha, carne, peixe etc. : à vista disso alguns que dos mato nos espreitavam, foram-se aproximando, ainda que muito desconfiados, e reuniram-se em número de doze, sendo cinco mulheres, duas das quais traziam os filhinhos agarrados ao pescoço e seguros unicamente por uma embira, que passando por uma coxa deles ia dar volta na cabeça delas. O bom tratamento recebido os tornou muito satisfeitos e fez-lhes perder a grande desconfiança, enchendo-nos de abraços, batendo palmas, e gritando Jac-je-menu, termo de que se servem sempre para indicar paz e amizade. *Muito espanto e mesmo medo lhes causou a vestimenta do missionário, com quem à custo se familiarizaram, e a quem chamavam Inkjac de Tupan, irmão de Deus, cuja existência eles conhecem, e de quem se temem até de pronunciar o nome, porque lhes não mande alguma trovoada, segundo dizem na sua ignorância. Porque se lhes não aumentasse a desconfiança, fizemos conservar as canoas com a nossa gente na margem oposta do rio, que observavam com bastante temor, sem dúvida lembrando-se das traições de que tem sido vítimas na vila do Prado e em outros lugares; e pouco estivemos com eles. ...* A aquele sítio se deu o nome de Encontro Feliz: mostraram sentir a nossa separação e na margem do rio se conservaram batendo palmas até que perderam de vista as nossas canoas (Almeida, 1945: 444).

A imediata identificação do missionário com a figura atemorizante de "Tupan" - vinculado cosmologicamente através de uma espécie de laço de parentesco muito próximo, o de *Inkjac* (irmão) -, não deixa de remeter para algumas considerações históricas e simbólicas, em torno das quais talvez possa ser melhor contextualizada e compreendida.

É curioso que o termo, notoriamente forjado no contexto das missões jesuíticas para a catequese de povos Tupi, tenha criado raízes na

<sup>3</sup> *O Universal*, n. 55, 21/11/1835, p. 219. Ouro Preto.

<sup>4</sup> Os Maxakali trazem, hoje, incorporados a seu "panteão", a figura de "Topá", à qual, no entanto, não corresponde quaisquer rituais, ao contrário das outras entidades sobrenaturais presentes em seu universo. O termo *Topá* serve, outrossim, como instrumento simbólico utilizado nas relações entre índios e missionários, segundo o relato de Ana Paula L. de Oliveira no Fórum de Pesquisa "Missões cristãs em áreas indígenas", durante a XXIII Reunião da ABA. 2002. Contemporaneamente, pude também verificar a importância de *Tupán*, ou *Kupán*, para os Krenak, povo Botocudo por origem, os quais, com este nome, pretendem traduzir os poderes sobrenaturais que povoam o universo (Mattos, 1996).

cosmologia *borum*, fato apresentado em fontes históricas diversificadas. No ano de 1825, o Coronel Guido Marlière, por exemplo, que acabara de deixar, se dizendo saudoso, os "botocudos de todas as tribos", do rio Doce, escreveria sobre sua religião em um artigo para o *Jornal O Universal*, de Ouro Preto: "crêem geralmente em dous Entes, que acreditam visíveis: Deus, a quem chamam Tupán; Diabo, que é o Nantshone"<sup>3</sup>. O militar francês, em outra ocasião, havia publicado que os Botocudo, como os demais indígenas que conhecera no rio Doce [Maxakali e Puri], criam em outra vida, "em penas e recompensas", sendo que estas - em forma de "matas virgens abundantes de frutos, caças e belos rios" - seriam dádivas de "Tupã aos que forem bons guerreiros caçadores, amantes de suas mulheres e filhos" (Marlière, 1905 [1825]: 566). O "vocabulário da língua dos Botocudos", organizado pelo expedicionário P. V. Renault em 1836, por sua vez, associa à palavra Deus a tradução indígena *kupanne* (Renault, 1913 [1836]: 1102).

Os povos Maxakali aldeados em Lorena dos Tocoíós, por sua vez, seriam descritos em 1799 pelo tenente José de Souza Brandão, a pedido do governador da Capitania, Bernardo de Lorena. O tenente enfatizou como a incorporação de símbolos da cristandade - observada entre os indígenas tanto através da presença de "Tupá" em seu panteão, quanto no desejo de se batizarem - não constituía qualquer indício de conversão: "eles não fazem ato algum religioso ao mesmo tempo que conhecem haver um Senhor grande, a quem chamam Tupá"<sup>4</sup>. Refletindo sob uma chave interpretativa "religiosa" - oposta às "superstições" indígenas relativas às aves e outros animais -, sobre o "desejo [dos indígenas de Tocoíós] de se batizarem", o tenente considerou que este não deveria ser julgado pela "convicção da bondade da religião" por parte dos indígenas, que para isso não teriam a "necessária instrução e conhecimento" (Brandão, 1913 [1877]: 766).

A.Saint-Hilaire (1975 [1830]: 359), do mesmo modo, ao visitar a aldeia Santo Antônio, observou que um índio valia-se da palavra *tupã* para designar tanto Deus quanto o santo da capela. Já o etnógrafo russo H. H. Manizer (1919) em 1915, no entanto, em seu estudo sobre os Botocudo aldeados pelo Serviço de Proteção aos Índios não registrou a expressão enquanto símbolo relacionado à cosmologia *borum*, primorosamente descrita e analisada. Nimuendaju (1946 [1939]), do mesmo modo, não mencionou a utilização do termo entre os Botocudo aldeados no Posto Indígena Guido Marlière. É preciso considerar, contudo, que ambos estudiosos efetuaram uma espécie de “purificação” das fontes, devido seu interesse em “salvar”, através do registro sistemático, os termos próprios de uma cultura em desaparecimento.

A pronúncia *Kupán* é sublinhada em vários registros sobre os Botocudo na história. “Estes índios” – diria em 1887, em relação aos Aranã, D. João Pimenta, em seu relato sobre os Aranã de Capelinha<sup>5</sup> – “são todos batizados e já apreciam os benefícios da civilização. São naturalmente religiosos, apreciam e veneram os sacerdotes a quem chamam *Kupan na Kantchu (Deus na Terra)*. Pronunciam *Kupán* e não *Tupán*”.

Certamente esses poderes sobrenaturais que parecem se acrescer à imagem do missionário não seria sem efeito no sentido da orientação simbólica das ações políticas indígenas, observadas em situações de aldeamento. O perigo que, no limite, essas figuras – associadas a *Kupán* – pareciam representar para os Botocudo pode estar relacionado aos “surto de rebeldia” – quando foram ameaçados, feridos ou mesmo assassinados, os missionários capuchinhos italianos empregados na direção dos aldeamentos em Minas.

Todos aqueles missionários teriam sido, de fato, ameaçados de morte. O primeiro, frei Bernardino de Lagonegro, em 1848, teve que abandonar sua catequese na aldeia do Surubi após ameaças dos Aranã, interessados em continuar seu

<sup>5</sup> D. João Pimenta (1887) “Memória histórica e descritiva da freguesia de Nossa Senhora da Graça da Capelinha”. Livro de Tombo da Paróquia de Capelinha. O mesmo texto pode ser consultado no Livro de visita pastoral de Dom Joaquim Silvério de Souza (1902-1907). cx. 49. AEAD.

<sup>6</sup> Chamava-se Casimiro o líder do grupo Botocudo aldeado no quartel de Santa Cruz, no rio Preto. Este nome "cristão" do líder da revolta ocorrida em 1847, é o mesmo do filho do português pioneiro e diretor de índios do quartel de Alto dos Bois, Antônio Gomes Leal. Casimiro Gomes Leal também foi diretor dos índios Macuni, no Surubi; seu nome, no entanto, a p a r e c e , curiosamente, na segunda metade do século, em outro líder Botocudo, de um dos subgrupos Aranã. Importa distinguir os três importantes personagens com o mesmo nome por causa das diferenças "étnicas" envolvidas, uma vez que incide entre líderes de dois subgrupos Botocudo diferentes e um diretor de índios Macuni.

sistema de contato "espontâneo", em colaboração com os pioneiros mestiços na exploração das selvas. Em missão no ano anterior no quartel do rio Preto, havia fugido ao presentir o risco de ser assassinado – o que acabou acontecendo com o Sargento Coelho e seus soldados<sup>6</sup>. Os missionários frei Miguel Ângelo de Troina e frei Serafim de Fossombrone seriam também obrigados a abandonar o aldeamento central do Etueto após pressões exercidas pelos indígenas e colonos locais, interessados nas terras e mão de obra dos índios. Frei Virgílio de Amblar seria assassinado no aldeamento do Poaia em 1877. Frei Serafim de Gorizia e frei Ângelo de Sassoferrato, por sua vez, também foram mortalmente feridos na rebelião indígena ocorrida no aldeamento do Itambacuri em 1893.

O professor indígena da missão do Itambacuri descreveu o momento do primeiro encontro de frei Serafim de Gorizia com os Pojichá, "o terror e o assombro" daquela zona, no ano de 1884, quando estes, desconfiados de que o padre fosse, na verdade, um soldado disfarçado, o teriam "maltratado muito".

No ano de 1884 foi a primeira chegada das tribus Pojichás no Rio São Mateus. Frei Serafim mandou chamar um língua por nome de José Francisco que morava no Poté e foi juntamente com ele ... ao chegarem onde eles estavam acampados em ranchos, acudiram em grupos e pegaram o língua José Francisco e o atiravam com ele asperamente ao ar; bem não tinha caído no chão, outros o pegavam e faziam a mesma cena ou luta. O Reverendo Frei Serafim estava a cavalo presenciando este espetáculo horroroso de barbaridade; por fim não tinham acabado o estratégia com o língua, investiram também sobre ele, *o tiravam-lhe do animal, davam-lhe empurrões, arrastando-o pelo chão pelas barbas. ... E os índios bravos nesta situação que dirigem aos que vão a eles falar, estavam numa vozaria dizendo: Krempá jakjât-ron, quer dizer: soldado de barbas compridas.* A este tumulto chegou um índio de Itambacuri por nome João Cressiuma, e foi

logo proferindo as palavras aos Pojichás dizendo: *Ho anchúc cupán meém num*, quer dizer: vocês não devem pôr as mãos no Padre. Logo os Pojichás ficaram encantados da brutalidade que faziam com o padre e perguntaram ao índio outra vez: *Cupán? Respondeu o índio outra vez: Cupán; Krepá núc, quer dizer, É padre, não é soldado, não* (Pacó, 1996 [1918]: 205-206).

Após a primeira reação, hostil, dos índios, frei Serafim, uma vez identificado como *Cupán*, distribuiu os presentes entre os índios, que rumaram para o Itambacuri, onde mais de 400 índios "permaneceram dias e foram todos vestidos e sustentados a carne de bois e de porcos e de outras cousas, etc." (Pacó, 1996 [1918]: 206).

Também referindo-se ano de 1884, frei Ângelo de Sassoferrato descreveu o episódio do primeiro encontro entre o missionário diretor do aldeamento do Itambacuri e os Pojichá. Sua versão, no entanto, distingue-se daquela do professor indígena em relação à contextualização dos momentos que o precederam e que o sucederiam.

Segundo o historiador da missão do Itambacuri, frei Jacinto de Palazzolo (1973 [1959]), o encontro teria ocorrido após o assassinato de um lavrador chamado Veloso, flechado "por divertimento" pelos Pojichá, em sua propriedade distante 15 quilômetros de Filadélfia, nas proximidades das florestas do São Mateus. O vice-diretor do aldeamento relatou como frei Serafim, acompanhado de alguns "índios mansos", rumou ao encalço dos Pojichá, para negociar seu aldeamento. Sobre esse encontro escreveu frei Ângelo de Sassoferrato:

No centro da floresta, o padre, quando menos esperava, foi pressentido pelos selvagens. Chamados por ele, só alguns, com o chefe à frente, acudiram. Impossível é descrever-se o *espanto, a admiração e o pasmo de que foram possuídos os índios na presença de Frei Serafim*, homem alto, robusto, corado, barbudo, vestido no burel de franciscano, inerme, trazendo um crucifixo ao peito: era

uma pessoa majestosa, mas sumamente cativante. Com seus tratos amenos e expressões meigas era para aqueles pobres nômades uma maravilha nunca vista. Vendo o chefe que o Padre era um homem inofensivo e incapaz de lhes fazer qualquer mal, deu um forte e prolongado assobio, como sinal convencional, que ecoou ao longe por entre as árvores seculares. Efeito surpreendente! Súbito saíram índios de todos os lados e o nobre missionário viu-se no meio deles como feito prisioneiro<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Ângelo de Sassoferato. 1915, pp. 34-35.

Na ocasião descrita pelo vice-diretor do Itambacuri, os índios teriam consentido com a idéia de serem aldeados no Itambacuri, para onde seguiram com o missionário e sua comitiva. O caminho de 40 quilômetros, do local do encontro ao Itambacuri, atravessava, no entanto, a cidade de Filadélfia, onde os moradores, carregados de ódio e movidos pelo sentimento de vingança dos ataques indígenas, planejaram exterminar os índios durante a madrugada. "A nova de ser chegado frei Serafim com os Pojichás alvoroçou os habitantes: " - esclarecia frei Ângelo (1915: 35) - "nestes era tão grande a alegria por verem o benemérito capuchinho, como intenso o ódio que votavam aos índios, aos quais linchariam, se pudessem". Os índios, pressentindo a cilada armada pelos moradores e policiais, fugiram para a mata, saltando o muro no local onde já haviam sido postos em tocaia.

A partir de então a imagem de frei Serafim, perante os Pojichá, passara a refigurar-se como a dos seus piores inimigos, os soldados. Tendo restado uma criança, por ocasião da fuga dos Pojichá encurralados pelos moradores de Filadélfia, frei Serafim seguiu com sua comitiva ao encalço dos índios para retomar as negociações. Todavia, logo ao alcançar os Pojichá, começaram os intérpretes a chorar por perceberem que planejavam matá-los: "Estão falando que V. *Revma. não é padre, mas que é um grande soldado, disfarçado em padre para os enganar melhor*, que os levou a Filadélfia a fim de os matar a todos. Agora estão

combinando para nos matar esta noite” – teriam dito os “línguas” a frei Serafim. Utilizando a criança “esquecida” como “estratagema”, pois que estes, “impulsionados pela sua *rude e excessiva curiosidade*, se embasbacariam em examinar e explorar o vestuário do menino” – o que efetivamente aconteceu -, o padre e sua comitiva conseguiram evadir-se da morte iminente (Frei Ângelo, 1915: 37).

A curiosidade dos índios, considerada “rude”, “excessiva” e “supersticiosa”, dentro do sistema colonial “civilizatório” - devido ao fato de conceberem o mundo de acordo com categorias cosmo-sociológicas em cujo sistema natureza e a sobrenatureza se encontram imbricadas -, frequentemente usada como armadilha para sua “sedução” pelos agentes do contato e responsáveis pelo seu “aliciamento”, frei Serafim de Gorízia, neste caso, livrou-se da morte iminente.

### ***A transitividade de magia e de mulheres entre os Botocudo***

O mecanismo “transitivo” da magia, observado na prática das trocas simbólicas e na comunicação interétnica dos Botocudo, vem lançar luzes em outro fenômeno registrado amplamente na documentação sobre os Botocudo, a saber, as “rebeldias” e conflitos ocorridos em situação de aldeamento, entendendo sob este termo o estabelecimento regular de relações de “troca” ou “comércio” entre povos indígenas e administradores, fossem leigos ou missionários.

Ainda que observando-se as significativas diferenças entre as estratégias adotadas para os subgrupos Botocudo, o acionamento dos mesmos princípios virtuais, abrigados sob uma diversidade de atualizações, pode ser verificado em diversos episódios ao longo dos oitocentos, quando inseridos em contextos de intensa contradição com a sociedade não indígena.

Rearranjos identitários, de fato, fizeram parte da experiência sócio-política dos Botocudo, em parte devido às particularidades de sua organização social e de parentesco, que os dirigia para a diferenciação interna. Na situação interétnica da fronteira, durante o século XIX, esta característica promoveria a recomposição de subgrupos Botocudo - dizimados pela guerra e postos em relação de proximidade, em quartéis e aldeamentos -, que, em ocasiões específicas, puderam reconstituir um sentido de identidade, apesar das rivalidades figadais e disputas históricas dos subgrupos originários.

A noção nativa da existência de uma relação de imbricação profunda entre xamanismo e política - revelada pela categoria *yikégn* - apresenta-se nas descrições dos Botocudo no século XIX, de forma ressonante com estudos contemporâneos sobre mudança em povos amazônicos, sejam atuais ou históricos. A observação do movimento das *formas* sob a ação de fluxos de energias sociais, apresentadas no estudo destes povos, tem propiciado a articulação teórica entre temas etnológicos "quentes" como a guerra, o colonialismo, a etno-história, o xamanismo e a cura, sob um mesmo conjunto semântico (Taussig, 1987, 1993; Albert, 1992; Gow, 1996; Fausto, 2001).

Em outubro de 1989, em Cambridge, teve lugar um seminário sobre "Xamanismo, História e o Estado", cujo projeto foi o de lançar bases para discussões necessárias à articulação teórica entre poder político, história, xamanismo. A constatação de um padrão de relacionamento antitético entre xamanismo e religião oficial, baseada em hierarquias, conformou uma das bases para a comparabilidade entre os diversos casos analisados, todos localizados na Ásia ou na amazônia - recorte metodológico utilizado para fins comparativos, ainda que o horizonte analítico permitisse maior abrangência (Thomas & Hunphrey, eds., 1996).

Joanna Overing (1984), por sua vez, ao

analisar comparativamente o pensamento político entre povos ameríndios do noroeste amazônico, os Jê do Brasil Central e os povos da Guiana, sustentou a existência de um mesmo princípio filosófico fundante de suas diferentes formas sociais e políticas - o do controle do *perigo* e da *diferença*, ambas forças presentes na "natureza" das entidades míticas que povoam seu universo. A ordem política para os povos ameríndios tranquilizaria, assim, os humanos, perante o frequente temor de serem assaltados pelos terríveis eventos que acometem os seres sobrenaturais.

As formas geo-políticas dos Botocudo das matas do Mucuri e Doce no século XIX se encontram também articuladas ao xamanismo e a história, considerando sobretudo o que diz respeito ao trânsito de magia e de mulheres entre os sub-grupos nos quais eram divididos. Sobre este último aspecto, vale a pena deter o foco da atenção.

É notável entre os que descreveram os Botocudo, como o inspetor do Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPI/TN), A. Estigarribia (1934) e o engenheiro C. A. de Almeida (1978 [1959]), o destaque destinado à ascendência feminina nas decisões de estratégias indígenas. O inspetor do SPI/TN pudera observar, comparando os diversos grupos Botocudo, que "as mulheres idosas têm ascendência e dominam a tribo, através dos chefes que só fazem o que elas querem. A mãe de Muin entre os Krenak; Gipokrane entre os Gut-Krak e Benedita entre os mansos do Rio Doce".

Outra diferença relativa ao comportamento das mulheres Botocudo foi observada por J. J. von Tschudi e R. Avè-Lallemant no Mucuri, quanto ao uso dos botoques labiais, em uma época em que este parecia uma prerrogativa feminina – o que pode ser verificado também nas fotografias dos Krenak nas margens do Rio Doce, na década de 1910.

Também o explorador H. Almeida escreveu, sobre o grupo Botocudo contatado no

Jequitinhonha, que “os homens robustos, bem feitos, de semblante alegre”, traziam “as orelhas furadas”, enquanto as mulheres seriam “magras” e deformadas pela “grande roda de pau ... metida no lábio inferior” (Almeida, 1846: 444). O geógrafo W. Knoche, que no ano de 1912 visitou os Gut-Krak, situados em um posto do SPILTN na porção espírito-santense do Rio Doce, também observou que apenas as mulheres usavam o adorno labial: “el labio inferior de las mujeres da un aspecto muy poco apetitoso à causa del constante maltrato de que se le hace víctima, pues siempre se le ve maltratado y lleno de costras” (Knoche, 1913: 232,233).

Guido Marlière não se deteve na descrição do uso dos ornamentos entre os Botocudo, mas exaltava o “espírito de independência” dos indígenas – talvez impregnado pelos ideais da revolução francesa -, presente mesmo nas indígenas. Uma das mulheres do índio Pó-atu, por exemplo, a quem oferecera sustento em sua casa durante toda sua vida - em virtude da cegueira adquirida por ocasião de um surto de oftalmia - , “não quis se sujeitar [à oferta]” em troca da liberdade: “ela vem ao meu quartel e volta aos matos ora por terra, ora em canoas ou jangadas, carregando às costas um enorme *tang* e às vezes o filho por cima quando este cansa e outra índia por caridade (e para isto são exemplares) lhe serve de guia. Tal é o teu poder oh amor da independência!” (Marlière, 1905 [1824]: 533).

Maximiliano de Wied, diferentemente dos demais viajantes, registrou, para os Botocudo do Jequitinhonha do início dos oitocentos, o uso dos ornamentos labiais em ambos os sexos. Também no primeiro relato de contato amistoso registrado com grupos Botocudo, descrito pelo diretor do aldeamento de Lorena dos Tocoíós no ano de 1799, não aparece nenhuma diferenciação sexual quanto ao uso do botoque labial. J. P. F de Moura pôde sobre isso apenas registrar que os meninos aparentando cerca de 12 anos ainda não o utilizavam (Moura, 1897: 29). J. Branner, em seu estudo sobre os Botocudo e seus ornamentos,

concluiu que "the ear-plugs seem to be worn by both men and women, but only the women appear to wear them in the lips. The accounts given by Maximilien show that this custom was not so restrict at the time of his visit (Branner, 1888: 02).

A proeminência da agência feminina também seria observada em relação a certos tipos de danças de agradecimento aos "presentes" recebidos dos colonos do Mucuri. No que diz respeito à "excelentíssima esposa do Capitão Krenak", fotografada sozinha pelo padre André Colli em 1910, a memória dos que com ela tiveram contato também ressalta seu papel de liderança política perante o grupo.



<sup>8</sup> O massacre do ribeirão das Lages – nas proximidades da colônia do Urucu – seria particularmente registrado na documentação por não ter discriminado nem mulheres nem crianças de peito. Uma denúncia anônima ao diretor geral dos índios explicou como foi executado: a força pública da colônia militar do Urucu havia convidado os índios “para comer duas rezes, que se lhes tinha dado de presente, e, enquanto carneavam à descuido, foram desapiadadamente fuzilados, sem escolha de sexo nem idade!”. Este massacre, assim como outros, teria sido capitaneado por Joaquim Fagundes, diretor dos índios da primeira circunscrição, do Jequitinhonha. No relatório do diretor geral dos índios de 28 de maio de 1868, apenso à fala do presidente da Província José da Costa Machado e Souza, que reconstituía o massacre enquanto “barbaridade” que uma nação “civilizada” não poderia anuir, consta que ficariam “prisioneiros alguns índios, que não foram entregues ao respectivo diretor [da 3a. circunscrição, Augusto Otoni]: destes existem um em poder do italiano José Gazzinelli, e outro em poder do tenente coronel Antônio José Vellozo Soares, e

### **Excelentíssima esposa do capitão Crenak**

(Legenda original de José V. da Fonseca, participante da expedição)  
Arquivo da família de José V. da Fonseca

O médico alemão R. Avè-Lallemant, particularmente, se interessou em descrever suas impressões referentes a gênero, entre os Botocudo. Ao visitar com Teófilo Otoni, a “maloca” do capitão Potão, próximo a Filadélfia, retratou os índios enquanto “um repugante formigueiro de marimachos e vice-versa; nenhuma mulher perfeitamente mulher, nenhum homem perfeitamente homem naquela horda!” (Avè-Lallemant, 1961 [1859]: 231).

Entre os “bugres” do capitão Macgirim, causou-lhe uma especial repugnância uma “dama selvagem”, “verdadeiramente horrenda”, que fiava em uma roca – o que, condescendentemente, considerou um “começo de arte entre a mais rude natureza humana” (Avè-Lallemant, 1961 [1859]: 233-234).

Porém seria entre os Giporok do Urucu que o médico pôde, finalmente, satisfazer sua curiosidade de encontrar os Botocudo “selvagens”. Este subgrupo Botocudo, liderado por Juquirana, seria dizimado pelos colonos auxiliados pela força pública três anos depois. A passagem abaixo, que ressalta a repugnância que os europeus demonstravam sentir perante povo tão “primitivo” parece, na verdade, um prenúncio da tragédia que ocorreria em 1862<sup>8</sup>.

Na ocasião de sua visita, Lallemant encontrou os índios que chegaram à fazenda do colono José Gazzinelli, o qual periodicamente se valia de sua força de trabalho. O italiano pediu, então, através de mímica, para as mulheres, que dançassem, o que, segundo o alemão, “sabiam fazer bem”:

As caras idiotas, os botoques em constantes movimentos para baixo e para cima, as mamas bambaleantes, a completa nudez das mulheres, uma das quais em adiantada

consta que outros foram levados presos pelos índios do Jequitinhonha, que acompanharam o subdelegado a São Miguel [atual cidade de Joáima] e ajudaram a destruir esta aldeia".  
w w w c r l -  
jukebox.uchicago.edu.

gravidez, deu à luz doze horas após a dança, as grandes cicatrizes nas espáduas e nas costas, resultantes do tratamento brutal dos homens, os pulinhos desajeitados - tudo isso causa uma impressão tão verdadeiramente horrível, que não posso traduzi-la em palavras...

Depois de terem pulado assim algumas vezes, a filhinha de 9 anos de Gasinelli trouxe-lhes uma grande travessa cheia de comida. A *criança de cabelos louros*, que entrou sem medo na roda das botocudas, parecia uma figura luminosa entre aquelas criaturas horrendas da selva. Acocoraram-se e começaram a comer, babujando como os porcos, até esvaziar a travessa (Avè-Lallemant, 1961[1859]: 241-242).

A leitura da "degenerescência" daquelas "criaturas horrendas da selva", realizada pelo médico, além de prenúncio do massacre, constituiu uma tendência que marcou o "estudo das raças" na segunda metade dos oitocentos e que, no limite, serviu para justificar a "superioridade" da raça ariana - que a criança loura do relato acima parece representar. Os Botocudo descritos por Lallemant foram ainda caracterizados como "lêmures e morcegos da floresta", situados entre os homens e animais, "sem se libertarem da natureza dos últimos e poderem passar para o lado luminoso dos primeiros" (Avè-Lallemant, 1961[1859]: 232).

Alguns aspectos rituais envolvendo o uso diferenciado dos imatós (ornamentos labiais) parecem relacionados à agência feminina entre os Krenak. O barão de Tschudi forneceu algumas imagens sobre os Botocudo "selvagens", enfatizando o uso distintivo dos "botoques" - os ornamentos labiais e auriculares - que os tornariam "horrendos", ainda que seus "traços faciais", livres de tais ornamentos, não fossem "nada desagradáveis". Para os *borum*, no entanto, o uso dos imató parece associado às situações de formalidade social, podendo mesmo ser considerados como legítimos "trajes de gala". As mulheres, com intenção ofensiva, quando

brigavam entre si, arrancavam-se, mutuamente, os imatós, “espalhando-os como troféus pelo campo de batalha”, segundo a descrição de Maximiliano de Wied (Wied Neuwied, 1940: 262). Segundo o barão de Tschudi,

As placas de madeira chamadas de tábua pelos brasileiros, são feitas da madeira cozida da barriguda ou a árvore do algodão .... *Tanto as madeiras para os lábios como também as das orelhas não são via de regra usadas em casa ou nas ocupações habituais. Elas não podem porém faltar por ocasião de festas, guerras, visitas a outras aldeias e tais oportunidades. ...*

Através desta deformação a fisionomia dos botocudos é modificada de tal forma que *eles se contam entre os índios mais feios da América do Sul* apesar dos traços faciais daqueles indivíduos que não tem as orelhas e os lábios deformados não serem nada desagradáveis.

Nem todos os indivíduos da nação dos botocudos se utilizam deste objeto de decoração bárbaro. Uma pequena parte dos mesmos fura os lábios e as orelhas. *Entre as mulheres já é mais comum furar os lábios e entre os homens as orelhas* (Tschudi, 1971[1866]: 270-271).

Outra referência encontrada nas fontes relativa à agenciamento feminina diz respeito à recusa das mulheres, principalmente as mais velhas, de aldearem-se nos estabelecimentos oficialmente destinados aos índios. Assim, o diretor do aldeamento dos Tocoíós, J. P. F de Moura, atribuiu à recusa das mulheres o não aldeamento do grupo Botocudo que “veio à fala” no ano de 1799: “sem dúvida eles se viriam arrancar na nossa vizinhança” – diria o diretor -, “se lhes fosse possível reduzir as suas mulheres, que eram muito bravas e temiam que os matassem e comessem” (Moura, 1897: 31). Frei Jacinto de Palazzolo, por sua vez, apurou, em sua pesquisa, que a causa do não aldeamento dos Pojichá, em uma das últimas tentativas realizadas pelos missionários, no

ano de 1909, fora atribuída aos "motins" liderados pelas mulheres velhas "que protestaram não querer ficar no Itambacuri" (Palazzolo, 1973: 234). Seriam provavelmente a "célebre Ignácia", Benedita e Altina, o "anjo da Paz", retratadas pelo Inspetor do SPI, Sr. Alberto Portella, então responsável por sua "administração" e aldeamento

Há que se considerar, ainda, o lugar do gênero feminino na ordem sócio-simbólica, que pode se inferido através do trabalho etnográfico realizado por H. Manizer.

O etnógrafo russo, com efeito, descreveria como *Maref-Khmankiam*, "o velho" – o próprio "alicerce da cosmogonia" dos Botocudo – dirigia seus castigos especificamente contra as mulheres. O temor do "sobrenatural" provocado pelas virtuais ameaças de castigo que sobre eles pairavam parece subjacente à sua insistência política em "perseverar em sua diferença". A relação entre o temor dos indígenas perante o sobrenatural e suas práticas rituais puderam ser, então, observadas.

Os Índios Pojichás na Porta da Igreja de Itambacury, quando foram entregues à Proteção Federal. (verso da foto) Altina parecia peor que Ignácia. Bem estuda vê-se que procura estabelecer a paz, quando alterada por Lucio, Benedita e Ignacia.

1. Capitão Joaquim [Vakmam]; 2 Lúcio Pojichá, filho do Capitão; 3. Benedito Constantino; 4. A Célebre Ignácia (Revolucionária); 5. Altina (o anjo da paz) (NCS. 7 (8). 1359. APCBH)



Grupo de Índios Pojichás, em visita à Colônia do Itambacury, Acham-se aldeados na margem esquerda do S. Matheus. 12 léguas de Itambacuri Tibos Poton-Nac-nanuck, Poté, Nacional civilizado Benedito Alves Potum entre os índios. Intérprete. [Pojichás reduzidos a 56 indivíduos. 1911]. Oferecido por Alberto Portela. Teófilo Otoni 10/12/1910. NCS. 7 (8). 1358. APCBH



O "língua" Cristino, para extremo temor de Muin, retirou os botoques dos lábios dos jovens, fazendo com que os Krenak se sentissem submetidos à ameaças de doenças e infortúnios por estarem desobedecendo a vontade de Maret-Khmankiam, o "velho" ... que os protege dos perigos, quando os Krenak seguem seus ensinamentos. .... *É um homem da estatura de um anão com o corpo recoberto por pêlo vermelho, possuidor de imensos órgãos sexuais usados para castigar as mulheres, quando zangado com elas*<sup>9</sup> (Mattos, 1996: 161).

<sup>9</sup> Segundo informações colhidas por uma indigenista do Cedefes, que trabalhou durante 8 anos com os Maxakali, as mulheres Maxakali temem estar entre os Krenak por sentirem-se, assim, expostas aos mesmos castigos dirigidos às mulheres Krenak por seu herói fundador - o que de novo remete para a transitividade da magia observada nas relações históricas entre esses povos.

Segundo levantamentos etnográficos realizados no ano de 1995 entre os Krenak, os "velhos" ainda poderiam ser vistos, porém apenas pelos *borum*. Sua figura era descrita de forma semelhante à registrada por Manizer. O "velho" teria ainda capacidades mágicas como a de andar sobre nuvens e águas e controlá-las. Por isso, ao atravessarem o rio, os Krenak precisavam pedir sua permissão, dirigindo-lhe a palavra através de cantos, com a finalidade de se proteger contra acidentes. A esposa de Maret-Khmankiam - a "velha" -, no entanto, sempre se esconderia dos olhos dos *borum*, permanecendo no céu (Mattos, 1996). Os inúmeros filhos do casal, os *Maret-khmakián-krouk*, também podem aparecer para

os índios, no entanto, *apesar de amá-los, quando injuriados, se irritariam a ponto de matá-los com flechas invisíveis.*

Com relação às práticas matrimoniais Botocudo, o etnógrafo H. H. Manizer também ressaltou a importância do "raptó de esposas", teoricamente caracterizado, segundo o autor, pela recusa de estabelecimento de alianças entre as famílias envolvidas. Na prática observada, no entanto, as mulheres "roubadas" de suas famílias, apesar de exiladas, mantinha vínculos com seu grupo original, trazendo inclusive parentes para junto de si. O sororato e a troca de parceiros entre irmãos, por sua vez, agia para reforçar a tendência observada pelo etnógrafo, concorrendo para que a estratégia dos Botocudo de "adotar" crianças e mulheres "pilhadas" de grupos rivais - mesmo que significasse violência e hostilidade contra outro grupo - contribuisse, de fato, para que um grupo local ampliasse seu poder. Segundo as observações do russo entre os Botocudo do Pancas e os Krenak.

É costume que o homem que toma consigo uma menina - órfã ou presa que lhe coube após uma expedição contra uma tribo inimiga - a crie, ou mais justamente a engorde, para fazer dela sua mulher. A respeito da maior parte das mulheres jovens dos Krenak, Kristino afirmava que elas provinham do grupo Berén, que fora aniquilado pelos Krenak. ...

A menina ... após uma série de uniões ... pouco sólidas, em uma idade mais avançada se fixará em uma relação mais durável, porém jamais, sem dúvidas, para a vida inteira, pois os homens trocam de mulheres e as mulheres trocam de homens. Dois anos antes, Mouni havia trocado uma de suas esposas com Iniat, seu irmão, a pedido de uma delas, que desejava ter por companhia de casamento sua irmã mais jovem.

Uma das mulheres (Kapruk) tem vários filhos de diversos maridos, e alguns desses últimos ainda estão vivos (Manizer, 1919: 260-261).

A agenciãõ feminina da política indígena Botocudo parece residir em sua possibilidade de transitar entre grupos de parentesco, "trocando" de parceiro ou sendo por ele "trocada" - o que a "moral" que pautou o indigenismo imperial na situaçãõ oficial de aldeamento sob o Regulamento das Missões de 1845 não poderia permitir, assim como as demais práticas matrimoniais consideradas "imorais" e "selvagens". A resistẽcia para o aldeamento dos Pojichá, atribuída pelos missionários à liderançã das mulheres mais velhas - que exerciam maior ascendẽcia sobre seu grupo de parentela - faz sentido ao ser examinada dentro desta chave.

### **Domínios de gênero e parentesco**

A importãncia atribuída à agenciãõ feminina entre os Botocudo parece, sob um enfoque etnográfico, articulada à possibilidade de trãnsito das mulheres entre os subgrupos, ao contrário dos homens que, quando capturados pelos inimigos, seriam considerados "prisioneiros", não havendo a possibilidade de serem incorporados nas relações de parentesco no interior do subgrupo rival.

A "fereza" dos Botocudo seria, por exemplo, demonstrada pelo fundador do aldeamento de Lorena dos Tocoíõs, em 1809, através de um relato de um ataque que o mestre de campo João da Silva Guimarães teria capitaneado, no ano de 1755, contra um grupo de 50 homens Botocudo, no médio Jequitinhonha. Os Botocudo, então, minoritários - os Maxakali capitaneados pelo português seriam em número de 200 - "pelejaram até acabarem todas as flechas". O único sobrevivente, para não se matar, foi atado a uma árvore, onde expirou, finalmente, recusando alimentaçãõ por três dias e batendo a cabeça contra o tronco da árvore (Moura, 1897 [1809]: 29). Esse tipo de comportamento do guerreiro que, quando aprisionado, prefere a morte, não parece apropriado ao gênero feminino.

Uma associação possível entre gênero e a proximidade do perigo representado pelos castigos dirigidos exclusivamente às mulheres pelo herói fundador, parece também impor-se no exame do protagonismo político observado para algumas das mulheres Botocudo. De fato, ameaçadas pelos *mankián* – os velhos -, elas seriam responsáveis por guardar com mais rigor a tradição, como parece apontar sua resistência descrita em abandonar o uso do ornamento labial, tanto quanto sua recusa em aldear-se junto aos estabelecimentos oficiais.

Por outro lado, como compreender essa dupla característica da agenciação feminina entre os Botocudo – a de ocupar espaços determinantes em negociações políticas e o de transitar entre subgrupos rivais -, tendo como horizonte as dimensões teóricas de gênero e parentesco?

Um sobrevôo sobre as perspectivas teóricas voltadas para o entendimento da variação de experiências femininas, parece adequar-se ao entendimento da situação aqui enfocada, ainda que as possibilidades que suscita não possam ser exploradas em profundidade.

Os estudos de gênero vêm provocando uma fecunda revisão teórica e metodológica nos estudos de parentesco, que apontam para a inexistência de limites entre gênero e parentesco, uma vez que as representações do primeiro (enquanto relações simbólicas e de poder) se encontram inextricavelmente engendradas às estruturas do segundo, umas atuando para a reprodução das outras e vice-versa. Gênero e parentesco constituem-se, pois, mutuamente, segundo as reflexões sobre o tema que tiveram início a partir da década de 70, com o desenvolvimento de uma antropologia feminista que buscava apreender a construção de gênero em sistemas sociais específicos.

A dicotomia entre domínios “doméstico” e “político-jural”, elaborada por Fortes (1953) para questionar a base biológica do parentesco, priorizando sua dimensão política, permanece ainda hoje influente na antropologia e disciplinas

relacionadas. Esta dicotomia analítica amplia a abrangência do parentesco como fenômeno político, mas não questiona a existência de um domínio doméstico invariante construído sobre os laços “naturalmente” estabelecidos entre mãe e filho. O domínio do “doméstico”, é associado às mulheres e relacionado a preceitos biológicos como a sexualidade e o cuidado com as crianças, enquanto a esfera “político-jural” e pública, associada aos homens, é relativa às regras legais, autoridades legítimas e mudanças históricas na economia, política e sistemas ideológicos.

A revisão desta vertente teórica sob uma perspectiva feminista demonstra como esta dicotomia analítica acaba por sugerir uma razão universal para a associação entre as mulheres e um mundo “doméstico”, menos valorizado que as atividades atribuídas aos homens “públicos”, ao supor que o laço mãe-filho é gerado pela experiência universal da “maternidade”, necessária à sobrevivência biológica das crianças.

Os estudos de gênero não admitem a existência de domínios sociais distintos, questionando a suposição de uma esfera do parentesco restrita ao sistema de direitos e deveres relativos à reprodução da vida humana. Dissolvendo as fronteiras analíticas convencionais do parentesco, estudos recentes passaram a enfocá-lo não como um aspecto totalizador da organização social, mas como um aspecto relacionado à economia política, ou situado no interior de um sistema mais amplo de desigualdade, onde gênero aparece como uma de suas dimensões-chave.

Diversos estudos feministas propiciados pela revisão das teorias do parentesco parecem demonstrar que ignorar a linha que divide parentesco e gênero resulta em verdadeiro avanço teórico. A família – espaço de relações onde gênero e parentesco se entrelaçam –, a partir desta nova abordagem, pode ser estudada de maneira que não seja reduzida ao lugar “doméstico” onde as crianças crescem, o que permite a apreensão das formas de desigualdade

de gênero e de classe que nela se reproduzem.

A dicotomia analítica característica da perspectiva estrutural-funcionalista, ou seja, a divisão invariável entre os domínios “doméstico” e “político-jural” corresponde, por sua vez, a outra, na perspectiva simbólico-estruturalista, entre “natureza” e “cultura”, sendo a primeira igualmente associada às mulheres e a segunda aos homens.

Segundo apontam os autores de estudos que pretendem dissolver a fronteira entre os estudos de gênero e parentesco, o exercício de comparação entre diferentes sistemas simbólicos não deve pretender traduzir as dicotomias nativas expressas em categorias de gênero, mas de perceber como, na prática, as diferenças entre os sexos entram nos cálculos dos agentes (*agency*). A pergunta que passa a orientar a investigação comparativa de parentesco e gênero passa a ser, então, sobre a utilidade de se traduzir uma oposição simbólica fundada numa outra cultura para uma fundada na nossa (MacCormack e Strathern, orgs, 1980).

Vanessa Lea (1994:87), por sua vez, considera, com Lévi-Strauss, o conceito de agente (*agency*) compatível com o estruturalismo, por permitir refinar o entendimento da relação entre a estrutura social e o indivíduo, não significando, por isso, um retorno ao individualismo metodológico (como glorificação do sujeito/ subjetivismo).

Este questionamento de dicotomias analíticas que caracteriza o estudo de gênero, produz uma reanálise da teoria do parentesco que rejeita o foco em categorias universais, porque estas “nos tornam vítimas de uma tradição que descobre ‘essência’ nas características naturais” que distinguem os sexos “e então declaram o presente das mulheres derivado do que ‘em essência’ as mulheres são” (Rosaldo, *apud* Collier e Yanagisako, 1987: 19-20).

Os estudiosos que visaram pesquisar concepções de gênero, estratégias e poderes de mulheres em diferentes situações etnográficas,

passaram a relatar diferenças observadas nas experiências das mulheres quanto às diversas formas de organização política, econômica e cultural. Para V. Lea (1994)

Há muito tempo, os antropólogos sabem que o parentesco transcende o nível biológico, e, no que diz respeito ao gênero, há uma tendência a não mais partir da existência de dois sexos como um fato biológico irreduzível, na medida em que até as diferenças biológicas são suscetíveis às mais diversas interpretações; em outras palavras, transcendem a esfera do "naturalmente dado" (Lea, 1994:89).

A aparente naturalidade da díade mãe-filho, bem como o pressuposto da "autoridade" masculina passaram a ser questionados em sua busca pelas dinâmicas de poder e privilégio em sistemas sociais particulares. Estes estudos demonstram a impossibilidade de entendimento da interação dentro das "esferas domésticas" se não se levar em conta as dimensões políticas e econômicas, responsáveis pela distribuição dos objetivos e recursos para ambos os sexos.

A reanálise feminista de gênero e parentesco veio questionar a suposição de que "masculino" e "feminino" constituem categorias naturais de seres humanos, cujas relações estariam em todos os lugares estruturadas por sua diferença biológica. No entanto, tanto parentesco quanto gênero estão, igualmente, relacionados a sistemas que envolvem direitos e deveres que ordenam relações entre pessoas através da *diferença*. "As unidades fundamentais de gênero – machos e fêmeas – e as unidades fundamentais de parentesco – a grade genealógica – são ambas vistas como existentes fora e além da cultura", afirmam J. Collier e S. Yanagisako (1987: 29).

Estudos interdisciplinares de parentesco e gênero forneceram material para a argumentação teórica de que ambos os campos conceituados como discretos constituem um único campo definido pelos fatos biológicos da

reprodução sexual, demonstrando, ainda, como são mutuamente concebidos em sistemas culturais, econômicos e políticos particulares.

Como nenhum dos dois domínios é anterior ao outro, a análise conjunta de parentesco e gênero deveria - para evitar a armadilha de continuamente reinventar dicotomias analíticas sobre diferenças naturais entre pessoas - começar com um programa específico de análise da sociedade como um todo, ao invés de partir, *a priori*, de indivíduos ou domínios funcionais como parentesco ou gênero.

O que o caso observado da existência de mulheres em trânsito entre subgrupos Botocudo rivais parece evidenciar é exatamente que a possibilidade de ultrapassagem de lugares socialmente definidos na esfera do parentesco esteja inscrita nos cálculos referentes à agência feminina nativa, ampliando seu poder de negociação política. Posta para as mulheres Botocudo a virtualidade do estabelecimento de novos vínculos matrimoniais/sociais, assim como o abandono de certos vínculos "domésticos" - como o da relação com os filhos - anteriores ao seu "rpto", um horizonte de possibilidades de alianças futuras entre os subgrupo Botocudo parece ampliar-se, através de uma reconstituição sempre possível de laços de parentesco entre indivíduos de grupos rivais.

### **Organização política Botocudo e imbricações de gênero na morfologia social**

Em relação às estratégias políticas diferenciadas observadas entre os subgrupos Botocudo, tanto os Aranã como os Naknenuk, diferentemente dos povos genericamente considerados "Giporok" (Poijichá, Urucu, entre outros), teriam adotado regularmente estratégias políticas de aliança com populações não indígenas. Por considerar tal estratégia incompatível com a lógica operacional dos

<sup>10</sup> Ver, por exemplo, o "Vocabulário da língua dos Botocudos, Nac-nanuks e G I P O R O C A S , habitantes das margens dos Rios Mucury e Todos-os-Santos, também identico ao dos Kraikmús habitantes das margens do Rio Gequitinhonha", de V. Renault (1903 [1836]: 1095-1115). Também F. L. Araújo, reunindo as informações contidas nos documentos sobre os Botocudo, descreveria os costumes que as "três tribos ou raças de índios [...] que existiam naqueles sertões: os Nac-nanuks, os Giporokas e os Aranás" compartilhavam (1903:1068-1069). Em relação aos Bakuên, um "pequeno vocabulário" foi organizado por Cathoud, 1936: 130-131).

Botocudo - supostamente baseada em uma total recusa ao contato - M. H. Paraíso (1998) imputa a ambos os povos, Naknenuk e Aranã, o pertencimento à família linguística Maxacali (Paraíso, 1998: 480, nota 65). Informações lingüísticas e etno-históricas aqui reunidas, todavia, apontam para o fato dos Aranã, assim como os Naknenuk, Bakuên e Giporok, pertencerem todos à família linguística Botocudo<sup>10</sup>.

Os Aranã, por sua vez, deixam-se conhecer através da movimentação oficial da Diretoria dos Índios da Província de Minas, através das relações de alianças estabelecidas com uma família de pioneiros nas matas do Urupuca. Seu aparecimento nos registros relaciona-se às polêmicas e conflitos observados em ocasiões de "desordens" que desafiaram seus administradores locais, que imputavam-nas à presença de "impostores" entre os índios. Estes agentes, ao procederem ao modo dos "línguas", ou intérpretes desertores das Divisões Militares à época do coronel Guido Marlière, "disciplinariam" os indígenas, que se tornavam "fascinados" e insubordinados perante as autoridades responsáveis por sua administração.

A estratégia de aliança com não-índios, observada para os grupos Aranã, encontra-se, por outro lado, associada às suas relações de intensa rivalidade com os povos Botocudo conhecidos como Naknenuk situados, no século XIX, na bacia do alto Mucuri e nas cabeceiras do Itambacuri. As relações de rivalidade promovia a prática de "raptos" de crianças que ambos os povos, assim como os Botocudo do Jequitinhonha, cometiam, a fim de comerciá-los, quando havia um grande mercado para essas transações, principalmente na vila de Porto Alegre, na confluência do rio Mucuri com o Atlântico.

Outras situações, de "rapto" (fuga? ou troca?) de mulheres entre ambos os grupos parece indicar, no entanto, a existência de uma potencial relação de afinidade entre os subgrupos rivais, através do estabelecimento de laços de parentesco necessariamente, desta forma, criados.

Com efeito, cada grupo identificado nas fontes como Botocudo seria reportado relativamente a outros, fossem inimigos ou "confederados", assim como vínculos de parentesco entre líderes de diferentes grupos seriam também descritos; Jiporok, Mek-mek e Potik por exemplo, seriam irmãos e líderes das "tribos" distintas, que trabalharam, juntamente com a "a tribo do capitão Urufu", na construção da matriz de São José do Porto Alegre, povoado situado na foz do rio Mucuri (Otoni, 2002 [1859]: 49).

A investigação de certas regularidades existentes sob as frequentes dissensões observadas entre os povos Botocudo remete, por exemplo, aos combates ritualizados entre os grupos rivais, tais como descritos pelo príncipe Maximiliano no Jequitinhonha, que ocorreram também no Mucuri. Cicatrizes das brigas eram exibidas como prova da belicosidade entre os grupos, e, se acontecia a alimentação do desejo de vingança durante os combates, isso não significava que o total extermínio do grupo inimigo fosse almejado. O vice-diretor do aldeamento do Itambacuri escreveu sobre os Botocudo, de fato, que "as tribos nômades ostentam um como instinto natural de valentia e demonstração de força física: por isso se empenham constantemente em horrorosa guerra..." (Frei Ângelo, 1915: 26).

Os combates entre os sub-grupos Botocudo referiam-se basicamente ao estabelecimento de limites políticos, geralmente representados pelas linhas divisórias dos principais rios e afluentes. Atravessar o rio e aportar na margem ocupada pelo grupo rival era a maneira mais comum de declarar-lhe guerra.

A análise das formas definidas através das estratégias geo-políticas - que impeliam os combates intertribais, revela a importância do papel das mulheres na etno-política Botocudo. O "rapto" de mulheres acontecia quando, em combate, um dos grupos tornava-se reconhecidamente dominante. Nessas situações, as mulheres migravam para o grupo vencedor e,

na maioria das vezes, não demonstravam interesse em retornar para o grupo antigo. Ainda que mediada por violências intertribais, as "esposas" eram, desta maneira, trocadas ritualmente.

Teófilo Otoni descreveu, em relação aos subgrupos Giporok aliados conhecidos como Porohum e Batata que, "quando vêm a Santa Clara, passam o rio para o norte, perseguindo os bakuês, que outras vezes vêm esperar ao sul os seus inimigos". Em uma ocasião, no ano de 1854, tendo ambos os grupos prisioneiros, "as amáveis esposas dos prisioneiros se haviam rendido de coração aos inimigos e recusaram acompanhar os maridos", quando foram libertados (Otoni, 2002 [1859]: 86). O mesmo aconteceria com os Aranã em 1873 quando se dirigiram em expedição guerreira contra os Naknenuk do Itambacuri para recuperarem as esposas "roubadas"; elas, no entanto, não quiseram mais retornar. O episódio foi descrito por frei Vicente de Licodia, por ocasião da comemoração dos 50 anos da fundação do Itambacuri:

Eis o motivo da guerra.

O Itambacuri, devido às suas riquezas, de água, peixe e caça, era muito frequentado por diversas tribos, que quase todos os anos vinham passar aí algum tempo.

Antes da chegada aqui do Frei Serafim tinham vindo os índios Aranãs e nessa ocasião os índios de Itambacuri tinham furtado duas mulheres aranãs. Os aranãs ficaram furiosos e vieram para vingar-se e chegaram armados, prontos a guerrear.

*O Frei Serafim quis impedir a guerra, chamou as duas mulheres e lhes falou que acompanhassem os da sua tribo para assim evitar-se a guerra, mas as duas mulheres não quiseram ouvi-lo talvez com medo de serem mortas.*

Os aranãs, porém, vendo que não podiam vencer, porque eram poucos, se retiraram, e prometeram que voltariam em número maior, e melhor armados.<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Vicente de Licodia, Ofm cap. "Itambacuri 1973-1913. 40 anos de vida apostólica." *A Família*. N. 34. Teófilo Otoni, 2 de abril de 1913.

Os Naknenuk - ou pelo menos alguns dos subgrupos já "pacificados" antes mesmo da instalação da Companhia do Mucuri, no ano de 1847, por Antônio Gomes Leal, o filho, que se encontravam nas cabeceiras do Tambaquari - seriam aldeados em 1873 pelos missionários capuchinhos que registraram, logo na fundação do aldeamento, a situação de guerra entre os dois povos. Por causa dessas relações belicosas entre Naknenuk e Aranã, estes permaneceram aldeados no aldeamento central Imaculada Conceição do rio Doce, localizado no ribeirão Poaia, apesar da "pequena" distância que separava os estabelecimentos, de 14 léguas, por uma antiga picada.

Enfocando, aqui, por enquanto, as relações políticas internas aos grupos Botocudo - que, evidentemente, seriam refletidas e traduzidas na linguagem do indigenismo local -, vejamos como a descrição dos combates fornece visibilidade a determinados aspectos da organização política dos Botocudo, baseada no conflito e na guerra. A razão do combate descrito pelo príncipe Maximiliano de Wied foi uma infração ao respeito dos limites das zonas de caça pelo grupo liderado pelo "capitão" June, empreendida na margem sul do rio Jequitinhonha, ocupadas pelo grupo do capitão Jeparak.

*De início, os guerreiros de ambos os lados soltavam gritos curtos e rudes em desafio mútuo, cercando-se como cães raivosos, ao mesmo tempo que aprontavam os paus. Em seguida, o "capitão" Jeparack adiantou-se, de olhos esbugalhados, e cantou, com voz trêmula, uma longa cantiga, que provavelmente descrevia as afrontas recebidas. Dessa maneira os bandos contrários se tornavam cada vez mais inflamados: de súbito, dois deles avançaram, empurraram-se pelo peito, obrigando a recuar, e começando, então, a terçar os paus... Logo que dois deles acabavam de malhar-se dessa bela maneira, outros dois se adiantavam; muitas vezes diversos pares pelejavam ao mesmo tempo: mas nunca se agrediam à mão...*

*Nesse íterim, as mulheres também brigavam valentemente: chorando e berrando, seguravam-se pelos cabelos, esmurravam-se, unhavam-se, arrancavam-se das orelhas e do lábio inferior os batoques de páu, espalhando-os como troféus pelo campo de batalha... Os gritos e os lamentos das mulheres e das crianças, vindos das malocas vizinhas, ainda mais aumentavam o efeito dessa curiosíssima cena.*

*E por esse modo o combate durou cêrca de uma hora; quando todos aparentavam fadiga, alguns ainda mostravam coragem e perseverança, rodeando-se aos gritos de desafio...*

*Pouco depois da minha partida do Quartel, segundo me informaram, deu-se aí um combate ainda maior, por ocasião da volta do "capitão" Gipakeiu, amigo e aliado do "capitão" June (Wied Neuwied, 1940: 262).*

A trajetória de intenso dinamismo, constantes deslocamentos e recomposições - acrescentada à depopulação indígena na Província durante os oitocentos e à "mestiçagem das raças" oficialmente promovida pelo indigenismo oficial - oferece um campo propício para a abordagem de temas "dinâmicos" na etnografia histórica dos Botocudo. No entanto, ainda que a natureza das fontes pareça privilegiar um campo de investigação para problemáticas relativas à dinâmica social e as "mestiçagens", a viabilidade da apreensão e análise de lógicas e sentidos auferidos pelos próprios Botocudo aos processos históricos, através de suas categorias sócio-cosmológicas, não pode ser desconsiderada.

Potencialmente conflituosa e "rebelde" perante o olhar civilizatório, a perspectiva "étnica" dos processos históricos - que a expressão da "consciência histórica" através do idioma do xamanismo revela - engendra em si o germe ameaçador do "fascínio", da "irracionalidade", da "superstição", observado mesmo nos mais "pacíficos" subgrupos Botocudo. Interpretar o "nexo étnico" dos eventos envolvendo atores

indígenas e outros em situação histórica de aldeamento implica necessariamente em examinar um campo de relações intersocietárias propício à investigação de fenômenos identitários.

*Índios Botocudos do Norte do Rio Doce*  
Manoel Ernesto Pereira  
(Fotógrafo amador)  
NCS. 7(8) 1366 APCBH



A existência de uma espécie de "transitividade da magia" parece perpassar os grupos Botocudo, organizados em rede ao longo dos oitocentos, podendo ser observada ainda através de uma polêmica que teve lugar na imprensa de Teófilo Otoni no ano de 1905, quando os trabalhadores da Estrada de Ferro Bahia Minas foram, pelo menos em duas ocasiões "atacados pelos bugres".

Entre as estações de Francisco Sá e Presidente Pena, na estrada de ferro foi no dia 9 (VIII -05) atacada uma turma de trabalhadores que em um trolley percorria aquele trecho da linha. As 6 e meia da manhã, ao chegar a turma em um certo ponto, encontrou sobre os trilhos galhos de árvores que supuseram ali atirados pelo vento, e quando fazia a remoção deles, foi inopinadamente atacada pelos bugres, que se tinham emboscado em ponto próximo dentro da mata. Os bugres haviam de propósito colocado sobre a linha aqueles ramos para fazer parar a turma e entretê-la a fim de com melhor êxito atacá-la. Quando os

trabalhadores tendo parado o trolley dele desceram e fizeram o serviço de desobstrução, receberam as flechas, que em grande número partiram de um lado do caminho, tendo sido ofendidos os trabalhadores José Cândido com uma flecha, que lhe varou o ante-braço direito, e Pedro Pereira que recebeu outra nas costas, tendo pouco penetrado. O feitor da turma teve uma leva escoriação no rosto de uma seta que por ele passou roçando, tendo sido esses os únicos ofendidos...

Dos tiros disparados pelos trabalhadores para o rumo donde vinham as flechas, um atingiu um desses selvagens, ofendendo-o na garganta e determinando sua morte.

*Foi reconhecido como pertencente ao aldeamento de Itambacuri, trazendo um rosário e um faixa, o que confirma a versão corrente de que é do próprio aldeamento que às vezes partem eles para atacarem as primeiras pessoas ou propriedades que encontrem."... Se em vez da catequese desses bugres por intermédio dos frades diretores do Aldeamento e por improficuidade dela, é mister recorrer a um processo sumário para a eliminação deles, a única medida a adotar é essa: autorize o Governo o chefe da polícia a formar uma expedição de pessoas habituadas a caçar bugres, como há muitas por aqui [!], prepare-a o sr. delegado com critério e seriedade, e o resultado será então proveitoso e eficaz*<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Jornal O Mucury n. 313. Teófilo Otoni, 13 de agosto de 1905

A polêmica gerada em torno dessa notícia refere-se às disputas em torno da administração dos índios, que foram uma característica do indigenismo na Província de Minas. Os padres e moradores de Itambacuri se mobilizaram para afirmar que não eram aldeados os índios envolvidos naquele episódio, particularmente interessante por revelar a forma dos Botocudo de se apropriar da magia do Outro, representada pelo rosário e pela faixa usados pelo índio em "expedição guerreira".

Com efeito, sob o enfoque de uma virtual possibilidade de interação sócio-cosmológica

com o Outro através da troca (ou mesmo roubo) de magia, podemos compreender eventos na história dos Botocudo, como foi o caso da revolta indígena de 1893 no Itambacuri, na qual concorreram povos de etnias diversificadas. Naquela ocasião, subgrupos Botocudo rivais entre si puderam rearranjar-se de forma a organizarem-se em um movimento unívoco, através do qual a situação de privação e doença que enfrentavam - após longo período de seca e afluxos de flagelados no aldeamento - seria interpretada atribuindo "feitiçaria" aos missionários, considerados inimigos comuns, causadores das epidemias e violências, às quais se encontravam expostos.

A hipótese de um núcleo identitário virtual, abrigado sob o princípio de causalidade do xamanismo, criativamente atualizável pelos diferentes subgrupos Botocudo em contextos históricos de contradição com o Outro - pode ser verificada nos diversos movimentos de "rebeldia" indígena observados ao longo dos oitocentos. Com efeito, nestes momentos de efervescência social, nos quais as identidades se (re)constróem, emerge, enquanto linguagem articuladora da política e da "consciência histórica", o xamanismo, capaz de abrigar o "cerne" - mínimo e virtual - do universo sócio-simbólico Botocudo, indispensável por conferir um sentido diferenciado à experiência - histórica e identitária - dos indígenas no interior da situação colonial.

Essa abordagem da emergência identitária entre grupos Botocudo diversificados, sob situação histórica de aldeamento, por sua vez, vem de encontro a uma perspectiva "construtivista" da identidade que leva em consideração, para além da análise do interjogo das forças contraditórias no estabelecimento das fronteiras sociais, o momento próprio da "criação cultural" (Agier, 2001). Trata-se de levar em conta, ao lado do jogo situacional e relacional das forças políticas - no interior do qual emergem,

disputando um lugar, os diferentes atores sociais, entre os quais, os índios concebidos enquanto sujeitos históricos - a própria linguagem, inconsciente, virtual, capaz de fornecer as categorias que conferem sentido ao mundo vivido, responsável pela especificidade da experiência histórica e social indígena.

A "invenção" de um novo "sentido", étnico, - que pode também ser concebido enquanto *ethnohistória*, tal como propôs Sider (1994), e que necessariamente caracteriza processos de mobilização de forças coletivas - propicia nos atores a experiência de uma "re-descoberta" dos fundamentos de sua singularidade "étnica", de sua alteridade. A *ethnohistória*, assim, "inventada" e produtora de "sentido" para toda uma coletividade, não pode ocorrer senão através da atualização, ressignificação e/ou intensificação de códigos sócio-cosmológicos virtuais, pré-existentes, inconscientes (Sanchis, 1998).

Em estudo realizado sobre a intensificação étnica e etno-história Krenak (Mattos, 1996) - povo originado de dissensão entre os Krekmum, nos oitocentos -, o apelo ao carisma e à tradição foram observados sob os recentes processos de mobilização coletiva nos quais a reativação de práticas religiosas/simbólicas tradicionais e o fortalecimento do poder político do grupo mobilizado encontravam-se estreitamente associados.

Ao acompanhar a trajetória de cada um dos grupos Botocudo, processos de diversificação interna ganharam visibilidade, assim como fenômenos de emergência identitária foram observados.

*Crenaks do Rio doce  
(defronte de Resplendor)  
Manoel Ernesto Pereira  
(Fotógrafo amador)  
Defronte da Cachoeira  
do M, estação de  
Resplendor, margem  
esquerda do Rio Doce.  
NCS 7 (8) 1364. APCBH*



## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### 1. Documentos manuscritos

#### ***I. Arquivo dos Capuchinhos do Rio de Janeiro***

Frei Ângelo de Sassoferrato "Synopsis da Missão catechética dos selvicolas do Mucury, norte do Estado de Minas Geraes. Esta Missão foi fundada em 1873, pelos Rev.mos Capuchinhos Seraphim de Gorizia e Ângelo de Sassoferrato no centro das matas, distantes 36 kilômetros ao sul da cidade de Theophilo Ottoni (antiga Philadelphia)". 1915, 69 fls. Gav. C, Pasta IV.

#### ***II. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Diamantina***

Livro de visita pastoral de Dom Joaquim Silvério de Souza (1902-1907). Cx. 49.

"Memória histórica e descritiva da freguesia de Nossa Senhora da Graça da Capelinha". D. João Pimenta (1891), cx. 49.

### 2. Bibliografia citada

AGIER, Michel, 2001. "Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização". *Mana* 7 (2), p. 7-33.

ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida 2002. *Pacificando o Branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo: Unesp.

ALBERT, Bruce. 1992. "A Fumaça do Metal: história e representações do contato entre os Yanomami". *Anuário Antropológico/89*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 151-189.

ALMEIDA, Ceciliano Abel de. 1959. *O desbravamento das Selvas do Rio Doce (Memórias)*. Rio de Janeiro: José Olímpio.

ALMEIDA, Hermenegildo Antônio Barbosa d'. 1846. "Viagem às Vilas de Caravelas, Viçosa, Porto Alegre de Mucury e aos rios Mucury e Peruípe". *RIHGB VIII*, p. 425-452.

ARAÚJO, Frederico L. "Notícia Histórica" *RAPM VIII*, p. 1063-1074.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. 1961 [1859]. *Viagem pelo Norte do Brasil no ano de 1859*. V. 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

BRANDÃO, Jozé da Silva, 1913 [1799]. "Os Índios de Lorena dos Tocoyós". *RAPM XVII*, p. 431-435.

BRANNER, John C. 1888. "Notes on the Botocúdu and their Ornaments". *Proceedings American Philosophical Society*. November V. XXVI N. 129, p. 2-4. 10 fotos.

CATHOUD, Arnald. 1936. "Os 'Bacuêns' de Imburana e a destruição das matas do valle do Jequitinhonha". *Boletim do Museu Nacional XII*, p. 129-133.

COLLIER, J. e YANAGISAKO, S. (org.) 1987. *Gender and Kinship: Essays Toward a Unified Analysis*. Stanford University Press.

COLSON, Audrey B. e HEINEN H. Dieter, (org.) 1983-1984. *Themes in political organization: the Caribs*

*and their neighbours. Antropologica* 59-62, p. 331-348.

DUARTE, Regina H.. (Org.) 2002. *Notícia sobre os Selvagens do Mucuri*. UFMG.

ESTIGARRIBIA, Antônio M.V. 1934. "Trecho de um Relatório Apresentado pelo Inspetor Antonio Estigarribia à Diretoria do Serviço de Proteção aos Índios no ano de 1912 relativamente aos Índios do Rio Doce". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo* VII, p. 20-52.

FAUSTO, Carlos. 2001. *Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: EDUSP.

GOW, Peter. 1996. "River People: Shamanism and History in Western Amazonia", In THOMAS, Nicholas e HUMPHREY, Caroline (Org.) 1996. *Shamanism, History, & the State*. The University of Michigan Press, p. 90-114.

HAEKEL, Josef. 1954. "Sur Problematik des Heiligen Pfahles bei den Indianern Brasiliens". *Anais do XXXI CIA*. V. 1, p 229-243.

HUGH-JONES, Stephen. 1996. "Shamans, Prophets, Priests, and Pastor". In THOMAS, Nicholas e HUMPHREY, Caroline (Org.) 1996. *Shamanism, History, & the State*. The University of Michigan Press, p. 32-75.

JACOB, Rodolfo. 1911. *Minas Gerais no XX século*. Rio de Janeiro: Gomes, Irmão & C. Impressores.

KNOCHE, Walter. 1913. "Algunas Indicaciones sobre los Uti-Krag del Río Doce (Espírito Santo)". *Revista Chilena de História e Geografía* - V.

LEA, Vanessa, 1994. "Gênero Feminino Mebengokre (Kayapó): desvelando representações desgastadas". *Pagu* (3), p. 85-116.

LICODIA, Vicente de. 1913. "Itambacuri 1973-1913. 40 anos de vida apostólica." In *Jornal A Família*. Teófilo Otoni, Sábado, 2 de abril de 1913.

MACCORMACK, Carol e STRATHERN, Marilyn. (Org.) 1980. *Nature, Culture and Gender*. Cambridge Eng.

MANIZER, Henri Henrikhovitch. 1919. "Les Botocudos d'après les observations recueillies pendant un séjour chez eux en 1915", *Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro.

MARLIÈRE, Guido Thomaz. 1825. "Correspondência – Notícias sobre os Botocudos: religião, política". *O Universal* N. 55, 58, 62, 64. Ouro Preto.

MARLIÈRE, Guido Thomaz. 1905. "Ofícios". *RAPM* X, p. 382-668.

MARLIÈRE, Guido Thomaz. 1906. "Notícias e Documentos sobre a sua vida". *RAPM* XI, p. 3-603.

MASCARENHAS, Francisco de Paula. 1898. "Sobre o Rio Doce: memoria dos trabalhos estatísticos e topográficos das margens do Rio Doce, e seus principais afluentes, tirados pelo Alferes Francisco de Paula Mascarenhas, na Viagem que fiz ao Arraial do Cuiete. - Ouro Preto, 1832". *RAPM* III, p. 53-64.

MATTOS, Izabel Missagia de. 1996. "Borum, Bugre, Kraí: a constituição da identidade e memória étnica Krenak". *Disseração de Mestrado*. UFMG.

NIMUENDAJU, Curt. 1946. "Social Organizations and beliefs of the botocudos of Eastern Brazil". *Southwestern Journal of Anthropology* II – n. 1. Albuquerque, p. 93-115.

OTONI, Teófilo Benedito. 2002 (1859). "Notícia sobre os Selvagens do Mucuri em uma carta dirigida pelo Sr. Teófilo Benedito Otoni ao Sr. Dr. Joaquim

Manuel de Macedo". In: DUARTE, Regina H. (Org.) 2002. *Notícia sobre os Selvagens do Mucuri*. Belo Horizonte: UFMG.

OVERING, Joanna. 1984. "Elementary structures of reciprocity: a comparative note on Guianese, Central Brazilian, and North-West Amazon socio-political thought". In COLSON, Audrey B. e HEINEN H. Dieter, orgs, *Themes in political organization: the Caribs and their neighbours*. *Antropologica*. 59-62/ 1983-1984, p. 331-348.

PACÓ, Domingos Ramos. 1996 (1918) "Hámblic anhamprán ti mattâ nhiñchopón? 1918" In RIBEIRO, Eduardo, org. 1996. *Lembranças da Terra: histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. Contagem: Cedefes, p. 198-211.

PALAZZOLO, Jacinto de. 1973 (1954). *Nas Selvas dos Vales do Mucuri e do Rio Doce. Como surgiu a cidade de Itambacuri, fundada por Frei Serafim de Gorizia, Missionário Capuchinho (1873-1952)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

PARAÍSO, Maria Hilda B. 1998. "O Tempo da dor e do Trabalho: a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste". Tese de Doutorado em História. FFLCH – USP. 5 v.

RENAULT, Pedro Victor. 1903 [1836]. "Vocabulários da Língua dos Botocudos, Nac-Nanucs e Gíporocas, habitantes das margens do Rio Mucury e Todos os Santos, também idêntico ao dos Kraikmús habitantes das margens do Gequitinhonha. *RAPM VIII*, p. 1095-1117.

RENAULT, Pedro Victor. 1903 [1836]. "Relatório da exposição dos rios Mucury e Todos os Santos, feita por ordem do Exmo. Governo de Minas Gerais pelo engenheiro Dr. Pedro Victor Renault, tendente a procurar um ponto para degredo". *RAPM VIII*, p 1049-1056.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. 1975 (1830). *Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia.

SANCHIS, Pierre. 1998. "Identidade: algumas notas para um debate". Belo Horizonte. Mimeo.

SIDER, Gerald. 1994. "Identity as History: Ethnohistory, Ethnogenesis and Ethnocide in the Southeastern United States". *Identities* Vol 1(1), p. 109- 122.

STRATHERN, M. 1985, Necessidade de pais, necessidade de mães. *Estudos Feministas*, ano 3, n. 2.

TAUSSIG, Michel, 1987. "Cultura do terror: espaço da morte na Amazônia". *Religião e Sociedade*, 10, Rio de Janeiro, CEDI.

THOMAS, Nicholas e HUMPHREY, Caroline. (Org.). 1996. *Shamanism, History, & the State*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.

TSCHUDI, Johan Jakob von. 1971 (1866). *Reisen durch Südamerika*, 5 v. V. II, Stuttgart: Brockhaus.

WIED NEUWIED, Maximiliano de, 1958. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, Coleção Brasileira.



# Imagens da mulher na construção da modernidade republicana

Cristiane da Silveira\*

"Ela dirá à criança que já viu muitas revoluções, que tudo continua na mesma: alguém continuou na cozinha servindo, lavando pratos e copos em que os outros beberam, limpando os banheiros, arrumando as camas para o sono de outrem, esvaziando cinzeiros, regando plantas, varrendo chão, lavando roupas. Alguém curvou seus resíduos de outras vidas ." (Ecléia Bosi)

**Resumo:** O presente artigo analisa a marginalização da mulher, sobretudo da mulata, no momento de consolidação da modernidade e da democracia no Brasil com o advento da República. Para isso, tomaremos o romance de Lima Barreto *Clara dos Anjos*, finalizado em 1922, como objeto de análise.

**Palavras-chave:** Mulher, Literatura, República, Modernidade

**Abstract:** The present article analyzes the depreciation of the woman, over all of the black one, at the moment of consolidation of modernity, of the democracy in Brazil with the advent of the Republic. For this, we will take the romance of Lima Barreto *Clara dos Anjos*, finished in 1922, as analysis object.

**Key words:** Woman, Literature, Republic, Modernity

\* Mestranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

Este artigo tem por objetivo discutir a inserção de questões que tratam da marginalização da mulher mulata na sociedade brasileira, com base no olhar do escritor Lima Barreto (1881-1922), cuja vivência está retratada em romances escritos nas duas primeiras décadas seguintes à proclamação da República no Brasil. A preocupação deste texto será pensar, principalmente, a realidade das mulheres pobres consolidada com a inserção no Brasil dos ideais de modernidade e progresso, tendo em vista a crescente marginalização da mulher e a busca por caminhos que lhe possibilitem uma "nova" visibilidade social.

Neste sentido, este estudo será realizado tendo por base a literatura. A opção pela literatura justifica-se pelo fato de que a produção da obra literária está associada ao seu contexto histórico-social. Com isso, reflete as *angústias* e *sonhos* de

seus agentes sociais, mesclando em sua narrativa elementos de ficção e realidade. Assim, a literatura traz em si uma nova possibilidade de análise do passado, uma vez que a fala dos personagens representa os não ajustados socialmente. A sua narrativa literária traz a possibilidade *do vir a acontecer*, dos sonhos que revelam um outro cotidiano, que não aqueles inseridos no discurso dos vencedores, privilegiando sujeitos que reelaboram sua prática social, transformando-se em donos de sua própria história.<sup>1</sup>

Dessa forma, o texto literário trabalha com o estudo do imaginário social, portanto, "o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade".<sup>2</sup> Com isso entende-se que: "O real assume assim, um novo sentido: aquilo que é real, efectivamente, não é (ou não é apenas) a realidade usada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da escrita".<sup>3</sup>

A obra de ficção lida, então, com uma realidade visível por meio de construções sociais, de textos escritos, de ações sonhadas, de sentimentos compartilhados, de intermediação entre o real e as aspirações coletivas. Tudo isso, quando escrito faz parte de uma realidade vivida/sonhada, constituindo-se como parte do mundo das criações humanas.

Com base nessas reflexões, ao analisarmos as representações do início do século XX, deparamo-nos com a irrupção dos mais variados discursos, tentando construir um ideal de nação brasileira civilizada e moderna, que muito se distanciava da realidade vivida. A construção dessa nova sociedade estava pautada na destruição da memória de todos os sofrimentos e barbáries vivenciados durante os longos anos de escravidão negra no Brasil. A imagem de uma nação democrática tornava ainda mais intensa com a propagação da idéia da República como a *grande mãe salvadora*, que viabilizaria o fim das

<sup>1</sup> SEVECENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na 1ª República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p.21.

<sup>2</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Contexto, v.15, n. 29, 1995, p.15.

<sup>3</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.63.

desigualdades sociais e econômicas sofridas pela maioria da população brasileira.

Porém, com o passar dos primeiros anos após o início do regime republicano, tornou-se perceptível a decepção de *tipos marginais brasileiros*: pretos, pobres e mulatos. Com isso criou-se uma crescente e perturbadora tensão social, na medida em que *esses marginais* entenderam que o sonho de igualdade política, social e econômica jamais se realizaria, pois diferentemente do discurso difundindo a sociedade estava ainda mais fechada para qualquer tipo de mudança, o que impossibilitava a mudança de estruturas a muito tempo consolidada. O direito à ascensão econômica e política era, então, para poucos.

Os *discursos* da classe dominante e do Estado, ao ignorarem a realidade de desilusões, começaram a propagar uma falsa realidade de que todos estariam "navegando em um *único barco*", vivenciando as mesmas dificuldades e partilhando o sonho de viver em uma nação democrática. Dessa forma, o discurso político e social presente na época era de que as oportunidades oferecidas a todos os cidadãos eram iguais, independente da sua posição social e cor. Mas a realidade mostrava-se diversa do discurso, pois com o advento da República consolidou-se no Brasil uma sociedade ainda mais preconceituosa e conservadora, disposta a valorizar comportamentos e valores da elite, que tinha como referência o parâmetro social europeu, para que a sociedade brasileira, fosse também, elevada à condição de país *civilizado* e *moderno*. Assim:

*A força da nova sociedade estava concentrada justamente nos comportamentos anti-sociais, elevados à condição de valores máximos da elite: o gosto pela fruição do conforto material e pelas situações de privilégios e superioridade despertando a discriminação das mais variadas formas de desprezo mútuo entre os cidadãos.*<sup>4</sup>

<sup>4</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na 1ª República. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.187.

Pode-se evidenciar esses aspectos nos romances de Lima Barreto, em cujas narrativas desenrolam-se situações nas quais o preconceito social, as péssimas condições de vida nos subúrbios, o descaso político e a hipocrisia social fazem parte do dia-a-dia de milhares de cidadãos brasileiros. As questões apontadas na obra do autor proporcionam recursos para um diálogo entre a insatisfação social, o poder público e a reestruturação urbana que ocorria no Rio de Janeiro no início do século XX bem como para a consolidação da imagem do homem, da mulher e da distinção entre as classes sociais. Assim, neste cenário de mudança e solidificação de uma nova sociedade *civilizada*, a mulher se fez presente de várias maneiras, mas sempre lutando por um espaço de respeito e reconhecimento social, pois, até então, sua posição estava restrita ao lar.

Nesta perspectiva a mulher começa a ganhar maior relevância no espaço social e não no âmbito econômico, pois no período de importação dos ideais europeus, a mulher foi *instrumento* de divulgação da moda, dos hábitos e valores importados da França. A difusão da moda européia fez, principalmente, através dos trajés femininos, da nova sociabilidade vivenciada no espaço público (nos encontros da burguesia), na medida em que a modernidade no Brasil necessitava de uma roupagem nova e ações diferentes das vividas até então, em função das transformações ocorridas com o advento da República.

Numa outra perspectiva, as mulheres de *vida fácil* (ou prostitutas), vindas da Europa, acabaram influenciando nos hábitos sociais da época. Sendo assim, as festas nos salões mais ricos e ilustres do Rio de Janeiro e de todo Brasil aconteciam com mais freqüência e mais *glamour* ao som de uma balada de piano e não ao som dos ritmos brasileiros como a modinha do violão ou da música *dos tambores*, sinônimo da cultura africana, que simbolizava os hábitos culturais de grande parcela da população brasileira. Dessa maneira, acreditavam os contemporâneos serem

estes novos hábitos sociais a tão almejada maneira civilizada de viver dos europeus.

Em meio a estas questões o problema da modernidade brasileira tornou-se um paradoxo, porque possui duas realidades distintas, qual seja: o centro luxuoso e o subúrbio pobre. Neste cenário, encontram-se imagens das mulheres pobres e mulatas vivendo nos arredores da cidade e sofrendo o estigma da marginalização, ainda mais acentuado por elas não serem brancas. Assim, as mulheres do subúrbio transformam-se em vítimas do duplo preconceito – ser mulher e pobre – imposto por uma cultura machista e, por isso, excludente. Nessa época na sociedade brasileira não havia espaço para tantos contrastes. Por isso, esses contrastes foram relegados ao esquecimento, aos arredores da cidade, porque a marginalização dessas mulheres mascarava a realidade e não dava visibilidade social a elas.

Para pensar a questão da marginalização da mulher pobre e mulata, focalizaremos a nossa análise no romance de Lima Barreto, **Clara dos Anjos** (1922).<sup>5</sup>

A escolha desta obra deve-se ao fato de que é o único romance do referido autor que possui como foco principal da trama uma personagem feminina – Clara. Logo no título do romance é perceptível a crítica que se prolongará ao longo de todo desenrolar da história, pois:

*Clara não é clara e sim mulata. Dos Anjos, que evoca a pureza, de coisa celestial, conflita com a sedução a qual Clara será móvel. No entanto, o nome será escolhido ao negar a própria configuração do personagem, acabando por reafirmar a crítica da fatalidade sócio-racial contida no romance. O nome Clara dos Anjos e suas evocações permanecem no romance como pólo contraditório da denúncia. Nessa linha o romance é irônico, no sentido socrático do termo ao levar o leitor a tomar consciência da contradição.*<sup>6</sup>

A trama do romance gira em torno da família do carteiro Joaquim Augusto dos Anjos,

<sup>5</sup> O romance *Clara dos Anjos* começa a ser esboçado em 1904, mas sua escrita prolonga-se até 1922, data da morte do escritor, sendo, então, a obra publicada postumamente, e considerada por muitos críticos como um romance inacabado. BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1994.

<sup>6</sup> CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambom*. São Paulo: Cortez, 1981, p.39.

homem de vida modesta, vindo do interior, satisfeito com o pouco que a vida lhe oferece, fato esse explicado, segundo o escritor, pela sua "*simplicidade de origem e nascimento*". A simplicidade de origem se dá pelo fato de que Joaquim era mulato e pobre, e, assim, a sociedade não lhe oferecia muitas oportunidades de ascensão social, relegando ao segmento étnico-social ao qual ele pertencia, posições de pouco destaque e magras rendas. Ao conseguir o trabalho de carteiro, Joaquim casa-se com Engrácia, compra uma pequena casa no subúrbio do Rio de Janeiro, graças ao recebimento de uma pequena herança. Dessa forma o casal tem uma vida tranqüila, sem regalias, com apenas uma filha, Clara, que vive rodeada de mimos e cuidados.

Os pais de Clara enclausuram-na em uma redoma, na qual o limite máximo eram os muros de sua humilde casa. Assim, em certa medida, a menina Clara não consegue um contato direto com a realidade que a rodeia, acabando por aprisionar-se em um mar tempestuoso de sonhos. Neste sentido:

*Não havia, em Clara, a representação já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa opressão. Sem ser leviana, era entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia pensar, meditar um instante sobre o destino, observar os fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera, tinha muita culpa nisso tudo; mas sua falta de individualidade não corrigia sua obliquada visão da vida.<sup>7</sup>*

<sup>7</sup> BARRETO, Lima (op. Cit.), p.90.

Assim, o que se percebe é que o zelo demasiado de Engrácia para com sua filha, ao contrário de conscientizá-la de sua condição de mulher pobre e mulata, de fazê-la pensar nas reais causas desse fechar-se para o inferno social, que expressava a realidade em que vivia, apenas aguçava a curiosidade da garota que ficava instigada a conhecer um *outro mundo* que, em

suas fantasias, associava-o ao paraíso, com festas, teatros, um mundo de sonhos *refletidos nas modinhas que copiava para seu pai*. E com isso “o mundo lhe representava como um povoado de suas dúvidas, de queixumes de viola, a suspirar amor. Na sua cabeça, não entrava que a vida tinha de muito sério, de responsabilidade, qualquer que seja a sua condição e o nosso sexo”.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Idem, p.90.

Os pais de Clara, cientes de sua condição de mulher mulata, educaram-na de uma forma que mascarava a marginalização que meninas de sua condição sofriam, pois o mundo *fora dos portões* não era o paraíso sonhado, mas sim uma sociedade que mesmo pregando um discurso de modernidade e democracia, deixava à mostra uma marginalização cada vez mais feroz. Nesta perspectiva, o que se possuía materialmente e a cor da pele representavam muito mais do que qualquer outro elemento de boa conduta social.

Mas o estigma que a sociedade brasileira impunha às mulheres na mesma condição de Clara logo se fez mais forte do que os cuidados e mimos oferecidos por seus pais. Este romance retrata a situação de muitas outras *Claras*, ou seja, essa personagem representa apenas mais uma vítima entre tantas outras, numa crescente relação desigual que se travava entre homens e mulheres nesse período.

Na seqüência da narrativa Cassi, um conquistador sem escrúpulos, conhece Clara numa festa para comemoração do aniversário da menina, e ao vê-la, a tem como uma presa fácil. No entanto o caminho dessa conquista não seria tão tranquilo como havia imaginado, uma vez que os pais de Clara, sabendo da fama de conquistador do rapaz, não mais permitiriam a entrada de Cassi na casa da família. O malandro, ao perceber a hostilidade com que fora tratado pelos pais da menina resolveu não abandonar a conquista, pois se considerava superior a Clara e sua família. Mesmo contra a vontade dos pais, Clara e Cassi começam a manter contato e Cassi simula um relacionamento bem intencionado com a menina.

Clara logo se entrega ao sedutor algoz e engravida. Num primeiro momento a personagem acredita que Cassi a ama e irá *reparar o mal*. Depois de algumas atormentadas noites de espera pelo amante, Clara percebe que ele a abandonou. A primeira alternativa imaginada por ela é o aborto. Sai em busca da ajuda de dona Margarida, sua única amiga, mas esta conta para a mãe de Clara, que se desespera com a situação e se imobiliza, como sempre fazia nos momentos de decisão, pois não se considerava capaz de agir e decidir e assim sair da esfera da passividade. D. Margarida e Clara saem pelas ruas em busca do apoio da família de Cassi, que nesse momento já havia efetuado sua fuga.

O encontro entre a mãe de Cassi, Salustiana e Clara revela a esta a triste realidade que a rondava e que por muito tempo esteve escondida entre os muros de sua casa. Assim, a redoma criada por seus pais para proteger a filha das mazelas sociais quebra-se e Clara começa a refletir sobre o modo de vida da sociedade que até então desconhecia, mas já conhecida das muitas outras *Claras* que, como ela, ocupavam a mesma posição social:

*Agora é que tinha noção exata de sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir desaforos da mãe de seu algoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos. Bem fazia adivinhar isso, seu padrinho! Coitado!...*

*A educação que recebera, de mimos e vigilâncias era errônea. Ela devia ter aprendido da boca de seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente (...) O bonde vinha cheio. Olhou todos aqueles homens e mulheres...Não haveria um talvez, entre toda aquela gente de ambos os sexos, que não fosse indiferente à sua desgraça...Ora uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade,*

*como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassi e semelhante, bater-se contra todos que opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com aquelas que admitiam.*<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Ibidem, p.132-133.

A passagem, apesar de longa, traduz o despertar de Clara para a verdadeira realidade que perseguia as mulheres, principalmente as mulatas e pretas, sendo este despertar um claro desabafo contra uma sociedade opressora, não permitindo o relacionamento entre pessoas de etnia e classificação social diferente, mesmo que o elemento *bom* (branco e com melhor posição social) fosse também um marginalizado como era a situação de Cassi Jones. Para além desse fato, a passagem chama a atenção para um elemento essencial em qualquer sociedade para se moldar parâmetros de comportamento: a educação, nesse momento utilizada como instrumento de solidificação da imagem de submissão da mulher frente ao homem.

<sup>10</sup> O olhar de Lima Barreto sobre as mulheres não pode ser classificado como um olhar preconceituoso, pois sempre foi um homem que lutou pelos direitos das *m u l h e r e s*, participando da campanha que defendia o direito de voto feminino e mesmo denunciando em seus romances, crônicas e artigos de jornais a situação da mulher, mas em momento algum pode ser considerado como um feminista, como afirma CURY (1991, p.39).

No romance **Clara dos Anjos** percebe-se que as mulheres eram educadas apenas para o casamento. A liberdade de pensar e agir era restrita ao domínio do lar, pois o espaço da *ação/rua* era reservado apenas aos homens. A elas restava, na maioria das vezes ficar à sombra do marido, do pai, e quando sozinhas, a imagem de *mulher honesta*. Assim, a partir das personagens do romance, percebe-se que o lugar da mulher na *moderna sociedade* brasileira já estava previamente demarcado, sendo difícil para ela se libertar dessa dinâmica social e conquistar o espaço da rua, assumindo funções consideradas tipicamente masculina.<sup>10</sup>

O trabalho feminino era permitido apenas para as moradoras do subúrbio, ou seja, para as mulheres pobres. O interessante é perceber que mesmo quando as mulheres possuíam o direito de trabalhar (bem como o dever, pois necessitavam

dele para o sustento), na maioria das vezes o ambiente de trabalho não se estendia além dos limites domésticos e elas permaneciam com o rótulo de *rainha do lar*, não havendo, dessa maneira, nenhum rompimento com as estruturas sociais e machistas da época.

Um exemplo claro dessa situação é a personagem de Margarida Weber, também personagem do livro, alemã, viúva, que para o sustento de sua casa e de seu único filho "*Costurava para fora, bordava, criava galinhas, patos e perus, e mantinha-se serenamente honesta*".<sup>11</sup> Dessa forma, o espaço da mulher continuava sendo o lar para que a aceitação dela na sociedade em que vivia fosse plena. Este exemplo não é o único, pois as mulheres, quando não trabalhavam em casa, eram domésticas e saíam em busca de lares alheios para trabalhar e tirar o sustento, ou então, as moças de melhores condições materiais eram as musicistas (sempre preocupadas com um bom casamento, norte principal da educação em qualquer classe social), ou mesmo as normalistas que acabavam por reproduzir a sociedade machista em que foram criadas .

Neste sentido, a educação constituía-se como elemento de conservação de antigos valores, ao mesmo tempo em que ignorava-se a situação preconceituosa que existia em relação às mulheres na sociedade. Assim, percebemos nas personagens femininas de Lima Barreto a denúncia contra a marginalização da mulher. No entender do escritor, a educação que as mulheres recebiam no Brasil, era responsável pela situação de *inferioridade/submissão* da mulher.

Essas mulheres, por sua vez, já estavam tão acostumadas com o modelo de educação recebida que não eram motivadas a procurar uma outra condição de vida. Pode-se evidenciar isto na postura encontrada da personagem de "*Engrácia (que) recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas logo que se casou – como em geral acontece com as moças -, tratou de esquecer o que tinha estudado.*"<sup>12</sup>

<sup>11</sup> BARRETO (op. cit.), p.44.

<sup>12</sup> Idem, p.52.

O importante a ser ressaltado é que as primeiras décadas da República no Brasil, neste texto revisitado através da literatura, constituiu-se como uma experiência única de vivência na história do Brasil. O que significa dizer que valores sociais e culturais estavam rumando para outra realidade. Neste sentido, entende-se que a história da mulher começa a ser escrita por meio de lutas empreendidas pela mulher, que abalaram com o tradicional conservadorismo.

Assim, se por um lado percebe-se uma educação voltada para a reafirmação da posição social da mulher, de sua inferioridade social, por outro lado é perceptível, mesmo que em passos tímidos, a luta de algumas mulheres para conseguirem parcas conquistas, entre elas, o direito ao voto e a possibilidade de assumir posições de trabalho no serviço público, prerrogativas até então permitidas apenas aos homens. No entanto estes direitos só foram assegurados mais tarde e finalmente a mulher pôde conquistar o espaço da rua e conseqüentemente ter o poder de ação.

A obra literária **Clara dos Anjos** traz à tona realidades enfrentadas não só pelas mulheres mulatas e pobres, mas também a experiência dos homens nesse mesmo patamar, o que, grosso modo, demonstrava que no momento de consolidação do ideal de democracia e modernidade no Brasil, muitos foram marginalizados. Para fazer parte do ideal moderno e ser aceito nessa sociedade *civilizada*, era essencial ao indivíduo possuir muito dinheiro, uma origem aristocrática e a cor branca. Nesse contexto, muitos cidadãos brasileiros (mulheres e homens) se viram afastados da sua condição de sujeito histórico, de atores de um novo viver social, marginalizados e excluídos por um preconceito mais acentuado quando se tratava da mulher, sobretudo a desfavorecida socialmente e de cor.



## Da relação entre histeria, corpo e classe social

Magda Diniz Bezerra Dimenstein  
*Jornal Brasileiro de Psiquiatria*  
46 (5) 275-278, 1997

Como a autora define no resumo, o objetivo do seu artigo é "discutir a histeria enquanto uma categoria marcada por determinantes de ordem histórica e social. Procura-se mostrar a relação entre a apresentação clínica da histeria e os diversos modelos e representações de saúde/doença, normal/patológico, corpo, sexualidade e morte, entre outros, existentes nas diferentes classes sociais. Dessa forma, tenta-se enfatizar que a histeria enquanto uma categoria socialmente construída não pode ser considerada a "essência" feminina, nem uma fenômeno natural."

Partindo de pressupostos que toma da antropologia, Magda Dimenstein defende a idéia de que cada cultura possui representação e discurso próprios sobre o corpo, saúde/doença e que, desta forma, a histeria apresenta uma diversidade de sintomas e formas de apresentação clínica que refletem as diversas representações sociais de cada cultura e classes sociais.

Isso implica em dizer que a histeria não é uma realidade imutável, mas que varia socialmente, e que essa variedade está articulada com as diferentes representações do corpo, sofrimento, doença e de modos de vida diversos, vinculadas às práticas sociais, apresentando, portanto, uma imensa plasticidade e flexibilidade de suas formas de expressão.

Ainda sob a ótica antropológica, e citando Geertz, Bezerra e Ruth Benedict, Dimenstein critica o etnocentrismo do campo "psi"

(psicologia, psiquiatria e psicanálise), que percebe o indivíduo e a própria subjetividade ocidental moderna como universais.

Esta pretensa universalidade fez com que o campo "psi" descontextualizasse a histeria dos códigos, dos valores e crenças de uma sociedade particular, localizada em um tempo histórico, como se todos os membros da espécie humana se afligissem da mesma maneira, em qualquer lugar, em qualquer época.

A autora exemplifica como, em meados do século XIX, Charcot elabora o quadro da "Grande Histeria", preso às concepções que a sociedade fazia dela mesma, ao clima de experimentalismo vivido nessa época, e à representação social dessa mulher. Formula o quadro como se a histeria fosse um fenômeno natural com essencialidade própria, que a mulher fosse similar em todas as culturas, vítima de um determinismo biológico, e que os sintomas fossem independentes das representações sociais vigentes em cada tempo e lugar.

Hoje, segundo a autora, o modelo de mulher que predomina nas teorias psiquiátricas e psicológicas é o da mulher moderna, identificada com os ideais da ideologia individualista, desconsiderando a diversidade que existe em relação à representação de mulher entre as classes sociais.

Desta forma, no momento em que se apresenta um novo conceito clínico da histeria, mantém-se a visão etnocentrista do fenômeno, no sentido de que não se reconhece a diversidade que se estabelece nos registros social e psíquico.

Com base nisto, seu interesse (da autora) voltou-se para a questão da apresentação clínica da histeria e sua relação com a representação do corpo, própria a cada classe social, sustentando que a sintomatologia histérica é compatível com esta representação e que, conseqüentemente, não pode ser generalizada a partir de uma determinada classe social.

Se nas classes sociais média/alta já não se vêm os quadros clássicos de histeria, o mesmo não

acontece nas classes populares, onde o aparecimento de um quadro clínico composto de anestésias, conversões e paralisias ainda é freqüente.

Dimenstein conclui que: na primeira, o corpo é subjetivado e interiorizado, o que determina uma apresentação clínica da histeria descorporificada e psíquica. Na segunda, o corpo ocupa um lugar central e se constitui em um instrumento de comunicação, o que traz o aspecto físico e de conversão da histeria.

Portanto, reafirmando a idéia central do texto, finaliza afirmando que a apresentação clínica da histeria é compatível com a representação social que cada classe tem do próprio corpo, entendendo como apresentação clínica a sintomatologia que expressa essa representação.

No momento em que a histeria já não consta do DSM enquanto uma categoria patológica, entendo a interferência do cultural e do social de uma forma diferente da autora.

Um sintoma, cada sintoma, é, por si só, um fenômeno. O fenômeno em si não tem nenhuma conotação ou qualidade cultural. É na interpretação do fenômeno como saudável ou patológico, no significado atribuído ao fenômeno de sintoma, e no seu agrupamento sistemático em categorias nosológicas que encontramos a dimensão cultural da doença.

Não são os sintomas da histeria que se modificam e se apresentam de acordo com as representações sociais do corpo, mas a interpretação de certos fenômenos, agrupados, como sintomas histéricos, é que é determinada pelas representações sociais.

Quando a autora sustenta que "a histérica do século XIX, com sua sintomatologia peculiar, expressava abertamente o controle a que estava submetida através de um sistema de regras internalizadas de utilização do seu corpo, que só vinha legitimar o imaginário da época e sedimentar a crença na sua constituição fraca e amoral", ou, "as histéricas convulsionárias e

vaporosas estavam de pleno acordo com a ideologia da época que condicionava o corpo da mulher a uma forma de ser habitado, a uma maneira de adoecer”, subverte o significado cultural da histeria.

A histérica não era convulsionária por determinação ideológica, mas, ao contrário, o fenômeno convulsão é que era interpretado como sintoma histórico, por determinação ideológica.

A histeria é um constructo cultural, mas não se modificou e desapareceu porque a mulher passou a ter uma representação diferente do seu corpo e, portanto, a expressá-la de forma diferente, mas porque a própria idéia de mulher, o próprio conceito de feminino se modificou no imaginário coletivo.

A história da histeria (seus constructos nosológicos, seus significados psicodinâmicos, e até prognósticos e tratamentos) é a própria história da dicotomia entre feminino e masculino.

A histeria surge na antigüidade, como um mal que se localiza no útero e, portanto, é especificamente feminino.

E, segundo Platão, a mulher se distingue do homem exatamente por esta característica singular: o útero. O útero que, ainda para Platão, tem uma natureza animal e, devido a que, “Ela não é como o homem, uma criatura de Deus, ela é senão uma metempsicose, de uma transformação dos homens mais vis em fêmeas”. (apud Trillat, 1991 p. 23).

Desde Platão, a doença masculina era atribuída ao cérebro, e a feminina ao útero. O masculino era hipocondríaco, e o feminino era histérico.

E, através da história, sintomas vão sendo constelados em torno do constructo histeria, especificamente feminino, projetando na histeria o ideário coletivo de feminino que se opõe ao masculino.

Na idade média, a histérica foi a bruxa que purgava na fogueira o pecado original, a sexualidade e a possessão demoníaca.

Na era romântica, em que a mulher era

frágil e doente, precisando da proteção masculina, a histérica era, para Brachet, uma "dolorosa vítima dessa afecção que envenenava a existência dessa metade tão delicada e interessante da espécie humana". (apud Trillat, 1991 p. 107).

No iluminismo, a histérica carregava o estigma da dissimulação, da imitação e da mentira.

Com o advento da psicanálise, que nasce dos estudos de Freud sobre a histeria, o útero perde seu lugar simbólico e dá lugar ao pênis. A mulher já não difere do homem, como no tempo de Platão, por ter um útero a mais, e sim por ter um pênis a menos. A mulher torna-se um ser castrado, invejoso do pênis que não possui.

A falta de um órgão, e a inveja que esta falta traz, é deslocada, por Freud, do masculino para o feminino.

O útero, com seus antigos mistérios e capacidade de gerar vida, já não é símbolo de poder, potência e criatividade. Poder, potência e criatividade agora são atributos do pênis. O útero já não assusta ou ameaça; muito menos a mulher (pelo menos teoricamente). Para Trillat, "Toda a teoria psicanalítica nasceu da histeria. Porém, a mãe morreu no parto". (Trillat, 1991 p. 221).

A nível simbólico, este é um momento revolucionário; há toda uma nova representação social do feminino e do masculino e, conseqüentemente, uma re-significação da histeria enquanto doença especificamente feminina ou uterina.

A histeria, neste novo universo simbólico, torna-se obsoleta enquanto depositária do feminino que se opõe ao masculino. Já não é necessária uma patologia "uterina", que defina o feminino, mesmo porque o útero, como dissemos anteriormente, perde seu significado de qualificador do feminino.

Convulsão anestesia, paralisia, conversão, são fenômenos que continuam a existir, mas foram desnudados de seu caráter especificamente

feminino ou uterino. Foram reinterpretados, reagrupados e redistribuídos em novas categorias nosológicas como, por exemplo, a esquizofrenia.

E se olharmos a doença mental com o olhar antropológico como propõe Dimenstein, perceberemos que, num dado momento histórico, a histeria simbolizou a dicotomia masculino/feminino, assim como a esquizofrenia, hoje, como assinala Foucault, simboliza a dicotomia razão/des-razão. Desta forma, um mesmo fenômeno que no passado foi considerado especificamente feminino e, portanto, sintoma de histeria, pode, hoje, ser considerado um sintoma de des-razão, ou seja, de esquizofrenia.

E é neste processo de re-interpretação e re-agrupamento dos fenômenos que vamos encontrar a dimensão do cultural e do simbólico de um determinado quadro nosológico, e não na diversidade e multiplicidade de sintomas como formas de apresentação social da doença, mesmo porque o próprio sintoma já é uma construção social.

Maryse Ribeiro de Barros Camacho  
Psicóloga – graduada pela Universidade Federal  
de Uberlândia

### **Referência Bibliográfica**

Trillat, E. (1991). *História da Histeria*. São Paulo: Escuta.

## AOS(ÀS) COLABORADORES(AS)

1. **O Caderno Espaço Feminino** é uma revista **multidisciplinar** que mesmo possuindo seu Conselho Editorial, não se responsabiliza pelos conteúdos de cada texto publicado, à medida em que o objetivo é polemizar e nunca enquadrar os artigos dentro de uma única perspectiva teórico-metodológica;
2. Seguindo a premissa anterior da multidisciplinaridade, é necessário que cada colaborador(a) trabalhe conceituando em nota de rodapé, ou no próprio texto, esclarecendo o(a) leitor(a) o que necessariamente não pertence à área do(a) autor(a);
3. Ao aceitarmos artigos inéditos para a publicação, exigimos que os mesmos venham revisados quanto à ortografia e sintaxe;
4. O artigo deverá ser enviado para **o Conselho Editorial** do Caderno Espaço Feminino, em três vias digitadas em programa Word for Windows (6.0 ou 7.0) e também acompanhado por disquete. O nome do(a) autor(a) deverá vir especificado com sua titulação maior, Instituição que trabalha, além do endereço e telefone para correspondência;
5. Os artigos deverão ter no máximo 25 páginas e no mínimo 10, excetuando-se as resenhas, utilizando espaço 2;
6. Todos os artigos deverão seguir as normas de citação bibliográfica da **ABNT**, em que as notas de rodapé devem necessariamente estar incluídas no texto, e não no final dele;
7. Deve conter o Abstract e o Resumo (até 10 linhas centralizado na página, palavras chaves e keywords do texto (Unitermos) até 5).
8. Utilizando-se de notas de rodapé, não será necessário o uso de bibliografia final;
9. Todos os artigos serão apreciados pelo Conselho Editorial. A simples remessa dos originais, implica em **autorização para a publicação** do mesmo;
10. Os originais submetidos à apreciação do Conselho Editorial não serão devolvidos. A Revista Caderno Espaço Feminino compromete-se a informar os autores(as) sobre a publicação ou não de seus textos.





**COORDENAÇÃO DA REVISTA**

Vera Lúcia Puga de Sousa

**CONSELHO EDITORIAL**

Cláudia Costa Guerra  
Dulcina Tereza Bonati Borges  
Eliane S. Ferreira  
Jane de Fátima S. Rodrigues  
Vera Lúcia Puga de Sousa

**CONSELHO CONSULTIVO**

Eni de Mesquista Sâmara (FFLCH/USP)  
Luzia Margareth Rago (IFCH/UNICAMP)  
Maria Izilda Santos de Matos (PUC/São Paulo)  
Rachel Soihet (UFF)  
Sônia Missaggia Mattos (UFES)  
Tânia Navarro Swain (UNB)  
Joana Maria Pedro (UFSC)  
Glória Careaga (PUEG/ México)  
Sonia Montecino Aguirre (Chile/ Facultad Ciências Sociales)

**TRADUÇÃO**

Sandra Chaves Gardellari  
Janaina Basso Guimarães

**CORRESPONDÊNCIA**

**NEGUEM**

Av. João Naves de Ávila s/n Bloco Q – CDHIS  
Campus Santa Mônica – Uberlândia - Minas Gerais  
CEP: 38400-902 – Telefones (034) 32292276 - 3239 4236 e 32394240  
Email: [cdhis@ufu.br](mailto:cdhis@ufu.br)  
Site publicações: [www.neguem.ufu.br](http://www.neguem.ufu.br)

**FOTO CAPA**

Denise Sarli Pinto

**PROJETO GRÁFICO**

Maria José da Silva

**DIAGRAMAÇÃO**

Marina Ferreira Marques

**FOTOLITO**

Antônio Silveira Tavares

CADERNO ESPAÇO FEMININO - Pós graduação em História é uma publicação do Núcleo de Estudos de Gênero e Pesquisa sobre a Mulher, do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), da Universidade Federal de Uberlândia, EDUFU.

Revista Indexada no Data Índice de Ciências Sociais – IMPERJ  
Qualificada pela CAPES